

## A divulgação do conhecimento científico como (re)afirmação da democracia

Ana Claudia Lima Monteiro  ★

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Mais um ano se finda, mais uma edição de nossa revista, que, durante toda sua existência, tem o orgulho de não ter interrompido seu fluxo de publicação. Sabemos o quanto é difícil manter uma Revista Científica, até porque a cada ano aumentam as exigências e diminuem os recursos. Como já dissemos, o fluxo de chegada de artigos é alto – o que demonstra a confiança e a credibilidade que alcançamos junto aos nossos parceiros pesquisadores de todo o país. Orgulha-nos muito saber que estamos ajudando a construir uma psicologia voltada para as questões de nossa população, que leva em conta toda a sua diversidade. A diversidade regional dos artigos aqui apresentados mostra quão ampla é nossa inserção no campo da psicologia e áreas afins. Como enfatizamos em nosso escopo, nossa revista preza pela construção de uma psicologia que está inserida num campo de conhecimento com diversos outros saberes, por isso publicamos artigos que toquem na questão dos estudos da subjetividade. Tal proposta segue uma linha de trabalho na qual apostamos também em nossa Pós-Graduação. Aproveito, então, para agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, na figura da coordenadora, Luiza Rodrigues de Oliveira, pelo apoio constante dado à Fractal.

No editorial passado, já falávamos da nossa situação frente à pandemia de Covid-19; e hoje, pelo menos até a data do presente editorial, o Brasil já contabiliza 162.638 óbitos por coronavírus (CASOS..., 2020) – e estamos discutindo a reabertura das escolas em alguns lugares do país. Vemos algumas pessoas afrouxar as regras de distanciamento social e o uso de máscaras, como se já tivéssemos vacina. Falando em vacina, reavivamos a discussão sobre “o direito de não vacinar”. Ligado a tudo isso, começou-se a discutir a “nacionalidade” da vacina produzida por cientistas chineses. Ainda estamos longe de um protocolo de vacinação seguro para a maioria da população do planeta e, mesmo assim, aqui no Brasil, discute-se nacionalidade de vacina. Com essas palavras, reafirmo a importância das revistas científicas para a divulgação do conhecimento produzido em nossas universidades, para combater discussões falaciosas. Afirmar o conhecimento científico não é se afastar do mundo, gerando uma elite que nada tem a ver com a população, ao contrário, é ajudar a criar um mundo possível para um número cada vez maior de pessoas. Por isso defendemos a autonomia das pesquisas para que estas não se submetam a quem paga mais, mas se voltem às necessidades de quem não pode pagar. A pandemia, sabemos, não escolhe as pessoas que serão contaminadas, mas os caminhos para o tratamento são muito diversos, dependendo das condições de vida e existência de cada um. Defender uma revista científica de acesso aberto, que não cobra dos autores pela publicação, é um grande desafio, cada vez mais difícil de se sustentar; porém, sabemos que tais condições minimizam as dificuldades ao acesso do conhecimento produzido nas universidades. Continuamos nesta aposta.

Antes de passar ao comentário dos artigos, gostaria ainda de anunciar que, provavelmente, este será o último editorial que escreverei à frente da *Fractal: Revista de Psicologia*. Depois de cinco anos trabalhando nesta editoração, acredito que tenha dado uma boa contribuição para manter a periodicidade e a qualidade dos artigos aqui publicados, além de buscar obedecer aos critérios exigidos por grandes indexadores, como a SciELO. Não tem sido fácil, mas continuamos seguindo. Agradeço aos funcionários de excelência que trabalharam comigo durante este tempo: Cláudia Castanheira e Sergio Sant’Ana; sem eles este trabalho não poderia ser realizado. Agradeço ao apoio dos editores associados, que ajudaram no trabalho com os artigos enviados, numa primeira avaliação. Agradeço aos alunos extensionistas, que ajudaram a conferir os artigos que chegavam fora das normas de publicação. Agradeço a todos os pareceristas que se disponibilizaram a avaliar

\* Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Campus do Gragoatá – Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, Bloco N, Sala 413 – Gragoatá – Niterói – RJ – CEP: 24210-201 – Brasil. E-mail: [anaclmonteiro@gmail.com](mailto:anaclmonteiro@gmail.com).  
<http://lattes.cnpq.br/1229607279781632>



nossos artigos. Agradeço aos colegas do Departamento de Psicologia e do PPG de Psicologia que me apoiaram durante esta caminhada. Vocês estão todos guardados como boas lembranças em meu coração. Nosso trabalho vale à pena porque somos sempre muitos.

Dando continuidade ao editorial, apresento os artigos que compõem o presente volume: *Narrativas e políticas de um sertão e suas vidas severinas*, de Lázaro Batista da Fonseca, estuda o fluxo migratório sazonal dos moradores do semiárido do estado de Sergipe, com base em fragmentos narrativos que ilustram aspectos do cotidiano e dos processos sócio-históricos experimentados pelo lugar e pelas pessoas que nele moram ou moraram.

*Adolescente usuário de substâncias psicoativas: concepção de profissionais sobre a rede de cuidado*, de Daniele Dalla Porta, Mirela Frantz Cardinal, Bruna Rios Paim, Diana Mara Sarzi, Daiana Foggiato de Siqueira, Marlene Gomes Terra e Amanda de Lemos Mello, apresenta uma pesquisa qualitativa realizada junto a profissionais do Conselho Tutelar e do Judiciário de um município do interior do Rio Grande do Sul.

*“O Fuzzil aqui não mata, recita poesia”*: processos de identificação a partir da poesia de Fuzzil, de Elisabete Figueroa dos Santos, analisa a literatura de Fuzzil, pseudônimo de Levi de Souza, poeta negro paulista. O estudo aponta como o autor, dominando os meios de produção literária, pôde afirmar-se como sujeito de si e subverter a posição de invisibilidade pública e política imposta a muitos de seus pares e sucessores.

*O brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças*, de Taísa Resende Sousa, Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Maria Regina Maciel, parte das contribuições freudianas e aprofunda os conceitos de Winnicott em relação ao brincar, uma noção que vai além do modo de expressão característico das crianças para relacionar-se à continuidade do ser, fenômeno transicional e experiência criativa própria à expansão do self.

*Gravando: desafios para (re)contar narrativas do(n) movimento social de travestis brasileiras*, de Gilson Goulart Carrijo, Keila Simpson, Emerson Fernando Rasera e Flavia Bonsucesso Teixeira, buscou desvelar alguns desafios metodológicos que marcaram o processo de pesquisar, registrar e narrar um filme documentário sobre a trajetória de vida da travesti de Keila Simpson e seus entrelaçamentos com(na) história do movimento de travestis no Brasil.

*Corpo em sofrimento, afirmação de uma vida*, de Bibiana Munhoz Roos e Angelica Vier Munhoz, questiona a suposta ditadura da felicidade imposta atualmente, objetivando compreender, a partir do pensamento de Nietzsche e Spinoza, de que modo a experiência do sofrimento e da fraqueza pode fazer parte de uma ética afirmativa de vida.

O artigo/ensaio *O analista está presente: performance e clínica*, de Lucas Motta Veiga e Silvia Tedesco, considera a performance “A artista está presente”, de Marina Abramovic, como modo de expressão para a arte do encontro entre analista e paciente. Sob uma perspectiva transdisciplinar, o estudo desenvolve o conceito de “Presença”, certa partilha afetiva que pode se dar no encontro com o outro, capaz de produzir novas possibilidades de vida.

*Presságios da letra de uma carta de amor*, de Simone Ravizzini, apoia-se no legado de Lacan para investigar a questão do amor, sua função de letra no campo da linguagem, seus limites da fala e seus transbordamentos de gozo. O estudo afirma a importância de sustentar para o amor algo que sempre escapará à função significante, embora demande ser escrito para que possa existir.

*Prazeres, práticas sexuais e abjeção: travestis, transexuais e os limites em ser “gente”*, de Herbert de Proença Lopes, Wiliam Siqueira Peres e Adriana Sales, apresenta um diálogo com os estudos sobre as travestilidades e transexualidades, problematizando modos de subjetivação e práticas sexuais tidas como dissidentes e abjetas. Com base em perspectivas teórico-políticas *queer*, o estudo propõe aberturas para novos debates que considerem as dissidências como formas de resistências micropolíticas e desejanter.

*A crítica da psicologia, trabalho e a pandemia de Covid-19*, de Hernán Camilo Pulido-Martínez e Johanna Burbano-Valente, evoca a chamada “crise da crítica” e considera respostas fornecidas pela psicologia convencional, propostas construídas pela psicologia crítica e respostas derivadas de perspectivas externas à psicologia para mostrar as operações de governo que são possíveis por meio de intervenções psicológicas relacionadas à contenção da pandemia.

*Princípios de psicologia fisiológica: a evolução orgânica da função mental* é uma tradução de Estêvão Carvalho Freixo do texto de Wilhem Wundt. Este autor recupera a discussão sobre uma psicologia de base fisiológica, por meio da introdução da obra *Grundzüge Physiologischen der Psychologie*, e aborda a evolução orgânica da função mental e a diferenciação das funções mentais e de seus substratos físicos.

Temos ainda nesta edição *Uma história de vida*, um filme que narra fatos interessantes da vida de Lev Semionovitch Vigotski e do contexto por ele vivenciado. Com duração de cerca de 30 minutos, foi originalmente produzido pelo Canal 1 da TV Russa, em 1997, para a série *Otchevidnoie i neveroiatnoie* [Evidente e incrível]. Foi traduzido e legendado por Zoia Prestes e Anna Prestes, visando alcançar, no Brasil, tanto os admiradores da obra de Vigotski quanto os que se interessam pela história da União Soviética.

#### Referências

CASOS e mortes por coronavírus no Brasil em 10 de novembro, segundo consórcio de veículos de imprensa. 10 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/11/10/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-10-de-novembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2020.

# Narrativas e políticas de um sertão e suas vidas severinas

Lázaro Batista da Fonseca  ★

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil

## Resumo

*Como no histórico poema de João Cabral de Melo Neto, ainda hoje muitos severinos – maridos, pais, filhos e irmãos – saem do Nordeste brasileiro, motivados pelo sonho de prosperar na labuta e encontrar um sentido para suas existências, fugindo de um lugar de morte e indo em busca de outra vida. Considerando esses fluxos migratórios em sua forma sazonal, o presente texto é fruto de dissertação de mestrado que buscou problematizar os encontros dos moradores do semiárido do estado de Sergipe com as novidades e vicissitudes que o trabalho desses homens lhes propiciou e as alterações que produziu na vida do lugar e das pessoas. Para tanto, são apresentados fragmentos narrativos que buscam ilustrar alguns aspectos do cotidiano e dos processos sócio-históricos experimentados no lugar e pelas pessoas que nele moram ou moraram. Ademais, e especialmente, destaca-se a importância das mulheres severinas, que na sua potente capacidade de reinventar a vida em meio às adversidades, alargaram sua rede de sociabilidade.*

*Palavras-chave: migração; nordeste brasileiro; vida severina.*

## Narratives and policies of a wildness and their severinas lives

### Abstract

*As the historical text by João Cabral de Melo Neto, even today many severinos – husbands, fathers, sons and brothers – leave the Northeast, motivated by dreams of thriving in toil and find a meaning for their existence, fleeing from a place that feels like death and going in search of another life. This work aims to discuss the meetings of inhabitants of a village in the semi-arid region of Sergipe state with news and vicissitudes that the work of these men gives them and the changes it produces in the life of the place and people. To this end, narrative fragments are presented that demonstrate some aspects of the daily life and socio-historical processes of the village and the people who live or lived there. In addition, and especially highlights the importance of women, severinas, who in their powerful ability to reinvent their lives in the midst of adversity that migration establishes, it also benefits by extending its network of sociability.*

*Keywords: migration; Brazilian Northeast; severe life.*

### Introdução: fragmentos de vidas severinas<sup>1</sup>

Mulheres reunidas conversam efusivamente, enquanto descascam lascas brancas de cocos. Uma negra alta, empenhadinha com bijuterias e um esmalte vermelho sobressaliente comanda o fazer. A voz grave e o corpanzil avantajado parecem conceder autoridade, embora não lhe subtraia certa graça que possui. Tem uma admirável destreza em enfiar a lâmina pontiaguda por entre a parte dura e a carne alva, sem deixar que o fruto se rompa, ou que o corte lhe fuja ao controle. Mais uma banda que sai inteira é jogada na velha bacia de alumínio, estrategicamente colocada no meio do círculo de mulheres. Eram todas moradoras da redondeza, tinham vindo ajudar as duas funcionárias, a negra de esmalte vermelho e uma senhora, ambas responsáveis pela rotina de afazeres daquele lugar. Sabiam, as duas e as que vieram ajudar, que o trabalho não era pouco.

Aquilo havia começado desde muito cedo do dia e já rompia a tarde. Primeiro foi necessário faxinar o prédio. Era dia de festa e a ocasião pedia que o lugar estivesse impecável. O salão, a recepção, as duas salas de atendimento, o velho laboratório empilhado de computadores sem uso... Tudo cheirava ao pinho barato, vendido de porta em porta. A negra alta, sem aparentar se importar muito se seu esmalte resistiria àquilo, limpava tudo com considerável rapidez. A quem credita pressa e perfeição como coisas que não podem andar juntas, ela parecia desdizer a crença alheia e o

ditado popular. E isso enquanto cantarolava um ou outro verso de bregas e boleros antigos, assoviando os solos das canções que embalavam seu afazer com a mesma disposição que limpava o chão de cimento queimado.

Mas não se destacava apenas pelo talento em assoviar ou pela destreza no descascar cocos. Tinha a virtude e o defeito de despertar afeição nas pessoas. Certamente, muito mais pela sinceridade do que pela habilidade como cantora. Era de pouquíssimas palavras, mas elas bastavam. Era suficiente olhar para aquela negra Severina e perceber em suas expressões quando algo não lhe agradava. Não é que fosse de birras ou de fazer mau gosto nas coisas, apenas sabia impor-se, sabia se fazer entendida, mesmo que isso lhe custasse um tanto de desgostos. E não via nisso problema, antes preferia a cara de malgrado nos outros por dizer o que pensava do que se pôr como falsa ou dissimulada.

Se isso por vezes lhe causava desentendimentos, a eles respondia ciente de que nem sempre a afirmação da vida se dá pelo alinhavar perfeito das relações. Sabia ela que o desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco, mas não entende a mesma coisa ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. E entre isso de branco e preto, sabia a negra Severina existirem infindáveis tons de cinza, de maneira que a afirmação de seus modos de fazer só lhe era possível expondo aos demais aquilo que achava e pensava, sem muitas tratativas diplomáticas ou meio termos. Melhor ser desentendida do que mal-entendida. Provoocar a emergência do desdito às vezes é necessário. Ou

\*Endereço para correspondência: Universidade Federal de Roraima. Av. Cap. Ené Garcez, 2413. Aeroporto - Boa Vista, RR – Brasil. CEP: 69310-000. E-mail: [lazaro.batista@ufrr.br](mailto:lazaro.batista@ufrr.br)

Os dados completos do autor encontram-se ao final do artigo.

<sup>1</sup>A narrativa contida neste fragmento foi extraída integralmente da dissertação de mestrado do autor (cf. FONSECA, 2013).



melhor, é necessário. E de tanto desentender, esse seu modo de proceder por afrontamento era já um fazer político. Falava de uma política que não é firmada no consenso das falas, mas no desdizer entre elas, na quebra de supremacia entre um dizer e outro, na afirmação positiva dos opostos e dos antagonicos, para que daí apareça a melhor forma de compartilhar o mundo com outros.

Mas nem sempre foi assim. Foi essa mesma vida, que agora ela acreditava ser feita de atropelos e desentendimentos, que a ensinou a proceder do modo de agora. Severina por muito tempo cumpriu aquele que parecia ser o percurso das mulheres do lugar: casou-se muito jovem, parou de estudar quase nem tendo começado, teve uma penca de filhos, viveu de subsistência, torrou a pele negra no sol escaldante, migrou... Não que tenha feito isso tudo sem que se achasse algum lampejo de vida, mas eles eram sempre menores do que a voz dos que lhe diziam que aquilo não cabia no destino que lhe fora reservado. E isso durou até o dia em que o marido a trocou pela dependência na cachaça – vendida na bodega da esquina – e por uma meia dúzia de prazeres mundanos oferecidos noutros botecos, igualmente imundos e sedutores.

O homem saiu, mas não sem antes sovar mulher e filhos, sabe Deus com que motivação. Quanto a ela, com filho pequeno, barriga vazia e o sangue que corria no canto do lábio carnudo, não viu jeito, senão se arriscar nessa coisa de viver. O que restava aquela vida severina, senão pôr-se a lutar por permanecer viva?

Foi nessa mesma época e com essa viva necessidade que a sertaneja ouviu um alarmante grito que bradavam outros mortos-vivos sertão afora. A mulher identificou vozes exigindo garantia ou restituição de direitos. Direito a plantar, colher, produzir, viver. Severina reconheceu que aquelas vozes diziam coisas que ela gostaria também de dizer e pleitear. E do desespero fez-se novidade. E dela, fez-se Severina, a Sem-Terra.

Eram os idos anos 90. O sertão começava a experimentar iniciativas de ruptura com uma de suas marcas fundamentais: o latifúndio. Bem sabemos nós o papel que a criação de gado desempenhou na expansão territorial brasileira rumo ao interior, assim como é sabido que essa mesma expansão se deu à custa da centralização do poder econômico e político nas mãos dos chamados coronéis. Disso não precisamos falar muito. Novidade mesmo é o movimento de pressão instaurado por religiosos e populares, efetivado sob a bandeira vermelha do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra e que faz surgirem os primeiros assentamentos rurais em Sergipe. Severina Sem-Terra, desde o sempre pobre, sem marido há pouco tempo, de pouca instrução e alguns filhos pequenos ainda para criar, decidiu que já sendo sem muita coisa, não lhe custava quase nada apostar naquilo de reforma agrária. Foi à luta com a vida, aquele pouco que possuía. Fez-se acampada, tomou chuva e sol, derrubou mata e quase caiu morta em confronto. Até o dia em que mudou de alcunha: tornou-se Severina Assentada.

E assim descobriu que aquilo de apostar com a vida parecia ser um jeito razoável de viver mais, de se afirmar viva. Bem sabia que podia perder, mas, ainda aí, sairia ganhando algo. Tornou-se assentada, mas também desterritorializada. Não é que precisasse, como faziam muitos, negar absolutamente seu lugar. Muito pelo contrário, tornar-se ‘legalmente dona’

de um pedaço daquele chão apontou-lhe a necessidade e a possibilidade de inventar ali mesmo jeitos de fugir e resistir aos processos perversos do mundo. Sendo que ‘a desterritorialização não pode significar o fim da localidade, mas sua transformação em um espaço’, para Severina isso significou pôr em relevo sua história de sofrimento e agruras para, dessa mesma história, retirar elementos de resistência àquela vida que levava. Isso ao mesmo tempo em que buscava afirmar alguns outros componentes de positividade dessa mesma vida sofrida. Não se tratava, portanto, de negar aquela Severina que fora durante muito tempo, sertaneja infeliz, semianalfabeta, com filhos subnutridos, extremamente dependentes da cesta básica oferecida como favor político pela líder comunitária. Mas a essa(s) Severina(s) juntava-se agora outra, desejosa de ver-se ao menos parcialmente livre desses simulacros identitários, de refazer a cada dia a possibilidade de estar e permanecer viva, como os refrãos dos velhos boleros que assoviava.

Seguindo essa linha, decidiu que não bastava ter a terra, era preciso ter o que nela colocar ou plantar. Percebeu que muitos homens começavam a sair do povoado tentando juntar dinheiro lá fora. Ela não era homem, mas tinha alguns em casa. Foi assim que o filho mais velho, aquele por quem tinha maior apego, migrou para trabalhar como peão. Ao contrário de muitos que saíam porque entendiam ser a hora de se desgarrar mundo afora, foi a pedido da mãe. Só sua incumbência parecia semelhante à da maioria dos rapazes: iria, passaria algum tempo trabalhando, juntaria algum dinheiro – o suficiente para botar algumas cabeças de gado no terreno, ou para garantir algum sustento em períodos de safra fraca. Daí, retornaria. Novamente, uma aposta.

Mas não é que nisso de ser forte o filho aprendera direitinho com a mãe? Foi, ganhou dinheiro, mas não apenas isso. Os poucos anos de estudo e a habilidade de lidar com outros trabalhadores lhe deram alguma vantagem sobre os demais. Acabou se tornando encarregado. Não era mais apenas um peão, mas um peão que “subiu na vida”, que alcançou sucesso, respeito e um alto salário. O dinheiro? Continuou mandando. Gado? Continuou a comprar. Mas o retorno tardava em se consumir e consumia a mãe. Nove anos de espera, precisamente. Quase uma década de distância, se é que se pode medir distância em anos ou saudade em metros. O filho não vê jeito, não tem tempo. Mesmo de avião, dizia que ficava difícil.

A mãe não se ressentia. Mas a saudade, esse revés de um parto, pede que, de vez em quando, lembrasse ao filho de que ainda esperava sua volta. Era só ele querer [...] (FONSECA, 2013, p. 79-82).

A narrativa acima busca ilustrar o objetivo do presente texto e aquilo que ele pretende problematizar. É apresentada a história de uma moradora do povoado de Santa Rosa do Ermírio, município de Poço Redondo, semiárido do estado de Sergipe. A história narrada remete a um contexto em que, para muitos filhos, netos e esposos da localidade, a sorte dos homens parecia estar ligada à fuga do povoado para trabalhar como “peão” da construção civil em diferentes regiões do país, visando ao acúmulo de algum capital e ao retorno – ou não – ao seu local de origem.



Essa peregrinação de tantas vidas daquele lugar aponta para uma lógica perversa, mas ainda muito presente: a sorte, destino ou sina do desterro reservada aos homens, mas também a possibilidade de se pôr a caminho e descobrir a vida, o que ela é. Algo semelhante àquele Severino de João Cabral de Melo Neto (1987) que rumou em direção ao litoral, tentando ver beleza e encontrando sofrimento, até entender que isso é a vida, mesmo que sofrida. Sem desconsiderar tal discussão, a questão central que buscamos desdobrar com a história da Severina é: se Severino vai à cata da vida que ele acredita não encontrar em seu lugar – lugar de morte, o que restaria à(s) severina(s) que ali permanecem?

Desse modo, o presente texto tem o objetivo de problematizar as alterações nas vidas das pessoas e do lugar, suscitadas a partir da migração realizada por esses sertanejos, acenando para as formas de enfrentamentos a essa realidade que são engendradas. Em especial, recorre-se a essas mulheres severinas e seus encontros com as novidades e vicissitudes que essa modalidade de trabalho de seus homens lhes propicia. Para tanto, tenta-se captar como ocupam, se é que ocupam, aqueles territórios e que táticas desenvolvem para melhor se colocarem nele. Enfim, como se enxergam nesses lugares e como neles fixam territórios, entre a falta do ente, a expectativa por seu retorno e as exigências que sua ausência presentifica.

#### Potências cotidianas do narrar

É premente que comecemos por conceituar aquilo que estamos chamando “narrar”. Uma primeira observação, ou afirmativa, é a possibilidade de contar histórias, de montar um mosaico escrito a partir de umas poucas vidas. Walter Benjamin (2012a), ao problematizar a função do narrador, afirma uma crise na atividade narrativa, em virtude da sobreposição da técnica sobre o homem. Segundo ele, essa sobreposição estabelece uma nova configuração na qual a arte de narrar estaria em vias de se extinguir, na medida em que cada vez mais se torna escassa a possibilidade humana de compartilhar experiências. A respeito disso, Benjamin identifica aquele que narra como alguém que dá conselhos, mas, afirma ele, dar conselhos é algo vazio de propósito aos homens da modernidade, já que estes não aspiram a novas experiências. Ao contrário, almejam “libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso” (BENJAMIN, 2012b, p. 127).

Por outro lado, a perspectiva desse autor seria de afirmação da positividade do narrar, na medida em que, ao fazê-lo, atuamos em sentido contrário à pobreza das vivências individuais, em busca de uma ampliação da experiência compartilhada. Para tanto, Benjamin (2012a) abre mão de pensar o heroísmo ou gigantismo daquele que narra para positivar esse fazer como atrelado ao que há de mais banal ou ordinário nas nossas vidas, cidades e ruas (GAGNEBIN, 2004, 2009).

Nesse sentido, podemos pensar a narração como acontecimento forjado no cotidiano e a ele direcionado. A esse respeito, vale notar que Michel de Certeau (2007)

ressalta o fato de que, tornando-se artimanha do fraco frente aos ditames que querem a vida despotencializada, uma prática tida como rotineira e cotidiana (e aqui estamos considerando o narrar como algo dessa ordem) tem a força de instaurar no bojo do discurso unívoco maneiras diferentes de se ver e fazer o mundo, as quais denotam uma resistência a esse discurso.

Essas “artes de fazer”, segundo ele, dão-se sub-repeticivamente, nem sempre visíveis, mas sempre atuantes. Dada a sua aparente insignificância, passam por despercebidas ou pouco interessantes aos olhos do controle biopolítico da vida e, assim, logram destituí-lo. E, desse modo, contra a ideia de passividade ou docilidade, ressalta-se a ideia de astúcia, do “homem ordinário”, que, apesar de anônimo, está a todo momento reinventando a si e ao mundo das formas as mais diversas. Ao mesmo tempo, tem-se a produção de uma vida cotidiana atenta para a singeleza, ali onde tudo o mais desconhece importância.

Como ilustram bem os personagens do filme nacional *Narradores de Javé* (2003), narrar torna-se, portanto, o ato de engrandecer as sutilezas desse ordinário. Não para pô-las como exemplo ou modelo, ou para evitar que as novidades as suplantem, mas para lhes dignificar o mero fato de serem. No caso do filme, para que as histórias continuem existindo apesar da inundação (NARRADORES..., 2003). Já para os propósitos deste texto, isso nos serve para propor e sustentar certa política de narrativa na escrita da vida cotidiana num meio rural que é jateado por novas vontades e ambições, ao mesmo tempo em que ainda se liga às suas tradições e costumes.

A migração feita pelos homens parece cumprir essa função: a de carregar a anúncia das novidades, de levar o novo ao povoado e, por outro lado, atualizar aquilo que de antigo ainda persiste nas vidas do lugar. E não estamos falando unicamente, ou especialmente, das mudanças econômicas, mas de novos modos de amar, viver, gozar, compartilhar, separar e partir. Por isso, ao invés de nos prendermos unicamente a análises e queixumes sobre uma tal crise de valores de nossa contemporaneidade, parece imprescindível também demarcar trincheiras de resistência à empreitada de ordenamento sumário da vida. Tal qual os poetas, artistas e mesmo historiadores que, na visão de Benjamin (2012a), ao juntar os rastros/restos que sobejam da vida e da história oficial, ocupam a função do narrar.

#### Um fazer-psicólogo e uma experiência feita campo

Dentro desse circuito, este trabalho resulta de inquietações nutridas durante o período de atuação do autor como componente da equipe técnica de um Centro de Referência em Assistência Social do município de Poço Redondo, estado de Sergipe. As informações referem-se ao ano de 2013, durante o qual, três dias por semana, acompanhou famílias em situação de vulnerabilidade social, realizando visitas domiciliares e participando das atividades dos grupos de convivência.

Nesse contexto, o trabalho do psicólogo pode ser definido segundo algumas nuances. Uma delas é aquela que encontra respaldo na necessidade de “garantia dos direi-

tos”, afirma a atuação do psicólogo e dos demais componentes do Centro de Referência como voltados a inserir socialmente pessoas em situação de vulnerabilidade social, de lhes permitir o acesso a serviços e possibilitar o convívio e a interação social. Uma outra nuance refere-se ao fato de essa atuação praticamente não se pautar pela escuta individual, fechada no consultório de atendimento, mas buscar compreender os arranjos sócio-históricos que compõem e interferem na vida daqueles que demandam o serviço, tentando, a partir daí, ajudá-los na compreensão e/ou alteração de sua realidade social. Uma clínica social, digamos, baseada na ideia de que a subjetividade não se funda num núcleo individual, mas é imanente a um campo social entrecortado por linhas de virtualidade, de situações, acontecimentos (ROMAGNOLI, 2006).

Um aglomerado de forças que emergem, configuram-se e reconfiguram-se nos encontros e relações que esse sujeito estabelece em sua vida (DELEUZE; PARNET, 1998). E, desse modo, expande-se o olhar para além dos consultórios, dos *settings* convencionais, estabelecendo outros olhares, conexões, redes. Conforme apontado pelo Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas [CREPOP] (2007), um trabalho que se volta para a oportunidade de lidar com a vida, com a devolução da contradição para a sociedade, quando muitos se veem usurpado do usufruto da cidadania.

Por outro lado, também o psicólogo é convidado a se perguntar sobre o seu fazer, inquirindo-se a todo instante a respeito das decisões que toma, dos caminhos pelos quais opta e daquilo que põe fora de relação, quando o faz. Mas esse perguntar não é vertido necessariamente para a obtenção de resposta ou reafirmação de uma verdade. Embora não se negue a responder os questionamentos que lança, seu objetivo maior é produzir certa afetação que nos motive a outras e novas perguntas, inclusive abandonando vias já sedimentadas ou recorrendo a outros meios de inquirir-se. Por exemplo, fazendo de sua função um campo de estudo.

E é por essa opção que aquilo que era um ofício orientado pelos preceitos acima, acabou desdobrando-se em campo de pesquisa, conforme a mesma postura teórico-metodológica. O território e as famílias acompanhadas foram objeto de estudo ao longo do mestrado do autor em Psicologia Social, com a produção de diários de campo e entrevistas com moradores. Dessa maneira, foi possível ter acesso a muitas histórias do lugar e das pessoas que nele moram ou moraram, seja desempenhando a função técnica de psicólogo, seja em conversas formais e informais com moradores e usuários do serviço.

Temos, portanto, um duplo jogo de papéis e interesses. O primeiro deles, o da atuação de um profissional de psicologia, voltado ao atendimento das demandas e que, por elas, estabelece aproximação com a dinâmica do lugar e de suas gentes. Nesse nível, convive-se com as contradições e o limite estreito entre o poder institucional que o cargo sugere, as verdades que o sustentam e aquelas que nós mesmos sustentamos. O segundo movimento, concomitante ao primeiro, se afirmaria como tentativa de supressão ao menos parcial desse lugar institucional, ser-

vindo-se como um processo de “estranhamento” (MAGNANI, 2009; CAIAFA, 2007) das ocupações e rotinas. Nele, saímos dos lugares instituídos de escuta e a eles retornamos, em busca de outros prismas e outros modos de problematizar as histórias. Mas o que elas nos contam?

### O que contam as vidas severinas?

A localidade estudada se caracterizava por um sintomático quadro de pauperização social e econômica, com forte presença de programas assistenciais de transferência de renda e resquícios de ações ainda paternalistas e coronelistas. Nesse cenário, a possibilidade de ir trabalhar, mesmo que longe, juntar algum dinheiro e retornar algum tempo depois aparecia como muito atrativa. Tanto que os homens acabavam abrindo mão das próprias famílias para fazê-lo.

Assim, havia no município um número considerável de homens, denominados “peões”, que migravam frequentemente para trabalhar em “firmas” noutros estados. A história desses peões, por seu turno, guardava algumas particularidades. A primeira era que eles não se transferiam definitivamente de lugar. Iam de tempos em tempos para as tais firmas – algo em torno de 6 a 12 meses, retornando depois para sua terra de origem. Ou seja, faziam o que se define como “migração sazonal”: mesmo mantendo a posse de parcelas diminutas de terra, veem-se obrigados a se inserirem em atividades urbanas e/ou rurais, fora de seus locais de origem, reafirmando uma trajetória social acentuadamente voltada para a proletarização, seja ela permanente ou temporária (BOTELHO, 2003, p. 2).

Esse tipo de migração é recorrente em muitos municípios do Nordeste e já extensivamente estudada por pesquisadores. Os estudos comumente tratam da migração de trabalhadores para o interior dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde eles realizam a colheita de cana, café ou laranja e depois regressam para a terra natal. Mas, no caso da migração sazonal feita pelos poço-redondenses, o destino era outro: ao invés de se estabelecerem nos centros agroindustriais, estabeleciam-se durante um tempo em obras da construção civil no norte ou centro-oeste brasileiro e, após algum tempo, retornavam à localidade de origem (CORREIA; ALMEIDA, 2007). Muitas dessas construções eram financiadas pelo poder público e executadas por conglomerados da construção civil. Obras, poder público e construtoras estiveram presentes nos noticiários dos últimos cinco anos, relacionados a esquemas de corrupção, mas também relatando problemas, atrasos, greves, paralisações e mortes de operários.

A segunda particularidade era o fato de que a quase totalidade de trabalhadores eram homens; frequentemente, com pouca instrução. Alguns não possuíam nem sequer o dinheiro das passagens. Muitos deles fazendo sua primeira viagem para fora do povoado onde nasceu, sem muitas perspectivas de trabalho e vindos de famílias, do mesmo modo, pobres. E eram em grande quantidade. Embora não houvesse números oficiais, numa cidade com população estimada em 30 mil habitantes, falava-se algo em torno de quatro a sete mil poço-redondenses trabalhando como peões.

Muitos deles enviavam remessas frequentes às famílias, e era desse dinheiro que provinha todo ou grande parte do sustento. Por outro lado, é de se crer que, para as firmas, a realidade vivida por esses homens também parecia torná-los muito atrativos como mão de obra. Eram pobres, nordestinos, com pouca instrução, aparentemente sem muitas perspectivas e, por isso – assim deveriam crer as firmas, em muito apoiadas no discurso midiático e no imaginário do Nordeste como terra devastada e de poucas possibilidades –, mais suscetíveis à docilização. Esfacelar as referências dos homens, fazendo-os voltar-se unicamente para a atividade produtiva, tornar-se-ia um jeito de garantir que agissem de acordo com essa ideologia (FOUCAULT, 1997).

Assim, a notória discrepância entre o número de mulheres e o de homens aparece atrelada a outras duas questões; a primeira diz respeito às circunstâncias que produzem a necessidade de migrar. Certos arranjos que extirpam (mesmo que temporariamente) esses sertanejos daquelas que eram suas ligações mais fortes: a família, a comunidade, a terra. Um extirpar que poderia parecer doloroso, mas que também se mostrava sedutor, pois vinha prenhe de possibilidade de alcançar outros meios de vida, diferentes daqueles que eles conheciam.

Bom, se tantos homens estavam fora, recaíam sobre as mulheres mais algumas responsabilidades e papeis. Essa era mais uma especificidade dali, ainda mais sendo aquele um lugar em que ainda parecia vigorar certo modo machista de conceber as relações e de estruturação social. A partir dos contatos, conversas e fragmentos narrativos inventariados ao longo de seis meses, pôde-se perceber que esse ranço ainda é extremamente forte na imagem patriarcal de família, na submissão das mulheres e filhos à figura do pai ou no papel subalterno que as mulheres exercem, de modo geral, diante dos homens. Pode ser pretensão afirmá-lo, mas cremos que aqui reside um dos motivos de saída de tantos homens para as firmas: é o preço que se paga por ser o homem. Ou seja, também sobre eles recaía esse machismo, obrigando-os a admitir seu papel de provedor do sustento e de “cabeça” da família.

Mas e as mulheres? Qual a parte que lhes cabe nessa conta? Se aos maridos, pais, filhos e irmãos era reservado o sonho ou obrigação de prosperar na labuta, às suas mulheres, o que era reservado? E o que delas se esperava? E o que elas esperavam: o marido, a separação, mais um filho, nada? Enfim, como sobreviviam à condição que a vida lhes impingia?

As respostas a essas questões apontam para dois aspectos. O primeiro deles: como as idas e vindas desses homens promoviam alterações na vida da comunidade e de seus moradores? Aqui falamos de uma série de mudanças econômicas e sociais, paulatinamente introduzidas no cotidiano da comunidade, graças aos encontros que seus homens estabeleceram, quando fisicamente ausentes de sua terra natal. Indicativos dessas mudanças são, por exemplo, a substituição dos animais por motocicletas nas lavouras, o aumento do número de acidentados em virtu-

de dessa substituição, a maior frequência no consumo de álcool e outras drogas, assim como os rearranjos familiares decorrentes de separações, ausências e reencontros.

Ou seja, a migração sazonal implicava adequações de projetos de vida ou das políticas que geriam essas adequações. Isso ocorria, por exemplo, em relação à necessidade de adequação das escolas a essa realidade, já que muitos adolescentes esperavam apenas completar 18 anos para abandonar os estudos e viajar para trabalhar. Havia implicações psicossociais também para muitas adolescentes, que, ainda frequentando as escolas e já casadas e com filhos, tinham que dividir o tempo entre as atividades escolares e o cuidado com a casa.

Conforme ilustra o texto de abertura e apontam outras narrativas inventariadas, por vezes resta às mulheres severinas o papel duplo e contraditório de estar sob o jugo de um homem nem sempre presente fisicamente e, ao mesmo tempo, ter que substituí-lo naquilo que a vida passa a lhes exigir depois da ida dos maridos, irmão e filhos para as firmas. Um claro exemplo disso era o destino dado à boa quantia de dinheiro enviado pelo “homem da casa”. Na sua ausência, eram as mulheres quem investiam o montante na compra de algum animal, fazendo agiotagem ou guardando para “juntar”. Ou seja, elas desempenhavam funções distintas daquela que uma sociedade patriarcal impõe como atribuições femininas na família. Por outro lado, essas decisões por vezes não passavam, senão com a anuência ou conhecimento do homem, reproduzindo a hierarquização social historicamente vista.

É importante deixar claro que essa anuência/conhecimento marca um modo de relação com a vida para as mulheres, mas não era exclusivo ou único. Pode-se mesmo dizer que essa relação não era sequer a essencial/fundamental dessas existências. Assim sendo, o que se pretende demarcar como mais importante é certa afirmação positiva das severinas, seja no enfrentamento das mudanças inauguradas por esses novos tempos sertanejos, seja pelos modos como se posicionavam diante de aspectos sociais e históricos ainda reificados naquele peculiar rincão brasileiro.

Assim, para além da constatação de que na ausência dos homens essa severinas tornavam-se as principais responsáveis por gerir tudo, de dinheiro a afetos, pode-se, considerando não ser tão raro encontrar mulheres mães de família, contra-argumentar a respeito do que as fariam especiais. Como se tenta demonstrar na seção de abertura, não parecia haver nada de extraordinário nas suas vidas, a não ser a força com que a elas se agarravam. Aqui, vale mencionar Euclides da Cunha (1984), que, cobrindo jornalisticamente a Guerra de Canudos, em meados dos anos 1900, proferiu uma frase que se tornou a alcunha de referência do povo nordestino. Como um contador de história, Euclides estava lá para narrar. Aquilo que seus olhos viam por entre a terra vermelha, salpicada de sangue e suor de fiéis e soldados, porém, destoava um tanto daquilo que aparecia nos jornais da época e no ideário das pessoas. Daquela terra pobre e estéril, ele vislumbra-va crescer o fruto de uma renitência: a força das pessoas. A pujança em resistir e insistir contra a seca, o cercado



e a sede. E eis que sua frase se tornou famosa, tanto que não é preciso repeti-la aqui para que se saiba de qual trecho de *Os sertões* estamos falando.

É essa mesma potência inventiva, ou resistência (FOUCAULT, 2008), que as vidas severinas prenunciam. Mas a ela acrescentam outra, talvez incompreensível a Euclides: não apenas de força se faz uma guerra. Às vezes é necessário abrir mão de todo peso, agir na singularidade dos gestos: jeitos, artifícios, construções e ideias que atentam contra com um *modus operandi* único de ser severina, sertaneja, nordestina.

Assim, as narrativas inventariadas também nos contam como, em meio a tais processos de mudança, essas mulheres, jovens ou velhas, empregadas ou donas de casa, casadas ou solteiras, conviviam, conversavam e entrincheiravam-se nas singularidades de seu território; e como, nessa conjuntura completamente desfavorável, estabeleciam – muitas vezes como seus próprios corpos – tentativas de escape de uma “identidade” que as vinculasse a uma sina ou destino.

Como aquelas que ficam no lugar de morte, enquanto os homens vão à cata da vida, as vidas severinas acenam para modos de ser e estar no mundo que, a despeito do que querem e professam os discursos, inventam em sua existência ordinária e comum táticas de enfrentamento e resistência às suas mazelas (CERTEAU, 2007). No mais, servem também de indicativo daquele sertão como um lugar de invenções (ALBUQUERQUE JR., 1999). Um espaço “em vias de” (DELEUZE, 1992).

Por esse ângulo, suas histórias nos servem também para pensar a atualidade do sertão nordestino para além das representações habituais que se faz dele. Um sertão contemporâneo, não reconhecível apenas pela pobreza e miséria de sua gente, pela seca ferina, pelo atraso em relação às regiões economicamente desenvolvidas do país, como tem sido o usual e corriqueiro retrato que se faz da região. Apontam as vidas severinas para desdizer a região como um lugar de morte, mais do que de vida. Ao mesmo tempo, fazem supor a iminência doutros modos de se ver e viver (n)aquelas paragens.

Severinas de um sertão possuidor de uma história e que, por ela, não pode ser encerrado na regularidade de certos temas, falas e imagens que se afirmam e reafirmam na recorrência dos discursos (ALBUQUERQUE JR., 1999). Ou seja, se lugar de morte, como anunciava o Severino cabralino, também de vida, mesmo que radiculada ou dispersa numa profusão de falas e práticas reificadas.

Surge daí a necessidade de se pensar outras leituras e feitura do Nordeste, que absorvam essas comunicações silenciosas que se fazem vivas e pujantes no íntimo das relações e das pessoas. De forma que não se trate de buscar uma cultura nacional ou regional, uma identidade cultural ou nacional, mas de ressaltar as heterogeneidades que compõem e encerram cada um de nós, como pessoa e como povo. Enfim, anunciam as severinas a necessidade de buscarmos ser sempre diferentes, dos outros e em nós mesmos (FOUCAULT, 2012).


Um Nordeste, seu sertão e sua gente entendido não como um lugar cristalizado, fechado, mas como um território vivo. Nessa direção, o que se propõe é pensarmos o nordestino, seus severinos e severinas, não como vidas prontamente finalizadas, reservadas a um destino que lhes fora lançado antes mesmo que existissem como viventes. Para além da mera localização geográfica ou identidade, os quais os definem exclusivamente nos termos impressos, seja no papel, seja nas cabeças dos homens, pensar que é urgente e possível inventar outros meios de se viver e estar no mundo (KASTRUP, 2007).

Enfim, se o Severino ia em busca da vida, longe de onde parecia apenas achar a morte, para a Severina o enfrentamento da mortificação dava-se no embate corporal com seu tempo e lugar. Um tempo e lugar em que dialogam e digladiam-se vontades, verdades e discursos nem sempre explícitos, mas também onde se fecundam estratégias de escapamento a essas verdades e vontades. Estratégias muitas das vezes cooptadas, outras tantas percebidas apenas pelos rastros que deixam. Mas sempre indícios de vidas em transformação e mudança.

#### Informações sobre o autor

Lázaro Batista da Fonseca

 <http://orcid.org/0000-0002-3224-411X>

 <http://lattes.cnpq.br/2102030723410948>

Doutor em Psicologia (Estudos da Subjetividade) pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Mestre em Psicologia Social e Política pela Universidade Federal de Sergipe, especialista em Saúde Coletiva e Graduado em Psicologia (Formação de Psicólogo) pela Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência no atendimento clínico-ambulatorial no Sistema Único de Saúde e como Psicólogo integrante de equipes técnicas em equipamentos públicos de Assistência Social. Integrante do GT “Políticas de Subjetivação e Invenção do Cotidiano” da ANPEPP. Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima e Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR. Atua a partir de interlocuções entre Saúde Coletiva, Análise Institucional e Psicologia Social, centrando-se nas seguintes áreas de interesse e campos de problematização: psicologia social; saúde coletiva; fronteiras e limiares; políticas das imagens; experiência urbana; precariedade e processos de subjetivação contemporâneos.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

FONSECA, Lázaro Batista da. Narrativas e políticas de um sertão e suas vidas severinas. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 246-252, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5686>

##### APA

Fonseca, L. P. (2020, Setembro/Outubro). Narrativas e políticas de um sertão e suas vidas severinas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3.), 246-252. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5686>

**Copyright:**

Copyright © 2020 Fonseca, L. P. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Fonseca, L. P. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

**Referências**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012a. v. 1, p. 213-240. Obras escolhidas.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012b. v. 1, p. 123-128. Obras escolhidas.

BOTELHO, Maria Izabel Vieira. Experiências e vivências na migração sazonal. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 5, n. 2, jul./dez, 2003. Disponível em: <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/157>. Acesso em: 13 out. 2018.

CAIAFA, Janice. *Aventuras das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: FVG, 2007.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS. Conselho Federal de Psicologia. *Referências técnicas para atuação do (a) psicólogo (a) no CRAS/SUAS*. Brasília: CFP, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORREIA, Ben-Hur; ALMEIDA, Raquel. Povoado de Santa Rosa do Ermírio tem uma hora de água por semana. *Infonet* [online], 10 nov. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071112070630/http://www.infonet.com.br/politicaeeconomia/ler.asp?id=67401&titulo=politicaeeconomia>. Acesso em: 20 ago. 2020. .

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FONSECA, Lázaro Batista da. *Severinas missiveiras: narrativas sobre a invenção da vida num sertão contemporâneo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Coleção Ditos & Escritos, v. 2, p. 351-368.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 4, 2009. p. 107-118.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2007.

MAGNANI, José Guilherme C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos* [online], ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Estúdio: Bananeira Filmes/Gullane Filmes/Laterit Productions. Rio de Janeiro: Riofilme. 2003. 1 DVD (100 min).

ROMAGNOLI, Roberta. Algumas reflexões acerca da clínica social. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF* [online], Niterói, v. 18, n. 2, p. 47-56, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232006000200004>

## Adolescente usuário de substâncias psicoativas: concepção de profissionais sobre a rede de cuidado\*

Daniele Dalla Porta,<sup>ID</sup> \*\* Mirela Frantz Cardinal,<sup>ID</sup> Bruna Rios Paim,<sup>ID</sup> Diana Mara Sarzi,<sup>ID</sup>  
Daiana Foggiato de Siqueira,<sup>ID</sup> Marlene Gomes Terra,<sup>ID</sup> Amanda de Lemos Mello<sup>ID</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, RS, Brasil

### Resumo

O estudo objetivou conhecer a concepção de profissionais que atuam no Conselho Tutelar e no Judiciário acerca da rede de cuidado ao adolescente usuário de substâncias psicoativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 profissionais que atuavam na assistência e/ou no Judiciário em um município do interior do Rio Grande do Sul. A partir da análise de conteúdo, os resultados evidenciaram a importância de ações de prevenção envolvendo a família e a escola, bem como dificuldades vivenciadas pelos profissionais na rede, como a alta demanda de adolescentes, falta de recursos humanos, problemas na comunicação entre os serviços que compõem a rede, infraestrutura precária e alta rotatividade dos profissionais nos serviços. Conclui-se ser complexa, mas necessária, a articulação entre os distintos espaços de que o adolescente participa para que o cuidado seja ofertado de maneira integral e intersetorial.

Palavras-chave: adolescente; transtornos relacionados ao uso de substâncias; assistência integral à saúde.

## Adolescent substance user psychoactive: conception of professionals about network care

### Abstract

This study aimed to know the conception of professionals that works in the child protection agency and in the judiciary about the care network adolescents user psychoactive substances. It was a qualitative research, which were performed semi-structured interviews with 13 professionals that worked in the assistance and justice in a city within the Rio Grande do Sul. Based on content analysis, the results showed the importance of prevention involving the family and the school, as well some difficulties experienced by professionals in the network as the high demand of adolescents, lack of human resources, communication problems between the services that are part of the network, precarious infrastructure and high turnover of professional services. It concludes that the relationship between the different spaces that adolescents participate so that care is offered in a comprehensive and cross-sectoral manner is complex, but necessary.

Keywords: adolescent; substance-related disorders; comprehensive health care.

### Introdução

O aumento significativo do uso de substâncias psicoativas (SPA) entre adolescentes representa um desafio para a saúde pública, em decorrência da vulnerabilidade desta população e da relação do consumo com agravos sociais (SILVA et al., 2014; VASTERS; PILLON, 2011). As políticas de saúde mental voltadas para adolescentes usuários de SPA devem ter como diretriz a construção de uma rede de profissionais, ações e serviços com foco na intersetorialidade, que considere a complexidade das intervenções em saúde mental, álcool e outras drogas (BRASIL, 2014).

A adolescência é uma fase que exige diferentes modos de produzir saúde, considerando-se que os maiores agravos de saúde, que ocorrem nesta faixa etária, são decorrentes de hábitos e comportamentos que colocam os adolescentes em situação de vulnerabilidade (BRA-

SIL, 2014). No presente estudo o adolescente é entendido como pessoa em desenvolvimento, a partir do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER, 1979, 1996). Para o autor, o desenvolvimento ocorre por meio de processos de interação recíproca entre a pessoa e o seu contexto através do tempo, caracterizado pelo modelo PPCT: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (BRONFENBRENNER, 1979, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

De acordo com essa perspectiva teórica, a pessoa em desenvolvimento possui características determinadas geneticamente e também construídas na interação com o ambiente. Os processos proximais, por sua vez, são caracterizados por interações recíprocas e progressivamente mais complexas. O contexto se refere ao ambiente ecológico e é composto pelo micro (refere-se às relações face a face, como aquela estabelecida entre pais-filho), meso (diz respeito à inter-relação entre dois ou mais ambientes, dos quais o adolescente participa ativamente, como relação pais-escola, família-rede), exo (caracterizado pelos ambientes de que o adolescente não participa, mas pelos quais é influenciado, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e as políticas públicas voltadas para esse público) e macrosistema (contempla os aspectos da cultura geral de uma sociedade). Além disso, o tempo assume

\*Este manuscrito faz parte do Projeto Matricial intitulado “Rede de cuidado ao adolescente usuário de substâncias psicoativas na perspectiva de profissionais”, que originou o desenvolvimento de trabalhos de conclusão de Residência Multiprofissional e Integrada em Saúde Mental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS, Brasil).

\*\*Endereço para correspondência: Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, 1000, Camobi - Santa Maria, RS - Brasil. CEP: 97105-900. Emails: [danidallaporta@hotmail.com](mailto:danidallaporta@hotmail.com), [mirela\\_cardinal@yahoo.com.br](mailto:mirela_cardinal@yahoo.com.br), [brunariospaim@gmail.com](mailto:brunariospaim@gmail.com), [marasarzi@hotmail.com](mailto:marasarzi@hotmail.com), [daianasiqueira@yahoo.com.br](mailto:daianasiqueira@yahoo.com.br), [martesm@hotmail.com.br](mailto:martesm@hotmail.com.br), [amandamello6@yahoo.com](mailto:amandamello6@yahoo.com).

Os dados completos das autoras encontram-se ao final do artigo.



papel importante, sendo caracterizado pelas mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo da vida do adolescente (BRONFENBRENER, 1979, 1996).

Desse modo, o tratamento de adolescentes que fazem uso de SPA assume fundamental importância, visto que esse espaço permeia o microsistema, no momento em que o adolescente frequenta o serviço e participa ativamente dele, e o exossistema, que corresponde à gestão do serviço, da qual o adolescente não participa ativamente, mas é influenciado pelas decisões da equipe. Entretanto, o tratamento desta população enfrenta alguns impasses decorrentes da falta de capacitação dos profissionais e da escassez de locais adequados para atender a essa demanda (RAUPP; MILNITSKY-SAPIRO, 2009).

O encaminhamento de adolescentes usuários de SPA para tratamento consiste em uma medida específica de proteção que estabelece o direito e a prioridade de atendimento a essa população (BRASIL, 2012). A criança ou adolescente que possui envolvimento com a drogadição deve receber uma série de cuidados, cuja aplicação é de responsabilidade do Conselho Tutelar (BRASIL, 2012). Dentre as medidas, destaca-se o apoio, orientação e acompanhamento; tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; ou inclusão em programa de tratamento para drogadição (BRASIL, 2012). Além disso, é atribuição do Conselho Tutelar requisitar, quando necessário, serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança. Em pesquisa realizada em São Paulo com adolescentes que faziam tratamento para o uso de SPA, obteve-se como resultado que, dos 14 adolescentes entrevistados, 11 iniciaram tratamento especializado devido a encaminhamentos judiciais ou pelo Conselho Tutelar, e apenas três buscaram tratamento espontaneamente (VASTERS; PILLON, 2011).

As particularidades da adolescência precisam ser consideradas na elaboração e execução de políticas públicas de saúde que atuem na prevenção e no tratamento do uso de SPA por adolescentes (RAUPP; MILNITSKY-SAPIRO, 2009; SILVA et al., 2014). Além disso, o Sistema Único de Saúde (SUS) preconiza acesso a outras políticas intersetoriais com o intuito de promover o bem-estar físico, mental e social desta população (BRASIL, 2014). Nesse sentido, desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do SUS, tem sido enfatizada a importância da comunicação entre os setores que trabalham com crianças e adolescentes, como educação, assistência e justiça (BRASIL, 2005).

No tocante às políticas públicas de atenção específica aos problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas, a Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e Outras Drogas é a principal diretriz na área da saúde pública (BRASIL, 2003). Tal política prevê atenção integral por meio do estabelecimento e fortalecimento do trabalho em rede e da intersetorialidade, acesso facilitado aos serviços, participação dos usuários no tratamento e a criação dos Centros de Apoio Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPSad), como alternativa ao hospital psiquiátrico (BRASIL, 2003).

Para melhor compreender a rede assistencial sobre drogas, é essencial analisar a Rede de Atenção à Saúde (RAS) e a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) (COSTA et al., 2015). A Portaria nº 4279, de 30 de dezembro de 2010, instaura as RAS como arranjos organizativos de ações de serviços de saúde, de graus diferentes de complexidade, que visa garantir a integralidade do cuidado (BRASIL, 2010). A RAPS, conforme a Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, tem como objetivo ampliar o acesso a ações de saúde mental, vincular as pessoas que possuem transtornos mentais ou problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas aos pontos de atenção e garantir a integração e articulação desses pontos (BRASIL, 2011). Essa Portaria traz o desafio de olhar para as ações como estratégias na construção do trabalho em rede. Portanto, a rede assistencial sobre drogas tem seus fundamentos na RAS e na RAPS ao articular a atenção aos usuários de SPA com a atenção à saúde e à saúde mental (COSTA et al., 2015).

Ao se analisar a produção científica sobre a temática, evidenciou-se que há uma lacuna no que tange aos estudos que abordam especificamente a rede de cuidado ao adolescente. Foram encontradas pesquisas com enfoque na prevalência das relações sociais como fator de risco ou de proteção para a dependência de SPA (BOND et al., 2007; MASON, 2010; MASON; KORPELA, 2009), maior prevalência no consumo de álcool e maconha e associação do uso com transtornos mentais e de comportamento (BELLA et al., 2012; GROTH; MORRISON-BEEDY, 2011; MILGROM et al., 2013) e adolescentes do sexo feminino como o gênero que apresenta maior gravidade nos problemas associados ao uso (BARNES; ISMAIL; CROME, 2010; CHAN et al., 2011; STEVENS et al., 2004).

Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo conhecer a concepção que os profissionais atuantes no Conselho Tutelar e no Judiciário têm acerca da rede de cuidado ao adolescente usuário de substâncias psicoativas.

### Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois essa abordagem possibilita a compreensão de valores de uma cultura, bem como representações de um grupo sobre uma temática específica. Ademais, é possível entender relações entre os sujeitos e as significações dos fenômenos que dizem respeito a um indivíduo ou um grupo (TURATO, 2005).

O cenário de pesquisa foi dois pontos de atenção que compõem a Rede de Atenção Psicossocial ao adolescente usuário de SPA, especificamente a assistência e o Judiciário de um município do interior do Rio Grande do Sul. No tocante à área assistencial, o estudo foi desenvolvido nos conselhos tutelares, sendo que no referido município estes são divididos em três regiões. Quanto ao Judiciário, a pesquisa foi realizada na Promotoria de Justiça e na Defensoria Pública. Definiu-se, como critério de inclusão, que os participantes fossem conselheiros tutelares, juízes, promotores e defensores públicos que atuam na área da infância e juventude, na assistência e no Judiciário, excluindo-se os profissionais que estavam em licença para tratamento de saúde ou em férias no período da coleta de dados.



A pesquisa foi desenvolvida com 13 profissionais (10 conselheiros tutelares, dois promotores de justiça e um defensor público) de um total de 19 (15 conselheiros tutelares, dois promotores de justiça, um defensor público e um juiz). No que tange à caracterização dos participantes, dos 13 participantes da pesquisa a maioria (sete) era do sexo feminino. Quanto ao nível de escolaridade, quatro possuíam pós-graduação na área da infância e adolescência; oito, ensino superior; e um, ensino médio completo. Com relação ao tempo de serviço, quatro profissionais contavam entre 5 meses e 5 anos; seis, entre 5 e 10 anos; e três, entre 10 e 15 anos.

O contato inicial com os participantes para participação na pesquisa foi realizado por meio telefônico e, posteriormente, um encontro presencial foi agendado entre as pesquisadoras responsáveis e os profissionais convidados, a fim de formalizar sua participação voluntária na pesquisa. Nesse momento, foram esclarecidos os aspectos que envolviam o projeto, como os objetivos, o caráter sigiloso, riscos e benefícios do estudo, bem como sobre a confidencialidade dos dados. Após as orientações, aqueles que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de julho e setembro de 2015. As entrevistas foram registradas em um gravador de áudio e realizadas em uma sala do serviço, para que não houvesse interferência externa e onde somente estivessem presentes a entrevistadora e o participante, com vistas a garantir a privacidade. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, as quais possibilitam que a direção da conversa seja dada de forma flexível, em que o entrevistador introduz um tópico e delinea o rumo da entrevista a partir da questão orientadora inicial (TURATO, 2005).

Para tanto, as entrevistas foram orientadas pelas seguintes questões disparadoras: Como você tem percebido o cuidado ao adolescente usuário de substâncias psicoativas no município? Como funciona a rede atualmente? Como deveria funcionar no seu entendimento? Além destas, outras questões foram lançadas a partir das respostas dos participantes.

Foram utilizadas as letras 'A' e 'J' seguidas de um número arábico para a identificação dos participantes. Desse modo, quando se tratou dos profissionais da assistência utilizaram-se códigos que foram de A1 a A10, e para os do Judiciário, de J1 a J3. Esta estratégia foi utilizada a fim de garantir o anonimato dos participantes.

O protocolo do projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o nº 4593315.1.0000.5346, e atendeu aos preceitos éticos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional da Saúde (BRASIL, 2012). No tocante às questões éticas, foram assegurados todos os direitos dos entrevistados, assim como se informou aos participantes que eles não sofreriam nenhum risco nem obteriam qualquer benefício direto.

Para a análise das entrevistas foi utilizada a análise qualitativa de conteúdo proposta por Bardin (BARDIN, 2011). A análise categorial consiste em desmembrar o texto em unidades e, posteriormente, formular categorias a partir do agrupamento dos elementos em comum.

## Resultados e discussão

A partir da análise dos dados foram elencadas duas categorias com as respectivas subcategorias: Dificuldades na rede de atenção psicossocial ao adolescente (“Diálogo de surdos” e “Síndrome do bastão”, A alta demanda e a (in) disponibilidade de recursos físicos e humanos); e Estratégias para o funcionamento da rede.

### Dificuldades na rede de atenção psicossocial ao adolescente

Esta categoria trata de questões relativas aos impasses percebidos pelos profissionais como possíveis obstáculos para o funcionamento da rede de cuidado ao adolescente usuário de SPA. Além disso, refere-se à comunicação entre os pontos da rede e a articulação da atenção prestada aos adolescentes, assim como aos aspectos estruturais da rede atinentes aos recursos humanos e físicos disponíveis e à alta demanda.

#### “Diálogo de surdos” e “Síndrome do bastão”

Esta subcategoria englobou a percepção dos profissionais quanto ao funcionamento da rede. Os participantes relataram melhorias progressivas na comunicação e articulação entre os serviços. Entretanto, foram sobressalentes as fragilidades no repasse de informações sobre os serviços prestados ao adolescente e na comunicação entre os profissionais.

*Por falta de comunicação, falta de entendimento, vaidade, cada um no seu quadrado, pela síndrome do bastão, um passa para o outro e lava as mãos, tipo: “Ah, eu fiz minha parte!”. O outro não procura saber o que o outro está fazendo, porque que o outro está fazendo daquele jeito (J2).*

Os participantes mencionaram, ainda, as dificuldades na representação dos serviços nas reuniões da rede de cuidado ao adolescente usuário de SPA.

*Então tu tens que ter estabilidade na representação, e essa pessoa que está lá representando o serviço tem que fazer a devolução quando ela volta para sua origem acerca daquilo que foi tratado. Então às vezes parece um diálogo de surdos, tu fala, o outro não escuta e porque não escutou não repassa (J3).*

Nesse sentido, para que a rede de atenção à saúde esteja integrada é necessário superar as práticas fragmentadas presentes no cotidiano dos serviços, pois estas produzem ausência de diálogo e de interação, bem como dificuldades de comunicação entre os distintos pontos de atenção (MENDES, 2012). Entretanto, as práticas nos serviços ainda apresentam-se desintegradas, pensadas e executadas setorialmente, o que acaba por não atingir as diferentes realidades em que estão inseridos os atores que compõem a rede assistencial (PAIVA; COSTA; RONZANI, 2012).

Assim, é importante refletir acerca da descentralização das ações de saúde mental, incluindo a questão do álcool e outras drogas, já que se percebe uma transferência de responsabilidades ao invés de um trabalho compartilhado (ZAMBENEDETTI; PERRONE, 2008). Dessa forma, muitas vezes os serviços de saúde possuem dificuldades de comunicação, permanecendo isolados e fechados em suas rotinas (DIMENSTEIN; LIBERATO, 2009).

Esses aspectos que tangem os serviços de saúde permeiam diretamente o contexto do adolescente, especificamente o exossistema. Além disso, é importante que os microssistemas estejam em constante comunicação, fortalecendo o mesossistema do adolescente, e aqui se destacam os serviços como os do CAPSad, dos conselhos tutelares e do Judiciário na interação com a família.

As dificuldades acima mencionadas podem influenciar outra questão levantada pelos participantes, que diz respeito à continuidade da atenção prestada ao adolescente. Nesse sentido, as fragilidades de comunicação entre os profissionais tendem a permear o fluxo de encaminhamentos dos adolescentes para outros serviços e a referência e contrarreferência “Está faltando um pouco de articulação, falta comunicação, a referência e contrarreferência” (A9), “Essa rede para tratar do problema pontual está funcionando com deficiência, mas isso é fruto das fissuras da grande rede. Nós temos problemas de fluxo, é sentar e definir o fluxo um pouco mais objetivo” (J3).

A referência e contrarreferência, em muitos casos, consistem na transferência de responsabilidades do cuidado do usuário de um serviço para outro (DELFINI; REIS, 2012). Segundo os autores, esse fenômeno advém do modelo tradicional de saúde, que percebe os usuários de maneira fragmentada, e, assim, o cuidado é dispensado a indivíduos vistos de forma fracionada. Esse modo de proceder com as referências e contrarreferências colabora para a falta de continuidade dos tratamentos e a descontinuidade do projeto terapêutico (ZAMBENEDETTI; PERRONE, 2008). Por vezes, tais encaminhamentos dificultam o atendimento integral e transdisciplinar dos usuários e evidenciam a desarticulação das ações prestadas e a relação fragmentada entre os serviços (DELFINI; REIS, 2012). Conforme os autores, as fragilidades na contrarreferência e referência colaboram para que o usuário não se utilize de um sistema integrado de saúde, mas de serviços isolados que tratam de problemas pontuais.

Nesse sentido, destaca-se que o serviço, enquanto microssistema, pode se constituir como um espaço importante para o adolescente, principalmente quando há vinculação com uma figura de referência, o que favorece os processos proximais. No entanto, o que se identifica é que a falta de continuidade e os frequentes encaminhamentos para outros serviços podem prejudicar o vínculo e, conseqüentemente, os processos que contribuem para o tratamento do adolescente.

Por fim, outro aspecto relatado pelos participantes está relacionado com as dificuldades de comunicação entre os serviços, em decorrência de decisões tomadas pela gestão: “Essa comunicação é difícil, uma comunicação

burocratizada e centralizada na secretaria, não tem muita confiança nos serviços em si” (J2). Os profissionais ainda mencionaram a burocracia exigida nos encaminhamentos dos adolescentes para os serviços de saúde mental: “Foi criado um papel, que primeiro tem que ser mandado pra Secretaria de Saúde, para a responsável pela saúde mental, para depois eles serem atendidos. Isso dificultou tanto. Se era uma porta aberta, porque fecharam?” (A4).

A lógica do encaminhamento pela qual os usuários são direcionados para outros serviços na busca por atendimento e os trabalhadores se utilizam de instâncias burocráticas e hierarquizadas para possibilitar o acesso ao cuidado tende a levar a uma diluição da responsabilidade sobre os usuários (PAIVA; COSTA; RONZANI, 2012). Dessa forma, ainda não se dispõe de uma rede ágil, resolutive e flexível que facilite o trânsito dos usuários nos diversos pontos de atenção e acolha as diferentes demandas (DIMENSTEIN; LIBERATO, 2009). Assim, é importante definir fluxos com vistas à articulação e à continuidade do cuidado em rede que permita acolher a demanda de cada indivíduo e que não tenha como princípio a hierarquização e burocratização dos recursos assistenciais (CORTES, et al., 2014). Desse modo, o funcionamento e a gestão do serviço podem ser entendidos como parte do exossistema do adolescente, cujas decisões e processos burocráticos afetam indiretamente o usuário de SPA e seu tratamento.

#### **A alta demanda e a (in)disponibilidade de recursos físicos e humanos**

O aumento da demanda por parte de adolescentes usuários de SPA somado à escassez de recursos humanos e físicos também foi mencionado pela maioria dos participantes como possível obstáculo para um atendimento adequado a essa população na rede. Conforme relato dos profissionais, o cuidado é prestado de acordo com a disponibilidade de recursos na rede: “Parece que de uns anos pra cá a gente percebe que aumentou bastante a nossa demanda do adolescente que faz uso de droga. A gente não dá conta de tudo, alguma coisa tu perde” (A5). Além disso, o aumento da demanda de adolescentes usuários de SPA tende a tornar os recursos existentes ainda mais insuficientes: “Serviço público só é eficiente quando consegue absorver a demanda que tem. Se um serviço público não absorve a demanda que tem, ele não é eficiente! Aqui em [nome do município] é eficiente? Não!” (A8).

Tais dados podem estar relacionados ao aumento do consumo de SPA, pois, segundo pesquisa realizada pelo IBGE, em 2009 8,7% dos adolescentes já haviam experimentado algum tipo de droga (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009), enquanto que no ano de 2012 o resultado correspondia a 9,9%. No cenário internacional, pesquisas também apontam a alta prevalência do uso de SPA por adolescentes e a importância de intervenções voltadas para essa população (CLEVELAND, 2008). A falta de recursos para absorver a demanda existente na rede de atenção psicossocial ao adolescente soma-se à ausência de alguns dos dispositivos previstos na Portaria nº 3.088, de 23 de de-

zembro de 2011, como as equipes de consultório de rua, os centros de convivência, as unidades de acolhimento infanto-juvenil, dentre outros (BRASIL, 2011). A insuficiência de recursos para atender à demanda de tratamento e a baixa qualidade dos serviços advêm do modelo fragmentado de que as redes assistenciais se utilizam para ofertar seus serviços (VINHA, 2011).

Outra questão apontada pelos participantes como fator que dificulta o atendimento na rede refere-se às trocas de profissionais nos serviços:

Está todo mundo apagando incêndio. No conselho, no CAPS, na internação. O que eu também acho que é complicado e atrapalha são as trocas de profissionais. Falta essa conscientização de ser o mesmo profissional, para que dê andamento, a sequência do que estava andando (A3).

Os participantes mencionaram, ainda, a terceirização e a consequente falta de profissionais concursados como impasses que dificultam a continuidade do cuidado ao adolescente: “A rede está “esburacadinha”. Tu vê o CRAS terceirizado, não existem concursados no município. As instituições de acolhimento tudo terceirizado. Precisava criar essa política pública de deixar de terceirizar o que é importante” (A4).

A alta rotatividade dos profissionais, a cobrança por produção e a falta de recursos humanos e físicos constituem obstáculos estruturais e organizacionais para a prestação de serviços de qualidade na saúde mental (DELFINI; REIS, 2012). Além disso, a terceirização pode configurar uma alternativa que, se mal implementada, gera mais danos do que benefícios ao sistema de saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003). Além da carência de recursos humanos, a infraestrutura deficitária foi outra dificuldade apontada. Os entrevistados destacaram a ausência de um carro próprio para a realização de visitas domiciliares, busca ativa e reuniões.

Falta veículos para trabalhar? Falta, o CRAS não tem, eles tem alguns dias. Como é que vão fazer busca ativa de crianças e adolescentes? Em qualquer setor, tanto no CRAS, como no CAPS, como no CREAS, se não tem carro? Então, a gente precisa ter um carro à disposição pra ir (A4).

A questão da falta de veículos para visitas domiciliares é constantemente apontada como justificativa para a dificuldade de inserção dos serviços no território e, por consequência, para a ineficácia de tais ações (PINHO; HERNÁNDEZ; KANTORKI, 2010; RANGEL et al., 2011). As visitas domiciliares são um importante instrumento para garantir a integralidade e a descentralização do cuidado e proporcionam a continuidade das ações em saúde para além dos serviços (REINALDO; ROCHA, 2002). Por meio dessas visitas é possível fortalecer os vínculos, bem como construir “pontes” entre os usuários, serviços e a sociedade (PINHO; HERNÁNDEZ; KANTORKI, 2010). A ausência de estrutura física adequada também interfere diretamente na relação do usuário com o serviço, já que há restrição quanto às atividades e ao acompanhamento dos adolescentes, os quais seriam, por vezes, fundamentais para o estabelecimento de processos proximais e para o desenvolvimento saudável.

### Estratégias para o funcionamento da rede

Os profissionais da assistência e do Judiciário também destacaram algumas estratégias para que a rede funcionasse de maneira mais satisfatória para todos os envolvidos. A articulação e a integração dos distintos serviços que compõem a rede de cuidado ao adolescente foram alguns dos aspectos enfatizados pelos participantes: “Devemos trabalhar mais em rede, nos colocarmos à disposição e entendermos que temos que ter uma troca maior de informações entre o sistema de saúde e o Judiciário, para o fortalecimento dos adolescentes, que é o nosso objeto de trabalho” (J1).

O fortalecimento e a estruturação de uma rede de cuidado ao usuário de drogas que atue de forma integral e intersetorial é um grande desafio (ALVES, 2009). A articulação entre os dispositivos que compõem a rede assistencial sobre drogas necessita estar pautada no trabalho multiprofissional e intersetorial de maneira integrada (PAIVA; COSTA; RONZANI, 2012). Nesse sentido, é importante a construção de políticas transversais e de uma rede de cuidado que garanta o acesso da criança e do adolescente às ações e intervenções em saúde mental, álcool e outras drogas (BRASIL, 2014). Além disso, os serviços que compõem a rede fazem parte do contexto do adolescente e precisam estar articulados para se constituir em fator de proteção no desenvolvimento desta população. Ademais, muitas vezes o adolescente encontra nesse espaço a possibilidade de estabelecer vínculos, o que favorece o desenvolvimento saudável.

A família e a escola foram mencionadas como importantes fatores de prevenção e proteção para o envolvimento da população adolescente com o uso de SPA, “Um trabalho interligado com escola e a família. Um fortalecimento do trabalho preventivo. Eu falo em multidisciplinaridade, devemos atuar em todos os sentidos, principalmente na prevenção” (J1). Os participantes também enfatizaram a importância de projetos no turno inverso da escola: “Eu acho importante que se invista primeiro na prevenção. Precisa de projetos, botar essa gurizada a fazer alguma coisa no turno inverso ao da escola. Por que aí nós estamos prevenindo uma série de coisas” (A3).

O papel da família na adolescência é essencial na prevenção do uso de SPA e na promoção da saúde (MALTA et al., 2011). A presença do pai e da mãe no cotidiano dos filhos e a supervisão parental consistem em fatores de proteção de comportamentos considerados de risco nesta fase (MALTA et al., 2011). A escola também pode desempenhar um papel fundamental na prevenção do uso de drogas, orientando e informando acerca das substâncias psicoativas, incentivando a comunicação entre a escola e a família e promovendo discussões e atividades que auxiliem no esclarecimento sobre o consumo (BRUSAMARELLO, 2010). Considerando que a família e a escola constituem um microsistema importante para o adolescente, a comunicação entre ambas (mesossistema) pode constituir um fator de proteção para o uso de SPA (BRONFENBRENNER 1979, 1996).



Os participantes da pesquisa também destacaram a importância de políticas públicas e de projetos voltados para o adolescente usuário de SPA e sua família: “Então, [a cidade] precisa de políticas públicas voltadas a esse público e com esse foco [prevenção]. A gente tem que ter projetos voltados à família e projetos voltados a esse público [adolescente usuário de SPA]” (A3). Destacaram igualmente a inclusão e participação da família no tratamento dos adolescentes: “A família é muito importante! Tem que ter o espaço também assim. Até como ela vai recebê-lo de volta, ou enquanto o menino está se tratando, já que não é para uma internação, mas que ela também participe das palestras. Eu acho que deveria ter mais grupos de família.” (A7)

A participação e o acompanhamento da família durante o tratamento de adolescentes com problemas decorrentes do uso de SPA são fundamentais (SILVA; SANTOS; SOUZA, 2012). O adolescente e a família necessitam de um espaço de fala e escuta para enfrentar os desafios que existem durante o tratamento, para receber orientações de como lidar com determinados comportamentos e expor as angústias e sofrimentos que podem emergir (OLIVEIRA, SANTOS, 2010). Desse modo, evidencia-se o papel primordial que o serviço exerce ao incluir o microsistema familiar do adolescente no tratamento, tendo em vista que a família pode auxiliar nas intervenções, atuando como fator de proteção para o uso de SPA.

### Considerações finais

A partir dos resultados, foi possível evidenciar a importância da articulação e comunicação entre os diversos pontos de atenção da rede de cuidado ao adolescente usuário de SPA. Além disso, enfatizou-se o papel da família e da escola como pertencentes a esta rede e como fatores de proteção e prevenção ao uso de SPA.

As dificuldades vivenciadas no cotidiano dos serviços que compõem a rede de cuidado ao adolescente usuário de SPA tendem a perpassar as possibilidades de tratamento ofertadas a essa população. Percebe-se a falta de uma infraestrutura adequada que atenda às necessidades dos serviços para a realização de um trabalho efetivo. Além disso, existem “fissuras” na rede, no que tange à comunicação e articulação dos distintos pontos de atenção a esse usuário. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de ações que fomentem a discussão e mobilização dos profissionais por espaços de reunião e capacitação, bem como por melhores condições de trabalho (recursos físicos e humanos).

É necessário, ainda, que se invista em ações de prevenção ao uso de SPA nos distintos espaços de que o adolescente participa, bem como em projetos que potencializem práticas que favoreçam um desenvolvimento saudável. Nesse sentido, é fundamental que os microsistemas (Conselho Tutelar, Judiciário, CAPS, escola e família) de que o adolescente participa estejam articulados e invistam em ações não somente para tratar da problemática do uso de SPA, mas também da prevenção do consumo e agravos. Além disso, a rede de cuidado faz parte do contexto do adolescente usuário de SPA e

precisa estar em constante comunicação, com o intuito de compreender as particularidades e demandas desta fase e definir fluxos de acordo com situações singulares.

No tocante às limitações do presente estudo, destaca-se que a pesquisa não foi realizada com todos os conselheiros tutelares do município, tendo em vista que alguns não aceitaram participar. Outra limitação desta pesquisa refere-se ao fato de que as situações apresentadas podem estar vinculadas a realidade específica do município. Considera-se relevante, ainda, desenvolver outros instrumentos para avaliar o funcionamento da rede.

Algumas questões não foram contempladas no presente estudo e ficam como sugestões para pesquisas futuras. Sugere-se conhecer a percepção dos adolescentes usuários de SPA e de seus pais acerca da rede, bem como acessar outros serviços e profissionais que fazem parte da rede de cuidado ao adolescente usuário de SPA.

A partir disso, percebe-se que há um distanciamento entre o que é proposto nas políticas públicas e o que de fato acontece na prática nos serviços, visto que a atuação na prática encontra situações e entraves que não estão previstos na teoria. Assim, é fundamental que sejam oferecidos aos profissionais espaços que aproximem os serviços que compõem a rede e que promovam o debate e questionamentos dos profissionais acerca de suas atuações. Dessa forma, faz-se necessário a criação de dispositivos que favoreçam o diálogo entre os profissionais da rede, como forma de diminuir as fissuras mencionadas no presente estudo e para que as práticas consigam alcançar o seu principal objetivo, o adolescente usuário de SPA.

### Informações sobre as autoras:

*Daniele Dalla Porta*

 <https://orcid.org/0000-0002-5751-4542>

 <http://lattes.cnpq.br/5206401066794280>

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Saúde Mental pelo programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Mental no sistema público de saúde (UFSM). Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com período de mobilidade acadêmica na Universidade do Porto (UP)/ Portugal. É integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde (NEIS) da UFSM/Santa Maria (RS). Possui interesse nas temáticas: saúde mental, parentalidade, infância, adolescência e comportamento de risco.

*Mirela Frantz Cardinal*

 <https://orcid.org/0000-0002-2068-891X>

 <http://lattes.cnpq.br/4065353554369945>

Sou Psicóloga, graduada pelo curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Durante a graduação, fiz parte do Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”. Fui bolsista FIEX/UFSM e PIVIC/UFSM em projeto de extensão e pesquisa, respectivamente. Tive a experiência em assistência estudantil e saúde mental/saúde pública durante o estágio. Também sou especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Mental no Sistema Público de Saúde da UFSM. Tenho interesse pelas temáticas trabalhadas na psicologia social, como estudos de gênero, saúde pública e saúde mental. Também tenho interesse pelas temáticas relacionadas a comunicação e internet.



*Bruna Rios Paim*

 <https://orcid.org/0000-0002-6342-4172>

 <http://lattes.cnpq.br/9024093329408230>

Possui graduação em Serviço Social pelo Centro Universitário Franciscano (2009). Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social. Realizou estágio no Juizado Especial Criminal de Santa Maria durante 2 anos. Foi monitora (bolsista) da matéria Política Social, da professora MS Rosilaine Coradini Guilherme. Durante 6 meses realizou estágio no CRAS-Leste (centro de referência de assistência social de Camobi de Santa Maria). E durante 1 ano realizou estágio curricular no Lar de Mirian e Mãe Celita que é uma ONG que acolhe (antigo abrigo) crianças de 0-12 anos. Atualmente encontra-se realizando Residência Multiprofissional em Saúde, programa da Saúde Mental, com atuação profissional junto a um CAPS AD na cidade de Santa Maria (RS), com dedicação exclusiva e como bolsista. É integrante do Grupo de Pesquisa Cuidado à Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade (PEFAS) da UFSM/Santa Maria (RS).

*Diana Mara Sarzi*

 <https://orcid.org/0000-0003-3150-8205>

 <http://lattes.cnpq.br/7810410452581640>

Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Palmeira das Missões/RS (2010-2013). Técnica de Enfermagem pelo centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS (2006-2007). Atualmente, faço parte do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Mental no Sistema Público de Saúde da UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa Cuidado à Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade (PEFAS) da UFSM/Santa Maria (RS). Membro do Centro Regional de Referência de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas da Região Centro do Rio Grande do Sul. Tenho afinidade pelas temáticas: Saúde Coletiva, Saúde Mental e Saúde da Mulher.

*Daiana Foggato de Siqueira*

 <https://orcid.org/0000-0002-8592-379X>

 <http://lattes.cnpq.br/7655153358143882>

Enfermeira pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), atual Universidade Franciscana (UFN). Especialista em Enfermagem em Psiquiatria e Saúde Mental. Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (PPGENF/UFSM). Professora Adjunta do departamento de enfermagem da UFSM. Pesquisadora líder do grupo de pesquisa Cuidado em Saúde Mental e Formação em Saúde (FORESM/UFSM). Representante titular da UFSM no Conselho Municipal de Entorpecentes de Santa Maria.

*Marlene Gomes Terra*

 <https://orcid.org/0000-0001-9402-561X>

 <http://lattes.cnpq.br/0373218283700156>

Graduada e Licenciada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira - FACEM (1983), Mestrado em Educação pelo Centro Universitário Franciscano (1998), Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2007). Pós-doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2014-2015). Professor associado - Nível 2 da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Atuação na Graduação, Residência Multiprofissional em Saúde e na Pós-Graduação, com experiência na área da Enfermagem do Adulto (Saúde Mental e Substâncias Psicoativas) e Formação em Saúde (Residências Multiprofissionais e Educação Permanente). Coordenou o Centro Regional de Referência de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas da UFSM de 2011 a 2017. Estudos de Abordagem Qualitativa especialmente apoiadas na Fenomenologia. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Cuidado em Saúde Mental e Formação em Saúde" (GP - FORESM da UFSM/RS).

*Amanda de Lemos Mello*

 <https://orcid.org/0000-0002-0485-1801>

 <http://lattes.cnpq.br/9391126971766027>

É Enfermeira da Prefeitura de Jaraguá do Sul - SC, com atuação na Unidade Básica de Saúde e Professora do Curso de Enfermagem da UNISOCIESC. Formada em Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Franciscana (UFN/2013). Mestre e Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (PPGenf/UFSM-2016/2020) com Financiamento CAPES Demanda Social. Especialista em Formação Integrada Multiprofissional em Educação Permanente em Saúde (PPGCol/UFRGS) e Facilitadora de Educação Permanente em Saúde (UAB/Fiocruz). Foi Professora Substituta do Departamento de Enfermagem e do Departamento de Serviço Social (UFSM) (2018-2020). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cuidado em Saúde Mental e Formação em Saúde da UFSM. Membro do Centro Regional de Referência de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas da Região Centro do Rio Grande do Sul e do Núcleo de Estudos em Metodologias Participativas (NEMP). Graduanda do Curso de Formação Pedagógica de Professores para Educação Profissional (IFFAR Campus Panambi/RS). Na prática assistencial, possui interesse nas áreas de Saúde Coletiva, Saúde do Adulto, Saúde Mental e Educação na Saúde, na pesquisa, nas temáticas que envolvem Saúde Coletiva, Formação Profissional, Educação Permanente em Saúde, Residências em Saúde e Saúde Mental vinculadas à métodos de pesquisa qualitativas e participativas, especialmente a Pesquisa Apreciativa.

#### Contribuição das autoras:

Todas as autoras colaboraram ao longo do processo, desde a elaboração até a revisão final do manuscrito. As autoras aprovaram o manuscrito final para publicação.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

PORTA, Daniele Dalla et al. Adolescente usuário de substâncias psicoativas: concepção de profissionais sobre a rede de cuidado. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3, p. 253-261, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5688>

##### APA

Porta, D. D., Cardinal, M. F., Paim B. R., Sarzi, D. M., Mello, A. L., Siqueira, D. F., & Terra M. G. (2020, Setembro/Outubro). Adolescente usuário de substâncias psicoativas: concepção de profissionais sobre a rede de cuidado. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 253-261. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5688>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Porta, D. D., Cardinal, M. F., Paim B. R., Sarzi, D. M., Mello, A. L., Siqueira, D. F., & Terra M. G. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Porta, D. D., Cardinal, M. F., Paim B. R., Sarzi, D. M., Mello, A. L., Siqueira, D. F., & Terra M. G. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

## Referências

- ALVES, Vânia Sampaio. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 25, n. 11, p. 2309-2319, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009001100002>
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições, 2011.
- BARNES, Wesley; ISMAIL, Khaled M.; CROME, Ilana B. Triply troubled: criminal behaviour and mental health in a cohort of teenage pregnant substance misusers in treatment. *Criminal Behaviour and Mental Health* [online], v. 20, n. 5, p. 335-348, 2010. <https://doi.org/10.1002/cbm.776>
- BELLA Mônica et al. Hospitalization due to mental disorders and substance consumption in argentine adolescents: 2005-2006. *Revista de Salud Publica*, v. 16, n. 2, p. 36-45, 2012. [http://www.saludpublica.fcm.unc.edu.ar/sites/default/files/RSP12\\_2\\_07\\_Hosp%20Trastornos%20mentales%20y%20consumo%20de%20sustancias.pdf](http://www.saludpublica.fcm.unc.edu.ar/sites/default/files/RSP12_2_07_Hosp%20Trastornos%20mentales%20y%20consumo%20de%20sustancias.pdf)
- BOND, Lyndal et al. Social and school connectedness in early secondary school as predictors of late teenage substance use, mental health, and academic outcomes. *Journal of Adolescent Health*, v. 40, n. 4, p. 357.e9-357.e18, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2006.10.013>
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST e AIDS. *A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. (Série B. Textos básicos de saúde).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. (Série B. Textos básicos de saúde).
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 4.279, de 30 de dezembro de 2010*. Estabelece diretrizes para a organização da rede de atenção à saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011*. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlata*. 9. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. Disponível em: [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto\\_crianca\\_adolescente\\_9ed.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf)
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo Redes para garantir direitos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRONFENBRENNER, Urie. *The ecology of human development: experiments in nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Tradução de Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela, A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, William.; LERNER, Richard M. (Org.). *Handbook of child psychology*. New York: John Wiley & Sons, 1998. v. 1, p. 993-1027.
- BRUSAMARELLO, Tatiana et al. Papel da família e da escola na prevenção do uso de drogas pelo adolescente estudante. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 9, n. 4, p. 766-773, 2010. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v9i4.13828>
- CHAN, Ya-Fen et al. HIV risk behaviors: risky sexual activities and needle use among adolescents in substance abuse treatment. *AIDS and Behavior*, v. 15, n. 1, p. 114-124, 2011. <https://doi.org/10.1007/s10461-010-9702-3>
- CLEVELAND, Michael J. The role of risk and protective factors in substance use across adolescence. *Journal of Adolescent Health*, v. 43, n. 2, p. 157-164, 2008. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2008.01.015>
- CORTES, Laura Ferreira et al. Atenção a usuários de álcool e outras drogas e os limites da composição de redes. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 16, n. 1, p. 84-92, 2014. <https://doi.org/10.5216/ree.v16i1.20279>
- COSTA, Pedro Henrique Antunes da et al. Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 395-406, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015202.20682013>
- DELFINI, Patricia Santos de Souza; REIS, Alberto Olavo Advinula. Articulação entre serviços públicos de saúde nos cuidados voltados à saúde mental infantojuvenil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 357-366, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000200014>
- GROTH, Susan W.; MORRISON-BEEDY, Dianne. Smoking, substance use, and mental health correlates in urban adolescent girls. *Journal of Community Health*, v. 36, n. 4, p. 552-558, 2011. <https://doi.org/10.1007/s10900-010-9340-8>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ministério da Saúde. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv43063.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.
- DIMENSTEIN, Magda; LIBERATO, Mariana Tavares Cavalcanti. Desinstitucionalizar é ultrapassar fronteiras sanitárias: o desafio da intersectorialidade e do trabalho em rede. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68442>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes: pesquisa nacional de saúde dos escolares. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 14, supl. 1, p. 166-177, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2011000500017>
- MASON, Michael J. Mental health, school problems, and social networks: modeling urban adolescent substance use. *The Journal of Primary Prevention*, v. 31, n. 5, p. 321-331, 2010. <http://dx.doi.org/10.1007/s10935-010-0227-3>

- MASON, Michael J; KORPELA, Kalevi. Activity spaces and urban adolescent substance use and emotional health. *Journal of Adolescence*, v. 32, n. 4, p. 925-939, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.08.004>
- MENDES, Eugênio Vilaça. *O cuidado das condições crônicas na atenção primária à saúde: o imperativo da consolidação da estratégia da saúde da família*. Brasília: Organização Pan-americana da Saúde, 2012.
- MILGROM, Peter et al. Areca use among adolescents in Yap and Pohnpei, the Federated States of Micronesia. *Harm Reduction Journal*, n. 26, p. 10-26, 2013. <https://doi.org/10.1186/1477-7517-10-26>
- OLIVEIRA, Evaldo Melo de; SANTOS, Naide Teodósio Valois. A rede de assistência aos usuários de álcool e outras drogas – em busca da integralidade. In: SANTOS, Loiva Maria De Boni (Org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre, RS: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. p. 71-86.
- PAIVA, Fernando Santana de; COSTA, Pedro Henrique Antunes da; RONZANI, Telmo Mota. Fortalecendo redes sociais: desafios e possibilidade na prevenção ao uso de drogas na atenção primária à saúde fortalecendo redes sociais. *Aletheia*, Canoas, n. 37, p. 57-72, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942012000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 ago. 2018.
- PINHO, Leandro Barbosa de; HERNÁNDEZ, Antonio Miguel Bañon; KANTORKI, Luciane Prado. Serviços substitutivos de saúde mental e inclusão no território: contradições e potencialidades. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 9, n. 1, p. 28-35, 2010. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v9i1.6824>
- RANGEL, Rosiane Filipin et al. Avanços e perspectivas da atuação do enfermeiro em estratégia saúde da família. *Cogitare Enfermagem*, v. 16, n. 3, p. 498-504, 2011. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v16i3.24223>
- RAUPP, Luciane; MILNITSKY-SAPIRO, Clary. Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 26, n. 4, p. 445-454, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000400005>
- REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; ROCHA, Ruth Millus. Visita domiciliar de enfermagem em saúde mental: ideias para hoje e amanhã. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 4, n. 2, p. 36-41, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/758/828>. Acesso em: 11 ago. 2018.
- STEVENS, Sally J. et al. Gender differences in substance use, mental health, and criminal justice involvement of adolescents at treatment entry and at three, six, twelve and thirty month follow-up. *Journal of Psychoactive Drugs*, v. 36, n. 1, p. 13-25, 2004. <https://doi.org/10.1080/02791072.2004.10399720>
- SILVA, Carolina Carvalho et al. Iniciação e consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e adultos jovens de Centro de Atenção Psicossocial Antidrogas/CAPS-AD. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 737-745, 2014. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.15922013>
- SILVA, Cristiane Batista da; SANTOS, Josenaide Engrácia dos; SOUZA, Rozemere Cardoso de. Estratégia de apoio em saúde mental aos agentes comunitários de saúde de Salvador-BA. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 153-160, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000100015>
- TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- VASTERS, Gabriela Pereira; PILLON, Sandra Cristina. O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 317-324, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000200013>
- VINHA, Iris Renata. Cenário da assistência em saúde mental/uso de substâncias psicoativas na região de saúde de Piracicaba, São Paulo, Brasil. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v. 7, n. 1, p. 25-31, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v7i1p25-31>
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Resolution WHA 56.25: The role of contractual arrangements in improving health systems' performance*. 28 May 2003. Available at: [https://apps.who.int/gb/archive/pdf\\_files/WHA56/ea56r25.pdf](https://apps.who.int/gb/archive/pdf_files/WHA56/ea56r25.pdf). Accessed on: 22 jul. 2016.
- ZAMBENEDETTI, Gustavo; PERRONE, Claudia Maria. O processo de construção de uma rede de atenção em saúde mental: desafios e potencialidades no processo de Reforma Psiquiátrica. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 277-293, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312008000200005>

## “O Fuzzil aqui não mata, recita poesia”: processos de identificação a partir da poesia de Fuzzil★

Elisabete Figueroa dos Santos  \*\*

Centro Universitário Central Paulista, São Carlos, SP, Brasil

### Resumo

*Este artigo teve por objetivo analisar a literatura do poeta Fuzzil, de modo a identificar em seus textos representações acerca de seus momentos identitários. Para tanto, analisamos trechos de suas três obras, “Um presente para o gueto” (2007), “Caturra” (2012) e “Céu de Agosto” (2013), bem como uma entrevista com o autor. Verificou-se que à medida que o poeta é interpelado pelas artimanhas poéticas e negras de recitais periféricos e de autores e versadores negros, é também convocado a explorar possibilidades para suas articulações enquanto escritor e versador antes apenas timidamente tangenciadas. Constata-se, assim, em Fuzzil, a transformação de realidades massacrantes em poesia, por meio de novos significados, como formas ativas de localizar-se como produtor de si, de localizar-se como sujeito e de subverter a posição de invisibilidade pública e política – e, por que não, poética? – socialmente imposta aos seus antecessores e a muitos pares de sua época.*

*Palavras-chave: Fuzzil; poesia; identidade negra; literatura periférica.*

## “This Fuzzil does not kill, he recites poetry”: identification processes from Fuzzil poetry

### Abstract

*This article aimed to analyze the literature of the poet Fuzzil, in order to identify in his texts representations that announce his identity moments. Therefore, we analyze excerpts of his three works “Um presente para o Gueto” (2007), “Caturra” (2010) and “Céu de Agosto” (2013) and an interview with the author. We verified that when the poet is asked by the poetic and Black wiles of peripherals recitals and Black authors and reciters, he is called to explore possibilities for his joints as a writer and reciter previously only timidly exploited. It appears, thus, to Fuzzil, the processing of punishing realities into poetry, through new meanings, as active ways to locate him as a producer of himself, to be located as a subject and subvert the public and policy invisibility position - and, why not, poetic? - socially imposed on its predecessors and on many pairs of his time.*

*Keywords: Fuzzil; poetry; black identity; peripheral literature.*

### Introdução

A exclusão constitui um atentado à identidade dos sujeitos. Contudo, do conflito com a realidade da subalteridade e da não aceitação num sistema de privilégios de poucos, como se pode depreender do cenário das relações étnico-raciais no Brasil, os sujeitos excluídos simbólica e/ou concretamente, forjam tentativas de positivar sua situação e, conseqüentemente, de estabelecer novas bases, nas quais suas identidades sejam preservadas. De acordo com Deschamps e Moliner (2009, p. 43):

A “ameaça à identidade” é antes de tudo considerada como decorrente da inferioridade de um agente social numa dada situação. Os agentes sociais que tomam a iniciativa da diferenciação, da inovação, seriam aqueles que são negados por aqueles que lhe são superiores, aqueles que ocupam uma posição irremediavelmente inferior nas dimensões da comparação. Esta posição numa escala social colocaria em questão sua identidade e induziria, por isso mesmo, tentativas de “desmarcar-se” daqueles aos quais se comparam, de criar novos critérios de comparação em função dos quais eles são diferentes e, deste modo, tornam-se incomparáveis e escapam de sua inferioridade.

Os atores sociais não são, portanto, passivos diante da condição de inferiorização. Pelo contrário, tecem variadas formas para ressignificar sua situação, seu lugar social e sua identidade.

Essas questões são tornadas visíveis nos discursos literários, nos quais o negro é tomado como objeto e evidenciam-se as formas pelas quais eles são representados. Na literatura corrente, o negro é visto a partir de uma ótica eurocentrada, vindo à tona os estereótipos: negro pervertido, escravo demônio, negro infantilizado, negro vítima, escravo nobre, entre outros, como aponta Proença Filho (2004). Contudo, o negro é deslocado da posição de objeto para uma posição de sujeito, numa perspectiva mais ativa e comprometida, a partir de um tipo de discurso que brota justamente das margens, a literatura periférica. Esta literatura pode ser entendida como uma proposta de agenciamento político que tensiona o estabelecido. É uma produção dada no interstício entre a oralidade e a norma culta.

Silva (2011) propõe a aproximação entre as ideias de literatura negra e literatura periférica a partir de uma intersecção histórica, espacial e política, uma vez que ambas apontam para manifestações essencialmente mobilizadoras rumo a um projeto de produção de novos discursos e representações e, portanto, de ressignificação.

\*Agência de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP

\*\*Endereço para correspondência: Centro Universitário Central Paulista, Campus 1. Rua Miguel Petroni, 5111 - Loteamento Habitacional São Carlos 1. São Carlos, São Paulo, SP – Brasil. CEP: 13563470. Email: [bete.figueroa@gmail.com](mailto:bete.figueroa@gmail.com)  
Os dados completos da autora encontram-se ao final do artigo.





Por meio desta literatura, os negros periféricos trazem para a página suas histórias, seus relatos, seus cotidianos de desigualdades e enfrentamentos, bem como seu anseio pela própria afirmação. A designação como literatura negra vincula-se ao significado restrito e emerge no bojo de uma situação histórica dada, configuradora da reivindicação pelos negros de determinados valores caracterizadores de uma identidade própria. Essa identidade e sua presença forjadora e aglutinadora da comunidade em que o grupo étnico se situa seriam elementos decisivos na luta pela eliminação das discriminações e pela conquista do lugar que lhes pertence de direito e que o grupo dominante insiste em negar ostensiva ou disfarçadamente (PROENÇA FILHO, 2004).

Segundo Silva (2011, p. 104),

A literatura opera como uma arma contra o esquecimento. No caso dessa nova configuração da ideia de marginalidade, a operação da memória coletiva, aliada a um espaço geográfico e a grupos sociais ocupantes desse espaço, trata da condição marginal como elemento identitário inalienável. A matéria-prima literária e o que uniria esses escritores, portanto, estaria dada a partir de seu lugar de enunciação, do qual não poderia ou não deveria abrir mão.

A literatura produzida nas margens está, intimamente, atrelada ao lugar social do sujeito que produz tal manifestação, tanto quanto é produto de sua identidade social. Logo, a literatura periférica é uma produção que se dá nos entremeios sociais, primando por problemáticas, tipos de discurso, estéticas e modelos de produção e divulgação distintos daqueles que são praticados pelos padrões valorizados socialmente e que circulam nos grandes circuitos. Essa literatura relata e produz novas formas de se ver e pensar a vivência nas margens. Se, por um lado, a realidade periférica passa a ser acessada por aqueles que estão longe das periferias, por outro, aqueles que partilham do cotidiano periférico veem o seu dia a dia relatado nos livros, o que pode repercutir positivamente tanto pela possibilidade de esses sujeitos enxergarem-se nas páginas que estão sendo produzidas quanto pela identificação com aqueles que assumem outras posições e identidades: os autores, editores, poetas, etc. Atribui-se, assim, outros significados aos espaços e práticas periféricos.

Ao problematizar questões próprias às periferias, é bastante incidente o recurso às temáticas raciais. Dessa forma, os preconceitos, os escárnios, as lutas, vitórias e manifestações negras são postas em questão. Das margens, aventam-se estratégias para estabelecer um novo cenário para a periferia, destituindo-a do contraponto em relação ao centro, como sobras das cidades e projetos inacabados. Essas e tantas questões de carência de meios de vivência e sobrevivência são relatadas e denunciadas. A partir daí, somam-se a criatividade, a capacidade, a astúcia que habita os bairros que estão à margem. Essas demandas são expressas nos textos que são produzidos pelos autores periféricos, bem como por qualquer indivíduo que queira partilhar seus escritos nos saraus. Os saraus tornaram-se, portanto, estímulo e fortalecimento para que o movimento se avultasse e proliferasse.

Segundo Oliveira, Souza e Silva (2009), podemos entender a arte através de ação do pensamento, com a intenção de criar multiplicidades, de novas e várias formas de enxergar e se posicionar no mundo, cuja ideia da criação artística se dá por meio de afetos, percepções e sensações que podem ser inseridas sob uma perspectiva crítica acerca da sociedade e de uma visão histórico-social da humanidade.

Diante de tais apontamentos, este artigo tem por objetivo analisar a literatura de Fuzzil, poeta negro e periférico, traçando um paralelo entre os momentos de seu fazer poético e seu processo de identificação como negro. Pretende-se, especificamente, identificar nos textos de Fuzzil representações que anunciem seus momentos identitários. Para tanto, analisamos trechos de suas três obras, *Um presente para o gueto* (FUZZIL, 2007), *Caturra* (FUZZIL, 2012) e *Céu de Agosto* (FUZZIL, 2013), bem como apresentamos uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) de uma entrevista realizada com o autor.

#### **Artimanha poética: com a palavra, Fuzzil**

Fuzzil é o pseudônimo assumido por Levi de Souza, poeta negro nascido no ano de 1976, na cidade de São Paulo/SP. Morador do bairro Capão Redondo – zona sul –, Fuzzil foi alfabetizado já adolescente, quase adulto, pela irmã mais velha. Engajou-se em diversas atividades profissionais; trabalhou como manobrista, serralheiro, segurança, vendedor de água e refrigerante em frente aos estádios, ajudante de pedreiro, entre outras, até começar a atuar como rapper e arte-educador em projetos sociais e em outras iniciativas. Por volta do ano de 2005, o rapper e poeta se insere no circuito dos saraus periféricos. Em 2007, publica seu primeiro livro de poesia, *Um presente para o gueto*, editado pelas Edições Toró. Lançou seu segundo livro, *Caturra*, pelo selo Elo da Corrente Edições. Em 2013, publicou o terceiro: *Céu de agosto*, e em 2017, sua quarta obra, *Um abrigo contra a tempestade*, ambos pela A.P.L. (Academia Periférica de Letras).

Sua aproximação da cultura hip hop lhe trouxe elementos de pertencimento e inspiração para posicionar suas pautas. Como diz o poeta, “o hip hop me despertou para outras coisas. Comecei a prestar atenção no que eles ‘tavam’ falando. Comecei a pensar que aquilo tinha a ver comigo... era igual na minha história” (Entrevista com o autor).

Essa inspiração, tanto quanto aquela advinda do seu trânsito pelo sarau da Cooperifa – entre outros saraus periféricos –, vai resultar na publicação do seu primeiro livro, o *Um presente para o gueto* (2007). Esta obra incorpora para o autor um marco em seu processo de afirmação, superando as adversidades de uma não alfabetização formal, mas que aconteceu com letramentos outros: articulados pela irmã e por sua inserção no universo das poesias. A poesia, seja no movimento *Rap*, seja nas declamações dos saraus periféricos, desloca o poeta de um não-lugar no mundo das letras e o situa no lugar na autoria, de sujeito que articula as palavras para dar novos significados a suas práticas e alcances.

Sua primeira obra é, portanto, fundamental para marcar uma posição como autor periférico, tanto que Fuzzil a dedica à escola em que se formou: o gueto. Em *Um presente para o gueto*, Fuzzil (2007) expressa suas influências estilísticas até então e demarca a intenção de exploração das rimas, dos versos.

*Na verdade, eu comecei tipo fazendo rima, a ideia era brincar com as palavras, sabe... catar... viajar bem... nesse sentido de brincar com as palavras. Não tinha um foco ou temática, tal... Então, a ideia aí era esta: brincar com as palavras. E eu brinco mesmo. Inclusive tem o caso da "Revolta", que é uma poesia em que eu quero brincar mesmo com a palavra: 'Revolta. Re-vol-ta. Rê, volta porque te amo.' Então, tipo, a ideia sempre foi querer abusar disto, entendeu? (Entrevista com o autor).*

Neste livro, então, o autor confirma que a discussão racial é apenas tangenciada. Essa ausência seria, segundo o autor, devida ao entendimento de que afirmar-se negro ou marcar deliberadamente o debate racial implicaria ofender o branco. Este receio está atrelado tanto ao silenciamento aprendido como à dificuldade de entender-se como sujeito de direitos e protagonista de seus discursos.

*A questão do negro e tal... Até então, no começo, eu não tinha. Inclusive no Um presente para o gueto... ele até sai [dessa discussão]. Tem uma poesia que fala... mas, meio que tímido, meio com medo. Não assumia, não tinha aquela coisa... de bater no peito: "nós somos!" Eu tinha vergonha... no sentido de ofender um amigo branco... Sabe? Nós brincávamos muito de falar, mas tínhamos o cuidado pra não ofender o branco e tal. Era esta a minha preocupação e ia fazendo meu trampo... Eu tinha esta visão porque foi o que foi passado pra mim... que eu aprendi... (Entrevista com o autor).*

A ruptura do horizonte simbólico africano, advinda do sistema escravocrata, é um fato de grande relevância que pode nos auxiliar na reflexão sobre como a subjetividade de afrobrasileiros é construída a partir das vivências e confrontos com as representações sobre a negritude. As formas opressivas que foram imprimidas, a partir da prática escravocrata, sobre a população negra geraram um redirecionamento na constituição de suas subjetividades. A essa parcela da população eram impostas ações condizentes com o cotidiano do colonizador, de acordo com o padrão normativo das relações cotidianas, direcionando o escravizado a formatar-se conforme os valores brancos (ANDRÉ, 2007).

Cabe considerar que a vinda dos escravizados para os países da diáspora negra – bem como o contato com “outros” territórios, culturas, sujeitos, etc., dada a estrutura racial hierárquica vigente – operou uma desestabilização tal nas identidades culturais de africanos e seus descendentes que colocou em causa as possibilidades de edificações de identidades estáveis e integradas.

Por isso, os silenciamentos de Fuzzil no início de sua produção autoral. Por isso também o receio de “ofender o branco” ao afirmar-se negro.

*Minha vivência é outra. Eu, por exemplo, na escola não tinha isso. Não tinha uma base no círculo familiar... Não tinha ninguém que trabalhava essa questão comigo. E, aí, a*

gente vem sofrendo desde pequeno. Desde pequeno eu não tive uma orientação. Eu vim descobrir essas coisas através do movimento, participando de sarau... e até mesmo dentro do hip hop, porque eu venho do hip hop. Entendeu? Eu não tive acesso a nenhuma informação sobre isso, aquilo, tal. Sofria pra caramba calado, entendeu? É triste... coisa demais, piadinhas... né? (Entrevista com o autor).

Diante disso e de acordo com as elucidações de Souza, N. (1983), é possível entender como, para o negro, pensar sobre a identidade negra redonda em sofrimento psicológico, devido às representações pejorativas difundidas socialmente. Nessa medida, as funções simbólicas do negro encontrar-se-iam, sob dadas circunstâncias, forçadas a não representar a identidade de modo a aglutinar a ela signos negros. Há a alterização das características que remetam ao negro, rechaçando para si o contato com tais elementos.

Belgrave et al. (2002) relatam quão difícil é para o negro assumir-se como vítima de preconceito, sugerindo haver no Brasil um acordo pelo silenciamento: as relações raciais estão imersas numa atmosfera em que as evidências de contradição são subsumidas ao mito da democracia racial. Todos dizem conhecer alguém que foi vítima de racismo ou que é racista, mas ninguém se admite racista e há uma terrível dificuldade de assumir-se vítima de preconceito racial.

As distorções e negações relativas àquilo que remeta ao negro e sua cultura, pautadas no silenciamento e na invisibilização, portanto, na repressão de objetos e significados relativos, criam uma zona estanque, quase inacessível, mas continuamente alimentada pelas práticas sociais. Remete-se àquilo que “não deve ser dito”, seja pela dificuldade de acessar esses conteúdos, seja pela sua relação com o politicamente incorreto. Isso faz com que se torne dificultoso o debate sobre o racismo, por exemplo. Pois as pessoas veem, mas não enxergam as disparidades raciais. Ou, quando enxergam, remetem-nas a toda e qualquer circunstância que não o racismo. Isto se dá em função do abafamento provocado pelo mito da democracia racial: que organiza a sociedade a praticar e receber o racismo sem deflagrá-lo ao certo; além disso, a crença na ideia de estarmos vivendo uma democracia das raças paralisa as possibilidades de se pensar sobre as relações que realmente estão na base do racismo e das desigualdades raciais.

*Não é à toa que o meu apelido veio do preconceito. Não é por acaso que eu sou arma de fogo! [...] Eles, eles queriam me chamar de fusível, “Ô fusível queimado!” Mas não falavam ‘fusível’, falavam ‘fuzil’. “E aí fuzil queimado”? Só que eu fui amadurecendo, eu fui pensando... Eu fui transformando numa coisa positiva. Como já tá bem arraigado esse apelido, já faz tempo que eu carrego ele, vou usar pro lado bom... Daquilo que eles chamam “fusil” querendo dizer “fusível”, eu vou usar como “fuzzil” mesmo, vou usar como uma arma, mas que a minha arma seja a caneta, seja o caderno, sejam os livros, entendeu? (Entrevista com o autor).*

Sobre esta questão, Fuzzil fala em seu poema “O vulgo”:

Muitas pessoas me perguntam/ O porquê do apelido/ Uns acham engraçado/ Outros acham esquisito./ Na verdade esse vulgo/ Vem da minha infância/ Vem do preconceito/ De pessoas ignorantes./ Já fui muito criticado/ Também discriminado/ Hoje aclamado/ Pelo trabalho que faço./ Sempre de cabeça erguida/ Passando por cima de obstáculos/ Posso dizer que sou um vencedor/ Um verdadeiro guerreiro nato./ O que passou, passou/ Hoje é outra fita./ O Fuzzil aqui não mata./ Declama poesia (FUZZIL, 2012, p. 9).

A ressignificação observada tanto na literatura do Fuzzil quanto no seu modo de colocar-se sujeito no mundo partiu, portanto, da própria necessidade de entender-se como sujeito. De “fusível queimado” para Fuzzil, de arma de fogo, para poeta, escritor, declamador de poesia. Há, portanto, uma primeira fase de suas vivências pautada pela discriminação, pelo receio de travar o embate; o que está relacionado com uma produção literária também menos combativa. Contudo, ao assumir a posição de versador, Fuzzil associa outros significados à sua identidade: não mais pela via da negação, pelo estereótipo, mas dizendo-se poeta e fazendo de si e de suas marcações identitárias poesia e vice-versa. Além disso, sua articulação nos espaços culturais, saraus, etc. ampliou suas apreensões sobre suas possibilidades não só no fazer poético, mas também como sujeito de direitos.

*Eu sofri várias coisas. Não debatia, não sabia dos meus direitos, assim... Por exemplo, eu fui convidado pra fazer um recital numa escola, por uma professora. A professora perguntou pros alunos qual a referência de uma pessoa que faz cultura, faz arte na quebrada e me indicaram. Esta professora veio me convidar pra ir lá e fui. Coração aberto! Porque eu gosto de participar, dar atenção pras pessoas, tal... Só que eu fui barrado pela diretora. Ela não deixou eu entrar. Não deixou! Falou que eu não ia entrar! E eu não sabia brigar por isso. Eu não brigava, aceitava, abaixava a cabeça e ia embora. Já passei por várias... Hoje não! Hoje a gente vai debater... A gente vai bater de frente, vai falar: sei os meus direitos e é isso! Eu tô mais confiante. Eu não tenho medo de estar numa faculdade, de falar pra vários... Hoje, eu vou de cabeça erguida! Falo com mais firmeza mesmo. E... eu acredito que os livros, eles me dão essa energia também, porque eles me deixam mais forte, entendeu? [...] (Entrevista com o autor).*

Em *Um presente para o gueto* (2007), Fuzzil apresenta poemas que tratam especificamente da questão racial, como é o caso do poema “De A a Z”, em que o autor elenca palavras iniciadas por cada uma das letras do alfabeto que remetem às culturas africana e afro-brasileira. Há também o “Preto do gueto”, em que o autor se afirma “preto do gueto” e solicita que não o chamem ou denominem por meio de subterfúgios. O que se percebe, contudo, é que estes poemas são oásis, eles brotam isolados em meio a uma vastidão de poemas que problematizam as questões social, periférica, amorosa, entre outras temáticas.

Neste contexto, é declarado o papel que a literatura, os saraus e os debates sobre relações raciais desempenharam para a produção de outro Fuzzil: mais afirmativo, mais seguro e assertivo. Tais posicionamentos também

reverberam nos poemas e textos do autor. Essas questões são explicitadas em seu poema “Resistência” (FUZZIL, 2012, p. 79-80):

Meu poema é ousado/ Sou guerreiro de Palmares/ Faço parte deste quilombo/ Sou um negro em liberdade/ Sou a voz que não se cala/ Sou o eco da senzala/ Sou a flecha no caminho/ A chama que não se apaga/ Sou filho escravizado/ Sangue, suor e lágrima/ Oriundo da mãe África/ Sou Enilda, Benedita e Anastácia/ Sou o Afrika Bambaataa/ Acredito no que faço/ Sou Lumumba, Ganga Zumba/ Evaristo e Nelson Maca/ Sou Junior Black Power/ PosseMente até a alma/ Sou King, Malcom X/ Sou a revolta da chibata/ Sou Oswaldo de Camargo/ Sou Cuti, Clementina/ Sou Dandara, Ivone Lara/ Elizandra e Pixinguinha/ Sou Zumbi, Grande Otelo/ Jovelina Pérola Negra/ Sou Curtis Brown/ James Brown/ Sou Nelson Mandela/ Sou Ângela Davis/ Marcos Murimbal/ Sou Solano Trindade/ Mumia Abu-Jamal/ Sou 20 de Novembro/ Negro em movimento/ Sou aquele sofrendor/ Lutando por meus direitos/ Sou Thaide, Mano Brown/ Paula Lima, Negro Rauls/ Jofrinho Fúria Negra/ Sou um golpe fatal/ Sou Akins, João do Pulo/ Carnaval, Capoeira/ Sou GOG, Preto Ghóez/ Sou Resistência Negra.

*Quando eu comecei, não entendia o que é, ou seja... o pensamento era: “Aí pô, vamos fazer umas poesias, que eu quero fazer com que as pessoas entendam, as pessoas da comunidade”. Porque eu não tenho uma formação de berço e tal... Minha formação é a rua. Assim eu consegui passar a minha poesia, essa minha vivência, do meu jeito, da gíria, essas coisas... Mas a poesia pra mim é algo inexplicável, muito loco! E ela vem me mostrando... Me levando pra outros lugares. Imagina eu ser convidado pra fazer, pra mostrar um trabalho nas escolas, em vários eventos. Estive participando da virada cultural, a convite do coletivo Elo da Corrente, sabe?! É... ela me tira daqui, desse mundo... E é a melhor coisa poder viajar. Até sem sair do lugar. Mas também viajando saindo do lugar, por que eu vou pra vários lugares com essa danada da poesia! (Entrevista com o autor).*

Os discursos produzidos e compartilhados no âmbito dos saraus e das articulações artísticas periféricas convocam Fuzzil a pensar e propor uma forma outra de fazer arte, prosa, poesia e de posicionar-se enquanto poeta, versador e ativista. Neste contexto, a literatura é representada como meio de alçar novas formas de identificação, mas também de alcançar outros espaços e posições sociais. Nisto, os saraus desempenham importante papel na divulgação das ideias e poesias.

No entanto, a relação do autor com os saraus, como ele próprio declara, é determinante, porém fluida: Fuzzil circula por vários saraus por meio de sua poesia. Os universos que se abrem a Fuzzil e sua poesia a partir de suas artimanhas poéticas, ao reconhecerem Fuzzil como referência literária e periférica, reforçam para sua própria comunidade a relevância de que os significados e debates propostos por Fuzzil, por meio de sua poesia, sejam audíveis e apropriados pelos jovens e adolescentes de suas comunidades, sobretudo aqueles cujas trajetórias de lutas e superações encontrem algum paralelo nas experiências descritas e problematizadas por Fuzzil. Como salientam os relatos posteriores:



*Então, isto também é pra mostrar pra muitos dentro do bairro que há possibilidade, que tem como a gente se envolver com arte, cultura... Geralmente o pessoal da comunidade, da periferia mesmo, favela... que se espelham em quem tá mais próximo... e a molecada tem o crime, essas coisas. Eu venho quebrando essa barreira, mostrando que é possível fazer uma coisa, subir, crescer na vida, culturalmente mesmo... sempre adquirir informação. Como que eu falo que a poesia é mágica? Eu fiz um ano de faculdade. Um ano de Letras. Tranquei por motivos de emprego. Mas, depois que eu saí da faculdade, fui convidado pra fazer palestra, pra falar do meu trabalho, da minha caminhada, das coletâneas, de prêmios, essas coisas que a gente ganha... troféu, homenagem, essas coisas... Pô... jornalista veio fazer uma matéria comigo no bairro! E o pessoal viu isso! Vê que... o cara está no caminho certo... Eu tenho contato com todo mundo, entro em becos e vielas, conheço toda a quebrada, e tenho respeito. Eles me respeitam em qualquer lugar, a qualquer hora, né?! [...] (Entrevista com o autor).*

*Eu sempre trabalhei com a linguagem do gueto, da quebrada... falando ali da pipa... de jogar bola. Teve essa preocupação. Sempre teve. E, entre essas pessoas de quem eu falo, a maioria é negra. Entendeu? Então, tá junto. Não que seja cem por cento a chave do rolê! Eu vou continuar brincando com as palavras, tratando de outras coisas também... Falar da mulher, falar da quebrada... Entendeu? Mas agora tô esperto. E quando eu vou fazer até mesmo letra de rap, tem que ter a questão, tem que falar do negro, tem que valorizar a nossa imagem, história, tal... E eu tô preocupado assim... É favela! Tudo entra nos meus textos, entendeu? Eu conto o que mais sinto, da minha área, o que eu me identifico... Que é a minha cara, o que eu vejo no dia a dia na rua... Então, vou continuar falando do meu povo, de quem eu sou. [...] (Entrevista com o autor).*

Fuzzil afirma que sua poesia é dada a partir de seu universo: daquilo que vive, do que vê, do que experiencia em seu trânsito pelos locais de referência, pelas pessoas da “quebrada”, suas paisagens, afetos e memórias. Logo, quando Fuzzil afirma tratar de suas demandas imediatas, falar de si e do que lhe compõe como sujeito e como poeta, o autor está também afirmando que sua poesia é marcada pelas representações de sua identidade, por suas posições enquanto poeta, sujeito e ativista. À medida que trata do que integra seu universo, ao mesmo tempo em que narra as formas como suas poesias foram se inovando e incorporando a preocupação com outras temáticas e estéticas, Fuzzil também pontua se tais preocupações são incorporadas à sua poesia, mas não a limitam... O poeta continua pautando questões outras, que podem por vezes estar interceptadas pelas demandas étnico-raciais, mas não se tornou imposição.

Percebe-se que *Céu de agosto* (FUZZIL, 2013), mais recente livro do autor, segue a esteira de *Caturra* (FUZZIL, 2012), com poesias incisivas que tratam da temática racial e questionam as desigualdades que colocam os negros em desvantagem. Exemplo disso é a poesia “Pente quente”:

*Tá aqui o pente/ Tá aqui o pente/ Taque o pente/ No lixo./  
Esse pente/ Não me penteia/ Esse pente/ Não nos penteia./  
Em outrora/ O ferro feria/ Prendia meu povo/ Na noite fria./  
Muitos/ Brutalmente/ Marcados a ferro quente./ Esse pente/*

*Queima o couro/ Queima o fio/ Queima o povo./ Meu cabelo crespo/ Armado, escuro/ Meu cabelo Black/ Black'tude./  
Tá aqui o pente/ Tá aqui o pente/ Taque o pente/ No lixo (FUZZIL, 2013, p. 55-56).*

Fuzzil aponta outros autores de literatura negra com os quais dialoga, cujas produções literárias o interpelam e às quais em diversos momentos suas poesias respondem:

*Inclusive, tem a poesia “O pente” em que eu falo da questão do pente, né... que esse pente, que é um pente de ferro, não nos penteia... Tem uma sobre resistência, que cita alguns nomes, escritores negros, alguns dos artistas que eu conheço e eu estou mais confiante, sabe?! Eu falo mais, com mais autonomia e seguro a bronca! Passei a fazer pesquisa, conhecer outros escritores, tal... ler Oswald de Camargo... Carlos Assumpção, Michel Yakini, os caras assim... Eu vejo que a literatura dos caras é essa pegada: assume e é isso mesmo! Eu estou tentando seguir esse passo. É um processo, né? Eu estou aprendendo, tô me dedicando, valorizando mais. Mas a ideia é essa: mostrar pra outros que a gente tem que falar sim da nossa raiz, falar sobre a história... (Entrevista com o autor).*

A (des)conformação da zona muda sobre as relações raciais é algo que se deve dar numa dimensão psicossocial, articulando representações, práticas e relações sociais. Romper com essa zona muda e desestabilizar um sistema de representações em alguma medida imobilizado não são tarefas simples e imediatas. Isso requer questionar o óbvio, dialogar com os defensores de máximas, seduzir o estabelecido à mudança, recompor as relações e as representações sociais e reivindicar a contemplação da diferença afirmada também na esfera pública. Assim, abrir-se-ia a possibilidade de ressignificação das identidades de brancos e negros.

Conforme apontado por Domingues (2002), diante de um quadro de constante atentado à sua identidade, o negro brasileiro apresenta evidentes dificuldades para identificar-se africano. A negação da ancestralidade africana deve ser entendida como um mecanismo simbólico de fuga, de busca por uma autoproteção em relação aos discursos desqualificantes.

É possível, assim, traçar um paralelo entre o processo de desenvolvimento literário de Fuzzil (temas, formas de escrita, inspirações etc.), o processo de construção de sua identidade étnico-racial e a forma como a questão racial é debatida nos seus textos. Conforme se procurou demonstrar, a produção literária de Fuzzil passou por transformações à medida que o autor e poeta tomou contato com conhecimentos, temas e debates que antes lhe foram interditados por práticas discriminatórias, que referendam determinadas formas de conhecimentos em detrimento de outras. Ao ser interpelado pelas artimanhas poéticas e negras de recitais periféricos e de autores e versadores negros, Fuzzil é convocado a explorar possibilidades para suas articulações como escritor e versador, antes apenas timidamente tangenciadas.

A universalidade de enunciações poéticas é, em grande medida, uma aspiração, longe de ser concreta. As produções literárias são sempre marcadas pelas identidades



e representações daqueles que as constroem. Diante das referências que passam a inspirar a poesia de Fuzzil, ele passa a aglutinar sua identidade a significados compartilhados sobre a periferia e suas negritudes. O tratamento, a importância e a centralidade dada a tais temáticas seguem o fluxo dos movimentos que perpassam sua identificação: de uma postura não combativa, em que não há enunciação de sua ascendência; do debate ainda tímido sobre a dinâmica racial e sua intersecção com a questão periférica, para o debate mais incisivo. Seu trânsito pelos saraus e coletivos negros afirmativos o convoca a produzir outros discursos.

É possível estabelecermos um paralelo entre esse movimento de resgate de simbologias e significados negros por meio da articulação poética periférica e o que se chamou de movimento de negritude. Esse movimento constituiu-se numa forma de articulação literária voltada à valorização dos signos negros e de problematização e denúncia da dominação cultural e da opressão do capitalismo colonialista. Sua atuação alcançou diversos países e foi incorporado e (re)produzido por importantes escritores, poetas e ativistas de várias regiões, a exemplo de Aimé Césaire. Conforme aponta Domingues (2005), no campo ideológico, a negritude pode ser representada como processo de aquisição de consciência racial em meio a todas as empreitadas que pressionam as relações e organizações sociais para a promoção da alienação acerca das implicações da inscrição racial de sujeitos e coletivos. Já na esfera cultural, negritude diz respeito a um movimento de enaltecimento de manifestações culturais de matriz africana. Ferreira (2006, p. 170-171) afirma que “Césaire funda, ao criar a palavra, uma nova poética, e, a partir dali, os primeiros textos da negritude seriam poemas em que o novo signo transitaria de maneira imprecisa”. Domingues (2005) propõe que a palavra negritude foi solicitada pelo movimento com o propósito de cunhar e atribuir um significado oposto, uma tentativa de ressignificação com vistas à afirmação e ao estabelecimento do orgulho racial, de modo a edificar novos sentidos para a palavra “negro” e para a própria condição de ser negro.

Fuzzil (2007), a partir de *Um presente para o gueto*, assume-se como poeta negro e passa a problematizar a realidade de seus iguais de forma mais presente e incisiva. Em *Céu de agosto*, nota-se um Fuzzil (2013) que se apropria do debate racial sem, contudo, fazer de seu terceiro livro um manifesto poético pautado unicamente por questões de ordem étnico-racial.

Constata-se, assim, na produção da literatura, a transformação de realidades massacrantes em poesia e a produção de novos significados, como formas ativas de localizar-se como produtor de si, de localizar-se como sujeito e de subverter a posição de invisibilidade pública e política e – por que não? – poética, socialmente imposta aos seus antecessores e a muitos pares de sua época. Advogamos, assim, uma noção de identidade em que o sujeito é protagonista, conforme se pode evidenciar a partir da trajetória de Fuzzil. Diante das representações que são forjadas em seus grupos de referência e dos discursos que o interpelam, o poeta assume posições-de-sujeito de forma ativa.

## Considerações finais

As identidades são a chave que posiciona o prisma pelo qual enxergamos os objetos do mundo e que, portanto, nos informa quais objetos nos são plausíveis ou não. Como sugerido anteriormente, por meio da literatura dá-se a conhecer a perspectiva de quem a produz. Não de forma solipsista, mas como resultante dos processos representacionais que compõem e atravessam os sujeitos e suas identidades e, portanto, expressam-se em suas textualidades.

Dominar os meios e modos de produção literária, portanto, configura uma engenhosa estratégia para os sujeitos que são construídos a partir de estereótipos e representações sociais prescritivas. A literatura funciona como veículo para se desvelar tópicos e elementos suprimidos; para salientar outros sentidos cabíveis a objetos cujos significados atribuídos sejam negativos; e para posicionar-se como produtor de conhecimento, uma vez que tradicionalmente as letras têm sido ferramentas de acesso privilegiado para uma elite branca, o que fez com que as margens integrassem essa produção quase que exclusivamente como mote e por meio de distorções. Assentar-se sobre os marcos da marginalidade, constituir e ser constituído pelos pontos de cisão de discursos e representações sociais, são causas para esforços contínuos de contestação e de posicionamentos identitários.

Por meio da análise das três primeiras obras de Fuzzil, bem como de seus relatos e histórias de vida – coletados em entrevista –, pôde-se perceber que a adesão ao movimento poético periférico reverberou na produção de significados outros para sua identidade negra. No contexto dos saraus, os cabelos crespos, origens quilombolas, vinculação com a periferia, etc. passam a ser ganhos simbólicos, o que reforça a ideia de não mais abafar tais características, mas investir em evidenciá-las.

Salientam-se os cabelos, os apelidos, as formas de vestir, as formas de escrita etc. Os saraus intervêm no processo de construção das identidades raciais por meio da edificação de um espaço em que os símbolos, as estéticas e o protagonismo negros são valorizados. Por meio da literatura, da poesia e da arte de maneira geral, negociam-se significados, representações e posições-de-sujeito. Empreendem-se letramentos de reexistência (SOUZA, A., 2009).

A poesia, a arte, a cultura de maneira geral, têm a capacidade de provocar o deslocamento do sistema de representação por meio da sedução e da criatividade embutidas na elaboração artística. Depreende-se, assim, que nem todas as fissuras que corroem as formas de dominação tomam a forma de rompimentos espetaculares, nem se exprimem sempre pela irrupção singular de um discurso de recusa ou de rejeição. Ao contrário, com frequência, elas brotam no interior do próprio consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação encontra-se reempregada para marcar uma resistência.

As poesias e relatos de Fuzzil elucidam um fazer poético que se relaciona às suas identidades através de nuances relativas ao processo de identificação percorrido pelo autor. É possível, portanto, apreender momentos de

identificação cristalizados em suas poesias. Inicialmente, Fuzzil esquivava-se, de certo modo, da escrita sobre a temática étnico-racial, posto que sua identidade racial apresentava-se de maneira difusa.

Ainda que o poeta tivesse, desde muito cedo, vivenciado circunstâncias em que foi chamado a responder por ser negro, fica evidente que dessas ocasiões as principais resultantes foram as mazelas e prejuízos por assumir-se como negro numa sociedade racista. O racismo atua nessa dimensão como forma de interdição da capacidade de representar-se negro, seja pela palavra falada, seja pela palavra escrita.

A elaboração de experiências de discriminação racial é suscitada e promovida quando da integração do poeta no circuito de saraus das periferias paulistanas. Nesse contexto, ao ver seus pares questionarem as práticas de discriminação racial e propor outros significados aos quais atrelar as identidades negras, os escritos de Fuzzil, assim como sua identidade, começam a mobilizar-se.

Percebe-se, então, um momento em que o poeta inicia o debate sobre as mazelas raciais em suas poesias. Problematicando a atuação do racismo em suas trajetórias, ele assume posturas ativas no embate ao racismo e às desigualdades dele advindas. Nesse contexto, a literatura é arma, e o poeta passa a produzi-la de maneira também engajada com a causa racial: “O Fuzzil aqui não mata: recita poesia”!

#### Informações sobre a autora:

Elisabete Figueroa dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0003-2017-8845>

 <http://lattes.cnpq.br/8214192742762531>

Possui graduação (2008), mestrado (2011) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (2015). Tem experiência de pesquisa com jovens negros e em comunidades periféricas no Brasil e exterior. Concentra suas reflexões e produções na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e do Conhecimento e Psicologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: representações, relações raciais, gênero, sexualidade, movimentos de resistência e epistemicídio.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

SANTOS, Elisabete Figueroa dos. “O Fuzzil aqui não mata, recita poesia”: processos de identificação a partir da poesia de Fuzzil. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 262-268, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5719>

##### APA

Santos, E. F. (2020, Setembro/Outubro). “O Fuzzil aqui não mata, recita poesia”: processos de identificação a partir da poesia de Fuzzil. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3.), 262-268. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5719>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Santos, E. F. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Santos, E. F. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

#### Referências

ANDRÉ, Maria da Consolação. Processos de subjetivação em afro-brasileiros: anotações para um estudo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 159-167, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000200006>

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELGRAVE, Faye Z. et al. Racial identity and self-esteem among Black Brazilian men: Race matters in Brazil too! *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, v. 8, n. 2, p. 157-169, 2002. <https://doi.org/10.1037/1099-9809.8.2.157>

DESCHAMPS, Jean Claude; MOLINER, Pascal. *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2009.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 563-600, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000300006>

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2005. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2005v10n1p25>

FERREIRA, Ligia F. “Negritude”, “Negridade”, “Negricia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. *Via Atlântica*, n. 9, p. 163-184, 2006. <https://doi.org/10.11606/va.v0i9.50048>

FUZZIL. *Um presente para o gueto*. São Paulo: Toró, 2007.

FUZZIL. *Caturra*. São Paulo: Elo da Corrente, 2012.

FUZZIL. *Céu de agosto*. São Paulo: APL, 2013.

FUZZIL. *Um abrigo contra a tempestade*. São Paulo: APL, 2017.

OLIVEIRA, Marina Barbosa; SOUZA, Patrícia Silva de; SILVA, Vivian Karina da. Gênero, arte e subjetividade: o olhar ético-estético da Psicologia Social. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 8, n. 2, p. 31-38, 2009. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/938>. Acesso em: 10 out. 2016.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. 2011. 448 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280297>. Acesso em: 27 set. 2020.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

# O brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças\*

Táisa Resende Sousa,<sup>id</sup> L.★★ Regina Lúcia Sucupira Pedroza,<sup>id</sup> I Maria Regina Maciel<sup>id</sup> II

<sup>I</sup> Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

<sup>II</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## Resumo

O tema investigado é o brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças, partindo das contribuições freudianas e aprofundando os conceitos winnicottianos, sobretudo em relação ao brincar: uma noção que vai além do modo de expressão característico das crianças, relacionado à continuidade do ser. O objetivo é refletir essa temática, considerando o brincar como fenômeno transicional e experiência criativa própria à expansão do self. Duas vinhetas clínicas são trazidas, a fim de ilustrar as construções teóricas da psicanálise com crianças, do brincar, do jogo do rabisco e da melodia como fenômeno transicional. A título de conclusão, recorremos a uma série televisiva canadense, *Anne with an "E"*, para refletir sobre a vida de uma adolescente que foi adotada por uma família que conseguiu ser um ambiente suficientemente bom. Assim como nas sessões analíticas, entendemos que é preciso haver uma disponibilidade para brincar; bem como um encontro frutífero entre as pessoas para que elas possam concretizar seu potencial criativo.

Palavras-chave: brincar; experiência criativa; fenômeno transicional; psicanálise com crianças.

## Play as a creative experience in psychoanalysis with children

### Abstract

This study focuses on the play as a creative experience in psychoanalysis with children, from Freudian contributions and deepening in Winnicott's concepts, especially in relation to playing: an assumption that goes beyond the typical way children usually express themselves, regarding the continuity of the self. The objective is to reflect upon this theme, considering playing as a transitional phenomenon and creative experience peculiar to the expansion of the self. Two clinical vignettes are introduced, to illustrate the theoretical constructions of psychoanalysis with children, of playing, of the scribble game and of the melody as a transitional phenomenon. In conclusion, we used a Canadian television series, *Anne with an "E"*, as a reference and inspiration to reflect upon the life of a teenager who was adopted by a family that managed to provide the young girl a suitable environment. Just as in the analytical sessions, we understand that there must be a willingness to play, as well as a fruitful meeting between people so that they can achieve their creative potential.

Keywords: play; creative experience; transitional phenomena; psychoanalysis with children.

## Introdução

Para pensar a psicanálise com crianças, articulando-a com o brincar, consideramos necessário iniciar com as contribuições do pensamento freudiano. Em *Escritores criativos e devaneios* (FREUD, 1907/1996a), o autor discorre sobre alguns aspectos da vida infantil, introduzindo a ideia de que o brincar na infância corresponde à fantasia e à escrita criativa na vida adulta. Ambos os fenômenos (fantasia e escrita criativa) criam um mundo próprio ou, ainda, possibilitam que o sujeito adapte alguns elementos de seu mundo, tornando-os mais agradáveis. O autor afirma que tanto o escritor criando quanto a criança brincando criam um mundo de fantasia e o vivenciam com bastante seriedade. Vemos, portanto, que há algo que perpassa o adulto e a criança: o brincar criativo, que é comum ao brincar na infância e à escrita na vida adulta.

Se o brincar criativo perpassa adulto e criança, perguntamos: como fica essa experiência na clínica psicanalítica? Há alguma diferença entre o brincar de crianças e o de adultos na análise?

Ao retomar o início da psicanálise com crianças, percebemos que Freud (1909/1996b) foi desenvolvendo seus estudos a partir de sua experiência com adultos, reconhecendo a sexualidade desde a mais tenra infância. Apesar de não ter atendido nenhuma criança diretamente, deixou algumas contribuições principalmente no texto "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos". Com alguns encontros com o pai do pequeno Hans, fornecendo-lhe orientações, o autor pôde pensar algumas especificidades sobre a psicanálise com crianças (FREUD, 1909/1996b).

Para Freud, quando se analisa um adulto procura-se descobrir suas formações psíquicas, construindo hipóteses sobre a sexualidade infantil. O que o autor defende é a possibilidade de observar, diretamente nas crianças, alguns impulsos e/ou desejos sexuais que tentamos acessar por meio da fala do adulto. Nesse sentido, a psicanálise é uma medida terapêutica em que o analista oferece ao analisando uma interpretação possível de seus sintomas, para que o próprio analisando possa reconhecer e compreender seu material inconsciente. A análise trabalha a fim de que o paciente seja capaz de ter uma compreensão consciente de seus desejos inconscientes e consiga criar um sentido próprio para eles, o que acontece pela ajuda do método interpretativo. Quando Freud (1909/1996b) esclareceu a fobia de Hans em relação aos cavalos, pôde trabalhar a resistência que poderia impedir que os pensa-

\*Fonte de financiamento: CNPq

★★Endereço para correspondência: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília – DF, CEP: 70910-900. E-mails: [taisarsousa@gmail.com](mailto:taisarsousa@gmail.com), [rpdroza@unb.br](mailto:rpdroza@unb.br), [mreginamaciel@terra.com.br](mailto:mreginamaciel@terra.com.br)

Os dados completos dos autores encontram-se ao final do artigo.





mentos inconscientes se tornassem conscientes, e o próprio Hans teve coragem de descrever os detalhes desta fobia, sendo parte ativa na condução da análise.

Em outro texto, *A história de uma neurose infantil*, Freud (1918/1996e) também discorreu sobre elementos da psicanálise com criança a partir das recordações e dos sonhos que o paciente adulto trazia no consultório, sobre a história de sua infância. O sintoma veio aos dez anos, mas Freud percebeu que os acontecimentos dos primeiros anos de vida eram fundamentais para entender o quadro clínico. Logo após o aniversário de quatro anos, o paciente havia sido dominado por um distúrbio neurótico: uma histeria de angústia, na forma de fobia animal (também como no “Pequeno Hans”), só que, desta vez, de lobos, que se transformara em uma neurose obsessiva de cunho religioso.

Nesse caso clínico, o pai da psicanálise utilizou-se, junto com o paciente, do recurso do desenho, para interpretar seu sonho com os lobos. Além disso, o analisando trazia várias recordações de cenas vividas na infância, o que, para Freud (1918/1996e, p. 61), não significa que essas lembranças anteriormente inconscientes seriam sempre verdadeiras: “Elas podem ser verdadeiras; muitas vezes, porém, são distorções da verdade, intercaladas de elementos imaginários, tal como as assim chamadas lembranças encobridoras, que são preservadas espontaneamente”.

O sonhar poderia ser, então, outra maneira de lembrar e, ao mesmo tempo, de criar e imaginar. Pois uma recorrência nos sonhos pode ser a “explicação do fato de que os próprios pacientes adquirem gradativamente uma convicção profunda da realidade dessas cenas primárias, uma convicção que não é, em nenhum aspecto, inferior à que se fundamenta na recordação” (FREUD, 1918/1996e, p. 62). Tanto a criança como o adulto só conseguem criar fantasias a partir do material a que teve acesso, podendo ser pela leitura, pelas cenas do cotidiano ou por outra fonte.

A respeito do brincar, no texto *Além do Princípio do Prazer* (1920/1996f), ao observar seu neto de um ano e meio de idade que brincava naquele momento, Freud se indaga: por que as crianças brincam? E é a partir da observação detalhada desta brincadeira infantil que ele reconhece e interpreta o jogo do *fort-da*. Neste, o menino atirava um carretel para longe (quando emitia um longo e arrastado “o-o-o-o”, acompanhado por expressão de interesse e satisfação). A mãe do menino e Freud (avô da criança) concordavam em achar que isto representava a palavra alemã *fort* (em inglês: *gone*, em português, traduzido como: ir embora). Puxava então o carretel e saudava o seu reaparecimento com um alegre *da* (ali). Então, esta era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. A interpretação deste jogo relacionava-se ao fato de deixar a mãe ir embora sem protestar, encenando o próprio desaparecimento e retorno. A experiência da criança se transformara em brincadeira, por repetidas vezes, passando de uma posição passiva para uma ativa, como forma de lidar com as pulsões, tanto de vida como de morte. O brincar caracterizava-se, assim, como um modo de a criança se expressar e elaborar a ausência materna.

A partir das contribuições freudianas, é possível evidenciar que a psicanálise com crianças possui algumas especificidades que a diferencia do trabalho com os adultos. Desde a criação da psicanálise, vemos como algumas mudanças em relação à técnica e ao método são importantes para a expansão psicanalítica, o que exige uma fundamentação teórica para sustentá-la. A cada atendimento, há um manejo necessário e uma reflexão sobre ele. Há um importante movimento: a teoria guiando a clínica e a clínica fundando, fundamentando e recriando a teoria. Mesmo sabendo da importância do método clínico psicanalítico em operar com o inconsciente, emerge uma necessidade de reconhecer as especificidades do trabalho com crianças, adolescentes, adultos e idosos. Na perspectiva winnicottiana, o manejo técnico é associado, sobretudo, ao brincar (FRANÇA; PASSOS, 2019). Dessa forma, é possível entender como Winnicott transformou a noção de análise quando fez uma aproximação com a noção do brincar, propondo uma ampliação de recursos utilizados pelo analista (FRANCO, 2003).

Podemos, assim, pensar o brincar não apenas como meio de expressão, mas também como experiência criativa. Winnicott (1975) faz da suposta barreira à associação livre da análise com criança, uma torção que modifica o que entendíamos, até então, sobre o brincar. Durante o processo analítico, as falas e as brincadeiras vão ganhando sentido, a partir do encontro entre paciente e terapeuta. Nesse caso, a dimensão do brincar vai se expandindo para além de modo de expressão característico das crianças, estando relacionado à continuidade do ser. Pela capacidade de experimentar e de vivenciar – com o outro – num espaço potencial (que não é fora e nem é dentro), o brincar como um fenômeno transicional pode acontecer.

O conceito de transicionalidade ancora-se no encontro “entre” o mundo psíquico e o mundo socialmente construído. É um campo intermediário que se constitui tanto pela realidade interna quanto pela externa, o que é fundamental para entender o brincar na teoria de Winnicott. Existe também uma relação com o sentido da experimentação, tendo como pano de fundo as vivências de ilusão e de desilusão. As experiências de ilusão precisam acontecer antes da transicionalidade; e a desilusão advém de forma mais presente junto e após a transicionalidade (SOUSA, 2019).

No momento de vivenciar a ilusão, há uma mãe suficientemente boa, em sua preocupação materna primária, que se adapta de maneira quase completa ao seu bebê. Processualmente, essa adaptação vai se transformando em momentos pequenos de menor adaptação, quando o bebê vai demonstrando uma crescente capacidade de suportar essa ausência materna. Assim, bebês e crianças vão tendo um contato criativo com o mundo, apropriando-se da realidade externa e enriquecendo-se com suas experiências internas (WINNICOTT, 1975).

Com essas vivências, o indivíduo vai se constituindo, adquirindo o estágio do “eu sou”, processo resultante da integração do ego. Com esse estado de diferenciação entre “eu” e “não eu”, o sujeito caminha para uma conquista básica para o seu amadurecimento emocional e para a sua saúde: a construção de seu verdadeiro *self* e de



seu sentimento de realidade. O analista, tanto de crianças como de adultos, pode auxiliar nesse processo de amadurecimento e de conquista do *self* (WINNICOTT, 1975).

O que Winnicott propõe é a construção de uma sessão viva e criativa, que busque a espontaneidade e a integração do *self*. É pela capacidade do brincar criativo do analista e do analisando que a sessão acontece, tanto com crianças quanto com adultos. Quando o paciente não é capaz de um brincar espontâneo, o terapeuta precisa auxiliar no desenvolvimento ou na recuperação de sua capacidade brincante, para posteriormente manifestar a sua própria criatividade. Ele nos lembra que, quando o analista não tem essa capacidade de brincar, precisa procurar outra tarefa para desempenhar (WINNICOTT, 1975). Afinal, o brincar deve, enquanto verbo e não substantivo, ser olhado como potencialidade humana intimamente ligada aos fenômenos transicionais.

### **O que é um fenômeno transicional?**

Um fenômeno transicional refere-se a uma dimensão do viver que não se reduz nem à realidade interna nem à realidade externa. Este fenômeno acontece num lugar em que ambas as realidades (interna e externa) encontram-se, constituindo-se na experiência do brincar e, mais adiante, na experiência cultural. Especificamente em termos de amadurecimento emocional, esse conceito refere-se ao momento no qual se inicia a divisão eu/não-eu, o que pode ser um som, uma música ou uma melodia, por exemplo.

O objeto transicional, por sua vez, refere-se à primeira possessão não-eu, sendo assim caracterizado quando um objeto – seja cobertor ou ursinho de pelúcia – é usado transicionalmente. O objeto que tem, por exemplo, o cheiro da mãe, tem um valor para o bebê – não apenas pelo cheiro, mas também pela possibilidade de ter consigo a sensação de que a mãe existe e está com ele, consolidando o sentimento de continuidade da existência (SEKKEL, 2016).

Para desenvolver essa noção de objeto transicional, Winnicott (1941) partiu da observação de bebês em uma situação estabelecida, na clínica no *Paddington Green Children's Hospital*, em Londres. Foi observando o comportamento da criança com a espátula que ele começou a construir o conceito do brincar como fenômeno transicional que permite infinitas possibilidades rumo às experiências criativas.

No primeiro momento desse jogo, o bebê, sentado no colo da mãe, observa uma espátula de metal; demonstrando interesse pelo objeto, hesita e tenta tocá-lo, mas, observando os adultos, freia seu desejo de obtê-lo, representando certa confiança no ambiente e em si mesmo. É preciso que os adultos aguardem e deixem que a brincadeira continue sendo espontânea. O segundo momento refere-se à manipulação da espátula, aceitando a realidade do desejo, colocando-a na boca, salivando e mastigando-a, “como se” estivesse comendo ou fumando. Quando o bebê está de posse do objeto, pode brincar de comidinha, junto com as pessoas ao seu redor: “Nunca vi qualquer evidencia de um bebê ficar desapontado com o fato de a espátula não ter, na verdade, nem comida, nem algo que contém comida”, declarou Winnicott (1941, p.

142), caracterizando as primeiras experiências de representação e a capacidade de brincar. O terceiro momento é marcado pelo jogo da repetição do movimento de jogar o objeto e obtê-lo de volta. O bebê deixa a espátula cair por engano e um adulto a resgata; a partir disso, cria-se um jogo, deixando-a cair propositalmente. A criança brinca de jogar a espátula ao chão por várias vezes, até que deseja ir para o chão e brincar com o objeto até perder gradativamente o interesse e voltar-se para outro objeto.

Winnicott (1941) relaciona esse terceiro instante com o jogo *fort-da*, já descrito neste trabalho. O carretel, que representa a mãe, é jogado para longe, indicando um ato de livrar-se dela, podendo dominar a relação com a mãe interna, até mesmo pela agressividade ao desfazer-se dela e, depois, recuperá-la. A criança vai se tranquilizando em relação ao destino de sua mãe interna, sendo ativa no jogo e, assim, dando contorno aos seus ímpetos, sentindo confiança no ambiente, naquela mãe que vai e volta, que some e aparece. O brincar também possibilita que a criança domine a situação de separação da mãe e outras situações que possam causar sofrimento.

Deste ponto de partida que diz respeito ao processo de amadurecimento emocional da criança, podemos pensar sobre o que se passa na clínica psicanalítica. O jogo de espátula, recém-mencionado, relaciona-se ao jogo de rabisco proposto por Winnicott (1941), no âmbito da prática psicanalítica. Sua essência é a criação de um espaço transicional. O período inicial de hesitação no jogo de espátula pode ser transformado em um desabrochar criativo, como no rabisco e no desenhar. Partindo de algo sem forma, como um simples rabisco, é possível criar um sentido para a experiência. Paciente e terapeuta brincam juntos, modificando alternadamente o desenho um do outro, sendo um processo de construção conjunta. A partir desse espaço potencial, a criança passa a existir ou continua existindo, para depois aprender a criar, a sonhar e a brincar, vivenciando diferentes experiências culturais (WINNICOTT, 1941).

### **O jogo do rabisco: uma vinheta clínica**

Em relação ao jogo do rabisco, nos remetemos a uma vinheta clínica de um caso atendido por uma das autoras deste trabalho. Joana<sup>1</sup> tem sete anos e ficou em atendimento por pouco mais de um ano. É uma menina com a rotina agitada, encontrando dificuldades de tempo até para ir à terapia. Ela estuda em escola integral, é filha de pais separados que conversam entre si apenas sobre ela. A principal queixa era em relação à separação conturbada dos pais e à dificuldade de Joana de se “separar” da mãe, pois logo que os pais se separaram, quando ela tinha três anos, ela foi dormir na cama com a mãe e assim permaneceu. Hoje em dia, está caminhando para conseguir dormir sozinha. A guarda é da mãe, e o pai a encontra nos fins de semana, quinzenalmente, ou quando tem folgas no trabalho durante a semana.

Joana é uma menina que gosta muito de brincar, quase toda sessão chegava animada perguntando: “De que vamos brincar hoje?”. Em alguns momentos, quase não

<sup>1</sup>Nome fictício.

esperava um jogo acabar e logo perguntava qual seria o próximo, observando bem o que estava disponível na sala de atendimento. Ela demonstrava certa dificuldade em tolerar as perdas nos jogos e tentava até burlar algumas regras para vencer. Todavia, durante o processo de análise, pôde criar importantes recursos para lidar tanto com as perdas quanto com sua angústia de não querer sequer um intervalo entre uma brincadeira e outra. Também demonstrava certa resistência quando falávamos que o nosso tempo estava acabando. Com os nossos encontros contínuos e com a nossa disponibilidade para brincar, experienciamos, criativamente, possibilidades para que Joana pudesse aprender a criar, a sonhar e a brincar.

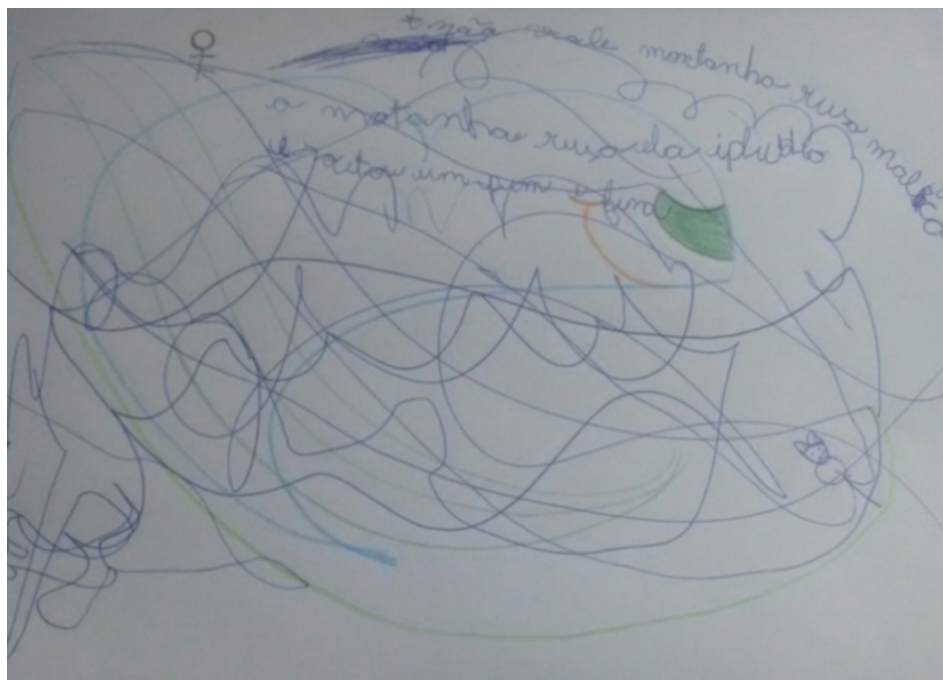
No início, quando as sessões acabavam, ela fazia uma voz diferente ao encontrar sua mãe na sala de espera, contando que gostaria de voltar a ser uma bebê bem pequena. Quando perdia nos jogos, ou Joana tentava trapacear e mudar as regras ou fazia esta voz, como se fosse uma tentativa de sedução para tentar alterar a realidade externa. Fomos brincando com esses aspectos para que ela pudesse notar que era preciso aprender com as perdas (tanto nos jogos como na vida: por exemplo, perder a convivência com os pais enquanto um casal) e que também era importante ir desenvolvendo seu sentimento de continuidade de existência. Brincando de querer voltar a ser bebê e brincando inúmeras vezes de casinha (onde a analista era a mãe e ela, a filha), ela conseguiu ser ela mesma e ir caminhando rumo à independência. Mesmo com alguns conflitos, Joana apresentava um bom potencial criativo e uma boa capacidade de brincar, e aos poucos ela foi aprendendo a perder e a se frustrar.

Com essa vinheta clínica, vemos que no brincar winnicottiano há uma topologia e uma temporalidade específicas. Em termos de espaço, ele não fica nem dentro e nem fora da subjetividade; fica na fronteira, no entre. Não está no espaço não-eu do bebê e nem inteiramente dentro de sua subjetividade e de seu corpo. Portanto, o brincar está no espaço potencial – que pode ser pensado como um espaço que vai se constituindo “entre” a mãe e o bebê – e posteriormente entre a criança e outras pessoas com quem se vincula, aplicando esta noção de espaço potencial para as sessões analíticas (FRANCO, 2003).

Em uma das sessões, ao propor o jogo do rabisco, foi interessante notar o movimento de Joana, que iniciou de forma colaborativa, buscando construir algo junto à ana-

lista, mas depois tomou o desenho para si e o foi destruindo, fazendo novos rabiscos por cima. Ela dizia: “parece um tobogã...”, mas depois escreveu: “montanha russa maluca. A montanha russa, ela explodiu e soltou um pum e fim”. Este seu desenho pode ser visto na figura 1:

Figura 1: Jogo do rabisco



Fonte: autoria própria

O sentido do conflito expresso no desenho parecia claro: o *self* de Joana, que até então estava sendo integrado, posteriormente foi sendo destruído, “explodindo e fim”. Isso se deu a partir de uma situação externa, como a separação dos pais, que provocou alterações em sua rotina e em seu mundo interno. A partir daí, restou a Joana responder aos acontecimentos e não amadurecer de dentro para fora. Felizmente, a menina conseguia expressar isso, tanto por meio do desenho como por suas falas, num espaço que foi sendo construído no encontro entre analista e analisando. Mesmo com esse conflito, ela apresentava grandes recursos e uma capacidade de simbolização bem desenvolvida, caminhando bem no processo de análise.

Além dessa possibilidade de elaboração de conflitos e organização interna, o jogo do rabisco consiste em um espaço de experiência na sessão, um espaço potencial e uma experiência criativa, que proporciona a expansão do ser. É um momento em que terapeuta e paciente brincam juntos, divertem-se juntos, respeitando um ao outro, até mesmo no momento em que Joana precisou tomar o desenho para si e destruir – de certa forma – o que havia começado, para construir algo novo: de tobogã a montanha-russa.

O brincar, como uma sutileza entre o subjetivo e o objetivo, precisa ser entendido como algo além de uma visão romântica e agradável, considerando seu elemento, que pode se tornar assustador. Em alguns momentos, a criança precisa organizar a brincadeira antes de começar a brincar, tentando se prevenir desse aspecto assustador, ou então necessita que alguém fique observando e acompanhando, para que sua dimensão criativa seja preserva-

da. Cabe ao analista sustentar essa capacidade de criar e de brincar (FRANCO, 2003). Na psicanálise, tanto com crianças como com adultos, o brincar é protagonista, precisando ser reconhecido em toda a sua potencialidade, valorizando também o *setting* como espaço intermediário para criação (FRANÇA; PASSOS, 2019).

Percebemos que esse brincar permite também a integração do *self*. O bebê, que se encontra em um estado inicial de não-integração, ao sentir confiança e segurança no ambiente, vai se desenvolvendo rumo à integração, assim como Joana caminhava. E esse caminho é facilitado pela experiência do brincar.

A transição do estado de não-integração para o estado de integração remete à evolução do funcionamento psíquico do princípio de prazer ao princípio de realidade, postulado por Freud (1911/1996c). Nesse texto, o autor afirma que, com a introdução do princípio de realidade, o fantasiar, que começa nas brincadeiras infantis e se conserva em forma de devaneio nos adultos, abandona a dependência de objetos reais, possibilitando a criação e a imaginação.

Em termos de constituição da criança, podemos nos remeter à proposta analítica de Winnicott (1975), destacando que o que é valorizado por ele no jogo do rabisco, todavia e diferentemente da proposta freudiana, não é o sentido do conflito em si ou o que os objetos simbolizam, mas sim a criação de um espaço de experiência, a partir do encontro com o outro. Nesse processo, pode ocorrer uma experiência de ser que parte de uma comunicação primária, que é subjetiva, para outra vivência de sentimento de integração, que está ligada aos objetos do mundo compartilhado. Essas comunicações ocorrem a partir do verdadeiro *self*, que é núcleo central da personalidade (LINS; LUZ, 1998).

A noção de transicionalidade refere-se ao viver criativo, à maneira pela qual cada um encontra de estar vivo e lidar com as realidades interna e externa, expandindo o verdadeiro *self*. Segundo Winnicott (1975, p. 100), a criatividade “está presente tanto no viver momento a momento de uma criança ‘retardada’ que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir”. Tudo isso se relaciona com a provisão ambiental, com a capacidade do ambiente se adaptar ao sujeito, de maneira suficientemente boa, e com a capacidade do sujeito de se adaptar ao ambiente, criando formas de lidar com sua realidade.

#### **O ambiente suficientemente bom: outra vinheta clínica**

Quando o ambiente é suficientemente bom, é possível a continuidade dos processos de maturação da criança, podendo permitir que ela concretize o seu potencial. Esse ambiente suficientemente bom refere-se à apresentação contínua do mundo à criança, o que, necessariamente, aponta para falhas e para a imperfeição, pois é algo que não pode ser realizado mecanicamente, só podendo acontecer por meio do manejo de um ser humano (WINNICOTT, 1979/1983).

Ao mencionarmos esse cuidado tão caro a Winnicott, que diz respeito à importância da continuidade entre os diversos momentos por que passa a criança em seu amadurecimento, nos lembramos de uma experiência vivenciada por outra autora deste trabalho, com um bebê de nove meses. Este fato serve como um exemplo de acolhimento ao bebê por parte de um ambiente suficientemente bom, capaz de estar atento à importância de uma apresentação continuada do mundo à criança. Afinal, quando o bebê tem o sentimento de continuidade da existência, ele pode suportar o “desilusionamento” no qual, gradativamente, vai deixando a experiência de onipotência e aceitando a realidade compartilhada (MACIEL, 2016).

O bebê ao qual nos referimos frequentava uma creche, em tempo integral. Seus pais, de noite, quando iam colocá-lo para dormir, começaram a perceber que ele emitia um som (quase uma melodia musical). Preocupados, os pais foram procurar a diretora da referida instituição. Esta profissional chamou a cuidadora/educadora da criança, que esclareceu (ao pedir para os pais que reproduzissem o som que a criança emitia) que aquela era a música que cantava para os bebês quando iam dormir (na hora institucionalmente prevista para tal). Então o menino não estava em sofrimento (ao menos ainda!). De certa forma ele estava se ninando, estabelecendo uma continuidade entre os diversos momentos de dormir. Com esse esclarecimento, os pais decidiram também cantar a mesma música, em casa, ao colocarem o filho para dormir. Esse relato nos fez pensar na importância de um ritmo nos cuidados com o bebê, a fim de facilitar o seu sentimento de continuidade da existência. Afinal, podemos dizer, conforme Winnicott (1979/1983), que se sentir privado deste sentimento significa ser excluído do espaço do brincar.

Sabemos que, em termos cronológicos do amadurecimento emocional, o autor postulou que nos primeiros seis meses de vida há um estado de dependência absoluta da criança em relação ao meio; é um período em que, do ponto de vista do bebê, não há uma diferenciação entre “eu” e “outro”. Mãe e bebê estão fundidos psicologicamente e há, também, uma dependência fisiológica absoluta. O segundo momento, de dependência relativa, acontece por volta dos seis meses aos dois anos (idade que tinha o bebê do exemplo acima), em que a criança vai se descobrindo, aos poucos, como um ser diferente, separado da mãe e do mundo externo. Depois disso, as crianças vão adentrando no estágio de independência relativa, nunca alcançando a independência absoluta. Essa mudança da dependência absoluta rumo à independência é facilitada por meio dos objetos transicionais, que representam a passagem do bebê de uma fase inicial de indiferenciação com a mãe para o reconhecimento da mãe como algo externo e separado. O uso desses objetos vai se ampliando, tornando-se um espaço intermediário entre as realidades interna e externa, que se torna presente quando estamos criativos no mundo da cultura (WINNICOTT, 1975).

#### **O uso do objeto, o manejo clínico e o brincar criativo**



Em relação ao uso do objeto, Winnicott (1975) traz uma novidade referente ao que acontece transferencialmente entre paciente e terapeuta. Dessa forma, amplia o conceito de transferência descrito inicialmente por Freud (1912/1996d). Para este último autor, a transferência está relacionada à repetição de protótipos infantis ligados às “imagos” parentais, podendo ser conscientes ou inconscientes, como são na maioria das vezes. Além disso, a transferência, na análise, surge como forma de resistência.

Winnicott, todavia, apresenta um novo olhar sobre esse fenômeno, ao defender que o que acontece transferencialmente na relação analítica inclui – além do que Freud (1912/1996d) postulou – as primeiras experiências do bebê ao se relacionar com sua mãe, de dependência absoluta, rumo à independência, fazendo uso de objetos de forma criativa. Parece-nos, nessa perspectiva, abrir-se para a transferência como aquilo que, enquanto experiência, pode criar algo novo que diz respeito ao uso do objeto.

Este uso não é instrumental, muito menos repetitivo, mas sim criativo. No processo analítico, o que permite a ampliação da capacidade do paciente em usar criativamente o objeto é o encontro com um analista espontâneo e autêntico, que possibilite fluir o verdadeiro *self* do seu paciente. Nesta relação, a confiança se mostra um elemento fundamental (MELLO FILHO, 2003).

Desse modo, a análise, tanto com crianças quanto com adultos, pode permitir a continuidade do sentimento de existência, o que se dá a partir da experiência de *holding*, que é propiciada pelo encontro com o outro, em um *setting*. Na abordagem winnicottiana, a análise seria uma metáfora dos cuidados maternos, em que o analista poderia funcionar como um espelho – como o olhar da mãe refletindo o rosto da criança –, sendo que cada analista poderia olhar e intervir, mostrando ao analisando quem ele é. O analista pode ser usado como um objeto transicional, adaptando-se às necessidades do analisando – de forma suficientemente boa –, permitindo o uso criativo do objeto ao brincar e criar junto (MELLO FILHO, 2003).

Hisada (2002) também enfatiza a importância que Winnicott dá ao *setting* na clínica psicanalítica, ao afirmar que essa noção se relaciona à ritmicidade, presente desde a relação mãe-bebê, como vimos no exemplo do bebê que frequentava a creche. Quando a mãe ou a cuidadora organiza o mundo de seu filho, compartilhando ritmos, oferece condições para o seu sentimento de continuidade de existência. No âmbito clínico, o ritmo nos processos criativos relaciona-se ao *holding* como metáfora dos cuidados maternos.

O manuseio do *setting* se torna fundamental, principalmente com pacientes mais regredidos, construindo um ambiente estável que proporcione a experiência de aconchego e de continuidade, sendo uma capacidade do analista em se dar ao paciente, estando disponível para brincar criativamente. O *setting* é, portanto, o que possibilita o manejo como procedimento clínico necessário, tanto na psicanálise com crianças quanto com adultos, quando houve falha no processo de amadurecimento (HISADA, 2002).

Na psicanálise com crianças torna-se importante o brincar criativo, em que cada um pode ir experimentando novas formas de estar no mundo. Por meio do encontro com o outro, é possível que sejamos criativos; imaginando situações, reproduzindo e criando momentos importantes da vida. No brincar, experienciamos tanto momentos de prazer quanto de desprazer, o que pode ser uma fonte de conhecimento sobre si e sobre o mundo. É um ato reflexivo e criativo, oferecendo condições de uma sensibilidade relacional, assumindo os paradoxos existentes. Nessa experiência, tanto crianças como adultos podem elaborar suas vivências e se manifestar criativamente perante as ações do mundo; além disso, torna-se possível ainda a criação e o fortalecimento do vínculo entre crianças e adultos, potencializando as suas tantas chances de constituição subjetiva (SOUSA; PEDROZA; VOLPE, 2019).

### Concluindo com a obra *Anne with an “e”*

Ao trazermos a reflexão do brincar como uma experiência criativa na psicanálise com crianças, recorreremos primeiro às contribuições freudianas para depois adentrar nas particularidades winnicottianas, principalmente sobre o brincar como fenômeno transicional, relacionado ao sentimento de continuidade de existência e ao viver criativo. Esta compreensão tem a ver com o existir, que se inicia nas primeiras brincadeiras infantis e vai sendo transposto para todas as fases da vida humana. Para que haja uma continuidade de espaço, tempo e de sentimento de existência, é fundamental que se tenha um ambiente suficientemente bom, que inspire confiança. Essas ideias são também importantes no manejo clínico e na relação entre analista e analisando, por meio de um encontro entre as áreas lúdicas tanto do terapeuta quanto do paciente.

Com essas ideias, optamos por fazer uma conclusão do trabalho relacionada com um elemento da arte: *Anne with an “E”* (ANNE..., 2017). É uma série de televisão canadense estreada em 2017, baseada no livro *Anne de Green Gables*, de 1908. Trata-se de uma adolescente que perdeu os pais ainda quando era bebê e viveu ora em orfanatos, ora na casa de outras famílias, cuidando de outras crianças, na década de 1890. Após uma vida de violências tanto nos orfanatos quanto na casa desses estranhos, ela é adotada pelos irmãos Marilla e Matthew Cuthbert.

É a história do amadurecimento da adolescente, que luta por aceitação e para encontrar o seu lugar no mundo. A trama oferece inúmeras reflexões, como da igualdade de gênero; no entanto, focaremos na relação de Anne com sua família adotiva. A personagem, mesmo com toda a dificuldade encontrada no mundo externo (de abusos nos orfanatos e nas famílias anteriores), apresentava uma importante capacidade interna de brincar, principalmente com as palavras, ao ler, falar ou escrever, fazendo uso desses recursos. Tanto a leitura como a escrita são usadas como fenômenos transicionais. Ela tinha habilidade para imaginar e criar uma realidade mais agradável do que a que existia, brincando com as palavras, mergulhando no mundo da leitura, encenando personagens e sonhando.



A nossa escolha em trazer essa produção artística para o nosso trabalho foi por ressaltar uma personagem – Anne – que vivia criativamente e brincava em todos os âmbitos de sua vida. Isso nos fez lembrar os relatos de Clare Winnicott (1978) sobre a capacidade brincante de seu marido. O brincar, portanto, faz referência à qualidade do viver, o que vai além de brincar de jogos e brinquedos. Vai além da idade cronológica, sendo uma capacidade de operar na área intermediária sem limites. Mundo interno e externo vão se compondo na experiência do viver criativo. Clare e Donald Winnicott brincavam com as coisas, dando uma nova disposição a elas, de acordo com o humor.

Recuperando as ideias freudianas de que as brincadeiras infantis se relacionam com a fantasia, com a escrita criativa e com o devaneio, vemos como Anne se apropria de todos esses elementos ao viver sua adolescência. É uma personagem que sonha, que cria e que brinca. Pela leitura winnicottiana, podemos notar que Anne, mesmo com as adversidades, consegue ter uma linha de existência, expandindo o seu verdadeiro *self*. Por meio do brincar, ela vive criativamente, de forma espontânea e não submissa. Com seu jeito autêntico de ver e de criar o mundo, ela conquista as pessoas e – simultaneamente – encontra finalmente um ambiente seguro em *Green Gables*, por meio do cuidado e do amor de Marilla e de Matthew, que ocupam os lugares das figuras parentais.

Ainda que na série não haja nenhuma relação entre analista e analisando, conseguimos transpor nosso pensamento para o campo da análise, sobretudo com crianças. A construção de um *setting* facilitador é de extrema importância, bem como a presença de um analista suficientemente bom. A proposta analítica, tanto com crianças como com adultos, é a criação de uma sessão viva e alegre, possibilitada pela capacidade de brincar do analista e do analisando. O terapeuta, quando se adapta às necessidades do paciente, permite o uso criativo do objeto ao brincar e criar junto. Portanto, tanto a adoção de Anne quanto o encontro entre pacientes e terapeutas podem – de certa forma – reorganizar as vivências de mundo interno e externo. Marilla e Matthew estavam disponíveis para brincar e para aprender com Anne. Pensemos que, se Anne não tivesse encontrado um ambiente favorável à sua constituição, sua capacidade brincante e criativa poderia não emergir. Assim também pode acontecer em momentos de análise, pois possivelmente, se algumas crianças não encontrarem amparo em sua vida – o que pode ser representado pela figura do analista – poderão não continuar a sua linha de existência e, talvez, emergir um sujeito falso *self*.

Assim, o brincar – enquanto verbo e não substantivo – é olhado como potencialidade humana intimamente ligada aos fenômenos transicionais. É a este brincar enquanto verbo que nos referimos quando trazemos a experiência de Anne, que brinca até mesmo com os elementos da floresta quando caminha de sua casa para a escola. No momento em que o professor pede para que ela leia um texto, ela interpreta e dá vida a ele, com muita intensidade. Quando encontra outra professora, mais criativa e brincante, Anne se identifica e deseja ser como ela, inclusive em seus ide-

ais feministas e de inovação em educação. Ela brinca com seus amigos da escola e também da fazenda de uma maneira muito criativa, sendo fiel a cada história que cria.

O brincar é muito mais do que um recurso técnico! É uma experiência criativa relacionada a todas as áreas do viver. Vemos como Anne faz uso de diferentes objetos: um simples galho ganha vida e pode se transformar em uma poderosa espada; uma coroa de flores, criada por ela mesma, a torna uma importante rainha; ou, ainda, sua lousa de giz vira um escudo para defendê-la. Na análise, importa perceber como analista e analisando estão usando os objetos, já que eles podem ser oferecidos, trocados ou recusados.

Por fim, notamos como Anne, Matthew e Marilla, enquanto família, foram se transformando durante a convivência. Podemos dizer que eles conseguiram viver criativamente e inspirar confiança, a partir de um encontro genuíno. No campo analítico, espera-se que as pessoas estejam disponíveis para brincar. Ao analista cabe a criação de um *setting* favorável e confiável, possibilitando que o potencial criativo se transforme em experiência criativa. Sigamos brincando e criando!

#### Informações sobre as autoras:

Táisa Resende Sousa

 <https://orcid.org/0000-0002-0635-7209>

 <http://lattes.cnpq.br/8296396405068174>

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, pela mesma instituição. Membro do Laboratório LABPEP - Ágora Psychê. Psicóloga e Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora Substituta da Faculdade de Educação - Departamento Teoria e Fundamentos - UnB (de 2015 a 2016), nas seguintes disciplinas: Perspectiva do Desenvolvimento Humano, O educando com necessidades educacionais especiais e Introdução à classe hospitalar. Realização do curso de formação dos 7 Módulos Fundamentais sobre a obra de Sigmund Freud, no Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia - CEEPU (252 horas) e realização do curso sobre os Fundamentos da Psicanálise de Winnicott (38 horas), organizado pelo grupo A psicanálise de Winnicott em Brasília. Interesse de estudos em: Psicanálise, Psicologia Clínica, Psicologia da Educação, Infância e Propostas de escolas transformadoras. Mãe de dois filhos: licença maternidade no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2020.

Regina Lúcia Sucupira Pedroza

 <https://orcid.org/0000-0003-2251-5040>

 <http://lattes.cnpq.br/7232661674377520>

Possui Graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (1988), graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade de Brasília (1989), Mestrado em Psicologia pela Universidade de Brasília (1993), Doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2003) e Pós Doutorado em Sciences de l'Education pela Universidade Paris V, René Descartes (outubro 2009 a março de 2010). Atualmente é Profa. Associada da Universidade de Brasília no Instituto de Psicologia. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Desenvolvimento e Psicologia Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, formação de professor, formação de educadores para educação em direitos humanos, formação da personalidade, o brincar no desenvolvimento humano, psicanálise e psicologia do Esporte. Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. Orientadora de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos

e Cidadania. Conselheira do CFP, gestão 2017-2019. Coordenadora na UnB o PROCAD/Amazônia CAPES/FAPEAM, UFAM, UnB, UNIR. É pesquisadora no CAPES PRINT/UnB, nos planos de trabalho do Ágora Psyché (PGPDS) e do PSICC.

Maria Regina Maciel

 <https://orcid.org/0000-0001-9579-0209>

 <http://lattes.cnpq.br/1138399747473192>

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula (1989), mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994) e doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003). Atualmente é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em psicanálise e educação. Dedica-se principalmente aos temas: infância, psicanálise, educação e contemporaneidade.

#### Contribuições das autoras:

Todas as autoras colaboraram ao longo do processo, desde a elaboração até a revisão final do manuscrito. As autoras aprovaram o manuscrito final para a publicação.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

SOUSA, Taisa Resende; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; MACIEL, Maria Regina. O brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 269-276, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5754>

##### APA

Sousa, T. R., Pedroza, R. L. S., & Maciel, M. R. (2020, Setembro/Octubre). O brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3.), 269-276. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5754>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Sousa, T. R., Pedroza, R. L. S., & Maciel, M. R. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Sousa, T. R., Pedroza, R. L. S., & Maciel, M. R. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

#### Referências

ANNE with an “E” [seriado]. Direção: Moira Walley-Beckett. Produção: Miranda de Pencier e Susan Murdoch. Ontário, Canadá: 2017-2019. CBC/Netflix. 4k (Ultra HD) Dolby digital 5.1.

FRANÇA, Rafaela Mota Paixão; PASSOS, Maria Consuelo. Ensaio sobre o método clínico na psicanálise com crianças. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 749-767, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n4p749.6>

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. O brincar e a experiência analítica. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 45-59, jun. 2003. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100003>

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1907) In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Edição Standard Brasileira, v. 9, p. 132-143.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Edição Standard Brasileira, v. 10, p. 12-133.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. Edição Standard Brasileira, v. 12, p. 233-244.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. Edição Standard Brasileira, v. 12, p. 109-119.

FREUD, Sigmund. Da história de uma neurose infantil: o homem dos lobos (1918). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. Edição Standard Brasileira, v. 17, p. 15-129.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. Edição Standard Brasileira, v. 18, p. 2-75.

HISADA, Sueli. *Clínica do setting em Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

LINS, Maria Ivone Accioly; LUZ, Rogerio. *D. W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MACIEL, Maria Regina. *Psicanálise e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

MELLO FILHO, Julio. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SEKKEL, Marie Claire. O brincar e a invenção do mundo em Walter Benjamin e Donald Winnicott. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 86-95, abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140016>

SOUSA, Taisa Resende. *Psicanálise, educação e infância: experiência de educação criativa e brincante em uma comunidade de aprendizagem*. 2019. 181 f. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SOUSA, Taisa Resende; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; VOLPE, Maira Muhringer. Concepções de crianças da educação infantil sobre violência e a relação com o brincar: contribuições de Freud e Winnicott. *Revista Interação em Psicologia*, v. 23, n. 1, p. 75-84, 2019. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i1.56020>

WINNICOTT, Donald W. Observação de bebês em uma situação estabelecida. In: \_\_\_\_\_. *Textos selecionados - da Pediatria à Psicanálise*. Tradução de Jane Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941. p. 139-164.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald W. A reflection. In: GROLNICK, Simon A.; BARKIN, Leonard; MUENSTERBERGER, Werner (Ed.) *Between fantasy and reality: transitional objects and phenomena*. New York: Routledge, 1978. p. 15-33.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (1979). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

# Gravando: desafios para (re)contar narrativas do(n) movimento social de travestis brasileiras\*

Gilson Goulart Carrijo,  \*\* Keila Simpson,  Emerson Fernando Rasera,  Flavia Bonsucesso Teixeira 

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

## Resumo

*A produção de um documentário como estratégia de pesquisa no campo das ciências humanas ainda gera debate significativo. Buscando contribuir para esse debate, o objetivo deste artigo é apontar alguns desafios metodológicos que marcaram o processo de pesquisar/registrar/narrar um filme documentário sobre a trajetória de vida de Keila Simpson e seus entrelaçamentos com(na) história do movimento de travestis no Brasil. Assim, por meio de uma análise teórica, inicialmente, discutimos as disputas sobre o real e o verdadeiro que se (re)produzem na interação com as imagens. A partir de uma perspectiva etnográfica, então, refletimos sobre nosso percurso de realização do documentário, nas etapas de exploração e produção de esboços, apresentando possibilidades e limites de fazer/pensar/negociar um filme etnográfico sendo pesquisador/cineasta em interação com a interlocutora/narradora. Entendemos que o filme permitirá entender aspectos sensíveis da protagonista e suas relações de sociabilidade e, de forma indireta, compreender o sensível não diretamente abordado pelas imagens.*

*Palavras chave:* travestis; filme documentário; etnografia.

# Recording: challenges to (re)tell narratives of(in) the social movement of Brazilian transvestites

## Abstract

*The documentary as a research strategy in the field of human sciences still generates significant debate. Aiming to contribute to this debate, the objective of this article is to point out some methodological challenges that marked the process of researching/ recording/ narrating a documentary film about the life trajectory of Keila Simpson and its interweavings with(in) the history of the transvestite movement in Brazil. Thus, through a theoretical analysis, we initially discuss the disputes over the real and the truth that (re)produce in the interaction with the images. From an ethnographic perspective, then, we reflect on our journey of making a documentary, in the stages of exploration and production of sketches, presenting possibilities and limits to make/think/negotiate an ethnographic film being a researcher/filmmaker in interaction with the interlocutor/narrator. We understand that the film will allow us to understand sensitive aspects of the protagonist and her sociability and, indirectly, to understand the sensitive not directly addressed by the images.*

*Keywords:* transvestites; documentary film; ethnography.

Este artigo resulta da pesquisa sobre a trajetória de vida de Keila Simpson e seu registro em um documentário que articulou a narrativa pessoal e seus entrelaçamentos com(na) história do movimento de travestis no Brasil (CARRIJO et al., 2019). Situada num campo interdisciplinar, essa proposta enfrentou desafios técnicos e teóricos, resguardando o cuidado de se pensar que teoria/técnica são elementos imbricados num mesmo processo. Seu objetivo é discutir alguns desafios metodológicos que marcaram esse processo de pesquisar/registrar/narrar.

Ao anunciarmos a nossa intenção de produzir um documentário, eram recorrentes os comentários, principalmente entre as travestis, que traziam a compreensão de que esta seria uma oportunidade de se produzir algum tipo de verdade sobre os fatos/pessoas. A crença na demarcação de uma verdade que poderia ser testemunhada ou registrada através de imagens marca o imaginário social e não se restringe ao advento do cinema, mas parece ter sido reafirmada com a separação entre filmes de ficção e documentário.

Ao mesmo tempo em que os sentidos sobre a verdade eram negociados, inclusive com a personagem/narradora, diante de sua preocupação com o testemunho de documentos e pessoas, em outro espaço, eram (re)produzidas flexões sobre as possibilidades e desconfiâncias de que a produção de um documentário pudesse ser uma estratégia de pesquisa no campo das ciências humanas.

Para efeitos de escrita do texto, agrupamos nossos argumentos em dois grandes núcleos: narrativas de verdades e narrativas encenadas. No primeiro, a partir da análise da literatura da área, discutimos as disputas sobre o real e o verdadeiro que se (re)produzem na interação com as imagens e, no segundo, refletindo sobre nosso percurso de realização do filme documentário, apresentamos possibilidades e limites de fazer/pensar/negociar um filme etnográfico sendo pesquisador/cineasta em interação com a interlocutora/narradora.

## Narrativas de verdades

Este trabalho está ancorado nas relações estabelecidas entre o cinema e as ciências humanas e sociais, especialmente a etnografia. Faremos uma digressão, recuperando a etnografia e suas relações com a imagem em movimento para demonstrar a longa relação de cumplicidade e co-operação entre esses dois campos do conhecimento.

\* Este artigo contou com o financiamento PNPd/CAPES. Apoiaram a realização da pesquisa o Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde e o Observatório de Saúde LGBT/NESP/UnB.

\*\* Endereço para correspondência: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia. Av. Pará, 1720, bloco 2C, Umarama - Uberlândia, MG - Brasil. CEP: 38400902. E-mails: [gilsongoulart@yahoo.com](mailto:gilsongoulart@yahoo.com), [presidencia.antra@gmail.com](mailto:presidencia.antra@gmail.com), [emersonrasera@gmail.com](mailto:emersonrasera@gmail.com), [flavia.teixeira@ufu.br](mailto:flavia.teixeira@ufu.br)  
Os dados completos dos autores encontram-se ao final do artigo.





Da kinetoscopia<sup>1</sup> de Edison, que registrou, no palco, uma dança *Sioux*, em 1894, passando pelo registro de uma mulher *wolof* elaborando artefatos de argila realizado pelo francês Félix-Louis Regnault através do método da cronofotografia,<sup>2</sup> em 1895, até a divulgação do cinematógrafo<sup>3</sup> pelos irmãos Lumière, a exploração do exótico e do não ocidental utilizando a imagem em movimento, como método de estudo, percorreu um longo caminho.

Regnault filmou, também em 1895, três africanos ajoelhados em posição de repouso e outro subindo em uma árvore. Para Clarice Ehlers Peixoto (1999), ele tentava demonstrar com essas experiências que as cronofotografias poderiam ser utilizadas na etnografia como testemunhas e provas de uma determinada prática social expressa na verdade e objetividade do registro. Essa crença em um olhar objetivo, orientadora dos trabalhos de Regnault, esteve presente também em trabalhos de outros cientistas da época.

A expedição organizada em 1898 por Alfred Cort Haddon, zoólogo da Universidade de Cambridge, com o objetivo de documentar as práticas culturais da população do Estreito de Torres, contava com “notas descritivas, desenhos e medições antropométricas com fotografia e filmes feitos com uma câmera *Lumière*” (PEIXOTO, 1999, p. 93). Essas imagens conteriam informações etnográficas preciosas para o pesquisador, que sugeria o método a seus alunos e colaboradores.<sup>4</sup>

O filme etnográfico resulta das grandes expansões colonialistas, realizadas no final do século XIX e início do século XX, no atravessamento das possibilidades entre as grandes invenções tecnológicas e as várias expedições etnográficas. A captura da imagem do outro, do diferente, por meio da imagem tecnológica, que fotografa a imagem em movimento, para além da pintura ou do desenho (atividades que, embora envolvessem determinadas técnicas, não eram e não são tidas como imagens técnicas), fascinou pesquisadores e exploradores. A fotografia foi considerada a primeira forma de registro da imagem sem a intervenção crítica da mão do homem, pois nela, “[...] entre o objeto inicial e sua representação nada se impõe

a não ser outro objeto” (BAZIN, 1981, p. 13), e, consequentemente, ela seria isenta de interferência, testemunha de uma realidade objetiva.

Os trabalhos dos antropólogos Franz Boas (1888), realizados nos Estados Unidos, *The Central Eskimo*, e de Branislav Malinowski (1922), realizados nas ilhas Trobriand, na Oceania, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, se destacaram não apenas pelo pioneirismo do método do trabalho de campo, mas também pela utilização de imagens como recurso metodológico. Franz Boas foi um dos primeiros pesquisadores a utilizar fotografias e filmes no trabalho de campo, assim como o registro sonoro de músicas e dos discursos dos sujeitos com os quais ele trabalhou. Assim como Regnault, Boas compartilhava o princípio de que a descrição e análise de certas práticas culturais exigiam o registro de imagens. No entanto, Boas não tinha a intenção de trilhar os rumos do cinema etnográfico, sua intenção era a de “criar uma metodologia de pesquisa que incorporasse os instrumentos de registro de imagens fixas e em movimento” (PEIXOTO, 1999, p. 94).

O trabalho de Margaret Mead, nos anos de 1940, modificou o fazer antropológico através do uso de imagens. Ela inaugurou o debate sobre verdade/objetividade das imagens, problematizando as informações audiovisuais como resultados de uma seleção operada pelo antropólogo/cineasta, sendo, por esse motivo, impregnadas de subjetividade e escolhas como qualquer outra informação coletada pelas técnicas tradicionais de pesquisa. Ou seja, a imagem passa a ser entendida e utilizada como uma representação do antropólogo ligada diretamente às suas maneiras de ver e se relacionar como o mundo (RAPAZOTE, 2007).

Reflexões no campo da antropologia incorporaram uma multiplicidade de estruturas narrativas comuns ao campo da literatura ou da montagem cinematográfica. Essas reflexões alcançaram o filme etnográfico (re)atualizando as noções de “realidade” e “verdade”, debate considerado central no campo das ciências humanas.

As transformações tecnológicas proporcionaram mudanças no campo metodológico, possibilitando ao antropólogo e ao documentarista trabalharem de forma autônoma, sem depender de uma grande equipe de filmagem. Equipamentos menores e discretos modificaram as condições de inserção no campo, intervindo menos na maneira pela qual as pessoas filmadas agenciam, elas próprias, seus meios e suas ações, ou *‘auto-mise en scène’* (COMOLLI, 2009). Também o surgimento das câmeras elétricas e o aumento da capacidade dos chassis<sup>5</sup> possibilitaram a utilização de planos longos e planos-sequências, permitindo maior aproximação do pesquisador, agora de maneira mais autônoma, com as pessoas e os rituais, constituindo uma percepção de que não haveria intervenção na realidade filmada. Neste contexto, surge o cinema-verdade<sup>6</sup> (*cinema-verité*) ou cinema-direto, com a pretensão de

<sup>1</sup> Inventado por Thomas Edison, em 1889, e posteriormente desenvolvido por seu empregado William Kennedy Laurie Dickson, entre 1889 e 1892, o kinetoscópio foi um dos primeiros dispositivos de exibição de filmes capazes de produzir a ilusão de movimento ou animação usando tiras de filme perfurado contendo imagens sequenciais. A ilusão de movimento foi possível movendo, sobre uma fonte de luz com um obturador de alta velocidade, filmes ou quadros de filmes. O aparelho foi projetado para que os filmes fossem vistos por um indivíduo de cada vez através de uma janela de visualização na parte superior do dispositivo.

<sup>2</sup> A cronofotografia foi inventada pelo filósofo francês Étienne-Jules Marey em 1882. Marey criou um fuzil fotográfico capaz de registrar fotograficamente 12 imagens por segundo. Formado por um disco com furos que gira diante de uma placa sensível, registrando, a cada passagem de um furo, uma imagem. O interessante deste invento é que o mesmo negativo era exposta várias vezes e, quando projetado, criava a ilusão de movimento. O objetivo de Marey era o estudo das várias fases do deslocamento de um corpo no espaço.

<sup>3</sup> Inventado pelo francês Léon Bouly, em 1895, que perdeu a patente do invento para os irmãos Lumière, o cinematógrafo é considerado um aperfeiçoamento do kinetoscópio de Thomas Edison. O cinematógrafo é um aparelho híbrido, associando as funções de máquina de filmar, de revelação de película e de projeção, ao contrário de outros aparelhos que dele derivaram, como a câmara com funções exclusivas de captação de imagem e o projetor de cinema, capaz de reproduzir essas imagens sobre uma superfície branca e lisa.

<sup>4</sup> Segundo Ehlers Peixoto (1999), a experiência está registrada nas imagens do filme *Aboriginals from Torres Strait* (1898) e nos seis volumes do relatório da expedição (Haddon, 1901-1903; 1904; 1907; 1908; 1912 a 1935).

<sup>5</sup> A câmera Éclair Coutant e o gravador Nagra foram ferramentas revolucionárias neste contexto, tanto para reportagens como para o cinema documental e antropológico.

<sup>6</sup> O *cinéma vérité* surgiu nos anos 1920 com Dziga Vertov e o *Kino-Pravda*. No entanto, somente por volta de 1960, com o surgimento das câmaras sonoras portáteis (16mm), é que foi adotado como metodologia de filmagem que, além de registrar sons e gestos em sincronia, dava ao cineasta maior agilidade.



captar uma “realidade” autônoma e autossignificante a ser restituída pelo filme sem mediações de sentido. Tratava-se de um posicionamento objetivista e positivista destinado a captar a “realidade” e fixar a essência da “realidade” em um documento cinematográfico.

A utilização de imagens estava ancorada no conteúdo, isto é, no texto escrito, nos argumentos teóricos como uma forma mais segura e objetiva de registrar as informações de campo. A câmera era considerada um instrumento de objetividade e precisão destinada a capturar o real, e seu produto, as imagens, seria o testemunho dessa realidade.

A ideia de uma “verdade” no documentário antropológico provocou acirrados debates, afinal que “verdade” seria essa? Qual o estatuto da imagem nesse contexto? Como se estabeleceriam as interações entre o pesquisador e as pessoas a serem filmadas? O cineasta e documentarista Chris Marker relativizou estes questionamentos deslocando o hífen de *cinema-vérité* – *ciné-ma vérité* – (cinema minha verdade), demonstrando que nos filmes etnográficos e documentários o filmado e apresentado será sempre a partir do ponto de vista do documentarista, do realizador (PEIXOTO, 1999).

As inquietações teóricas e práticas no campo do cinema também exerceram influências sobre o filme etnográfico. Por exemplo, o Neo-Realismo italiano primava pela transferência do contínuo da “realidade” para a tela, utilizando para isso filmagens ao ar livre, cenários naturais, (re)enquadramento no plano, plano longo, plano sequência e profundidade de campo. Esta maneira de filmar aplicada ao filme etnográfico ficou conhecida como Cinema de Observação, definido por Rapazote (2007, p. 103) como:

[...] a relação entre a câmera e o lugar, entre a sociedade (a cultura) e as pessoas que o constroem e nele habitam, entre os conhecimentos que aí se praticam e aquilo que a câmara registra e pretende representar visualmente, relações estas criadoras de uma imagem cujo elo com o mundo remete para a ordem do índice e é capaz de satisfazer a pretendida objetividade do filme etnográfico.

No cinema de observação, são possíveis dois momentos distintos, a observação direta e a diferida. France (1998) considera que a observação direta seria aquela que acontece em campo, no momento mesmo em que o pesquisador observa/vê/registra o fluxo dos acontecimentos, e a observação diferida seria aquela em que o pesquisador observa o vivido filmado como fluxo, podendo ser visto e revisto.

O ângulo de enquadramento, a posição da câmera, a escolha do direcionamento do microfone e o tempo de gravação são opções do realizador/pesquisador. Dependendo da profundidade de campo escolhida e do plano fixado, a filmadora poderá registrar o objeto de interesse do pesquisador assim como o que está no segundo plano e não integra o foco do referido momento. Essas informações adicionais serão percebidas posteriormente, quando da observação diferida.

O que nos interessa mais diretamente dessas transformações teóricas/tecnológicas foi o surgimento de um tipo de ficção “semi-improvisada” possibilitada pela perspec-

tiva do cinema direto. De certa forma, Pierre Perrault, Alain Tanner, Chris Marker, Claude Goretta, Lionel Rogosin e Jean Rouch se distanciaram de uma concepção de documentário objetivo, que pretendia a adequação do sujeito/objeto. O assunto a ser filmado passa a ser problematizado, e não pensado como representação da realidade preexistente. Neste trabalho, seguimos as pistas de Jean Rouch (SCHEINFEIGEL, 2008).

Para Jean Rouch, o documentário seria um acontecimento, pois sua realização se daria entre o real e a ficção, na mediação entre ele, o diretor, e as pessoas/personagens. Seu filme *Petit à Petit* (PETIT..., 1970) é a história de dois africanos que resolvem viajar até Paris para estudar a vida e os costumes dos habitantes daquela cidade. Esse filme inverte a relação pesquisador/pesquisado ou, melhor dizendo, entre os colonizadores e os colonizados. Os atores reais (os africanos) passam a ser os personagens reais (africanos em Paris) que eles necessitam ser (pesquisadores do europeu), isto é, seria preciso que os personagens fossem reais (africanos/pesquisadores investigando o europeu em Paris) para afirmar a potência criativa da ficção que eles inventaram (as construções do outro). Nessa relação,

[...] o agenciamento do autor e dos personagens reais cria um ato de fabulação capaz de exprimir o devir dos personagens, de uma comunidade, de uma minoria e suas metamorfoses em função de novas formas de existência: essa metamorfose transforma radicalmente o autor e os espectadores, e os leva a viver uma aventura estética e ética (MONTE-MOR, PARENTE, 1994, p. 53).

O filme etnográfico e o filme documentário seriam marcados sempre pelo encontro entre o pesquisador/cineasta e a sociedade e/ou algum(ns) indivíduo(s) em um dado lugar e tempo. A depender dos acordos firmados entre o documentarista e o documentado, antes, durante e após as filmagens, pode-se transformar a fórmula clássica “eu falo sobre ele para nós” em “eu e ele falamos de nós para vocês” (SALLES, 2005, p. 70). Esse foi o convite dessa pesquisa/documentário que reconhece “o risco do real”, dialogando com o referente “real” da cena e (re)apresentando as fissuras, as incompletudes e os acasos que acabam por se revelar na realidade da inscrição cinematográfica.

O “real”, indomável, impele, no sentido forte do termo, o projeto do filme documentário a embates frente a uma “realidade” sempre múltipla e diversa, obrigando-o a “se forjar a cada passo” (COMOLLI, 2009). Para o autor, o documentário, oposto ao filme de ficção, não se estabelece no roteiro, mas no ‘enfrentamento’. Ele avança nas fraquezas, na perseverança e na honestidade. Esse filme documentário resultou de múltiplos acordos de colaboração firmados durante e após os processos de filmagem. A produção de um filme exigiu estreita relação de confiança entre o pesquisador e a interlocutora, ampliando os elos de reciprocidade. A restituição das imagens através do filme pronto pode ser considerada uma espécie de contra-dom. Neste percurso, a pessoa filmada performou uma personagem, e a sua vida e seus dramas restaram lá, em outros espaços. Pessoas e realidades não

dependem do documentário, mesmo que nesta relação ambígua o gesto de filmar/apresentar possa transformá-las. Essa é nossa aposta política.

### **Narrativas encenadas: fazer pesquisa e fazer o filme**

Quando se pensa na utilização do documentário como estratégia de pesquisa, uma questão fundamental que se apresenta no início das reflexões é: quem empunhará a câmera? O pesquisador ou o cinegrafista (*cameraman*)? Ela é fundamental, pois determina as relações que se estabelecerão entre o pesquisador e as pessoas filmadas, o financiamento para a pesquisa, o tempo dedicado ao trabalho, a qualidade do olhar, o que filmar e, principalmente, quando desligar a câmera. Outros aspectos importantes referem-se ao campo do conhecimento e ao contexto institucional no qual o filme está inserido. Para quem e para que o filme está sendo realizado, a qual público ele se destina e quais compromissos políticos, estéticos e éticos ele mobiliza?

No trabalho em questão, o pesquisador/cineasta operou a câmera e controlou o áudio, e juntamente com isso mediou as relações com as/os personagens/narradoras/es que emprestaram suas experiências e saberes. Também, e mais importante, o pesquisador/cineasta compartilhou com Keila Simpson, personagem/narradora/roteirista, a construção/realização do projeto. A escolha pelo manejo das máquinas (câmera e áudio) somente pelo pesquisador/cineasta impactou e limitou a realização do filme, mas foi o caminho negociado para adentrar na intimidade do cotidiano das pessoas, o que requer confiança e cuidado.

Compartilhar os processos de construção do documentário é também uma estratégia para apontar seus desafios. Muitas vezes recebemos o filme como “produto acabado ocultando os meios utilizados para se atingir determinado resultado, pois o filme seria encarado como uma maneira de apresentar os resultados de um roteiro previamente realizado” (FRANCE, 1998, p. 336).

O registro filmico iniciou-se simultaneamente à entrada no campo e dependeu apenas da atualização das negociações prévias já realizadas com os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa. Não adotamos um roteiro prévio a ser seguido no documentário; portanto, a primeira fase se deu ancorada na abordagem de exploração. Essa etapa possibilitou a observação diferida do processo estudado (FRANCE, 1998), na qual a reversibilidade do sensível filmado permitiu a supressão da observação direta, entendida como etapa precedente e indispensável para a pesquisa.

A supressão dessa fase preliminar da pesquisa foi facilitada porque aprender a olhar o universo das travestis foi um processo iniciado em 2006, a partir da participação do pesquisador/cineasta, como fotógrafo/pesquisador, no programa de extensão intitulado “Em Cima do Salto: Saúde, Educação e Cidadania”, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia. Fotografar as reuniões e as atividades de intervenção nas casas e nos espaços de prostituição despertou a relação de confiança necessária, que se consolidou durante a pesquisa de doutoramento sobre migração de travestis para a Itália (CARRIJO, 2012a, 2012b).

A permanência do pesquisador/cineasta no campo por mais de uma década também facilitou o trânsito com as travestis, ao mesmo tempo em que a inserção dos/as outros/as pesquisadores/as da equipe em espaços da construção de políticas públicas e militância das travestis mediou as relações com outros/as entrevistados/as, gestores/as e pesquisadores/as. O reconhecimento de que a equipe era composta por pesquisadores/as com histórico de relação ética e comprometida politicamente com os direitos das travestis facilitou a confiança das pessoas filmadas e impactou na colaboração para a viabilização do filme (CARRIJO et al. 2019; RASERA; TEIXEIRA; ROCHA, 2014; ROCHA, RASERA, 2015).

O registro cinematográfico foi o “primeiro ato da investigação”, e as decisões sobre as entrevistas com as pessoas filmadas foram apoiadas no exame dos registros realizados em conjunto com a Keila Simpson, e não mais uma etapa preliminar à filmagem. A negociação das/nas imagens/cenas integrou o processo de construção do filme, e seu consentimento foi reiterado em todos os momentos, como destaca Débora Diniz (2007).

No processo exploratório com os sujeitos envolvidos, fomos nos adaptando uns/umas com os/as outros/as e com os equipamentos existentes no espaço. As primeiras informações obtidas foram importantes, mas, por se referirem a um primeiro contato, eram geralmente menos densas. Somente com o tempo foi possível refinar os argumentos e pouco a pouco definir os contornos do filme.

O registro e o exame das imagens são gestos que condicionam e se definem reciprocamente “até comporem os dois aspectos complementares de um mesmo processo de observação” (FRANCE, 1998, p. 351). Para iniciar essa etapa, recuperamos cenas de gravações do “I Seminário Gênero e Sexualidade: a saúde travestida e o SUS”, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em 2007. Este foi o primeiro momento em que Keila Simpson, posicionada como presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), aproximou-se de travestis e transexuais de Uberlândia que não possuíam qualquer experiência com o movimento organizado de travestis. Ela, olhando as cenas, diz: “São quase 10 anos; desde a minha primeira vinda aqui, muita coisa aconteceu”.

Rever as entrevistas e cenas gravadas e fotografadas em diferentes momentos permitiu organizar e selecionar os acontecimentos que deveriam ser narrados, os locais/cenários para as gravações, as pessoas que deveriam ser entrevistadas, bem como definir quais apagamentos seriam intencionalmente produzidos. Esse conjunto de cenas foi nomeado por Keila Simpson como “baú de histórias”.

As cenas gravadas durante a “2ª Conferência Internacional de Psicologia LGBT e campos relacionados: enfrentar o impacto da discriminação contra pessoas LGBT”,<sup>7</sup> somadas às capturadas no “XXI Encontro Nacional de Travestis e Transexuais na Luta contra a Aids (ENTLAIDS)”;

<sup>7</sup> O evento ocorreu no Rio de Janeiro, em março de 2016, e teve como objetivo a articulação de esforços internacionais para a visibilidade e consolidação do campo de estudos LGBT na Psicologia e áreas afins (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2016).

ocasião em que Keila Simpson foi reeleita para novo mandato de presidenta da ANTRA, compuseram o conjunto nomeado por ela como “coisas do presente”.

Passado e presente se uniram e, na casa de Keila, em Salvador, outros sentidos foram forjados para o documentário. Ser apresentado como um pesquisador que queria contar sua história e as histórias das travestis brasileiras parecia posicionar Keila num lugar de quem era “dona de uma história” e, ao mesmo tempo, disposta a reinventá-la com o pesquisador/cineasta. Assim, sem uma demarcação tão rígida, iniciamos a segunda fase, chamada de produção de esboços.

A produção dos esboços é posterior à inserção e aceitação do pesquisador/cineasta em campo, caracterizando-se pela continuidade e repetição dos registros e pelo necessário exame repetido destes. Essa continuidade se tornou possível em função dos novos suportes de gravação em vídeo, que possibilitam gravar, regravar sobre o gravado, substituindo eventuais enganos, ver e rever as cenas capturadas, construindo assim esboços que permitem variações de uma mesma cena.

Essa atitude metodológica resulta de um não diretivismo e, assim, as pessoas filmadas não são interrompidas no decorrer de seu comportamento, tendo como regra o respeito ao fluxo das atividades. Para France (1998), essa atitude tornaria as pessoas filmadas “destinatários do filme”, e o pesquisador/cineasta seria simplesmente o “mediador-moderador” de todo o processo.

A importância dos esboços é mostrar/revelar aos destinatários do filme a “mecânica do processo de observação”, desvelando o quadro e o fora de quadro, que, de certa forma, acabam por se (con)fundir. Entendemos a profilmia como sendo os efeitos provocados nas pessoas filmadas (*auto-mise en scène*) – em função da presença do pesquisador e da câmera (*mise en scène*) – e que essa interação desloca a ideia de objetividade do filme etnográfico. Assumimos que a intersubjetividade afetou o processo de observação/gravação e também o resultado final. Esse diálogo entre comportamento observado e observação comporia o essencial da montagem final do filme (FRANCE, 1998).

No decorrer da pesquisa e, simultaneamente, das filmagens, o filme se delineou. No vai e vem entre a produção dos esboços, por meio da análise dos resultados com e sem a presença das pessoas filmadas, hipóteses e imagens foram construídas pelo pesquisador/cineasta, que devolvia a Keila essas narrativas em formato de enredo.

A observação diferida detalhada dos esboços permitiu ao pesquisador/cineasta decidir pela continuidade dos rumos do trabalho ou por sua eventual mudança, assim como rever e tomar consciência das implicações de sua *mise en scène* (FRANCE, 1998). Os diálogos com as pessoas filmadas e com os/as autores/as desse trabalho permitiram dirimir dúvidas que surgiram no decorrer da pesquisa, assim como estruturar melhor o momento das possíveis entrevistas.

Ver-se no filme e ser o filme produzia em Keila uma reflexão sobre sua trajetória entrecruzada com o movimento das travestis brasileiras, mas também remetia a outros lugares de interação. Foi assim que se afirmou como necessária a visita à casa da mãe de Keila, no interior do Maranhão.

Em 2016, o contexto político brasileiro também impactou a construção do filme, não somente pelas mudanças ocorridas em cargos/pessoas na gestão, mas principalmente porque tais mudanças significavam e eram percebidas como ameaças e retrocessos nas políticas relacionadas aos direitos humanos; particularmente às direcionadas à população LGBT. O processo de impedimento da Presidenta Dilma Rousseff foi finalizado com a decisão do Senado em 31 de agosto de 2016. No entanto, o primeiro decreto de Michel Temer, ainda como presidente interino, extinguiu o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos em 12 de maio de 2016. Outras modificações nos ministérios que dialogavam diretamente com o movimento das travestis causaram impactos nas decisões tomadas para o filme, pessoas foram substituídas, eventos foram desmarcados e algumas rotas modificadas.

A singularidade do ano de 2016 ficou também registrada pela presença de candidaturas de pessoas que se identificavam como travestis e/ou transexuais para os cargos do poder legislativo municipal, ainda que em um espectro ideológico-partidário bastante diverso. Esse cenário desencadeou a eleição de nove pessoas identificadas como travestis e/ou transexuais para as câmaras legislativas, todas elas em partidos considerados de pautas de direita (PRADO, 2016).

Atentos aos espaços e pautas do movimento social que foram colocados em disputa nesse processo, a Associação de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro – Triângulo Trans – e o Programa em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania organizaram o “VII Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro”, com o tema central “Participação (na) Política: a visibilidade trans nas eleições de 2016”. Jovanna Baby, Indianara Siqueira e Keila Simpson, reunidas numa mesma mesa-redonda, reafirmavam a posição de precursoras e (re)produziam as narrativas sobre a história do movimento de travestis brasileiras.

Nesse encontro, entre outras pautas, alguns temas pareciam inaugurar os novos encontros das travestis e transexuais, trazendo as experiências de envelhecimento e suas interfaces com os direitos previdenciários, nas narrativas de Anyky Lima, assim como as percepções sobre as atuações na disputa eleitoral de Amara Moira, Fernanda Benvenuty, Indianara Siqueira e Pamela Volp. Entremendo essas pautas, também identificamos a permanência de pautas recorrentes no movimento das travestis, como o enfrentamento da violência e a presença silenciosa do HIV/Aids, apontadas anteriormente por William Peres (2015), Larissa Pelúcio (2009) e Mario Carvalho (2011).



Nos intervalos do evento, nas festas e na casa em que as travestis ficaram hospedadas, as entrevistas eram discutidas com Keila Simpson, que apresentava o projeto do documentário para as outras e mediava as gravações. Não menos inusitado foi ela decidir que seria fundamental que Marcelle Malta, outra travesti muito atuante no movimento social das travestis, participasse da proposta, e foi ao seu encontro. Marcelle estava na cidade para um evento de outra rede, organizada recentemente e reunindo menor número de filiadas do que a ANTRA. Aparentemente em posições de disputa, Keila e Marcelle se encontraram num almoço festivo com todas as outras lideranças citadas anteriormente. O acolhimento, as manifestações de afeto e as recordações que circularam nesse espaço apontavam que o compartilhar da luta por décadas produziu entre elas um sentido de pertencimento que não se desfez em razão de divergências entendidas por Marcelle como “coisas menores”. Marcelle fala de suas histórias, atravessadas por tantas outras histórias, e, generosa com Keila, é cúmplice desta ao dizer que a luta é maior do que as pessoas. A presença do pesquisador/cineasta em campo transformou o registro filmico, pois a captura e o registro de ações, gestos e comportamentos não seriam apenas marcados pela negociação imediata.

Reconhecendo o documentário como uma produção da/na academia, Keila fala dessa relação com os pesquisadores como parte significativa de sua formação indireta. Recupera em Luiz Mott sua primeira aproximação com as estratégias de prevenção da Aids, o que guarda semelhança com outras histórias. Parte significativa dos/as pesquisadores/as e das pesquisas foi atravessada por esse universo, como apontam as revisões de literatura realizadas por Amaral et al. (2014) e Raimondi, Paulino e Teixeira (2016). Keila se apropriou das técnicas e saberes da pesquisa; foi a interlocutora principal do trabalho de Kulick (2008) e, como revela sorrindo, já foi “nome de pedra preciosa, de flor, de planeta e de outras mulheres em tanta pesquisa que perdeu a conta”. Observamos na sua casa um conjunto de livros produzidos por pesquisadores/as brasileiros/as e também outros que podem ser considerados como referência no campo dos estudos de gênero, tais como Judith Butler.

Keila também transitava como consultora em outras pesquisas realizadas no Brasil; demonstrava conhecer alguns procedimentos metodológicos, muitas vezes relacionados à coleta de dados, e alguns resultados de pesquisas realizadas recentemente, tais como o “Projeto Muriel: vulnerabilidades, demandas de saúde e acesso a serviços da população de travestis e transexuais do estado de São Paulo”, sob a coordenação de Maria Amélia Veras; o “Projeto PopTrans”, coordenado por Inês Dourado; o “Projeto Divas”, coordenado por Mônica Malta; a pesquisa “Análise do acesso e da qualidade da atenção integral à saúde da população LGBT no SUS”, coordenada por Maria Fátima de Sousa e Ana Valéria Mendonça; e a pesquisa “Direitos e violência na experiência de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população”, coordenada por Marco Aurélio Maximo Prado.

Com essa mesma desenvoltura com que circulava na academia, Keila apresentava os espaços da gestão federal. Embora marcado pelo contexto de retrocesso, como dito anteriormente, o fortalecimento da participação popular nos espaços de gestão imprimiu nela sentidos de pertencimento (SIMPSON, 2015). Ela presidiu o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), vinculado à extinta Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), e integrou também o Comitê Técnico de Saúde Integral LGBT. No entanto, no momento de realizar as entrevistas com gestores identificados por ela, o local escolhido/negociado para a filmagem foi uma sala no Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, avaliado como um refúgio seguro em tempos difíceis.

Coerentemente ao referencial teórico adotado para este projeto, compreendíamos a necessidade de incorporar o comportamento profilmico da protagonista, que sanciona o caráter *sui generis* da observação filmica. O filme foi também um experimento metodológico de observação que reuniu diferentes versões da protagonista na construção de outra narrativa.

Efetivamente, parte importante do filme consistiu na observação e na montagem dos esboços prévios, isto é, a articulação dos planos e das cenas, uma após a outra, transformando os esboços filmados no documentário propriamente dito, conservando as descobertas proporcionadas pela imagem em movimento. Assim, descrever por meio do filme seria, segundo France (1998), também apresentar de maneira aprofundada, por meio dos fragmentos filmados, a protagonista e suas relações de sociabilidade.

O filme foi lançado em novembro de 2016 na cidade de Pedreiras, onde reside a família de Keila. Ele está circulando e sendo apropriado pelo movimento das travestis como o filme de Keila. É exibido em encontros e seminários com sua presença e, às vezes, com a do pesquisador/cineasta e outros/as pesquisadores/as. O filme é de Keila, e o fato de Keila acompanhar sua recepção colabora para entender aspectos sensíveis da protagonista e das imagens e, de forma indireta, compreender que o sensível emaranha tantas Keilas nas vidas das travestis espectadoras que se deslocam no e para o filme. São narrativas de verdade e narrativas encenadas que sugerem proximidades e singularidades das vidas das travestis, enlaçadas pela precariedade e pela coragem de reivindicar uma vida dissidente.

#### Informações sobre os autores:

Gilson Goulart Carrijo

 <http://orcid.org/0000-0001-5209-3884>

 <http://lattes.cnpq.br/0116991711672658>

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1992) e mestrado em História pela mesma Instituição (2002). Exerceu atividade docente no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia e no Centro Universitário do Triângulo nas áreas de cinema (direção de fotografia) e fotografia (teoria e técnica). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política da Universidade Federal de Uberlândia tendo como área de interesse a relação entre imagem



e palavra. Defendeu o doutorado em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas com pesquisa cuja temática é a construção de sentidos na fotografia. Realizou estágio doutoral entre os meses de novembro de 2009 a maio de 2010 na Università Degli Studi di Milano, Milano, Itália. Integrante do Observatório de Saúde Indígena NESP/UnB com ênfase na produção audiovisual e educação em saúde. Realizou pós-doutoramento na Universidade Federal de Uberlândia (bolsista CAPES/PNPD) com a supervisão do Prof. Dr. Emerson Rasera, finalizado em julho de 2017.

*Keila Simpson*

 <http://orcid.org/0000-0002-8916-5500>

Travesti presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e coordenadora do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT da Bahia. Vencedora do Premio Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República - 2013.

*Emerson Fernando Rasera*

 <http://orcid.org/0000-0001-6289-2313>

 <http://lattes.cnpq.br/4150720668977002>

Possui Graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1995), Aprimoramento em Promoção de Saúde na Comunidade pela Universidade de São Paulo (1997), Mestrado e Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2000, 2004), e pós-doutorado pela University of New Hampshire (EUA) (2011-2012). Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Foi Coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia (2008-2009). Foi Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Social (2016/2017). É Membro do Corpo Editorial e Revisor de vários periódicos de Psicologia. Membro do Taos Institute (USA). Integrante do GT Cotidiano e Práticas Sociais da ANPEPP. Líder do Grupo de Pesquisa “Psicologia, Saúde e Construcionismo Social” (CNPQ). Desenvolve ações de cooperação com a University of New Hampshire (EUA) e NHTV Breda University of Applied Sciences (Holanda). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Processos Grupais e de Comunicação. Atua principalmente nos seguintes temas: construcionismo social, processo grupal, saúde coletiva, sexualidade.

*Flavia Bonsucesso Teixeira*

 <http://orcid.org/0000-0001-5605-636X>

 <http://lattes.cnpq.br/6588767019535064>

Possui Graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), Especialização em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia (1994), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2000), Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2009), e pós-doutorado pela Università degli Studi di Milano (IT) (2009-2010). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal de Uberlândia lotada no curso de Medicina (Departamento de Saúde Coletiva) e Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família. Tem atuado principalmente nos seguintes temas: gênero, sexualidade, prostituição, migrações e conjugalidades. Integrante da rede de trabalho sobre gênero, migrações e tráfico de pessoas do PAGU/Unicamp. Realizou estágio pos-doutoramento no Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp com a temática migração, gênero e saúde sob a supervisão da professora Adriana Gracia Piscitelli.

#### Contribuições dos autores:

Gilson Goulart Carrijo foi responsável pela concepção e desenho do estudo, revisão e aprovação da versão final do manuscrito. Keila Simpson participou da análise e da interpretação dos dados do estudo, juntamente com Flavia do Bonsucesso Teixeira, que foi responsável pela elaboração da versão final do manuscrito. Emerson Fernando Rasera supervisionou o estudo e participou de todas as fases de elaboração do manuscrito.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

CARRIJO, Gilson Goulart et al. Gravando: desafios para (re) contar narrativas do(n) movimento social de travestis brasileiras. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3, p. 277-284, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5789>

##### APA

Carrijo, G. G., Simpson, K., Rasera, E. F., & Teixeira, F. B. (2020, Setembro/Outubro). Gravando: desafios para (re)contar narrativas do(n) movimento social de travestis brasileiras. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3.), 277-284. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5789>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Carrijo, G. G., Simpson, K., Rasera, E. F., & Teixeira, F. B. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Carrijo, G. G., Simpson, K., Rasera, E. F., & Teixeira, F. B. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

#### Referências

- AMARAL, Marília dos Santos et al. “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200007>
- BAZIN, André. *Qu'est-ce que le cinema?* Paris: Cerf, 1981.
- BOAS, Franz. *The Central Eskimo*. Washington: Government Printing Office, 1888. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/42084>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- CARRIJO, Gilson Goulart. *(Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica*. 2012a. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2012a.
- CARRIJO, Gilson Goulart. Poses, posses e cenários: as fotografias como narrativas da conquista da Europa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 525-538, 2012b. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200013>
- CARRIJO, Gilson Goulart et al. Movimentos emaranhados: travestis, movimentos sociais e práticas acadêmicas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54503, 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254503>
- CARVALHO, Mario Felipe de Lima. *Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- COMOLLI, Annie. Elementos de método em antropologia fílmica. In: FREIRE, Marcus; LOURDOU, Philippe (Org.). *Descrever o visível: cinema documentário e antropologia fílmica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 23-52.

- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. 2ª Conferência Internacional de Psicologia LGBT e campos relacionados. CFP, 22 fev. 2016. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/2a-conferencia-internacional-de-psicologia-lgbt-e-campos-relacionados/>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- DINIZ, Debora. Ética em pesquisa social em saúde. In: GUILHEM, Dirce; DINIZ, Debora; ZICKER, Fabio (Ed.). *Pelas lentes do cinema: bioética e ética em pesquisa*. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2007. p. 135-160.
- FRANCE, Claudine. *Cinema e Antropologia*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução de César Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MALINOWSKI, Bronisław. *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). Tradução de Anton Carr e Ligia Cardieri. São Paulo: Ubu, 2018.
- MONTE-MOR, Patrícia; PARENTE, José Inácio (Org.). *Cinema e antropologia: horizontes e caminhos da antropologia visual*. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Antropologia e filme etnográfico: um travelling no cenário literário da antropologia visual. *BIB. Revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 48, p. 91-115, 1999.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume-FAPESP, 2009.
- PERES, William Siqueira. *Travestis Brasileiras: dos estigmas à cidadania*. Curitiba: Juruá, 2015.
- PETIT à Petit. Direção de Jean Rouch. Produção de Pierre Braunberger. França/Niger: Les Films de la Pléiade, 1970. 1 DVD (96 min).
- PRADO, Marco Aurélio Máximo. Representação local e política partidária: candidaturas transexuais e travestis no Brasil. *Sexuality Policy Watch*, 18 nov. 2016. Disponível em <https://sxpolitics.org/ptbr/representacao-local-e-politica-partidaria-candidaturas-transexuais-e-travestis-no-brasil/6884>. Acesso em: 15 out. 2017.
- RAIMONDI, Gustavo Antonio; PAULINO, Danilo Borges; TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. *O que importa? As pesquisas brasileiras no campo da saúde e as (in)visibilidades das travestis e transexuais*. *Saúde & Transformação Social*, v. 7, n. 3, p. 133-146, 2016. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/4197>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- RAPAZOTE, João. *Antropologia e documentário: da escrita ao cinema*. *Doc On-line*, n. 3, p. 82-113, 2007. Disponível em: [http://doc.ubi.pt/03/artigo\\_joao\\_rapazote.pdf](http://doc.ubi.pt/03/artigo_joao_rapazote.pdf). Acesso em: 17 fev. 2018.
- RASERA, Emerson Fernando; TEIXEIRA, Flavia Bonsucesso; ROCHA, Rita Martins Godoy. Construcionismo social, comunidade e sexualidade: trabalhando com travestis. In: GUANAES-LORENZI, Carla et al. (Org.). *Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014. p. 289-301.
- ROCHA, Rita Martins Godoy; RASERA, Emerson Fernando. Sentidos sobre a amizade entre travestis: construção de repertórios interpretativos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 239-247, 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015021853239247>
- SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, José Sousa; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvania Caiuby (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 57-71.
- SCHEINFEIGEL, Maxime. *Jean Rouch*. Paris: CNRS, 2008.
- SIMPSON, Keila. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão. *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Brasília; Ministério da Saúde, 2015. p. 9-16.

## Corpo em sofrimento, afirmação de uma vida

Bibiana Munhoz Roos,  ★ Angelica Vier Munhoz 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

### Resumo

*Esta escrita tem por objetivo questionar a suposta ditadura da felicidade que vivemos atualmente. Reproduzimos e consumimos modelos de vida sem questionar aquilo que eles têm produzido em nós, colocando-nos a serviço de uma felicidade pautada como modo de recompensa. Pretende-se compreender de que modo a experiência do sofrimento e da fraqueza fazem parte de uma ética afirmativa de vida, a partir do pensamento de Nietzsche e Spinoza. Busca-se pensar para além dos discursos reclamatórios e negacionistas de sofrimento, que acabam por minimizar a potência de nossa existência. O corpo, nessa medida, encontra-se vedado e anestesiado à experiência sensível, enquanto seguimos manuais que acreditamos conter o segredo da felicidade, sem espaço para o sofrimento. Pretende-se encontrar possibilidades de desvios desses modos de pensar o corpo e a vida, com vista a tornar o cotidiano mais leve, percebendo o sofrimento e, até mesmo a morte, sob uma outra ótica, distante de qualquer julgamento moral ou representacional.*

*Palavras-chave:* sofrimento; alegria; afecção; fragilidade; potência.

## Body in suffering, a life affirmation

### Abstract

*This piece of writing aims to problematize the suppose empire of happiness we live in a currently days. We reproduce and consume living standards without questioning what they have produce, putting ourselves happiness's service as a way of reward. Itending to think about the way of suffering experience and weakness can be faced as an affirmative ethics of life, according to Nietzsche's and Spinoza's thoughts. This paper seeks to think beyond the complaining and negationists speeches about suffering wich end up minimizing the potentiality of life. In that measure, the body is enclosed and anesthetized to the sensitive experiences, while we are following manuals we believes containing de secret of a happy life, without space to experience of suffering. It also intends to find possibilities to deviate from this way of think about body and life, in order to make daily life lighter; seeing suffering and even death through new eyes, moving away from any moral or representational judgment.*

*Keywords:* suffering; happiness; affection; fragility; potentiality.

### Notas introdutórias

Este ensaio se produz em meio às discussões que emergem no grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), o qual busca investigar os processos de ensinar e aprender permeados por práticas educativas e artísticas, em espaços escolares e não escolares. O grupo de pesquisa articula-se ao pensamento pós-nietzschiano da Diferença, tendo como alguns de seus referenciais teóricos Foucault, Deleuze e Guattari, Nietzsche, entre outros. Nesse sentido, pensar o corpo e seu aprender em meio a práticas cotidianas, educativas ou não, artísticas ou não, integram esse exercício de pensamento, do presente artigo, ao escopo da referida pesquisa.

Trata-se de uma proposta que vem com o intuito de repensar alguns dos discursos que emergem na sociedade atual, cujo sintoma mais flagrante é a noção de crise. Enuncia-se a todo momento “a crise” em suas mais diversas facetas: crise da educação, crise da saúde, crise da economia. A crise que já não é mais a crise na modernidade, que surgia de modo natural e impunha a necessidade uma decisão final, um remédio, a fim de acabar com uma insegurança. Nos dias atuais, o remédio já não serve para pôr fim à crise, mas ao inverso, a crise é desencadeada para produzir o remédio. O capitalismo cria um conflito em cada um de nós, e a crise se torna uma técnica política

de governo e, assim, uma estratégia para “[...] prevenir, por via da crise permanente, toda e qualquer crise efetiva” (PELBART; FERNANDES, 2018, p. 26-27). Desse modo, mantém uma insegurança existencial crônica que instaura o medo que limita o corpo as experiências sensíveis e, por sua vez, imprevisíveis.

Uma crise que se instaura no corpo, transpassa vísceras, rasga a carne e aquece o sangue, produzindo vibrações outras num corpo em estado de esgotamento, mas que, por sua vez, não quer se esgotar. Num corpo que percebe sua morte em vida, que está aprisionado e enclausurado em formas e padrões que ditam verdades e elencam modos de existência superiores e excludentes. Uma catástrofe que acima de tudo é metafísica, afetiva e existencial, que faz com que o homem, pelo seu estrondoso temor em relação ao mundo, queira se fazer amo e possuidor da natureza. Um homem que tudo engendra, tudo cria e tudo domina, tudo recria de modo contínuo “sem conseguir suportar uma realidade que, por todos os lados, o ultrapassa” (PELBART; FERNANDES, 2018, p. 34). Sem conseguir suportar a noção de que o próprio corpo está sempre adiante de si, transborda sempre seu próprio território.

Uma lógica que produz uma crise para, assim, imperar em suas soluções e imperativos. Um corpo que vive, mas é conduzido a repugnar a vida. Vida esta, enquanto imprevisível, acontecimental, corporal, quente e cansada. Para se proteger da dor do real e imprevisível que diz da vida, o homem “projeta-se para um plano ideal, digital, sem fic-

\*Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Paulo Gama, 110 - Farroupilha, Porto Alegre, RS – Brasil. CEP: 90046-900. E-mails: [bibi\\_roos@hotmail.com](mailto:bibi_roos@hotmail.com), [angelicavmunhoz@gmail.com](mailto:angelicavmunhoz@gmail.com)  
Os dados completos dos autores encontram-se ao final do artigo.





ção nem lágrimas, sem morte e nem cheiro” (PELBART; FERNANDES, 2018, p. 34). Produz, assim, discursos que o engolem, aciona modos de autoajuda que prometem a felicidade, a aniquilação da dor, a ausência das lágrimas e uma certa anestesia da vida que ainda pulsa.

Reproduzimos e consumimos modelos de vida sem questionar aquilo que eles têm produzido em nós. O problema talvez não seja o consumo em si, mas o ideal ilusório que transpassa esse consumo de forças prontas e frias. Sustentamos discursos que foram construídos ao longo do tempo e que fazem com que sejam tomados como verdades absolutas de vida. Sustentamos discursos como promessas de paz sobre a Terra, sem compreender que a paz nunca existirá. Nem a paz sobre a Terra e tampouco a paz sobre o corpo. E, se essa paz existe, talvez esteja na noção de sua inexistência.

Sem o intuito de exercer um juízo de valores que impõe como devemos viver nossas alegrias e tristezas, busca-se pensar para além dos que acabam por minimizar nossa potência de vida. Pelo contrário, pretende-se encontrar possibilidades de desvios desses discursos, que tornem o cotidiano mais leve e que façam com que possamos olhar e experienciar de outro modo aquilo que tomamos como nossas maiores fragilidades e fraquezas. Fragilidades da humanidade, do homem, do corpo, da vida.

Trata-se de problematizar discursos e pensar em possibilidades outras de recriar para si uma vida mais potente. Como habitar, em meio à crise, essas verdades? Verdades que refutam a dor e o sofrimento e que, quando não o fazem, colocam-nos a serviço de uma suposta felicidade pautada como modo de recompensa. Como potencializar a vida desse corpo esgotado? Um corpo que cansa, mas que não pode demonstrar cansaço, que sofre, mas não pode mostrar sofrimento? Um corpo que se vê enclausurado em uma suposta ditadura que produz escravos da felicidade, que em cada esquina encontra um outdoor onde está escrito “good vibes only”.

### Forças de um corpo frágil

Em meio aos mecanismos de coerção e dominação do corpo, a saúde se tornou um bem de consumo, e cada vez maiores são as promessas e consumo de forças prontas que indicam a qualidade de vida. Cada vez mais, submergimos na lógica de uma felicidade plena, cada vez mais nos são ofertados produtos que prometem essa felicidade, que subjagam a dor, a impotência e a infelicidade – que a mesma lógica não cessa de produzir. Em tempos de uma sociedade capitalista, não há mais lugar para o sofrimento, e ele é compreendido como uma patologia, como se não fizesse parte da vida.

Acreditamos que somos livres, porém estamos cada vez mais dependentes das tecnologias e dos saberes dos *experts*. Colocamos nossa vida nas mãos de quem não conhecemos e raramente temos a noção dos jogos de poder que nos envolvem. A psiquiatria rendeu-se à neurociência, tratando o ser humano apenas como um ser biológico, ouvindo queixas, organizando os sintomas, etiquetando e prescrevendo.

Em meio à ascensão do saber médico, dos discursos em relação à felicidade e da medicalização da vida, seria possível pensar naquilo que tomamos como fragilidade de um corpo, uma potência? Tomemos os corpos frágeis do jejuador de Kafka (1991), do copista de Melville (2008), dos corpos inomináveis de Beckett (2009). O que há neles? Quais forças os atravessam? Para Pelbart (2009, p. 49), é justamente a aparente fragilidade de tais figuras e permissividade que faz com que o sofrimento os atravesse, isto é, o ato de “*passividade constitutiva*”<sup>1</sup> perante o sofrimento, que os torna ativos. Uma espécie de força de resistir face ao sofrimento. Parece tratar-se, tal qual nos diz Deleuze e Guattari (2012), de criar para si um corpo sem órgãos, ou, ainda, encontrar seu corpo sem órgãos, uma forma de escapar do juízo, de escapar do corpo como um organismo, da organização dos corpos e dos modelos.

A questão é que existem forças que atravessam esses corpos, no limiar entre a vida e a morte, que não poderiam atravessar corpos excessivamente encoraçados. Algo se passa nesses corpos, permeados pela sua condição de fragilidade, e que ainda assim os torna ativos, dando passagem a outras forças, talvez não possíveis em um corpo esquadrihado. Mas seria preciso produzir um corpo morto ou estar próximo da morte, para que essas forças o atravessassem? Poderia um corpo desembaraçar-se de sua organização, desinventar seus órgãos, para então dar passagem a elas? De que maneiras seria possível dar passagem a essas forças presentes nesse corpo fragilizado?

Desde tempos imemoráveis o corpo é coagido por mecanismos e ações e, de certa maneira, roubado de toda sua potência. A crise do corpo se instala ao passo que ele “já não aguenta mais” (LAPOUJADE, 2002, p. 2), tal sistema de martírio e narcose que o cristianismo, e posteriormente a medicina, elaboraram para lidar com a dor. Um na sequência e no rastro do outro: “[...] culpabilização e patologização do sofrimento e insensibilização e negação do corpo” (PELBART, 2009, p. 45). O sofrimento pede passagem, o que ainda vibra do corpo grita, grita por estar sofrendo e, novamente como grande parte da dor que se instala, está sendo aniquilada.

A crise, assim como a febre, existe, e com sorte existe, não para que simplesmente se acabe com elas, mas porque há algo ali a nos dizer. E mais, existe algo para se pensar. Uma crise do homem, que é a estranheza em relação ao seu mundo. Talvez não seja o mundo que esteja perdido, mas nós é que estamos perdidos no mundo, “acabados, amputados, cortados, nós que recusamos alucinadamente o contato vital com o real” (PELBART; FERNANDES, 2018, p. 35).

Assim, essa crise moderna que se instaura e a qual, sim, devemos temer não é nem a crise econômica, nem a política ou nem mesmo a ecológica, mas uma crise que “é antes de tudo uma crise de presença” (PELBART; FERNANDES, 2018, p. 35). Crise que diz de um esgotamento subjetivo de recursos vitais do nosso contemporâneo e que se configura, além de tudo, numa aparelhagem sofisti-

<sup>1</sup> Grifo do autor.

cada de ausência. Ausência de si. Não é o apetite de nada, mas a ausência do apetite. O desejo de nada ainda é o desejo. A dor ainda é dor de algo que vive e por isso sente.

Aquele homem que fazia cópias na frenética Wall Street (MELVILLE, 2008) e que intrigava e irritava Herman Melville ao emitir o “prefiro não”, quando lhe era solicitada alguma tarefa, ainda preferia algo. Ainda que preferisse não o fazer, dizia de um desejo. Contrariando aquilo que se esperava, escapando da norma, desejando o que dizem que não é possível desejar. Um corpo instável, fora do normal, fora da norma. Frágil, tal corpo que ainda não tem forma acabada e lida com a instabilidade de não saber o que está por vir, mas ainda assim vive. Trata-se ainda de vida e não de morte, existe ainda a abertura para se experimentar em seus encontros. Talvez a forma do corpo ou o seu estado seja justamente sua informe porosidade, e é em meio a essa fragilidade e imprevisibilidade que a potência de vida toma força.

### “Precisamos ser felizes”

É chamado louco, pessimista ou depressivo aquele que não defende a felicidade, ou melhor, aquele que não refuta a dor e a tristeza. Alegria e tristeza são, assim, tomadas como instâncias distintas que se excluem, se uma está presente, a outra não pode estar. Dessa maneira, emerge a busca de uma suposta “felicidade plena”, que a todo custo evita as tristezas e tudo aquilo que um suposto tribunal da razão compreende como sofrimento. Com o objetivo de problematizar tal discurso, nos aproximamos, ainda que brevemente, do conceito de Alegria em Spinoza (2009), que pode ser compreendida não como um estado da alma, mas como uma maneira de existir. Um processo que não depende de modelos e de estratificações, que não se configura como uma recompensa ou um lugar a que se chegar. Tal conceito, de acordo com o filósofo, em termos menos capturados pelo sentido comum, pode ser compreendido como algo capaz de tornar o espírito mais tranquilo: nossa beatitude.

Se perguntarmos a uma criança o que é a felicidade, talvez ela não saiba ao certo responder. Se perguntarmos a um adulto, possivelmente a resposta estará na ponta da língua. A questão parece ser que a criança ainda experimenta o mundo pela ordem do sensível, e, assim, está menos presa a julgamentos morais.

Existem coisas que não podem ser ensinadas, mas antes experimentadas. Trata-se daquilo que se compõe com cada corpo e produz efeito, antes de qualquer julgamento moral ou representacional. Os homens, os mesmos que não faltam para escrever “sobre a reta conduta da vida muitas coisas excelentes e dar aos mortais conselhos cheios de prudência” (SPINOZA, 2009, p. 87), chamam as coisas naturais de ordinárias, perfeitas e imperfeitas, antes pautados em preconceitos do que em um verdadeiro conhecimento sobre elas.

Quando julgamos uns modelos como mais perfeitos do que outros, quando afirmamos sua impotência, é antes porque não nos afetam semelhantemente àqueles os quais chamamos de perfeitos, e não porque lhes falte alguma coisa. Em tal medida, Spinoza (2009) nos ajuda a pensar

que nossa potência de agir varia conforme nossas composições, com nossos encontros. Depende da maneira como somos afetados, que não é pautada em um modelo moral, mas antes químico. Depende dos tipos de afecções, entendendo afecção como algo que vem de fora e modifica, tornando-se, assim, paixões alegres ou tristes.

Para Spinoza (2009) os afetos são sempre uma passagem. Uma passagem de uma potência maior para uma menor, se aquilo me destruiu; de uma potência menor para uma maior, se algo compôs comigo. O que se compõe comigo me alimenta, aumenta a minha potência, do contrário, fico envenenada, diminuindo-se a minha potência.

Assim, as concepções de alegria e felicidade em Spinoza são concebidas a partir das paixões pelas quais a potência de cada um é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada. A tristeza consiste sempre na passagem de uma perfeição maior para uma menor. A questão parece ser que a tristeza consiste justamente na passagem, e não na perfeição menor em si; e assim, à medida que se participa de uma determinada perfeição, não se torna possível entristecer.

Em Spinoza, não se pode dizer que a tristeza consiste na privação de uma perfeição maior, quando a tristeza, de algum modo, participa da perfeição. Diferentemente do que concepções modernas defendem, a tristeza não se trata de um mal a ser evitado ou privado. Somos dotados de potência de agir, e a paixão triste é sempre impotência. Quando o que nos acontece nos entristece e frustra, o nosso desejo ou nossa potência de agir produz um mau encontro. Nesse sentido, o bom e o mau são sempre uma questão de alimento, nunca de julgamento, sempre uma questão de composição e decomposição. A noção de bom e de mal são os próprios afetos de tristeza e alegria, quando tomados pela consciência.

A tristeza, tanto como a alegria, é o próprio desejo e apetite, enquanto aumentados ou diminuídos por causas exteriores. Só conhecemos o bem e o mal vivendo os afetos alegres e tristes. Vemos que a tristeza, e nesse sentido a dor, não envolvem a ausência de apetite e nem de desejo. Assim, não é na imposição de uma suposta ditadura da felicidade, que acredita na evitação da dor e da tristeza, que estaremos potencializando e alimentando nossa vida, mas, pelo contrário, despotencializando nosso ser. Que é também quando, em Spinoza (2009), somos coagidos por causas exteriores e deixamos de buscar aquilo que nos é útil e de nos esforçar para conservar nosso ser.

O desejo é, antes de mais nada, um desejo de existir, e o sofrimento é, assim, a expressão desse desejo. Quando passamos a pensar e agir regulados apenas por causas exteriores, modelos antes estabelecidos, conceitos já formulados, nos afastamos de nossa própria existência enquanto potência. Vamos diminuindo nossa potência, que é esse desejo e esforço para perseverar-nos em nosso ser; logo, atentamos contra nossa própria natureza. Ainda que sedutora seja a ideia de que o caminho para a felicidade está na evitação da dor, ela tem nos custado caro. Tem nos custado uma suposta anestesia de nós mesmos. Anestesia que não diz respeito ao não conhecimento daquilo que nos acontece ou transpassa, até porque o pensamento

spinozista compreende que existe a instância do imprevisível em nossa ética de vida. A anestesia mencionada aqui se trata dessa suspensão total da sensibilidade e da espontaneidade. Anestesia não é o não saber o que se passa, mas não se permitir sentir aquilo que se passa.

### Que corpo é este?

Quando se fala do corpo, não se fala de um lugar qualquer, de um corpo qualquer. Então, que corpo é este? Um conjunto de membros? Um braço? Uma perna? Uma mente? Um fígado? Dois pulmões? Evoca-se a noção de um corpo tomado não apenas em uma instância, seja ela biológica, anatômica ou neurológica. Um corpo que não pode ser estratificado, que não pode ser classificado e que não é passível de previsões. Um Corpo sem Órgãos (CsO), que não é uma noção ou conceito, mas uma prática, ou melhor, um conjunto de práticas, tal como nos dizem Deleuze e Guattari (2012, p. 13), “um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente intensidades passam e circulam”.

Um corpo disforme, no qual nada tem lugar fixo, podem existir braços por todo o lado ou a ausência de vísceras, pois ele é movido pelo desejo, pelas intensidades. Um corpo que se modifica a cada encontro. Ideais platônicos da dicotomia corpo/alma medem, estratificam e delimitam a figura do corpo enquanto finita e divisível em parte. Quanto a isso, Spinoza (2009, p. 13) questiona “[...] se substância corpórea pudesse ser dividida de maneira tal que as suas partes fossem realmente distintas, por que, então, uma dessas partes não poderia ser aniquilada, com as outras permanecendo, como antes, ligadas entre si?”.

Portanto, não se trata de pensar os corpos como organizações sedimentarizadas. Esse corpo que se separa e do qual se extrai um trabalho útil é um estrato do corpo, desse corpo organizado e biologicamente concebido. O corpo, o que Spinoza também chama de substância corpórea, não pode ser dividido. Trata-se de um corpo infinito, um corpo de conexão de desejos, intensidades, um corpo por vezes insuportável; quando não é mais possível suportar as intensidades do CsO, necessitamos cada vez mais do organismo. E paralisamos não diante do corpo, mas de um estrato do corpo que é “fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentarização que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 24).

Mas o corpo é paradoxal, errante, fugidio, e, assim, insistimos em maneiras outras de pensá-lo, por meio das quais emergem possibilidades de se rachar com as verdades impostas e habitar a vida, a dor, o sofrimento de maneiras outras. De criar para si um corpo sem órgãos, de criar possibilidades desviantes dos discursos dominantes que ditam como devemos disciplinar nossos corpos. O corpo, nessa perspectiva, torna-se maleável, permeável, tem seus poros abertos para serem atravessados, transpassados e imersos em blocos de sensações. Permite-se estar aberto aos encontros e às afecções, às paixões alegres e tristes, às ações, sempre alegres. Ainda de acordo com a proposição de Spinoza (2009), as afecções podem

levar também à destruição, quando um corpo se encontra com outro que tem uma potência maior que a sua. Contudo, a vedação dos poros, como promessa de uma evitação de dor e sofrimento, pode também levar o corpo à destruição, em uma ausência de si.

A suposta ditadura da felicidade, que impõe modos para lidar com o sofrimento e demais ocorrências da vida, não poderia ser criada senão em cima de preconceitos. E assim, sobre esse corpo pós-orgânico, como se só ele existisse. É impossível, ou então inútil, dissertar sobre aquilo que é bom ou mau, desejável ou indesejável para os indivíduos quando, de fato, não o sabemos. Como diria Spinoza (2009), quanto à música, esta pode ser boa para um melancólico, má para um aflito ou mesmo indiferente para aquele que não ouve.

O pior não é permanecer estratificado enquanto corpo, mas precipitar tais estratos em uma queda suicida. Não se trata de refutar a instância estrato, mas de experimentar aí as oportunidades que o estrato nos oferece, “ter sempre um pedaço de uma nova terra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 27). Não se trata, ainda, de negar o julgamento moral, negar ou lutar contra a ditadura da felicidade na qual estamos imersos. Até porque, negando, cairíamos sobre essa mesma lógica de evitação a qual buscamos ultrapassar. Não se trata de negar nada, mas de experimentar. Não apenas um organismo que funciona, mas um CsO que se constrói (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 28).

### Dizer sim à vida

O cotidiano de nossas vidas torna-se excessivamente pesado, ao passo que tudo e todos temos muito a dizer sobre o que somos e queremos, e mesmo assim permanecemos em um silêncio impotente. Mais do que carregar fardos ou provas para ser feliz, há que se instaurar em tais fardos e provas para experimentar possibilidades outras. Não negar as receitas, os manuais e nem declarar guerra à ditadura da felicidade. Mais do que preocupar-se em ter uma vida feliz, há que se perceber a importância de se ter “uma vida” e afirmar a existência dessa vida.

Assim, não é possível experimentar a vida negando aquilo que nela está implicado. É impossível desejar viver e agir bem sem antes desejar e agir, “existir em ato” (SPINOZA, 2009, p. 86). A felicidade não pode ser compreendida assim, como a consequência de nossas ações ou pensamentos, mas é ela mesma a causa e efeito da vida. A vida que é esse plano de composição e decomposição.

Ser dignos do que nos acontece, afinal os acontecimentos se inserem numa ordem causal, e necessariamente não poderiam ocorrer de outra maneira. Isso implica afirmar o acontecimento para que assim possamos nos tornar ativos em nossos encontros.

Afirmar não é carregar, atrelar-se, assumir o que é, mas, ao contrário, desatrelar, livrar, descarregar o que vive. Não carregar a vida com o peso dos valores superiores, mesmo heroicos, porém, criar valores novos que tomam a vida leve ou afirmativa (DELEUZE, 1997, p. 115).



Com Nietzsche (2001), é possível compreender a necessidade dos acontecimentos e, ainda, aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas, e não se lamentar pelo desnecessário.

Amor fati: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 67)

Assim como muitos acreditam, o sentido da vida talvez não seja a busca pela felicidade. O sentido da vida implica uma necessidade mais do que uma finalidade. Trata-se de agarrar o presente e fazer dele uma potência de agir em função de nossa própria natureza. Assim, com Nietzsche (2001), um dizer sim à vida. Um sim à vida e àquilo que ela contempla, afirmar alegrias, tristezas, doências, dores, abismos e monstros.

Sim, o corpo cansa. Sim, o corpo se esgota. Sim, o corpo sofre. Mas ainda assim ele vibra, ainda assim algo o faz estremecer, ainda assim se trata da vida e não da morte. Entretanto, nessa incessante busca por ideias ilusórias de felicidade, os poros se fecham e o corpo vibra cada vez menos, vive cada vez menos e diminui sua potência. Estamos cansados de buscar, cansamos de que os outros nos digam como viver, o que o corpo deve ou não deve, pode ou não pode.

Agora é o corpo que quer falar. Que quer experimentar. O corpo quer entrar em contato com sensações, afirmar vida enquanto essa composição de encontros, vivendo as paixões e buscando fazer delas ações. O corpo quer estar livre.

*livre desejando nada  
senão o desejo de viver,  
enquanto provamos um sentimento  
que se forma  
antes  
de  
formas  
e  
figuras,  
fluidos momentos  
antes dos primos traços  
de pensamento,  
antes de que digamos “pare”!  
[...]  
(CHAMBERS, 2014, p. 21)*

#### Informações sobre as autoras:

Bibiana Munhoz Roos

 <https://orcid.org/0000-0001-8384-7095>

 <http://lattes.cnpq.br/1635601538749125>

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Taquari - Univates (2018) e Pós-graduação em Psicologia do Esporte (Faculdade Dom Alberto). Atua como membro da Linha de Pesquisa 09 - Filosofias da Diferença em Educação, do PPGEDU da UFRGS e como voluntária do grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/ Univates).

Angelica Vier Munhoz

 <https://orcid.org/0000-0002-2644-043X>

 <http://lattes.cnpq.br/4928481211980742>

Mestrado (2003) e Doutorado (2009) em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral (Capes) na Université Paris VIII - Vincennes Saint Denis - Departements de Arts, Philosophie et Esthétique; Pós-doutorado (Modalidade Estágio Pesquisador colaborador) pela USP/SP. Professora Titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates, atuando no Centro de Ciências Humanas e Sociais e no Programa de Pós-graduação - Mestrado e Doutorado em Ensino. Líder do Grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/Univates/CNPq) e integrante da Rede de Pesquisa Escrituras da Diferença em Filosofia-educação (UFRGS/CNPq). Atua na área de educação com ênfase em currículo, aprendizagem, corpo e Filosofia da diferença.

#### Contribuições das autoras:

As autoras colaboraram ao longo do processo, desde a elaboração até a revisão final do manuscrito. Ambas aprovaram o manuscrito final para publicação.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

ROOS, Bibiana Munhoz; MUNHOZ, Angélica Vier. Corpo em sofrimento, afirmação de uma vida. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 285-290, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5854>

##### APA

Roos, B. M., & Munhoz, A. V. (2020, Setembro/Outubro). Corpo em sofrimento, afirmação de uma vida. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 285-290. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5854>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Roos, B. M., & Munhoz, A. V. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Roos, B. M., & Munhoz, A. V. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

## Referências

- BECKETT, Samuel. *O inominável*. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009.
- CHAMBERS, Adam Colin. Amor Fati. Tradução de Eclair Antônio Almeida Filho. *Polichinello*, Pará, n. 16, p. 21, out. 2014. Disponível em: [https://issuu.com/polichinello/docs/16\\_18set](https://issuu.com/polichinello/docs/16_18set). Acesso em: 4 out. 2020.
- DELEUZE, Gilles. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.p. 114-129.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012. v. 3.
- KAFKA, Franz. *Um artista da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LAPOUJADE, Davi. O corpo que não aguenta mais. In: GADELHA, Sylvio (Org.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2002. p. 81-90.
- MELVILLE, Herman. *Bartleby: o escriturário*. Tradução de Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PELBART, Peter Pál. O corpo do informe. In: \_\_\_\_\_. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009. p. 42-51.
- PELBART, Peter Pál; FERNANDES, Ricardo Muniz (Org.). *Aos nossos amigos: crise e insurreição* (Comitê Invisível). Tradução Edições Antipáticas. São Paulo: n-1, 2018.
- SPINOZA, Benedictus. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/37558151/%C3%89tica\\_Spinoza\\_Tradu%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Tomaz\\_Tadeu\\_pdf](https://www.academia.edu/37558151/%C3%89tica_Spinoza_Tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Tomaz_Tadeu_pdf). Acesso em: 21 set. 2009.

## O analista está presente: performance e clínica

Lucas Motta Veiga,  ★ Silvia Tedesco 

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

### Resumo

*O que pode a clínica? O que pode a arte? Qual a potência presente nesses domínios? Em que ponto a arte e a clínica se transversalizam, ou seja, em que ponto comungam? Este artigo tem estas questões como direção e busca respondê-las a partir de uma aposta na abordagem transdisciplinar da clínica. Transdisciplinaridade compreendida como contágio entre diferentes disciplinas, como experimentação das interferências que um domínio pode produzir sobre outro. A performance “A artista está presente” de Marina Abramovic é tomada neste artigo como canal de expressão para a arte do encontro entre analista e paciente, encontro produtor de novas possibilidades de vida. O trabalho da artista sérvia, preocupada com o que se passa entre artista e público, nos permite problematizar o que se passa entre analista e paciente e, para tanto, desenvolvemos o conceito de Presença, certa partilha afetiva que pode se dar no encontro com o outro.*

*Palavras-chave:* psicologia clínica; performance; Marina Abramovic; presença.

## The analyst is present: performance and clinic

### Abstract

*What can clinic do? What can art do? What is the power present in these areas? At what point art and clinic find a mainstream, that is, at what point do they commune? This essay has those questions as a direction and seeks to answer them based on a focus on a transdisciplinary approach to clinic. Transdisciplinarity understood as a contagion between different disciplines, as an experimentation on the interferences one domain can perform upon the other. The performance “The artist is present” of Marina Abramovic is taken in this article as an expression channel through the art of the analyst and patient encounter. A life-changing encounter: The work of this Serbian artist, worried about what goes on between the artist and the public allow us to problematize what goes on between the analyst and the patient, therefore developing the concept of the Presence, one affection share that can befall the encounter with the other.*

*Keywords:* clinical psychology; performance; Marina Abramovic; presence.

### Introdução

O presente artigo, em forma de ensaio, toma a performance “A artista está presente” de Marina Abramovic (2012) como intercessor para a experiência clínica. O intercessor (DELEUZE, 1992) diz respeito às interferências que um domínio pode produzir sobre outro, no caso, interferências da arte da performance sobre a clínica. A obra “A artista está presente” é tomada neste artigo como modo de expressão para a arte do encontro entre analista e paciente. Neste artigo, não nos debruçaremos numa análise crítica sobre a performance ou sobre o trabalho da artista, o que nos interessa aqui são as reverberações que podemos extrair do atravessamento entre a performance e a clínica. A performance de Abramovic, sensível ao que se passa entre artista e público, nos permite problematizar o que se passa no encontro entre analista e paciente.

Inicialmente, apresentaremos algumas considerações sobre a proposta da performance e a preocupação da artista em convocar o espectador a uma relação outra com o tempo por meio de um mergulho no momento presente. Em seguida, desenvolveremos o conceito de Presença por meio da apresentação de um caso clínico e dos atravessamentos conceituais de que podemos lançar mão ao abordar o trabalho de análise desde uma perspectiva transdisciplinar.

### A artista está presente

Todos que entraram no Moma entre março e maio de 2010 depararam-se não com obras de algum artista já morto, nem com objetos de arte valiosos, encontraram na obra exposta, a artista; na artista, a obra exposta. Ela estava presente, e sua presença constituía a obra viva em exposição. Uma mesa e duas cadeiras, e posteriormente apenas duas cadeiras, eram os únicos objetos usados na performance, mas estes não obtinham nenhum protagonismo. Era a presença de Marina que conduzia a obra em progresso. Enquanto a cadeira à sua frente estava vazia, a artista permanecia com os olhos fechados e de cabeça baixa. A performance começava efetivamente a partir do momento em que alguém se sentava junto a ela, diante dela. Neste instante, a artista erguia a cabeça e abria os olhos. A performance iniciava-se, então, no ponto de encontro entre o olhar de Marina e o olhar do espectador que, ao receber dela a presença, era convidado a também se fazer presente. Aos que eram afetados pelo encontro com Marina, aos que conseguiam entrar no instante do aqui e agora, aos que aceitavam experimentar junto com ela o Espaço Carismático criado por suas presenças, abria-se passagem para a entrada no plano coletivo de forças, das forças que circulam em cada um e entre eles, abria-se o limite das formas de sentir e de estar ali a ponto de o espectador, por alguns instantes, se tornar tão somente “uma vida”. Neste estado, o espectador deixa de ser meramente espectador e passa a ser também agente da performance.

\*Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Campus do Gragoatá. Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n°, Bloco N, 4º andar. São Domingos – Niterói, RJ – Brasil. CEP: 24210-201. E-mails: [lucasmottaveiga@gmail.com](mailto:lucasmottaveiga@gmail.com), [shtedesco@gmail.com](mailto:shtedesco@gmail.com)  
Os dados completos dos autores encontram-se ao final do artigo.





Diferentemente da literatura, da pintura e da escultura, que geram um produto exterior ao corpo do artista, como um quadro, um livro, uma escultura, a arte da performance vai tomar o corpo como centro do processo artístico. O corpo é deslocado da posição de instrumento para ocupar o lugar de objeto de arte, e mais do que isso, o corpo como objeto de arte é o corpo do próprio artista. O que a performance vai fazer com o corpo é desnaturalizá-lo, é fazer de cada performance um ritual de desconstrução dos hábitos, das crenças, das utilidades e da organização corporal. Nas performances de Abramovic, e especialmente em “A artista está presente”, o corpo presente no aqui e agora é operatória para a desnaturalização da relação deste com o tempo.

Desde a Revolução Industrial, quando a produção em larga escala passa a ser controlada pela lógica do “mais em menos tempo” e a vida nas cidades passa a girar em torno das fábricas, a temporalidade foi atravessada pelo tempo cronológico da produção, tempo este que exige agilidade e eficiência. Os desdobramentos da revolução, somados aos avanços tecnológicos formaram a base para o modo de produção capitalista que, globalizado, constitui o que Guattari (1992) denominou de Capitalismo Mundial Integrado. É próprio do capitalismo uma dupla violência em relação ao tempo: primeiro, o tempo dos trabalhadores desse modo de produção é roubado pelo dono dos meios de produção. A mais-valia de que nos falou Marx (1996) consiste exatamente no excesso quantitativo de trabalho, em que se produz mais em menos tempo, mas esse “menos tempo” não é convertido em redução da jornada de trabalho; fica restando tempo, um excedente, pelo qual o capitalista nada paga. Segundo, a aceleração própria do processo produtivo encarnou nas subjetividades, produzindo subjetivações aceleradas.

No contemporâneo, a relação acelerada com o tempo é intensificada com o crescimento das novas tecnologias, que nos mantêm conectados 24 horas por dia a nossos aparelhos celulares, tablets e à virtualidade das redes sociais. Mais do que falta de tempo, na atualidade, desdobramos o tempo na realização de diversas atividades, por vezes simultâneas. Efeito do Capitalismo Mundial Integrado, esse tipo de temporalidade produz subjetividade, aliás, o capitalismo só sobrevive porque é um grande produtor de subjetividade, subjetivações que o retroalimentam ao passo em que padecem de stress, depressão e *burn out*.

A arte da performance opera, como dissemos acima, no sentido de desnaturalizar o que ficou naturalizado. Nas performances de longa duração de Abramovic, a relação entre o corpo e o tempo é desnaturalizada. “Decodificar os movimentos, os gestos, os comportamentos, as distâncias, é colocar simultaneamente o espectador no tempo próprio do artista” (GLUSBERG, 2013, p. 53). Com sua performance, Marina convida o espectador a entrar no seu tempo próprio, que é o momento presente. Ao fazer isso, a artista constrói com o espectador uma nova temporalidade, diminui o ritmo frenético da vida cotidiana a fim de acessar um plano compartilhado: “Se vocês me derem seu tempo, eu lhes darei uma experi-

ência” (ABRAMOVIC apud MARINA..., 2012). Parafrazeando a artista, diríamos: “Se vocês me derem seu tempo, eu lhes darei Presença”.

### *O momento presente*

O que seria então esse momento presente, condição de possibilidade para a experiência da Presença? Quem nos ajuda a melhor responder a essa questão é o psicólogo Daniel Stern. Ao mesmo tempo em que questiona certo apreço da clínica ao passado e seus fantasmas, ele enfatiza a importância de poder atentar para o que está acontecendo aqui e agora. Este aqui e agora diz respeito tanto aos instantes sucessivos que compõem uma sessão de análise quanto ao momento presente da vida de uma pessoa.

Uma história vivida se desenrola dentro de cada momento presente. Ela é feita de muitas experiências pequenas reunidas no presente subjetivo. O enredo, ainda que mínimo, desloca-se sobre a forma de sentimento temporal dos afetos contornados (STERN, 2007, p. 37).

Os afetos disparados no encontro com Marina são múltiplos e seus efeitos os mais diversos. Pessoas choraram, outras sorriram muito, algumas levaram as mãos ao peito, uma em especial tirou a roupa, outras pessoas inclinavam a cabeça para o lado, alguns respiravam de forma ofegante, outros estavam visivelmente relaxados e confortáveis ali. Mas nem todos foram afetados por Marina. Fazer-se presente, se conectar ao momento presente junto à artista era a via mediante a qual o público poderia esvaziar-se um pouco de si mesmo, de sua rotina, de seu ritmo e, com isso, experimentar sensações que estão para além da percepção e do sentimento, que escapam à consciência. E isso implica uma mudança na relação com o tempo. É preciso introduzir Kairós em Chronos.

Kairós, o deus da oportunidade, era filho de Zeus e de Tykhé, a divindade da fortuna e da prosperidade. Resplandecente e na flor da juventude, Kairós tinha duas asas nos ombros e nos joelhos, cachos de cabelo que caíam na testa e a nuca careca. Sempre sem roupas, ele corria rapidamente, e só era possível alcançá-lo agarrando-o pelo topete, ou seja, encarando-o. Depois que passava, era impossível persegui-lo, pegá-lo ou trazê-lo de volta. Entre os romanos era chamado de Tempus, o breve momento em que as coisas são possíveis. Kairós tinha o poder do movimento rápido que podia passar despercebido aos olhos desatentos, tornando impossível recuperar a visão de sua passagem. Na mitologia grega e romana é a experiência do momento certo e oportuno. Kairós era o tempo em potencial.

Chronos era um titã que se tornou senhor dos céus após destronar seu pai, Urano. Temendo ser destronado, devorava todos os filhos que gerava. É descrito como o velho, o senhor do tempo, das estações, da pressão das horas ordenadas pelo relógio e pelo calendário. Cruel e tirano, Chronos controlava o tempo desde o nascimento até a morte, aquele tempo comum e visível, o tempo burocrático.

Kairós era o tempo que não podia ser cronometrado, o tempo que não pertencia a Chronos porque não era previsível, apenas acontecia, por isso chamado de momento ou oportunidade. Kairós marca os momentos que

se tornam eternos, ainda que tenham sido breves. Os gregos acreditavam que com Kairós poderiam enfrentar o cruel tirano Chronos.

Curioso o fato de que, para alcançar Kairós, torna-se necessário “olhá-lo de frente”. A imagem de Marina e um espectador sentados um de frente para o outro parece ilustrar essa “janela de devir” (STERN, 2007, p. 29) que é criada com a chegada de Kairós. A Presença vai se fazendo presente aos poucos, se desdobrando entre Marina e o espectador, abrindo lentamente janelas no meio de Chronos para que Kairós entre. A chegada do estado de Presença é semelhante à cena de Dickens comentada por Deleuze (2002): um sujeito mau cai num lago e começa a se afogar. Aqueles que o odeiam, que de alguma forma foram afetados por sua maldade, assistem à morte lenta do moribundo. Num certo ponto de seu afogamento, correm para salvá-lo. “A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal, mas singular, que desprende um puro acontecimento, liberado dos acidentes da vida interior e da vida exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade daquilo que acontece” (DELEUZE, 2002, p. 4). Há um intervalo entre a vida e a morte, que Deleuze, a partir de Dickens, chamou de “uma vida”. Entre a vida definida, individuada, predicada, e a morte há um limiar, um espaço-entre, um plano constituído por “relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão entre elementos não formados, relativamente não formados, moléculas ou partículas levadas por fluxos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 108). É o plano de forças, o intensivo.

Uma vida se dá entre a vida e a morte, mas não apenas ou necessariamente à morte absoluta, mas também à morte da forma, das formas de viver. Uma vida é tanto condição da existência da vida definida e predicada de alguém quanto é condição para a criação de predicções outras, de sentidos outros, de modos inéditos de ser no mundo. Uma vida indefinida, impessoal, plena de virtualidades produtoras de realidade coexiste com a vida definida de cada sujeito. Os recém-nascidos exprimem bem o que é uma vida. Numa maternidade, por exemplo, é quase impossível diferenciar um recém-nascido de outro. Eles são vida em estado nascente e não há nome que os defina, nem mesmo o nome próprio. Os recém-nascidos estão mergulhados no plano de forças e não têm nenhuma individualidade, “mas têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos, que não são características subjetivas. Os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência” (DELEUZE, 2002, p. 14). Fragilidade e potência estão presentes em uma vida. Fragilidade como vulnerabilidade à morte, mas também fragilidade como potência de criação de infinitas possibilidades de modos de vida.

A Presença é o acesso a uma vida, é a substituição do artigo definido pelo indefinido. “Um sentimento de beleza e amor incondicional de que não há fronteiras entre meu corpo e o ambiente” (ABRAMOVIC apud MARINA..., 2012). Uma vida é o desmanchar parcial dessa fronteira, é a fissura que provoca viradas, muta-

ções, novas sensações por tocar o intensível, o plano das sensibilidades que nos habitam. E esse plano sensível é matéria-prima da arte e também da clínica.

### *A artista e o analista estão presentes*

“Desculpa o atraso, Lucas”. É a sexta vez que ouço Juliana proferir essa frase ao adentrar o consultório em passos largos. Um pouco descabelada, ela se joga no sofá e escorrega até pousar o pescoço no encosto, enquanto fala aceleradamente sobre os acontecimentos de sua semana. Juliana vinha tendo pensamentos e atitudes que, se formos seguir o psicodiagnóstico contemporâneo, afirmaríamos se tratar de sintomas do Transtorno Obsessivo Compulsivo - TOC. “Eu sinto como se tivesse uma voz na minha cabeça me dizendo coisas o tempo todo, mas é a minha voz. Estes pensamentos obsessivos estão me matando”, foi o que ela me contou na primeira sessão, empregando termos técnicos para se referir ao seu estado, como alguém que havia estudado sobre sua sintomatologia. “Acho que não ultrapassei a fase do espelho” apareceu na terceira sessão, quando falou que o único lugar onde se sentia segura era em casa, mas ao mesmo tempo era o lugar que lhe causava maior sofrimento devido às atitudes opressoras de sua mãe. Os pensamentos obsessivos de Juliana se traduziam em sentenças como: “Se você não pisar na faixa amarela do outro lado da rua, você vai morrer”. E ela se desdobrava para obedecer a seus pensamentos de modo que pudesse garantir sua sobrevivência. “Tenho medo de morrer”, ela formulou na décima sessão, ao contar que o pai havia falecido quando ela era criança. Uma sensação de morte iminente espreitava Juliana, que se refugiava em rituais obsessivos que a impediam de pousar em momentos presentes.

Ela fazia três faculdades ao mesmo tempo, vivia correndo de um campus a outro ao longo da semana, atolada em trabalhos acadêmicos. Chronos comandava sua rotina, e a cada encontro eu sentia que ela estava mais cansada, mais estressada e envolta em mais rituais e pensamentos obsessivos. “O que você está sentindo?”, interrompo-a durante uma sessão. Foi a terceira vez ao longo de uma hora em que emití algo verbalmente. Juliana sorriu de um jeito como se dissesse que não havia entendido a pergunta. “O que você está sentindo agora?”, repeti. A paciente parou, olhou para baixo como quem procura algo dentro de si mesmo, começou a respirar mais lentamente e, por fim, me olhou. Fiquei com a sensação de que fazia tempo que Juliana não parava desse jeito. Eu sorri para ela. Comecei a sentir a aceleração que havia tomado conta do *setting* dar lugar a uma experiência de quietude. “Está sentindo?”, perguntei. Enquanto balançava a cabeça afirmativamente, juntou seus pertences espalhados pelo sofá e, sorrindo, disse: “Não sei dizer, mas sei”. O vínculo se fortaleceu entre mim e Juliana neste encontro, quando experimentamos juntos, ainda que brevemente, o estado de Presença.

Nesse estado, o mergulho na dimensão intensiva, pré-verbal, da experiência é seguido por um processo de elaboração, ou melhor, de tradução dos afetos. Claire Pettmengin (apud KASTRUP; PASSOS, 2013) diz que o

que deve guiar esse processo de tradução é o *felt-meaning*. Desprovida de tradução para o português, a expressão equivaleria a “sentir o sentido” da experiência. O convite para que minha paciente se conecte com o sentido daquilo que sente tem potencial para transformar a própria relação que ela estabelece com aquilo que lhe acontece.

Na clínica psicológica é quando o paciente toma ciência desse plano da experiência que ocorrem avanços no processo terapêutico, e não o entendimento lógico e formal de seus problemas. [...] Os deslocamentos subjetivos resultam do acesso a essa dimensão concreta e imaterial da experiência (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 275).

Seguindo essa pista que Kastrup e Passos (2013) nos apresentam, quando Juliana, minha paciente, expressa não conseguir dizer o que está sentindo, este fato deixa de ser uma falha da linguagem ou uma defesa inconsciente e passa a ser entendido como a entrada dela em análise, mas uma entrada que se dá mediante o acesso ao *felt-meaning* produzido no nosso encontro, o que foi possível pela via da Presença, por meio de um mergulho no plano de forças que constitui o sensível. A fala que vem a partir desse mergulho não é uma fala sobre, mas uma fala com a experiência. Falar, então, deixa de ser representar algo para ser expressão de algo, torna-se ato, ato de fala. Entender a fala como expressão de algo, compreendê-la como ato significa deslocar o falar da função de representação ou descrição, que pressupõe a identidade entre o que foi vivido e o que é dito, para no lugar oferecer ao falar uma conotação de produção de realidade.

Esse engendramento demonstra a relação fronteira entre o linguístico e o não-linguístico da linguagem. Os signos possuem duplo funcionamento: no domínio do linguístico está a regularidade, as codificações e significações convencionadas; no domínio do não-linguístico estão os traços agramaticais, intensivos, partículas desviantes das convenções (TEDESCO, 2008). A fala, quando se dá como ato de fala, seria então o tilintar do encontro entre o linguístico e o não-linguístico que rompe a regularidade do domínio do linguístico e seus sentidos estabelecidos para inaugurar, em si própria, uma experiência. No ato de fala, portanto, não há descrição da experiência, já que é a experiência mesma quem fala. Se, por um lado, a linguagem precisa da estabilidade dos códigos e da repetição dos sentidos para atuar no mundo, por outro lado, ao se repetir, desestabiliza os códigos dotando de novidade o de novo.

A força performativa dos signos convive com a dupla natureza do signo e carrega a heterogeneidade do não-linguístico [...]. O valor pragmático das palavras não segue as orientações estabelecidas nos discursos existentes. No lugar, ele exalta a discrepância e a indiscernibilidade dos signos, desalinha a ordem instalada para exercitar-se na inauguração de novos sentidos e, com eles, novos mundos (TEDESCO, 2008, p. 187).

Ao pensarmos a relação da arte da performance com a linguagem, evidencia-se o exercício de liberação e de criação de novos signos que essa arte vai operar a partir da movimentação e dinâmica corporal presente em todas as performances. Ainda que de forma não-verbal, o perfor-

mer produz enunciação, emite signos. As performances só podem ser compreendidas como atos de fala devido ao fato de o corpo ser um instrumento semiótico que foi codificado ao longo da história pelos costumes e hábitos que os diferentes povos forjaram sobre si mesmos. O corpo funciona então mediante programas gestuais e comportamentais socialmente construídos e que tendem, por vezes, a ser tomados como naturais, como já dados.

Nas performances, esta estabilidade que proporciona identidade e segurança vai ser quebrada, convertendo-se num elemento perturbador: nem todos os gestos e movimentos são identificáveis, nem toda transformação é imediatamente suscetível a uma leitura (GLUSBERG, 2013, p. 90).

Ao desconstruir códigos corporais vigentes, a performance acessa o plano sensível a partir do qual as codificações foram criadas, e, por se tratar de um plano infinito, abre-se para expressões inéditas, relações inesperadas para com o corpo, criação de novos códigos sempre contingenciais e provisórios. A perturbação que a performance provoca tanto no artista quanto no espectador é efeito da condução do corpo ao limite dele mesmo, limite que não se confunde com limitação, mas um limite ultrapassável, passagem para o intensivo do plano do sensível.

Marina, presente na sala de um museu, sentada numa cadeira, convida o público a sentar-se diante dela e a partilharem a partir disso uma experiência. O corpo de ambos está quase imóvel na cadeira, mas junto ao corpo está “uma vida” que permanece em movimentação, movimento este que pôde ser sentido quando os funcionamentos corporais habituais foram convidados a silenciarem-se. No desenrolar da performance, o que vemos não é mais um espectador e uma artista, o que vemos é Presença. “O estado vivido é primeiro em relação ao sujeito que o vive”, nos dizem Deleuze e Guattari (2010, p. 35), e esse primado do estado vivido que se dá na performance, e também na clínica, é o que chamamos de Presença.

### **Presença na relação entre analista e paciente**

Quando perguntei a Juliana o que ela estava sentindo, o fiz por meio de palavras, de uma frase: “O que você está sentindo?”, questão que ao ser proferida produziu em nós e entre nós uma abertura. Abrir-me para o caso de Juliana fazia com que eu sentisse o sentido das vivências que ela havia partilhado comigo ao longo da sessão. Abrir-se para si mesma fazia com que a paciente pudesse se aproximar do sentido dos seus pensamentos e rituais obsessivos. Abertos, presentes, partilhamos um afeto que ela sozinha não podia suportar experimentar e nem ousaria nomear. Era o que sentia que a impulsionava para uma vida acelerada e, por vezes, desconectada do momento presente, ao mesmo tempo em que vivia obsessivamente transtornada para não correr o risco de sentir o que sentia. Como partilhar essa compreensão com a paciente? Não era pela via da racionalização de si mesma que Juliana poderia vir a prescindir dos rituais obsessivos, não adiantaria que eu explicasse a ela os porquês e os para quês dos seus sintomas. A racionalização, pelo contrário, era mais uma ferramenta que a paciente utilizava para se afastar do vívido das experiências, se afastar de si mesma, blo-



quear o acesso ao intensivo que a chacoalhava pedindo passagem. Para dizer à paciente o que eu vinha percebendo ao longo das sessões, era preciso certo manejo, ou, segundo Ferenczi (1992, p. 31), certo tato psicológico:

Saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente.

A formulação de Ferenczi sobre o tato do analista mantém a indeterminação e a imprevisibilidade próprias da clínica. Não há prescrições objetivas a serem seguidas, não há um caminho definido a priori. Pelo contrário, é no processo analítico que o caminho vai sendo construído, passo a passo. Nas trilhas de cada caso, por vezes nos deparamos com labirintos, becos aparentemente sem saída e matas escuras. O tato seria a principal ferramenta de que dispõe o clínico em seu trabalho de construção de passagens e de territórios. “O tato é a faculdade de sentir com”, diz Ferenczi (1992, p. 31). Por Juliana não ter condições de sentir sozinha o sentido do estado em que se encontrava, eu senti com ela, e não por ela, nem como ela. O afeto que sentimos era de medo.

Hubert Godard (2013) chamou esse “sentir com” de empatia cinestésica ou de contágio gravitacional. De acordo com o bailarino, os nossos movimentos só podem ser realizados devido à dimensão pré-movimento que os constitui. Ao nos tornarmos bípedes passamos a lidar mais fortemente com a relação do nosso peso corporal com a gravidade. A capacidade de manter-se em pé implica inúmeros pré-movimentos que se dão na tensão do movimento de levantar-se com o eixo gravitacional que nos sustenta. O modo como ficamos de pé e o modo como nos movemos variam de acordo com as variáveis culturais, ambientais e pessoais que nos atravessam a todo instante e que produzem determinadas formas de se colocar fisicamente no mundo. Segundo Godard (2013), é o sistema gravitacional que permite a expressão do aparelho psíquico, ou seja, os nossos movimentos estão dotados de desejo, inibições e emoções. Seriam os pré-movimentos, indiscerníveis para o próprio sujeito que se move – como, por exemplo, não percebemos o conjunto de músculos que se contrai antes e durante o movimento de esticar o braço para pegarmos um livro numa estante –, que acionariam tanto a dimensão mecânica quanto a afetiva de toda movimentação. Sendo assim, “toda modificação de nossa postura terá uma incidência em nosso estado emocional e, reciprocamente, toda mudança afetiva provocará uma modificação, mesmo imperceptível, em nossa postura” (GODARD, 2013, p. 14). O bailarino afirma, ainda, que os profissionais de dança sabem que, para melhorar ou alterar a qualidade de seus movimentos, precisam atingir todas as suas dimensões, inclusive acessar o pré-movimento. Da mesma forma que a gravidade orienta o pré-movimento, orienta também a percepção, ou melhor, o que antecede a percepção do mundo. Neste ponto, Godard (2013, p. 18) cita Kleist: “A afetação apa-

rece quando a alma (vis motrix) encontra-se em qualquer ponto que não seja o centro de gravidade do movimento”. O movimento vira gesto quando podemos ser transportados através do que percebemos, quando o olhar não fica restrito à relação corpo/gravidade e temos a sensação de não saber se foi a nossa barca ou a que está ao lado que partiu da estação. Quem está se movendo? Questão que surge também num espetáculo de dança, na performance e na clínica, acrescentemos. Nestes casos, a distância que separa o bailarino/performer/analista do espectador/paciente vai variando no desenrolar do encontro, dando uma sensação parecida com a da partida das barcas. Quem está fazendo o *pas de deux* do balé? O bailarino ou o espectador? Se é apenas o bailarino, como explicar a sensação de movimento que toma o corpo de quem assiste? De quem é o afeto partilhado na performance? É o espectador que sente o afeto de Marina ou é Marina que sente o do espectador? Só conseguimos afirmar que ambos sentem, ambos foram transportados no pré-movimento do outro de modo que, ao levar a mão ao peito, um espectador sente como se Marina também o estivesse fazendo. Como é possível que Juliana me comunique, sem dizer uma palavra, que está sentindo medo? Senão por certa empatia cinestésica, certa partilha das sensações internas dos movimentos de nossos corpos? Godard (2013, p. 24) vai dizer, a partir disso, que uma aventura política se inicia na dança, que bailarino e espectador passam a partilhar um território de tal modo que novas organizações do espaço e das tensões e emoções que nos habitam vão perturbar, afetar o espaço, as tensões e as emoções do espectador:

O movimento do outro coloca em jogo a experiência de movimento própria ao observador: a informação visual provoca no espectador uma experiência cinestésica imediata. As modificações e as intensidades do espaço corporal do dançarino vão encontrar ressonância no corpo do espectador. O visível e o cinestésico, absolutamente indissociáveis, farão com que a produção de sentido no momento de um acontecimento visual não deixe intacto o estado do corpo do observador: o que vejo produz o que sinto e, reciprocamente, meu estado corporal interfere, sem que eu me dê conta, na interpretação daquilo que vejo.

Seria essa a definição para o conceito de empatia cinestésica ou de contágio gravitacional. A reflexão de Hubert Godard enriquece sobremaneira os modos de conceber a performance “A artista está presente” e também de pensar/fazer a clínica. Na sessão com Juliana, seus pré-movimentos, sua tensão corporal, sua impossibilidade de relaxar entram num estágio vibracional com os meus pré-movimentos e tensões, de modo que nessa empatia do corpo uma sintonia subjetiva é criada. Sinto que ela sente, ainda que ela não tenha podido sentir o que sentiu, e trabalho, junto a ela, na experimentação deste sentido e na produção de sentidos outros. Trabalhamos a construção de uma espiral do sentir intensivo no qual o “sentir que sentiu” cria um outro de si, uma decalagem, uma distância entre aquele que sente e aquele que sente que sente. Esta espiral de afetos permite a pluralização dos sentidos da experiência vivida pelo corpo-subjetividade ali em processo de criação. É importante clarificar

que “sentir com” não é sentir igual, Presença não é fusão afetiva, mas sim uma disponibilidade para o outro, certa oferta do próprio corpo como passagem para aquilo que está pedindo passagem ao paciente e que ele, sozinho, não tem conseguido direcionar ou deixar passar.

Após sentir junto com Juliana o afeto de medo, toda minha movimentação corporal e verbal em direção a ela ganhou tonalidade ainda mais cuidadosa e, por vezes, protetora. A sensação de desamparo que tomava a paciente era a fonte de seu medo, e conseguir produzir no nosso encontro um espaço de amparo e confiança se tornou para mim o desafio principal. Isso implicou suportar lidar com a hostilidade que ela sentia do mundo e que passava a poder expressar ali, por vezes mascarada numa hostilidade a mim. Acolher seu afeto de raiva compreendendo que não era comigo exatamente, me permitia fazer a devolutiva de sua hostilidade de forma amorosa, o que gerava embaraço para a paciente ao mesmo tempo em que ela começava a sentir que não precisava ter tanto medo do que é aparentemente hostil, de que é possível dar sentidos e destinos diversos para aquilo que vem sobre nós em forma de ataque. “Isso é um ataque?”, perguntei a ela numa sessão. “Não sei”, ela respondeu, “não aguento ficar sentindo isso sozinha”. Podendo confiar em mim, Juliana passou a me enviar uma mensagem pelo Whatsapp toda vez que se sentia impelida a entrar num ritual obsessivo, ou toda vez que pensamentos que a perturbavam tomavam sua mente. Assim, passei a receber mensagens dela algumas vezes por semana, em horários diversos, e respondia cautelosamente. Ao longo das semanas, Juliana contou em sessão que não vinha mais lavando tanto a mão e que quase não se sentia impelida a fazer nenhum ritual obsessivo, como atravessar uma rua e pisar a faixa do outro lado como condição para que não morresse imediatamente. A Presença pode transbordar para fora do setting e ser vivenciada por meio de um aplicativo de celular. No caso de Juliana, foi um bom uso da nova tecnologia que permitiu que a Presença que partilhávamos em análise pudesse acompanhá-la em seu cotidiano, diminuisse seu medo, e, pouco a pouco, a paciente precisava cada vez menos me escrever. Nas vezes mais escassas em que passou a me enviar mensagens, um simples “Oi, Juliana”, era suficiente para sentir, para se localizar no momento presente e ser afetada pelo vívido das experiências e dos acontecimentos de sua vida, sentindo-se menos desamparada, com menos medo de viver e menos obsessiva. O analista estava presente e Juliana sabia disso, sentia isso. Sobre essa disponibilidade ao paciente, Ferenczi (1992, p. 85) diz:

É uma vantagem para a análise quando o analista consegue, graças a uma paciência, uma compreensão, uma benevolência e uma amabilidade quase ilimitadas, ir o quanto possível ao encontro do paciente. Cria-se desse modo uma base graças à qual pode-se lutar até o fim na elaboração dos conflitos.

## Considerações finais

Ao longo do processo terapêutico, Juliana e eu fizemos construções importantes. A paciente estava sempre antecipando sentidos a respeito de tudo o que lhe ocorria. No movimento de pensar nas possibilidades ruins que lhe podem ocorrer, Juliana se desconecta do que está lhe ocorrendo. Digo a ela que tenho percebido a dificuldade dela de estar no momento presente. A paciente afirma que precisa fazer planos B para tudo. “Se tudo der errado, eu terei para onde ir, não vou me frustrar tanto”, ela supõe. Os planos B da paciente também são construídos em torno de ideias negativas, ainda que tenham como objetivo ajudá-la a enfrentar um acontecimento desagradável. O plano B é o plano que a sequestra do presente, antecipa, calcula, representa. Não é sentir, mas re-sentir, já que é o mesmo medo que retorna – surge um ressentimento e não uma experiência presente, que é condição necessária para viver o acontecimento.

Pudemos construir juntos o sentido de que a criação dos planos B acaba por desconectá-la do presente, a impossibilita de experimentar plenamente os planos que estão em construção a cada instante da experiência. Falta-lhe presença. Para ela, estar presente é correr o risco de uma ausência repentina, seja de um plano, de um trabalho, de um relacionamento. A morte repentina do pai quando ela ainda era criança e a dificuldade de lidar com a ausência do pai nos meses seguintes ao falecimento produziram em Juliana uma imagem super positivada desse pai, o que de certo modo acentuava sua tristeza. Mas a imagem super positivada do pai e a sua morte ganharam centralidade na vida de Juliana, e todos os sentidos produzidos nas suas vivências passaram a ser mediados por essa imagem. Lembro-a das queixas que havia me trazido a respeito de seu pai; ela havia dito que ele batia muito nela, que era violento, e que, por vezes, sentia medo quando ele chegava a casa. Parece que a ausência do pai também trazia em seu bojo algo de positivo, ou seja, ela não apanharia mais dele, não sentiria mais aquele medo; ao mesmo tempo em que ele era seu pai, o amava, e sentia sua falta de alguma forma.

Sentir que havia algo de bom nessa ausência gerava culpa, dizia ela, e então era levada a carregar de tintas cinza essa ausência enquanto idealizava a respeito de um pai amoroso e protetor que ela não teve. A Presença tem permitido a Juliana habitar esse paradoxo. De frente para mim, ela se aproximava do que lhe apavorava, e toda vez que ela se desconectava eu a interrompia e a chamava de volta para o que estava acontecendo na sessão, para o plano A das questões que trazia. Sentindo-se acompanhada, ela passou a conseguir se conectar com os momentos presentes de sua vida, com tudo o que eles trazem. A Presença experimentada no setting pôde ser transportada para os demais espaços em que ela circulava e, aos poucos, pôde se tornar uma forma de vivenciar as experiências de sua vida. A paciente estava presente.

### Informações sobre os autores:

Lucas Motta Veiga

 <https://orcid.org/0000-0002-9970-8468>

 <http://lattes.cnpq.br/1903105047792118>

Psicólogo, Mestre em Psicologia e Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense.

Silvia Tedesco

 <https://orcid.org/0000-0002-3866-019X>

 <http://lattes.cnpq.br/6670766758039093>

É professora titular da Universidade Federal Fluminense e coordenadora do Observatório Nacional de Saúde Mental, Justiça e Direitos Humanos. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) e doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Realizou pós-doutorado em Análise institucional na Université de Paris 8. Tem experiência na área de Linguagem, clínica e política, produção subjetividade. Atualmente trabalha com temas de saúde mental, justiça, direitos humanos e políticas públicas na área da reforma psiquiátrica. Participa do grupo nacional de pesquisa “Subjetividade Contemporânea” registrado junto a CAPES e do Grupo internacional pesquisa “Recherche-avec”

### Contribuição dos autores:

Ambos os autores colaboraram ao longo do processo, desde a elaboração até a revisão final do manuscrito, e aprovaram a versão final para a publicação.

### Como citar este artigo:

#### ABNT

VEIGA, Lucas Motta; TEDESCO, Silvia. O analista está presente: performance e clínica. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 291-297, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5929>

#### APA

Veiga, L. M., & Tedesco, S. (2020, Setembro/Outubro). O analista está presente: performance e clínica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 291-297. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5929>

### Copyright:

Copyright © 2020 Veiga, L. M., & Tedesco, S. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Veiga, L. M., & Tedesco, S. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

## Referências

DELEUZE, Gilles. Os Intecessores. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 151-168.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida. *Educação e realidade*, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 2, p. 4-18, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 22 ago. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GODARD, Hubert. Gesto e Percepção. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. (Org.). *Lições de Dança*. 3 ed. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2013. p. 11-35.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>

MARINA Abramovic: The artist is present – the hardest thing is to do something which is close to nothing. Direção: Jeff Dupre e Matthew Akers. Produção: Jeff Dupre e Maro Chermayeff. USA: Show of Force, 2012. 1 DVD (106 min).

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Círculo do livro, 1996. livro I.

STERN, Daniel. Explorando o momento presente. In: \_\_\_\_\_. *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 25-76.

TEDESCO, Silvia. Estilismo de si: ato de fala e criação. In: KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo (Org.). *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 177-197.



## Presságios da letra de uma carta de amor

Simone Ravizzini  ★

Centro Universitário La Salle, Niterói, RJ, Brasil

### Resumo

O presente artigo advém da necessidade de explicitar o tema da letra em seu uso na constituição do ser de fala e de sua correlação na instauração do amor. Um amor que se inscreve quando a letra convoca algo do ser para a literalidade, possibilitando, concomitantemente, um lugar para o sujeito bem como para um vazio que o constitui, permanentemente. Desde Freud podemos antever um flerte com a literatura e suas letras. Lacan amplia este percurso para outras artes delineando a imprescindível função da letra na constituição do sujeito de fala e do advento amoroso. A partir deste legado, almejo perpassar a questão do amor com o vazio que nunca se preenche a partir da inscrição promovida pela letra. Afirma-se neste artigo a importância de sustentar para o amor algo que sempre escapará à função significante, embora demande ser escrito para que possa existir. Desde esta perspectiva se abre um modo de sustentar um lugar para o amor onde a contingência do encontro não se desfça e os sujeitos possam brincar com o fazer de suas letras.

Palavras-chave: amor; gozo; letra; psicanálise; contingência.

## Omens of the letter of a love letter

### Abstract

This article comes from the need to make explicit the theme of the letter in its use in the constitution of the being of speech and its correlation in the establishment of love. A love that is inscribed when the letter summons something from the being to the literality, enabling, simultaneously, a place for the subject as well as for an emptiness that constitutes it, permanently. From Freud we can foresee a flirtation with literature and its letters. Lacan extends this course to other arts by delineating the indispensable function of the letter in the constitution of the subject of speech and the advent of love. From this legacy I aim to go through the question of love with the emptiness that is never filled from the inscription promoted by the letter. It is stated in this article the importance of sustaining for love something that will always escape the significant function, although it must be written in order to exist. From this perspective opens a way of sustaining a place for love where the contingency of encounter does not undo and the subjects can play with the making of their letters.

Keywords: love; enjoyment; letter; psychoanalysis; contingency.

[...] Aflição de ser água em meio à terra  
E ter a face conturbada e móvel.  
A um só tempo múltipla e imóvel  
Não saber se se ausenta ou se te espera.  
Aflição de te amar, se te move.  
E sendo água, amor, querer ser terra.  
(HILST, 2017, p. 90)

### Introdução

A psicanálise, desde Freud, sempre flertou com a literatura. Ele soube extrair dela os significantes que, de uma maneira ou de outra, corroboravam as falas de suas pacientes. Lacan, em seu retorno a Freud, retoma de uma maneira viva não só a teoria, mas alarga a trilha do horizonte de investigação iniciada por Freud. Assim é que em seus seminários e nos *Escritos*, ele levou a invenção freudiana a um patamar de esquadramento teórico e clínico que possibilitou a interlocução não só com a literatura, mas com o cinema, as artes, a filosofia...

É a partir desse legado lacaniano que penso investigar a questão do amor, sua função de letra no campo da linguagem, seus limites da fala e seus transbordamentos de gozo.

### Amor ao pé da letra

No filme de produção franco-britânica *O livro de cabeceira* (1996), o diretor inglês Peter Greenaway apresenta-nos uma história balizada pela escrita no corpo. É no corpo da filha Nagiko que se escreve a mensagem do pai de felicitação a cada aniversário dela. Um ato que comemora sua existência e que, como o pai sempre enfatiza, também a nomeia. Anos mais tarde, quando a menina se torna mulher, sua vida sexual será marcada por esse ato. Assim, o filme mostra a incessante busca de Nagiko por um “amante ideal”, aquele que conseguirá satisfazer a relação de cumplicidade entre corpo, gozo e escrita. Ela se pergunta o que irá preferir: um amante ardoroso, porém desinteressado da caligrafia, ou um amante menos voraz, plenamente articulado ao sabor das letras? Claramente, a personagem principal busca amantes que lembrem o prazer da caligrafia. É pela letra que se instaura para Nagiko a pergunta sobre o amor.

*The pillow book* (no original) é baseado na história de mesmo nome escrita por Sei Shônagon, uma dama da corte japonesa do século X. Segundo esta escritora, existem duas coisas dignas de confiança na vida: os prazeres do corpo e os prazeres da escrita. Ela afirma ter tido a sorte de experimentar ambos da mesma maneira. Nas palavras dela, descritas no filme, o aroma do papel é como o aroma

\*Endereço para correspondência: Consultório Particular. Rua Otávio Carneiro, 100/911 - Icaraí - Niterói, RJ - Brasil. CEP: 24230191. E-mail: [simoneravizzini@gmail.com](mailto:simoneravizzini@gmail.com)

Os dados completos da autora encontram-se ao final do artigo.



da pele de um novo amante. E o pincel, um instrumento de prazer cujo objetivo nunca é colocado em dúvida, mas cuja eficiência surpreendente sempre se esconde.

Em seu decorrer, o filme nos faz perceber que escrever *O livro de cabeceira* é poder produzir marcas próprias a cada sujeito. *O livro de cabeceira* são as escolhas ímpares que Nagiko pôde realizar ao longo de sua vida. Quanto ao amor, ela conclui que este se encontra enquanto se escreve. Ao escrevê-lo, o experimentamos. Há algo de singular na letra que o demarca, que o faz ser de um jeito e não de outro, mas que o faz existir. Uma aposta que se ganha neste filme com tinta e pincel.

Também Lacan (1971/2009) nos propõe a relação da letra com o corpo e o gozo e, posteriormente, com o amor. Ele a delimita quando relata sua viagem ao Japão e descreve a visão de cima do avião sobre a planície siberiana. Neste momento, Lacan se diz influenciado pelo que lhe causou o contato com a língua japonesa e a forma como esta se constitui indissociavelmente da escrita. Ali, entre terra e mar, ele avista o litoral. E, através desse jogo de palavras, aproxima letra, literal do litoral. A letra, tal como o litoral, separa coisas não homogêneas: saber e gozo. Não se trata, absolutamente, de fazer fronteira, pois esta última demarca coisas análogas.

Quanto a mim, eu lhes digo, será que a letra não é o literal a ser fundado no litoral? Porque este é diferente de uma fronteira. Aliás, vocês devem ter observado que essas duas coisas nunca se confundem. O litoral é aquilo que instaura um domínio inteiro como formando uma outra fronteira, se vocês quiserem, mas justamente por eles não terem absolutamente nada em comum. Não é a letra propriamente o litoral? A borda do furo no saber que a psicanálise designa, justamente ao abordá-lo, não é isso que ela designa? (LACAN, 1971/2009, p. 109).

Assim, a letra institui dois campos distintos, estrangeiros um ao outro. Ela comparece como um instrumento oportuno para a inscrição de um discurso, mas não se resume a isso. Se assim fosse, poderíamos pensar a linguagem apenas em seu efeito de sentido, tal como fazem os linguistas. Lacan insiste em dizer que a letra não é equivalente ao significante e que não devemos pensá-la como algo primário a ele, tal como um germe embrionário. Ela designa o furo, mas não almeja escondê-lo posteriormente cobrindo-o com sentido.

De modo que a pergunta que Lacan sublinha com relação à letra é sobre como a linguagem convoca o litoral para o literal. Mais ainda, “como o inconsciente, que ele diz ser efeito de linguagem, comanda essa função da letra” (LACAN, 1971/2009, p. 110). Logo, Lacan preserva a letra em sua relação com algo impossível de dizer ou de compreender, pois a psicanálise demarca que, quando se trata do inconsciente, não há última palavra que venha para explicar o vazio. Quanto a esta, só se poderia pensar nela como “nem palavra, caluda!” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 106).

Portanto, o sentido com que a psicanálise lida comporta sempre esse limite do indizível. Como viemos descrevendo, não há como escamoteá-lo quando se pensa

o discurso psicanalítico: um discurso que não rechaça a castração. Por isso a concepção de letra tem nele lugar privilegiado. Ela não se perde se envolvendo na aparência sedutora do sentido, mas ela também não desaparece no puro gozo, permanecendo como “dobradiça” entre dois mundos heterogêneos.

Assim sendo, ao recorrer à pintura japonesa em seu texto *Lituraterra*, o que Lacan (1971/2003a) aspira a demarcar é o laço desta com a letra e a forma como este laço denuncia a ilusão pictórica. A pintura japonesa, diferente da pintura ocidental até a modernidade, não visa à representação das coisas. Ela institui, por entre as nuvens que apresenta em seus quadros, a função do significante. Do significante como aquele que cobre uma parte da cena, que produz uma ficção. Não obstante, ao mesmo tempo ela denuncia, com o uso da letra caligrafada na lateral de seus quadros, que aquilo é mesmo um quadro, um semblante de imagem. Essas letras caligrafadas constituem, assim, a rasura do significante. Elas distinguem-se por serem ruptura do que constituía forma, mostrando como a ficção promovida pelo significante opera.

Para Lacan (1971/2009), isso fica muito evidente ao usarmos o exemplo da planície, pois na planície antevemos um traço que desponta. Este traço é reflexo de um escoamento. Neste escoamento podemos perceber o que ocorre em dois momentos: o que se marca pelo traço e aquilo que ele apaga. De forma que o literal rasga o que havia de homogêneo no gozo. Ali, a letra borda o furo no limite do saber, mas ao mesmo tempo ela o realiza.

A partir desse movimento, Lacan (1971/2009) elaborava uma correlação para o sujeito e a questão da letra, pois é pelo apagamento do traço que o sujeito pode ser designado. O sujeito se institui parte na letra e outra parte nisso que ela destitui.

Litura, lituraterra. Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. Litura pura é o literal. Produzir essa rasura é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste... Produzir a rasura sozinha, definitiva, é essa a façanha da caligrafia (LACAN, 1971/2009, p. 113).

É conveniente demarcar que na caligrafia japonesa não se trata de um traço qualquer, mas de um traço do sujeito. Um japonês pode levar a vida inteira praticando até chegar ao traço vertical ideal. Lacan enfatiza que na escrita japonesa há algo ímpar no gesto da mão, algo que abate o universal. O importante é que a esse gesto da escrita adiciona-se outra dimensão, “uma diz-mansão do sujeito” (LACAN, 1971/2009, p. 112) Portanto, é um saber fazer com a letra que constitui um lugar para o sujeito. Essa é a clareza destacada pela língua japonesa, visto que permanece associada à escrita.

O psicanalista Antoni Vicens (2008) declara que o interesse de Lacan pelos autores orientais já comparece desde o seminário *A Lógica da fantasia* (1966-1967). Ali ele se refere a Shitao, um dos nomes adotados pelo primeiro calígrafo chinês do século XVII. Lacan haveria recomendado a seus ouvintes que buscassem o trabalho de Shitao, pois este seria o melhor modo de pensar o tema do traço unário e a questão da escrita como anterior à própria fala.

O significado do nome Shitao é próximo a “onda de pedra”. Seu nome é assim escolhido por sustentar a conjunção de campos diferenciados: o que é mais rígido com o que é mais fluido: da pedra com a água. Vemos com isso a demarcação de coisas heterogêneas que nunca se misturam. Vicens (2008) aproveita este ensejo para correlacionar a entrada do simbólico no advento da pulsão apresentada por Freud (1915/1974) em *Os instintos e suas vicissitudes*. Segundo Vicens, pode-se conjugar Freud, Lacan e Shitao. Assim, ele se apropria de um exemplo freudiano que associa o movimento da lava e o fluxo pulsional visando demarcar o mesmo movimento que nos aponta Lacan quando fala da função da letra ao convocar o litoral ao literal. Segue a passagem freudiana:

Podemos dividir a vida de cada instinto numa série de ondas sucessivas e isoladas, cada uma delas homogênea durante o período de tempo que possa vir a durar, qualquer que seja ele, e cuja relação de umas com as outras é comparável às sucessivas erupções de lava. Podemos então figurar a primeira erupção mais original do instinto como se processando de forma inalterada sem experimentar qualquer desenvolvimento. A onda seguinte seria modificada desde o início – sendo transformada, por exemplo, de ativa em passiva – e seria então, com essa nova característica, acrescentada à onda anterior, e assim por diante. Se fossemos então proceder a um levantamento do impulso instintual desde seu começo até um determinado ponto, a sucessão de ondas que descrevermos inevitavelmente apresentaria o quadro de um desenvolvimento definido do instinto (FREUD, 1915/1974, p. 152).

A lava pode ser entendida como uma onda de pedra. A solidificação de suas ondas cria o efeito de uma história na qual se coagula algo que foi, inicialmente, fluido e maleável. A petrificação de uma primeira onda constitui o caminho pelo qual deverá passar uma nova onda. Uma vez delineado este caminho, a pulsão, tal como a lava, procurará repeti-lo em busca de sua satisfação. É pelo simbólico que podemos dar certa ordem ao movimento pulsional. Assim, contingencialmente, a partir deste primeiro trilhamento, engendra-se uma repetição que dá direção à pulsão. De acordo com Vicens (2008), essa metáfora de Freud parece seguir o pensamento do calígrafo chinês; isso porque, se a tinta provém da pedra, ela recupera sua condição lapidária, uma vez que, para escrever o traço adequado, a mão do calígrafo precisou seguir os movimentos de seu corpo. É preciso incluir a contingência no traço que promove a escritura.

Certamente, na arte a primeira coisa que se precisa aprender é o primeiro traço, quer dizer, aprender é fundamentá-lo na contingência para qual o corpo dá seu apoio. Os demais seguirão esse traço. A prova disso é que quando um crítico de arte estuda a pintura chinesa, ele não parte de uma primeira visão do conjunto, mas da forma singular do traço. Esse traço é o mais pessoal e original: é impossível ser copiado, pois no próprio traço condensa-se toda a arte de escrever ou pintar. O traço vem do corpo, de sua singularidade, guarda a forma não repetível do gesto de cada um. O traço guarda tudo que é importante no próprio movimento da criação. É a partir dessa singularidade imprevisível que se abre então o espaço da significação (VICENS, 2008, p. 147).

Então, antes deste traço que nos marca, nada existe. Enquanto seres de fala, precisamos passar pelo Outro, Outro da Linguagem, para termos existência. Se há uma natureza que nos constitui, ela pode ser chamada de Linguagem. Assim, o ser falante não preexiste ao encaideamento significante que se inicia com o traço único. Todavia, precisamos também demarcar que tal traço cinge o vazio que subsiste em nós. Ele comparece entre os demais traços subsequentes que buscamos para nos representar, sempre separados em sua diferença. Por conseguinte, sob este prisma, mesmo o vazio não se apresenta a priori, mas se constitui a partir do que se cria. Ele se inscreve entre o primeiro traço e todos os outros.

Traduzido em termos de estrutura, é o vazio que se instala de maneira irreparável entre S1 e S2. Mais ainda, é precisamente esse vazio que faz passar o rasgo ou traço unário ao segundo traço com o qual o traço primeiro deixa de sê-lo para passar a ser um significante. Dito de outro modo, o S2 é o Outro, o que se precipita a preencher o vazio que cria o aparecimento do S1. Mas o S2 nunca poderá preenchê-lo, sempre ficará um resto, é isso que faz o S2 uma série que deve continuar (VICENS, 2008, p. 148).

Sob esse mesmo prisma, Lacan (1972-1973/1985) vai falar da carta de amor. A carta/*lettre* como escrito. Isso porque a letra é lida tal como fazemos com uma carta. Ela chega sempre ao seu destino, ou seja, confere um lugar àquele que a detém. A letra demarca uma posição para os que habitam a linguagem. Sabemos que é pelo jogo de letras que se instauram os discursos; não esqueçamos ser também pelo objeto *a* que podemos pensar aquilo que ocorre com a escolha amorosa. Por conseguinte, é ainda com a letra da carta que Lacan (1972-1973/1985, p. 113) vai afirmar podermos “fazer algo de sério” no amor, isso porque cabe à letra dar início à série significante que pode se constituir com a poesia do amor.

A questão da carta para Lacan (1956/1998) já é evidenciada em seu texto de abertura dos Escritos: *O seminário sobre “A carta roubada”*, embora neste momento ainda não se articule ao gozo. Isso ocorrerá posteriormente no seminário *De um discurso que não fosse semblante* (LACAN, 1971/2009) Neste texto sobre a carta, Lacan se ampara no conto de Edgar Allan Poe, escrito em 1844. Ele se configura como o último caso do detetive Dupin, de uma série de novelas realizadas por Poe.

Assim, o conto se passa no período de 1800. O detetive Dupin, personagem principal, é morador de Paris e amigo do narrador da história. Tal narrador nos relata que em certo dia o chefe de polícia parisiense procura Dupin almejando que este o ajude a solucionar o roubo de uma carta. A carta havia sido furtada por um proeminente Ministro dos aposentos da rainha. Embora o chefe de polícia já houvesse realizado várias buscas pela carta na casa do Ministro, ele ainda não a havia encontrado. Diante de tal prerrogativa, Dupin lhe diz que não teria mais nada a lhe aconselhar.



Passado um mês do encontro entre Dupin e o delegado, este volta a procurá-lo, pois não havia ainda conseguido recuperar a carta. Ele o procura ainda para receber conselhos, mas Dupin o surpreende entregando-lhe finalmente a própria carta roubada.

Para que possamos saber como esse desfecho ocorreu, no conto, a personagem que figurava como narrador desta história pergunta a Dupin como ele havia realizado tal feito. Assim, Dupin relata sua busca. Como o chefe de polícia havia subestimado o Ministro por ser este um poeta e levava em conta todo o seu tempo de investigador na polícia, durante o qual teve sempre que lidar com casos cujos objetos escondidos por criminosos foram ocultados de forma rebuscada, ele não considerou que o Ministro, também matemático, agiria com simplicidade neste caso. Portanto, levando em conta tal perspectiva, Dupin ao visitar o Ministro, enquanto conversavam, observou um porta-cartas pendurado no meio da lareira com um documento que reconheceu ser a carta procurada: tão à mostra e tão invisível. Ele a reconheceu pelo selo, pois seu aspecto estava disfarçado em seu reverso.

Tendo isto em vista, quando deixa o apartamento o detetive esquece propositalmente sua tabaqueira, para ter a desculpa de poder retornar num outro dia. Havia planejado de antemão, durante o momento em que estivesse no apartamento do Ministro, a simulação de um tiroteio na rua que o distrairia, levando-o à janela e distante da carta. De tal forma, Dupin trocou a carta por uma cópia, deixando um recado nesta última para o Ministro, remetendo-o a uma vingança por uma peça pregada por este último outrora ao próprio Dupin. Ali ele dizia: “um desígnio tão funesto, se não é digno de Atreu, é digno de Tieste” (POE, 1844/1981, p. 186). Quanto à carta, não poderia ser deixada em branco. Assim, Dupin lega ao Ministro sua letra em lugar da carta furtada.

O que a Lacan interessa neste conto é a ideia de que o que está escondido é precisamente o que vai faltar em seu lugar. E só se consegue dizer disso porque algo poderá vir a substituí-lo: a letra. Quanto a isso, poeticamente, Lacan enfatiza que “Os escritos carregam ao vento as promissórias em branco de uma cavalgada louca. E se eles não fossem folhas volantes, não haveria letras roubadas, cartas que voaram” (LACAN, 1956/1998, p. 30).

Assim sendo, é por poder realizar um desvio que a carta possui um trajeto que lhe é próprio. É ela que confere moradia ao sujeito ao se submeter à linguagem. Poderemos perceber nesta singularidade atribuída à carta o que proporciona valor a este conto sob o olhar psicanalítico. Sua função desviante mostra como o significante se sustenta em um deslocamento, designando lugares para os sujeitos por ela demarcados.

Mas quanto à carta/letra, quer a tomemos no sentido de elemento tipográfico, de epístola ou daquilo que faz o letrado, diremos que o que se diz deve ser entendido à letra, que há uma carta a espera de vocês com o carteiro, ou que vocês têm cartas/letras – mas nunca que haja la lettre em alguma parte, não importando a que título ela lhes diga respeito, nem que seja para designar a correspondência em atraso. [...]

Pois o significante é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência. E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar ou não estar em algum lugar, mas sim, diferentemente deles, ela estará e não estará onde estiver, onde quer que vá (LACAN, 1956/1998, p. 27).

De tal modo, as questões que a carta apresenta circunscrevem um problema mais amplo. Ela comparece quando o outro amado está ausente, remontando a um aspecto imprescindível da letra: o de servir “supostamente” como intermediário na relação com o outro, almejando garantir uma pretensa proximidade entre aquele que ama e aquele que é amado, quando na realidade é concorrente do corpo que não está presente. A letra, na medida em que visa ao enlace com o Outro, sela sua separação. Sendo assim, a função da carta resta paradoxal: para que a carta trace seu destino, para que chegue ao amado, é preciso estar distante dele.

A carta de amor é mesmo um exemplo curioso. O autor da carta pode não ser verdadeiramente o amante. As cartas podem ser falsas. Nada disso importa. Sem dúvida, ela também não é homogênea, já que pode apresentar-se sob uma variedade de formas. Ela pode ser elaborada sobre tipos de papéis diferentes, pode ser colorida ou em preto e branco, comportar marcas de batom para representar o envio de um beijo, perfumada ou não, em forma de poema ou mesmo uma poesia citada para ressaltar o amor pretendido.

Quando antevemos esta característica múltipla das cartas de amor, precisamos nos interrogar acerca do que haveria em comum entre todas elas. A resposta consiste precisamente no uso da letra. A carta demanda ser sempre bem escrita. De forma que, mesmo não correspondendo ao amor apresentado pela carta, suas letras bem arranjadas promovem um efeito de prazer em quem as recebe. Perante este aspecto da carta de amor, Soler (2011, p. 13) relata:

Assim, as letras de amor vão desde os significados do Outro, desde a fala mais clichê, até a invenção verbal lá onde o Outro silencia. Embora díspares todos falam de forma semelhante. É como se o amor tivesse que ser barulhento, necessitando ser dito, não apenas para ser notado, mas simplesmente para ser. Isto é tão verdadeiro que seria difícil imaginar um amante que escrevesse uma só carta de amor. É preciso que a carta seja bem escrita. Este dizer belo, que não é o bem dizer, revela sem dúvida seu estatuto de objeto, pelo menos estético.

Cyrano de Bergerac, obra-prima de Edmond Rostand (1897/2002), sucesso na França no final do século XIX, acentua o poder da bela escrita no transcórrer de seu texto. O autor transforma seu personagem principal em um herói romântico, capaz de morrer por sua amada sem mesmo revelar a autoria das cartas que surpreendem a bela Roxana. Quanto às cartas, o talentoso personagem não as retém. Retê-las, como nos diz Lacan (1971/2009), seria destituí-las de sua função. De modo que Bergerac escreve para que outro conquiste sua amada em seu lugar. É pela leitura das cartas que Roxana se encanta. Sobre a feitura das cartas, Cyrano escreve:

*Pois, escrevamos, sim.  
Essa carta de amor que eu faço a vida inteira,  
E que refaço em mim cem vezes, de maneira  
Que, se puser minha alma ao lado do papel,  
Basta-me só tirar-lhe a cópia bem fiel.*  
(ROSTAND, 1897/2002, p. 102).

Assim, Bergerac ilustra sublimemente a impossibilidade da relação sexual e o papel da letra perante isso. A impossibilidade da relação sexual é uma formulação lógica através da qual Lacan pôde escrever a ausência da relação entre os sexos. Não se trata de afirmar que o sexo como ato não exista, mas de sublinhar que há uma fatalidade entre eles no que diz respeito à possibilidade de plena fusão. Por isso, são necessárias diferentes construções entre um e outro para que se possa responder a essa ausência irremediável. Neste caso, Cyrano não coloca seu corpo em jogo porque entende que seu grande nariz irá atrapalhá-lo na conquista de sua amada. A seu ver, tal enormidade de seu nariz faria com que Roxana fixasse ali seu olhar, não havendo espaço para nada além. Ele imagina ocorrer uma simetria entre Christian, Roxana e ele próprio. Entretanto, por não existir tal simetria no que diz respeito à relação sexual, por um ser de fala nunca complementar o outro, como nos sublinha Lacan, Roxana continua a demandar palavras. Isso porque, a letra que poderia representar o que seria uma mulher, sempre escapole nas entrelinhas.

Graciela Brodsky (2008) ampara-se também neste exemplo, descrevendo que, quanto a Bergerac, há um equívoco corriqueiro de um homem no que é inerente a uma mulher. Ele supõe poder determinar o que ela quer, não sabendo da inexistência da relação sexual:

Mas como não há simetria, o que Roxana quer são palavras. Cyrano escreve, Christian fala e Roxana se enamora. Quando Christian não tem mais os versos escritos por Cyrano, Roxana lhe diz: “fale para mim”, e ele diz: te amo!. Roxana lhe diz: “já sei, mas fala para mim”. Christian lhe diz: “te amo muito”, e Cyrano finalmente lhe diz: “Brodez, brodez!” – enfeita, aumenta, acrescenta mais coisas! Finalmente Roxana se vai sem se interessar por qualquer coisa. Nessa cena vê-se perfeitamente três lugares: daquele que fala e não coloca o corpo; daquele que quer a nuca mas não sabe como obtê-la; daquele que espera as palavras que não vêm. É preciso o desenlace final para que os amantes se encontrem quando a relação sexual já é impossível, visto que Roxana está no convento e Cyrano está moribundo (BRODSKY, 2008, p. 190).

Portanto, tal como no *Livro de Cabeceira*, em Cyrano de Bergerac mais importante do que a retribuição do amor é que este possa ser escrito. Escrito como algo que marca o sujeito e que cifra seu gozo. Um fazer com a letra que se realiza durante toda sua vida na medida em que é preciso o advento do significante para que se organize o gozo. Esta carta, Cyrano vai escrevê-la como o que ele pensa ser decalque de sua alma.

Lacan (1972-1973/1985) não iria refutá-lo, e lhe diria que só é mesmo possível amar e ter uma alma quando nos servimos da escrita. É como uma produção que ela pode comparecer. Assim, “O amor alma a alma” (LA-

CAN, 1972-1973/1985, p. 113). Ela se produz como uma ficção que se forja a partir da letra que também constitui a poesia do amor. Tal formulação lacaniana só pode ser pensada porque o amor não comparece configurado por uma essência a priori ao significante. Sua tessitura é apenas doce ilusão: uma concha que permanecerá vazia.

Quanto ao fazer do amor, o que vemos é que ele insiste em constituir laço onde isso não é possível. Neste advento, ele visa unir aquilo que não cola jamais, porque ao amor é dada a possibilidade de fazer signo. Uma vicissitude interessante relativa ao signo, tal como nos adverte Lacan, é precisamente sua possibilidade de enlace na “disjunção de duas substâncias que não teriam nenhuma parte em comum” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 28) Por conseguinte, o empreendimento amoroso persiste na eterna tentativa de unir coisas disjuntas. Seu problema reside em esquecer que de dois não se pode fazer Um. Assim, discordamos de Aristófanes quando este insiste, em *O Banquete* de Platão (1996), que seríamos seres em busca de nossas metades perdidas cujo encontro resultará em perfeito encaixe. Não somos seres partidos que iremos nos completar quando encontrarmos nossa “parte perdida”. Na verdade, o amor terá sempre que lidar com isso que não se completa, na medida em que o objeto falta. O amor é uma resposta persistente ao confronto com a castração e com o não haver da relação sexual. De forma que a carta de amor tem o dom de funcionar onde o objeto não consegue corresponder: onde resta inadequação.

Por isso Lacan designa a posição amorosa como aquela que demanda sempre mais amor perante a impossibilidade de resposta plena a esta demanda. Caberia ao amor essa função. Assim, retomemos em nosso percurso a ideia de que “o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda... mais... ainda. Mais, ainda, é o nome próprio desta falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 13). Sabemos que esta falha será sempre respondida de forma insuficiente pelo amor em sua costura. Costura que se escreve pela letra.

A proximidade com o uso da letra permite a Lacan (1972-1973/1985) ver então a poesia, contida em uma carta de amor, como o menos bobo dos dizeres. Isso porque só a poesia é capaz de inventar aquilo que o Outro não saberia escrever, aquilo que resta vazio. Ela possibilita inventá-lo belamente, fazendo letra onde a palavra é muda.

O poeta Fernando Pessoa (1969) também compactua com Lacan ao escrever que as cartas de amor precisam, necessariamente, ser ridículas. Elas empreendem o impossível de realizar, muitas vezes inventando um linguajar que é próprio apenas aos amantes e que soa estranho a quem delas não participa.

*Todas cartas de amor são ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas.  
Também escrevi em meu tempo cartas de amor  
Como as outras,  
Ridículas.  
As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas.  
Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são ridículas*  
(PESSOA, 1969, p. 399).

Poderíamos pensar que a carta, como suporte da letra amorosa, em papel, estaria em vias de extinção. Novos são os meios virtuais que utilizamos hoje no lugar da carta em papel. Temos e-mails, WhatsApp, Facebook e o que mais vier por aí, depois do advento da internet e do telefone celular. Ainda assim, a estrutura da carta permanece, embora submetida a meios diferenciados. Qual seria então esta estrutura?

Segundo Soler (2011, p. 14), as cartas de amor sempre dizem respeito à tentativa de preenchimento do vazio que apresenta para o sujeito em seu “encontro” com o objeto.

E, no fundo, do que fala a carta de amor? Das maravilhas do objeto agalmático que preencheriam a falta e a solidão, falam como se estivessem ali, mas escrevem sobre um fundo de ausência, ausência conjuntural para os amantes separados, porém, mais essencialmente, são cartas dirigidas a um amor impossível. Que se pense nas cartas de Macedônio Fernandez à Elena Bellemort, desaparecida, ou nas cartas ao amor traído da religiosa portuguesa. Por isso, são cartas que não apenas admiram, se deslumbram, exaltam o objeto, mas que gritam através do escrito, que denunciam, que se lamentam, choram, comemoram ou procuram ressuscitar. Em todos os casos, elas falam de mim, da minha dor, da minha falta, da minha raiva, do meu desespero e da volúpia de sofrer por amor.

A artista plástica francesa Sophie Calle, um dos relevantes nomes da arte contemporânea, vai nos oferecer a ilustração para esta questão em uma de suas exposições. A partir do e-mail de rompimento recebido de um antigo namorado em 2004, o escritor Gregoire Bouillier, que lhe dizia como derradeira frase *Prenez soin de vous*, ou seja, “Cuide de você”, Calle procura inventar um peculiar enlace com o outro.

Ela encaminha este último conselho de seu amante a mais de 107 intérpretes, escolhidos em diferentes profissões, em sua maioria mulheres. Algumas das colaboradoras são famosas, como a atriz Jeanne Moreau e a compositora Laurie Anderson, outras são anônimas. Calle incluiu também duas bonecas e um papagaio fêmea, na tentativa de responder ao derradeiro contato. Quanto a este, não lhe vinham palavras. Diante do impossível de lidar, do impossível de dizer, vai procurar a palavra apropriada literalmente no Outro.

Então, reunindo fotografias, vídeos, textos e outras formas de interpretação, ela produziu uma exposição, que percorreu o mundo a partir de sua estreia na 52ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, em 2007. Em 2010, *Cuide de Você* foi realizada no Rio de Janeiro, ocupando o Museu de Arte Moderna (MAM). “Analisá-la, comentá-la, interpretá-la, dançá-la, cantá-la. Dissecá-la, esgotá-la. Fazer-me compreender. Falar no meu lugar. Uma maneira de sentir o tempo do rompimento. No meu ritmo. Cuidar bem de mim”, afirma Sophie Calle no texto de apresentação do evento.

Sua exposição faz derivar respostas oriundas da falta, abarcando escritos de outras mulheres. Escritos tomados para si e organizados de forma ímpar em seu trabalho. *Cuidar de si* é então produzir algo inédito perante o vazio se utilizando de diferentes suportes, embora todos

amparados pela letra. Com esta visada, Calle não almeja conselho ou conciliação, mas escrever algo que possa ser lido por outras pessoas: cartas abertas que possam ser apropriadas por quem assim desejar. Cartas de amor, na medida em que falam de sua dor, elaboradas sob uma configuração mais contemporânea. Assim, a carta pode ser folha de papel, mas também qualquer suporte sobre o qual seja possível escrever palavras de amor.

Mas tomemos pela mão aquilo que a palavra de amor não consegue escrever. A inexistência da relação sexual e a impossibilidade de um significante que determine A Mulher como universal condicionam os impasses da função do gozo sexual. Como foi pontuado, Lacan (1972-1973/1985) procura escrever a sexuação em termos de uma escrita lógica. Logo, não se trata de uma distinção anatômica entre os sexos, mas de instituir modalidades de gozo que se estruturam em torno da castração pela ação da linguagem. De tal forma, quando nos referimos, em psicanálise, ao masculino e ao feminino, estamos falando de posições sexuadas, e não do sexo anatômico ou mesmo dos gêneros enquanto tais. Dessa maneira, existem particularidades no modo como homens e mulheres podem se inserir na sexuação e na sua relação com o falo, enquanto o que produz representação. Por ser o falo um significante privilegiado por Lacan, ele é o que cobre e ao mesmo tempo faz obstáculo à relação suposta com o outro. Ele também é o que possibilita algum saber sobre o gozo, mas não-todo.

Diante disso, Lacan (1972-1973/1985) elabora duas modalidades de gozo. Localiza o homem como aquele que está submetido totalmente à função fálica, afeito à administração dos sentidos estabelecidos, dos semblantes, e a mulher como aquela que está não-toda submetida à função fálica, o que lhe permite experimentar um gozo a mais, suplementar, efeito do encontro do gozo fálico e do gozo além do falo.

Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras [...] Nem por isso deixa de acontecer que, se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar (LACAN, 1972-1973/1985, p. 99).

Notem que Lacan diz “suplementar” e não complementar, procurando evitar a ideia de totalidade. Portanto, a mulher como complementar ao homem não existe, na medida em que não encontramos um sujeito mulher em simetria ao sujeito fálico. A mulher é, desde sempre na relação com o falo, a que não tem. Ela se constitui uma a uma, perante o “nada” que não se pode escrever. O feminino comporta, assim, uma “inconsistência”, um gozo ilegível que resta no corpo, para além da borda traçada pela letra.

Em “Mulheres e semblantes”, Miller (2011, p. 50) salienta: “por que não dizer que as mulheres parecem, às vezes e na medida do possível, mais amigas do real? De qualquer forma, isso se explica pelo fato de elas não terem necessariamente a mesma relação com a castração que os homens”. Tal elo pode ser evidenciado na experiência clínica por um discurso que aponta para a falta de



identidade e de consistência, para o estranho sentimento de fragmentação corporal, para a curiosa ligação com o infinito e para o sentimento de incompletude radical, efeitos da relação inevitável que as mulheres travam com a escrita que falha. Podemos dizer que o feminino abarca este “para além” do litoral da letra, abrindo as portas para outra escrita mais inventiva.

Deste modo, a letra não apenas ocupa o lugar de ficção na escrita, mas também propicia tanger o que resta sem medida, ao infinito, inerente à lógica do não-todo. No alinhavar de nosso percurso, a carta de amor pode ser em si o litoral entre o sujeito que fala e o gozo que habita seu corpo, levando em conta que nem tudo pode ser lido.

Nesta construção de saber, Lacan (1972-1973/1985) situa a letra como algo da ordem de um divertimento. Um brincar que aponta para outra satisfação advinda com a linguagem, muitas vezes esquecida por estarmos sempre privilegiando o que é relativo ao sentido. Se, de um lado, a linguagem possibilita a comunicação, de outro, reside uma satisfação na própria fala. “Está aí o começo da letra, da carta, um divertimento de alma, um divertimento” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 115). Quem não se lembra do vídeo que circulou na internet no qual irmãos gêmeos conversavam entre si por longos minutos? Um dizia: “lá, lá, lá, lá, lá, lá”, e o outro respondia, aos sorrisos, “lá, lá, lá, lá, lá, lá...”, em uma conversa quase infinita e extremamente divertida para ambos. Certamente, não se tratava ali de qualquer compreensão, mas de gozar com a fala. Ficaram assim por quase vinte minutos, se “entendendo” sem nenhum dito. Para nós, “o dizer fica esquecido por trás do dito” (LACAN, 1973/2003b, p. 449), ou seja, nos esquecemos de suas letras e de seu fazer. Assim, o dizer só pode ser demonstrado ao escapar do dito. E não é isto precisamente que faz um analista quando pode se furtar a compreender a fala de um analisando e ler as letras de seu dizer?

Sob esta perspectiva, quando o falo realiza o empreendimento que engendra o sentido, ele permite inventar através de suas diversas artimanhas, o que será utilizado para operar diante da inexistência da relação sexual. Para isso, ele oferece algo que sustenta os discursos.

Pela função que lhe advém do discurso, ele passou ao significante. Um significante pode servir para muitas coisas, tal como um órgão, mas não para as mesmas. [...] Quanto à função de isca, se é o órgão que se oferece ao anzol às voracidades que situamos a pouco – digamos originárias (d’orygine) – o significante, ao contrário, é o peixe que engole aquilo que os discursos precisam para se sustentar (LACAN, 1973/2003b, p. 456).

Portanto, de acordo com o que vimos até aqui, e tal como nos ensina Lacan, só o amor permite ao gozo condescender ao desejo. Mas não só. Nesta imersão sobre a letra de uma carta de amor, o desejo e o gozo, sempre haverá uma cota não simbolizável. Então, o que nos resta é escrever, tal como Cyrano, Pessoa, Sophie Calle? *Escrever* para fazer ficção com a vida? São questões que cernem e concernem à existência dos seres de fala.

#### Informações sobre a autora:

Simone Ravizzini

 <https://orcid.org/0000-0001-8130-8661>

 <http://lattes.cnpq.br/8233551200025079>

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a tese “A Concha Vazia do Amor: amor, contingência e semblante”. (2016) Mestre, também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a dissertação “O que não podem dizer as palavras: o limite da Interpretação”. (2000) Possui especialização em A Psicanálise e a Clínica, pela Universidade Federal Fluminense (1996). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (1995). Graduada em Comunicação Social - Publicidade, pela Pontifícia Universidade Católica - PUC-RJ (1988). Coordenadora e professora do curso de Pós-graduação A Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade da Unilasalle, Niterói, RJ. (2019-dias atuais) Professora no curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá (2000-2017), em Niterói, RJ, onde lecionou matérias como Teorias e Sistemas II, Clínica Psicanalítica, Estágio Básico em Clínica I, dentre outras matérias com foco em Psicanálise e Clínica. Além disso, possui experiência como supervisora no Serviço de Psicologia Aplicada da mesma Universidade (2015 -2017). Orientação de grupos de estudos, sob o título Uma Leitura do Seminário I, introdução à teoria e à clínica em Lacan, no consultório particular em Niterói. (2018) Psicanalista, atende adultos e adolescentes continuamente no consultório desde 1997 e supervisiona outros psicanalistas em seus casos clínicos (2015-2018).

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

RAVIZZINI, Simone. Presságios da letra de uma carta de amor. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 298-305, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5935>

##### APA

Ravizzini, S. (2020, Setembro/Outubro). Presságios da letra de uma carta de amor. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 298-305. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5935>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Ravizzini, S. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Ravizzini, S. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

#### Referências

- BRODSKY, Graciela. O homem, a mulher e a lógica. *Latusa: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 171-192, 2008.
- FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 129-162. Edição Standard Brasileira.
- HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. livro 20.

- LACAN, Jacques. *Seminário sobre “a carta roubada”* (1956). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 13-68.
- LACAN, Jacques. *Lituraterra* (1971). In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003a. p. 15-28.
- LACAN, Jacques. *O aturdido* (1973). In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003b. p. 448-497.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: de um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. livro 18.
- MILLER, Jacques-Alain. *Mulheres e semblantes*. In: CALDAS, Heloisa; MURTA, Alberto; MURTA, Claudia. (Org.). *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, EBP, 2011. p. 49-89.
- O LIVRO de cabeceira (*The Pillow Book*). Direção: Peter Greenaway. Produção: Kees Kasander. Roteiro de Peter Greenaway, adaptado da obra *Makura no Sôchi*, de Sei Shônagon. Reino Unido: Centurion, 1996. 1 DVD (126 min), son., color.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969.
- PLATÃO. *Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- POE, Edgar Allan. *A carta furtada* (1844). In: \_\_\_\_\_. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981. p. 171-198.
- ROSTAND, Edmond. *Cyrano de Bergerac* (1897). São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- SOLER, Colette. *As cartas de amor*. In: ABRAMOVITCH, Sheila; BORGES, Sonia (Org.). *O amor e suas letras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 11-20.
- VICENS, Antoni. *Traço e repetição em O avesso da psicanálise. Latusa: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 137-152, 2008.

## Prazeres, práticas sexuais e abjeção: travestis, transexuais e os limites em ser “gente”

Herbert de Proença Lopes,<sup>ID</sup> \* Wiliam Siqueira Peres,<sup>ID</sup> Adriana Sales<sup>ID</sup>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, SP, Brasil

### Resumo

A proposta deste texto é estabelecer diálogos com os estudos sobre as travestilidades e transexualidades que possam contribuir para as problematizações acerca dos modos de subjetivação e práticas sexuais dissidentes e abjetas. As expressões de gêneros desviantes dos modelos de produção normativos são sublinhadas, neste diálogo, a partir da exploração dos prazeres e práticas sexuais que transbordam visões naturalizadas e reprodutivas, iniciando com a problematização da prostituição como modo de vida, trabalho, socialização e de descoberta de saberes em relação às práticas sexuais. Tais problematizações partem de duas pesquisas realizadas em pós-graduação em Psicologia, ambas sob orientação do método da cartografia e desenvolvidas com participantes do movimento social organizado. Com base em perspectivas teórico-políticas queer, procuramos por posições alternativas que não tomem a dissidência pelo viés da negatividade, mas interessados nas pedagogias alternativas que operam nos territórios de subjetivação trans e que ampliam as noções sobre “ser gente”. Assim, entendemos que estas problematizações podem estabelecer conexões com outras experiências e provocar a ampliação de esquemas de saber que considerem as dissidências como formas de resistências micropolíticas e desejanças.

Palavras-chave: práticas sexuais; travestilidades e transexualidades; perspectivas queer.

## Pleasures, sexual practices and abjection: travestis, transsexuals and limits of “being a person”

### Abstract

This paper proposes dialogues with studies about travestis and transsexuals that offered contributions to problematize modes of subjectivation and sexual practices dissidents and abjects. The gender expressions that deviate from normative production models featured, in this paper, from the exploration of pleasures and sexual practices that extrapolate naturalized and reproductive visions, starting with a problematization of prostitution as a way of life, work, socialization and discovery of knowledge regarding sexual practices. Such problematizations come from research developed in Psychology postgraduate courses, under the methodological guidance of cartography and developed with participants from the organized social movement. Based on queer theoretical-political perspectives, we objective alternative positions that do not consider dissent as negativity, but more interested in alternative pedagogical forms in territories of trans subjectivation and that can broaden the notions about being “a person”. These problematizations can establish connections with other experiences and cause the expansion of knowledge schemes that consider dissent as modes of micropolitical and desiring resistance.

Keywords: sexual practices; travestis and transsexuals; perspectivas queer.

### Introdução

As pessoas que assumem as expressões travestis e transexuais têm, constantemente, suas vidas associadas à prostituição. Os estudos sobre travestilidades e transexualidades, que mergulham nos cotidianos destas pessoas, apresentam aspectos sobre as práticas de prostituição como constituintes de relações sociais enquadradas e estigmatizadas. Como afirma Marcos Benedetti (2004, p. 5), em relação às travestis:

[...] apesar destas mudanças no papel e lugar social ocupado por este grupo, ainda é comum a ideia de que as travestis constroem sua identidade sexual e de gênero motivadas apenas pela prostituição e pelos ganhos financeiros que esta atividade pode proporcionar.

As relações que atravessam essas posições tidas como abjetas, como práticas de trabalho, práticas sexuais e de subsistências dissidentes, permeiam as produções de co-

nhecimentos acerca deste grupo. Temos observado produções que têm rompido com padrões heteronormativos, binários e burgueses.

Ao iniciarmos estas problematizações, pensando relações de poder e resistências, tomamos como premissa fazer emergir diálogos sobre o trabalho na prostituição como forma de trabalho, mas também como práticas sociais, estéticas, táticas e políticas de sobrevivência e prazeres; podendo agir como manutenção e/ou subversão dos estilos de vidas heteronormativas, padrões universais e estereótipos biologizantes.

Iniciamos, aqui, nossas defesas sobre o que é ser “puta”,<sup>1</sup> como mais uma atividade mediada por relações comerciais, organizadas de diversas formas e que relacionam poder, força e resistência. Resultam, assim, na produção de múltiplos sentidos que compõem tal atividade, dada a variedade de possibilidades que as manifestações

\*Endereço para correspondência: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Assis. Av. Dom Antônio, 2100 - Parque Universitário, Assis, SP - Brasil. CEP: 19806-900. E-mails: [herbert.proenca@gmail.com](mailto:herbert.proenca@gmail.com), [pereswiliam@gmail.com](mailto:pereswiliam@gmail.com), [adriana.salesunesp@gmail.com](mailto:adriana.salesunesp@gmail.com). Os dados completos dos autores encontram-se ao final do artigo.

<sup>1</sup>O termo “puta” é escolhido dentre os diferentes termos utilizados na definição desta atividade: prostituta, profissional do sexo, garota de programa etc. Essa opção encontra-se respaldada na defesa feita por algumas putas (mulheres cis, mulheres trans e travestis) pelo uso do termo como afirmação política do lugar de puta, conforme discussão entre diferentes denominações levantada por Gabriela Leite (SILVA; PERES, 2016).





destas questões compreendem. Muitos destes sentidos, ao serem problematizados, nos levam a pautar processos de exclusão que também compõem os modos de ser puta. Nossos interesses, entretanto, estão em outras perspectivas destas relações: as que nos conduzem às potências das vidas, dos desejos, das realizações e de práticas sexuais dissidentes que borram a fixidez identitária binária.

No diálogo proposto, procuramos conexões com perspectivas *queer*, como as encontradas em Judith Butler (1999, 2003), Paul B. Preciado<sup>2</sup> (2011, 2014) e Guacira Lopes Louro (2000, 2004), pois indicam posições de conhecimentos e práticas mais potentes, e, assim, recusamo-nos a abordar o lugar da dissidência como negatividade. Em Rosi Braidotti (2013), compartilhamos a ideia de que as transformações de paradigmas, estruturas sociais, econômicas, políticas, sexuais, entre outros aspectos configurados como parte das crises da contemporaneidade, impõem a necessidade de novos esquemas de pensamentos. Segundo a autora, precisamos combinar crítica e criatividade para a criação de novas ontologias possíveis, que possam considerar os desafios contemporâneos e estabelecer relações éticas para a defesa das diferentes formas de vida.

Este artigo propõe um debate teórico sobre as travestilidades e transexualidades enfatizando a visibilidade destas expressões de gêneros para além da associação única com a prostituição. Esta pode ser considerada um dos atravessadores dos processos de subjetivação de muitas travestis e transexuais, motivo pelo qual a trouxemos para este debate. Mas a vida destas pessoas, no entanto, não se resume a isso. Ampliamos o olhar, tanto no que se refere ao aumento das possibilidades de trabalho e subsistência que esta população tem conquistado quanto no que concerne às atividades de prostituição, não restrito aos aspectos excludentes, considerando a multiplicidade destes processos.

A discussão que propomos tem diálogo com duas pesquisas de pós-graduação em Psicologia finalizadas em 2018, uma de doutorado (SALES, 2018) e uma de mestrado (LOPES, 2018), ambas orientadas pelo terceiro autor deste trabalho. As pesquisas foram desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP/Assis). A primeira problematizou a relação de travestis brasileiras e a escola, e dialogou com treze lideranças do movimento nacional de travestis e transexuais, encontrando narrativas de produção de existências na construção de corporalidades, sexualidades na relação com experiências escolares (marcadas por processos de exclusão) e com experiências de militância (marcadas por processos de resistência). Já a segunda interessou-se pelos modos de resistências atravessados por práticas teatrais e

<sup>2</sup>Paul B. Preciado, filósofo trans espanhol, relata parte de seu processo de transição no livro *Un apartamento en Urano: crónicas del cruce* (PRECIADO, 2019). Utilizamos o nome Paul B. Preciado no corpo do texto por ser o modo adequado de tratamento do autor. Com exceção deste livro, mantivemos nas referências bibliográficas o nome Beatriz Preciado por ser a forma encontrada nos bancos de dados e nos livros e textos publicados anteriormente ao uso de nome Paul, pelo autor. Frisamos que, com isso, não descaracterizamos a luta pelo reconhecimento das identidades trans. Esta nota tem a função de esclarecimento, mas também de posicionamento em favor do reconhecimento do nome social como direito das pessoas trans e travestis.

desenvolveu-se a partir de oficinas de teatro vivenciadas com participantes do Coletivo ElityTrans, formado por travestis e transexuais da cidade de Londrina, interior do Paraná.

Além da proximidade temática e da interlocução com o movimento social, que marcaram as referidas pesquisas, ambas buscaram no método cartográfico elementos teórico-metodológicos para a construção das experiências geradas nestas interlocuções. A cartografia contribuiu para problematizarmos as relações de pesquisa, questionando certa separação entre sujeito-objeto, partindo da compreensão de que tais relações se constituem no processo de cartografar, não sendo dada de antemão. Ao contrário de isolar o “objeto” de pesquisa, a proposta cartográfica visa estudá-lo em sua composição sócio-histórica, a partir da rede de forças que constitui os fenômenos estudados (ALVAREZ; PASSOS, 2009).

Nessa linha, nos propomos a compor a relação de pesquisa com as participantes, uma relação que implicou o envolvimento da pesquisadora e pesquisador, uma vez que ambos participavam ativamente dos processos políticos que caracterizam os coletivos pesquisados, estando envolvidos(as) com os territórios existenciais por onde caminharam as pesquisas, e posicionados eticamente em relação ao sentido que tais pesquisas tiveram na promoção e defesa da vida, diante dos cenários de marginalização, exclusão e violência que atingem sistematicamente as populações pesquisadas.

Assim, ao contrário de “saber sobre” as participantes, nos propomos a “saber com” elas, procurando romper com as violências epistemológicas que caracterizam os paradigmas tradicionais de ciência (ALVAREZ; PASSOS, 2009). As narrativas que trouxemos para a pesquisa foram produzidas com base nesse posicionamento, constituídas nos diversos encontros possibilitados pelo pesquisar. Neste artigo, trouxemos recortes do vasto conjunto de narrativas encontradas. Esses recortes referem-se, especificamente, às experiências da pesquisa de mestrado e foram produzidos durante as oficinas de teatro (LOPES, 2018). Através de uma cena narrada por uma das participantes, ativista trans, durante as experimentações teatrais constituintes da referida pesquisa, desenvolvemos este artigo, procurando analisar os temas por esta cena suscitados. A partir disso, articulamos olhares sobre travestilidades e transexualidades e indagações sobre práticas sexuais, buscando problematizar os modos de subjetivação atravessados por estas vias, onde se encontram a produção de territórios de exclusão e subversão.

### Cenas de territórios de exclusão e subversão

A relegação de travestis e transexuais a territórios de subjetivações específicos, como o do mercado do sexo, é, sem dúvida, traço marcante para apontarmos as violências que constituem seus modos de vida, violências estas que se associam à produção de gêneros e sexualidades. A prostituição se configura, na experiência de vida de muitas travestis e transexuais, como um processo social que vai configurar a transfobia, quando entendida do ponto de

vista estrutural. Assim, a ideia da prostituição como um destino comum, considerado o único território possível para a existência de travestis e transexuais, é uma evidência desta violência, conduzida por uma dinâmica social excludente. Somam-se a isso todas as formas de exclusão que são geradas pelo exercício de uma atividade que, não tendo regularização, é submetida a condições inadequadas ao exercício digno de uma atividade profissional. Temos, ainda, as formas de preconceito e discriminação associadas a valores morais e normativos, fatores que aumentam a invisibilidade sobre as duras realidades de trabalho. Os sistemas de invisibilidade, tais como os atuantes sobre o trabalho na prostituição, por sua vez, reforçam as práticas de violência e, muitas vezes, favorecem a impunidade.

Sinalizamos como transfobia todas as formas transpostas de violências físicas, psicológicas e excludentes em relação às pessoas travestis e transexuais que vivem essas expressões de vida, resultando em processos de sofrimento, estigmatização e marginalização, que, somados, promovem a anulação de suas potências. A transfobia, assim, é constituída por diferentes formas de exclusão, que são exercidas em instituições como a família, a escola, o trabalho, entre outros.

As dinâmicas existentes entre as formas de exclusão destacam que expressões de transexualidades e travestilidades não são permitidas dentro dos critérios normativos para as relações sociais e institucionais. Travestis e transexuais têm o acesso aos direitos dificultado ou negado sistematicamente, e isso gera, em muitos casos, exclusão do espaço familiar e da instituição escolar e, por sua vez, barreiras para o ingresso no mercado de trabalho formal. Os processos de exclusão transpõem-se em práticas de violência, pois partem de pressupostos de gênero, sexualidades e relações sociais normativos e binários, que não dão conta de modos de vidas singulares.

Tais formas de imposição de poderes têm buscado organizar as cidades e as relações pessoais (psicossociais), os trânsitos e os ambientes, de modo higienista e normativo. Como encontramos em Benedetti (2004, p. 5), uma das ideias que reproduzem o estigma e a exclusão social que cerca este grupo é a de que “a construção do corpo e do gênero das travestis dá-se única e exclusivamente em função do interesse pelos rendimentos financeiros proporcionados pela prostituição”.

Sobre as práticas de prostituição, que se referem às formas de ser puta (conforme anteriormente citado), podemos disparar trânsitos nos seguintes eixos: os territórios onde tais práticas acontecem; como se organizam as relações comerciais; quais relações de poder se exercem e como são estabelecidas as hierarquias; quais as violências cotidianas e as situações de risco que acometem as pessoas que vivenciam tais práticas; entre muitos aspectos. Dentre estes, queremos sublinhar os regimes de verdades que regulam os prazeres e as práticas sexuais. Estes regimes dificultam, inclusive, as possibilidades de produzir significados sociais críticos, múltiplos e complexos sobre o tema, isentos de perspectivas moralistas, discriminatórias e cruéis.

Tais inquietações podem nos levar a caminhos que se guiam pela defesa de territórios que sejam mais democráticos. As denúncias que retratam os controles sobre as vidas destinam-se aos processos de exclusão vividos por travestis e transexuais em seu cotidiano. Mais que isso, tais controles procuram delimitar os territórios permitidos para sua existência. Dentre eles, temos como espaço de *status*, sobrevivência, relações familiares e afetivas, os universos da prostituição, o assumir-se puta. Nestes caminhos, são mapeadas outras geografias, impulsionadas por perspectivas teóricas marcadas pelas aberturas que os estudos feministas criaram no campo de produções científicas. Evidenciamos, com isso, os posicionamentos éticos/políticos que configuram os olhares sobre os fenômenos estudados e nos responsabilizando pelos conhecimentos produzidos, conforme discutido por Donna Haraway (1995).

Estas aberturas reconhecidas por serem avanços na história da humanidade garantem que “as pluralidades de abordagens nesse campo de saber são expressões de sua riqueza teórico-metodológica, e se convertem também em energias que renovam os debates e o avanço científico” (SILVA, 2009, p. 50).

Os crescentes estudos, que trazem às configurações de sexualidades os espaços, expressões marginalizadas e estigmas enfrentados pelas pessoas que escapam das “normas”, também dão suporte para acreditarmos que longos caminhos serão necessários para avançarmos neste campo de estudos, de forma a contribuir para a garantia de direitos, pois há necessidade de superarmos metodologias descritivas de mapeamentos apenas em perspectivas sexuais (SILVA, 2009).

Em relação à associação entre prostituição e travestis e transexuais, recorremos à fala de uma atriz transexual, ativista do movimento trans, no interior do Paraná, e participante da pesquisa de mestrado mencionada anteriormente. Esta fala descreve mais diretamente o que tentamos argumentar. Diz ela: “Quando me questionam por que nossa imagem é associada à prostituição, costume questionar de volta: com quantas travestis você estudou na escola?”<sup>3</sup>

No meio das variadas formas de denúncia, reconhecemos que mesmo posições de contestação aos efeitos perversos de um sistema que cria gêneros e dispõe-se a regular as vidas podem ser capturadas por perspectivas moralizadoras. As lutas que se levantam contra as variadas formas de opressão, que destacam a prostituição como evidência da falta de possibilidades, ou destino único, podem em muitos casos estar marcadas por um viés moralizante. Trata-se de uma forma de assimilação, que visa efeito semelhante à da aceitação prometida às travestis e transexuais, com a condição de que suas expressões de gêneros produzidas reproduzam normas binárias universais. Antes de estas observações serem apontadas como aspectos que desqualifiquem tais lutas,

<sup>3</sup> Esse depoimento e os demais presentes neste texto referem-se a um extrato da fala de uma participante da pesquisa de mestrado e compõem os materiais de pesquisa. Ressalta-se que a pesquisa tem aprovação do Comitê de Ética.

consideramos, por outro lado, importante pensá-las como questões que atravessam os modos de subjetivação nas expressões dissidentes.

Às pessoas, de modo geral, são destinados modelos do que seja mulher e homem, respectivamente. Com suas variações, são modelos fixos e padrões identitários destas expressões, e, do mesmo modo, modelos identitários são destinados às pessoas trans e travestis. Por outro lado, as expressões de gêneros a que nos referimos são múltiplas e transbordantes, pois excedem regras tidas como necessárias à existência pessoal.

Recorremos à prostituição para iniciar esta empreitada e, a partir dessa associação e de apontamentos iniciais, queremos fazer outras perguntas. E se uma pessoa travesti ou transexual que se prostitui (pois não são, obviamente, todas as pessoas travestis e transexuais que o fazem) não o faz por necessidade ou falta de oportunidades? E se manifestar desejo pessoal por este tipo de prática? Obviamente, não podemos reduzir os atravessamentos que agem nos referidos modos de subjetivação a dois eixos polarizados: necessidade ou desejo. Assim, cabe uma última pergunta: como, nesse caso, poderia o sistema de regulação de gêneros desviar tais pessoas desta subversão?

Para nossa problematização, o tema se revela um interessante ponto de partida, pelo tipo de relações que evidencia e pelo que oculta. O que nos interessa são as práticas sexuais, mais especificamente as que não se conformam ao modelo reprodutivo normatizado, biologicamente, popularmente conhecido como “papai-mamãe”, adequado para as pessoas fazerem bebês. “Papai-mamãe” é conhecida como uma posição sexual em que o homem, que assume papel ativo, se deita sobre a mulher, que tem papel sexual passivo. Outra definição, em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), aborda o “papai-mamãe” como uma forma de reducionismo atribuído ao modelo de triangulação psíquica, que se instaura como modelo universal de subjetividade. Optamos por brincar com esse termo, utilizando-o como imagem para descrever as formas de realização de práticas sexuais que relacionam, de maneira crítica, estes sentidos.

As práticas sexuais pressupõem uma relação de duas ou mais pessoas. Nas atividades de prostituição, elas sugerem, ainda, a realização de desejos que vão além das proporcionadas na vida cotidiana comum. Não somente travestis e transexuais, mas muitas putas cisgêneras são procuradas para realizar os desejos que não são realizados nas relações conjugais domésticas. Um desejo além do “papai-mamãe”. Em busca de travestis e mulheres trans, é frequente grande variação de homens casados ou solteiros, ativos ou passivos, bofes ou mariconas,<sup>4</sup> em busca destas práticas, prazeres e relações para além-sexo. Enfim, trata-se de experiências diversas, mas que em alguma medida provocam as normativas estabelecidas pelo sistema sexo/gênero/desejos/práticas sexuais, proposto por

Judith Butler (2003). Que tipo de subversão tais práticas concretas geram no sistema? Quais tempos lhe são ofertados e em quais geografias são permitidos seus acessos?

As formas subversivas do “papai-mamãe”, na exploração dos prazeres sexuais, que possibilitam o universo da prostituição, geralmente são associadas a travestis ou transexuais, não aos clientes. O mundo de experiências vividas no quarto de motel, ou dentro do carro, ou no terreno baldio, ou onde for possível realizar o afã sexual – que é vivido entre essas pessoas –, pouco se associa (no imaginário social) aos clientes que procuram as travestis e os transexuais.

A discrição e o anonimato, que permeiam tais modos de relação, são reforçadores de processos de invisibilização, que agem num duplo ocultamento: por um lado, oculta o “Outro/Outra” da relação sexual, invertido em relação a(o) sujeita(o) da diferença: no caso, o cliente, resguardado de seu valor moral perante a sociedade. Por outro lado, oculta condições de existências que agem sobre algumas vidas negando a elas (porque não vê) o acesso a direitos, inclusive direitos básicos e sexuais.

Trata-se de processos de ocultamento e invisibilidade que engendram as produções dos prazeres e desejos sexuais dentro de dispositivos que regulam as sexualidades, definem o que deve ser silenciado ou, em outras palavras, o que não deve existir. Processos como esses operam contradições como a que faz o Brasil estar no topo do *ranking* de acesso à pornografia transexual, de acordo com o site *RedTube*,<sup>5</sup> ao mesmo tempo que, em outro ranking, aparece como um dos países de maior violência transfóbica.<sup>6</sup> O que muito se deseja, muito se mata?

Propomos as práticas sexuais e desejantes como linhas de problematizações a serem desafiadas neste texto, primeiro porque essa discussão nos faz considerar os sistemas morais que agem na regulação de tais práticas e reforçam marcadores identitários fixos, não somente em relação às práticas, mas também em relação às pessoas que as vivenciam. Os aspectos desviantes dos prazeres sexuais são associados às formas abjetas produzidas pelo sistema de materialização dos gêneros. Não somente isso, o sistema determina qual expressão/identidade, quais desejos, quais práticas sexuais são permitidas. Tudo que não é permitido não é possível de existir, pois é humanamente impensável.

Queremos apresentar uma cena, para instigar nossa posição e – por que não? – esquentar nosso diálogo. Esta cena foi narrada pela participante da pesquisa de mestrado, anteriormente citada. A participante, que é ativista do movimento trans, narra a seguinte situação, vivida num salão de cabeleireiro de seu bairro:

Eu estava no salão de cabeleireiro numa tarde e aquela mulher chegou pra mim e disse:

- Eu quero te fazer uma pergunta íntima!

<sup>5</sup> Conforme dados do levantamento publicado pelo site RedTube (REDTUBE..., 2016), que analisa o perfil do Brasil no acesso ao site de pornografia

<sup>6</sup> Conforme dados atualizados em 2016 do relatório *Transgender Europe's Trans Murder Monitoring* da organização *Transgender Europe*. O relatório, em inglês, está disponível no site: [https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=tmm\\_2016](https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=tmm_2016).

<sup>4</sup> Estes termos fazem parte da linguagem utilizada entre grupos LGBT, muito usada em contextos travestis e transexuais. Em linhas gerais, “bofes” são homens jovens e ativos; “mariconas” são homens mais velhos e passivos.



Provavelmente eu imaginei que ela ia me perguntar se eu era operada ou coisa parecida. Aí ela me disse assim:

- Aí, eu tô muito preocupada, eu não sei o que fazer. Eu preciso saber como é que dá o cu. Porque meu marido quer comer meu cu, mas eu nunca dei o cu. E uma amiga me disse que se eu não desse o cu pra ele, ele ia comer fora. Então, você pode me ensinar a dar o cu?

Aí eu disse:

- Olha, dar o cu é todo um ritual. Você precisa de uma preparação. Então, primeiro você pega e analise o tamanho do pau do seu companheiro, tipo, se for um pau pequeno, você pode fazer todas as posições, se for um pau médio, você já tem que escolher uma posição mais confortável. Agora se for um pau grande, tem que ser determinadas posições porque senão fica muito desconfortável, você precisa saber o que fazer a partir do pau que tem ali na sua frente. A melhor posição, pra você que tá iniciando, é você deitá-lo e subir em cima de coqueirinho.

- O que é coqueirinho? Ela perguntou.

- É uma posição sexual onde você comanda a situação indo por cima do seu parceiro. Isso é coqueirinho, um sobe e desce em cima do seu parceiro, até gozar (Trecho do Diário de Campo, materiais de pesquisa).

Se esta cena (uma conversa picante de salão) revela libertação ou reconfiguração de uma demanda machista de realização sexual – que reforça a responsabilidade da mulher sobre o prazer do marido – não nos cabe discutir nesse momento. No entanto, consideramos importante pontuar essa questão na problematização da reprodução do machismo, inclusive na regulação das relações sexuais conjugais. Mais que o consentimento, é importante considerar o desejo, ambos compartilhados, nas negociações cotidianas das práticas sexuais. Isso no sentido de evidenciar e desconstruir relações assimétricas de poder existentes entre quatro paredes.

Porém, além deste destaque, outras coisas esta cena cotidiana revela: uma mulher, casada, pedindo conselhos a uma travesti sobre sexo anal. Primeiro, refere-se à busca por um tipo de relação sexual “não-natural”. Segundo Paul B. Preciado (2014), a natureza humana, enquanto eixo constitutivo dos sexos e sexualidades, é uma tecnologia social que busca reproduzir a equação natureza = heterossexualidade nos corpos e nos espaços, organizando-os e direcionando as possibilidades de prazeres. Segundo a autora,

O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois intensifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual (PRECIADO, 2014, p. 25).

Para o sistema de produção de gêneros, as formas não reprodutivas das sexualidades opõem-se à normalidade heterossexual. Logo, as práticas anais nas relações sexuais não são bem vistas pelos essencialismos universais que defendem hegemonias biológicas entre pênis e vagina. O cu se torna lócus de contestação destas práticas

binárias sexuais e, por compor todas as corporalidades humanas, salvaguardados casos de deficiências corporais, possibilita democráticas formas de explorar estes corpos.

Em contrapartida, tais práticas usando o cu nas relações sexuais são marcadas pelo que é marginal, sujo, inadequado e do universo do feminino, pois tal exploração anal está vinculada ao que é ser passivo (feminino, que recebe o pênis) e ser ativo (masculino, que introduz no ânus). Logo, defendemos que, por todo o contexto de negação, de exclusão e usos dos corpos trans, as pessoas travestis e transexuais já trazem seus cus na cara, porque estas pessoas embaralham os códigos legíveis nas práticas sexuais e usos de seus corpos, desorganizando a ordem dominante machista e falocêntrica.<sup>7</sup>

O segundo ponto de destaque sobre a cena, refere-se à referência da imagem da travesti, associada pela mulher que a procurou. Podemos dizer que, neste caso, a travesti age como uma professora: um outro tipo de professora em outro tipo de escola, que ensina coisas “da vida”. Outras pedagogias de sexualidades e gêneros encontram espaço nos terrenos que o sistema heteronormativo pretendeu áridos e impotentes. Nos territórios de subjetivação de travestis e transexuais, e aqui frequentemente tendo a prostituição como participante, toda uma espécie de educação não-formal se desenvolve, possibilitando diferentes expressões de gêneros, sexualidades e, no caso de nosso interesse, prazeres e práticas sexuais.

Existem pedagogias de sexualidade, conforme discutido por Guacira Lopes Louro (2000), que agem na produção das expressões de gêneros, no disciplinamento dos corpos, no direcionamento do desejo e na regulação das práticas sexuais. As pedagogias procuram dar sentidos sociais aos corpos. Estas pedagogias agem como parte do dispositivo da sexualidade, como apresentado por Foucault (1984, p. 244), “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”.

As verdades produzidas sobre as sexualidades se inscrevem nos corpos como marcas. Conforme Louro (2000, p. 16), as múltiplas instâncias sociais (escola, família, mídia, igreja, lei, entre outras) fazem um investimento sobre os corpos, “reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” na constituição binária de homens e mulheres.

Nesse sentido, cabe pensar sobre as pedagogias alternativas sobre os desejos e práticas sexuais. Uma vez desviantes as sexualidades e já não admitidas como naturais, passam a gerar novos saberes acerca das sexualidades e das práticas sexuais. As professoras, no nosso caso as travestis e transexuais, são formadas na “vida”, de onde produzem seus saberes teórico-práticos. Como na cena acima narrada, podem ser procuradas por mulheres, ca-

<sup>7</sup> Sobre esta questão, citamos o livro *Por el culo: políticas anales*, de Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2011), onde os autores pretendem uma problematização sobre como se articula a política do cu permeada por uma rede de poder marcada também pelo ódio, machismo, transfobia e racismo.



sadas ou não, para conversar sobre a experiência do sexo anal. Assim como podem ser procuradas por homens, casados ou não, pelo mesmo motivo. Mas, no caso, não necessariamente para conversar.

### Práticas sexuais abjetas e objetos de desejo

*Não existe pecado do lado de baixo do equador  
Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor  
Me deixa ser teu escracho, capacho, teu cacho  
Um riacho de amor  
Quando é lição de esculacho, olha aí, sai de baixo  
Que eu sou professor  
(CHICO BUARQUE, 1973)*

Boaventura de Souza Santos (2009) descreve a concepção humanista de sujeito como parte de uma episteme própria da modernidade, forjada com base numa cisão ontológica. Tal cisão parte de uma dicotomização necessária: o pensamento moderno, na linha do autor, é um pensamento abissal. De um lado da linha, a experiência oficial de sujeito, aquele que pode ser visibilizado e que recebe, nesse sentido, estatuto absoluto de existência humana. Do outro lado, a experiência ininteligível de sujeitas e sujeitos “selvagens” dos povos coloniais, povos “descobertos”. Tais experiências de vida não têm os direitos próprios de “gente”, segundo parâmetros propostos naquele modelo. Uma linha divisória separa os de lá e os de cá, selvagens e civilizados, sociedades industriais e povos não industriais, sujeitos e abjetos, normais e anormais.

Não se situando fora das regulagens sociais e sexuais, os territórios da prostituição, assim como outros habitados por travestis e transexuais, permitem a criação de regras diferentes para o jogo, no caso, os jogos sexuais. A existência de pedagogias alternativas (não ausentes de violências) para as expressões e práticas sexuais permite um universo desconhecido e fascinante: mundos a descobrir envoltos de fantasias, fetiches e jogos sexuais a serem explorados.

Ampliam-se as fronteiras do proibido, como na música de Chico Buarque “Não existe pecado ao sul do Equador”, que compõe a obra cênico-musical escrita pelo artista em parceria com Ruy Guerra. A peça, escrita em 1972 durante a ditadura militar, traz como cenário o Brasil do século XVII, na época dos conflitos entre portugueses e holandeses na disputa pela colonização de Pernambuco. A música citada, cantada pela personagem Anna de Amsterdam, prostituta que embarca para o Brasil, revela uma moral cristã questionada por sua herança eurocêntrica, e que encontra limites na liberdade de costumes – tanto vivenciada pela prostituta quanto pelas relações sociais vividas na terra brasileira.

A existência desses universos sexualizados, “excessivamente” sexualizados, é o paralelo constituinte dos universos de relações dessexualizadas, ou de sexualidades “mornas”. As travestis e os transexuais muitas vezes são considerados “indivíduos míticos” por carregarem uma sexualidade negada ou reprimida. Esta atribuição mítica está ligada à relação que Guacira Lopes Louro (2000) faz da análise das queixas de uma instituição escolar sobre o comportamento de uma adolescente, considerado excessivamente sexualizado.

Essa percepção da sexualidade como “excessiva” é possibilitada pelo seu oposto, uma dessexualização sistemática da instituição. Nesse paralelo estabelecido, onde encontramos uma sexualidade presente/ausente nos diferentes lugares sociais, como nos seios das relações sexuais conjugais, elas, as excessivas, se constituem como a “outra”, que deve ser estigmatizada, mas também exerce certa fascinação.

A questão aqui não é considerar que travestis e transexuais, naturalmente pelo lugar social a que são cotidianamente submetidos, vivenciam suas sexualidades livres das normas de gêneros. Mesmo porque há uma tendência de que suas corporalidades, valores e crenças sejam subjetivados a partir das linhas de subjetivação normatizadoras. São linhas que impõem, como modo de construção única, a reprodução dos modelos dados a respeito de como expressar as masculinidades e feminilidades de acordo com os padrões vigentes e impostos pela lógica binária, reducionista e universal.

Ao transformarem seus corpos, na busca por outra sexualidade, as travestis e os transexuais desafiam abertamente os aparatos de controle da sexualidade. Esta posição não determina, por outro lado, uma forma, uma identidade-modelo de transgressão e resistência à produção normativa. Judith Butler (2003) aborda esse ponto de discussão no prefácio à segunda versão inglesa, apresentado também na edição em espanhol, de seu famoso livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.<sup>8</sup> Segundo ela, não é sua intenção

Celebrar el travestismo como la expression de un género modelo y verdadero (si bien es importante oponerse a la denigracion del travestismo que a veces tiene lugar), sino demostrar que el conocimiento naturalizado del género actúa como una circunscripción com derecho preferente y violenta de la realidade (BUTLER, 2007, p. 28).

A ênfase de Butler é destinada à extensão da legitimidade de gêneros para os corpos que têm sido vistos como falsos, irrealis e ininteligíveis. Como afirma a autora, “el travestismo es un ejemplo que tiene por objeto establecer que la ‘realidad’ no es tan rígida como creemos” (BUTLER, 2007, p. 29). A transgressão das fronteiras de gêneros ocorre a partir das transformações realizadas no processo de construção dos corpos de travestis e transexuais. Eles cometem essa transgressão, mesmo sem o saber, e colocam em debate a naturalização das sexualidades e dos gêneros, naquilo que é tido como mais “essencial”: o corpo. Segundo Larissa Pelúcio (2004, p. 138), os travestis “são o que construíram, essa é sua ‘natureza’. Não uma natureza anatômica, mas a do saber e do desejo”.

As normas de gêneros são representadas por elementos como: o dimorfismo ideal, a complementariedade heterossexual dos corpos ideais e o domínio de concepções de masculinidade e de feminilidade adequadas e inadequadas (BUTLER, 2007). Esse processo, colocado em curso pelo dispositivo biopolítico da sexualidade, como discutido por Foucault (1988), é operado por um sistema de produção de corpos sexuais e generificados como

<sup>8</sup> Em espanhol, *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*.

sistema de sexo e gênero, conforme apresentado inicialmente por Gayle Rubin (1975) e retomado por Judith Butler (2003), com a adição de mais duas categorias de produção, passando-se a denominar sistema sexo/gênero/desejos/práticas sexuais.

A “verdade” sobre os gêneros, as expressões permitidas segundo normas e valores, garantem a produção de “gêneros inteligíveis” como referências para masculinidades e feminilidades. Referem-se a produções que buscam continuidade e coerência entre sexo biológico, as formas culturalmente constituídas de gêneros e a manifestação de desejos realizados por meio de práticas sexuais admitidas e restritas à procriação.

Essas regras normativas que agem na materialização dos gêneros compõem parte dos atravessamentos que constroem nossas experiências de vida. Segundo Butler (2007, p. 29), “determinan lo que será inteligiblemente humano y lo que no, lo que se considerará “real” y lo que no, establecen el campo ontológico en que se puede atribuir a los cuerpos expresión legítima”.

Esses processos fazem com que as travestis e transexuais sejam rainhas durante a noite e monstros durante o dia. Sua presença é delimitada em espaços e tempos determinados, geografias e temporalidades que definem seus territórios existenciais. No outro lado do dia, do outro lado da rua, ou “abaixo da linha do Equador”, vivem seres “míticos” cuja ontologia é negada pelas relações de poder determinantes para a existência do(a) Outro(a).

Isso é permitido porque este sistema de produção de gêneros e corpos, de matriz heteronormativa, não tem uma origem natural fundadora. Trata-se de uma tecnologia sexual social cujo curso é possível modificar, subverter, alterando-se, assim, a produção das identidades sexuais. As travestis e os transexuais, assim como as bichas, as lésbicas, caminhoneiras, as sapas, as *drag queens*, dentre outras figurações políticas, são, como provoca Paul Preciado (2014, p. 31), “brincadeiras ontológicas, imposturas orgânicas, recitações subversivas, de um código sexual transcendental falso”.

Outras ontologias possíveis, brincantes, subversivas, são expressões dissidentes deste modelo e que, por isso, recebem o lugar de abjeção. A ideia de abjeção está ligada àquilo que não pode ser considerado humano, pois é impensável nas categorias-padrão de produção de sujeitos. Para Butler (1999, p. 61),

A construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação.

Sabemos que a “humanidade”, o fato de sermos humanos, não é um dado natural à espécie, mas um processo que separa os mais ou menos humanos, processo que é definido por vários estratos, que agem enquanto linhas de segmentação nas formações subjetivas daquilo que pode ser

chamado de humano. Agem nesse processo, em conjunto com as categorias de gênero, outros definidores de “humanidade”, como classe social, cor, raça e estética corporal.

Associadas às produções de expressões de gêneros e sexualidades estão, como já afirmamos, as práticas sexuais. Estas, como pretendemos destacar, também agem na composição dos sujeitos, do que pode ser considerado uma experiência “normal” (ou não) admitida. As perversidades, como consideradas pelas instituições médico-legais desde o século XIX, referem-se às formas não reprodutivas de sexualidade, do fetichismo ao lesbianismo, passando pelo sexo oral e chegando à descoberta do prazer anal (PRECIADO, 2014).

Essas formas estranhas, desconfiadamente humanas, serão consideradas *queer* pelo movimento teórico político que ganha terreno nos Estados Unidos e Reino Unido a partir dos anos 90, e do qual fazem parte teóricas como Judith Butler, Paul B. Preciado, Guacira Lopes Louro, entre outras, com quem temos dialogado neste texto.

O movimento *queer* intenta a desnaturalização das noções de sexualidades e gêneros e critica as identidades sexuais consideradas como fixas e estáveis, conforme o modo de produção apresentado acima. Recorre justamente ao lugar de afirmação da diferença, vista enquanto potencialidade e não como anormalidade. Demarcar um lugar (des)apropriado para abjeção consiste, assim, em demarcar espaços políticos de resistência.

O termo *queer* é uma palavra da língua inglesa, utilizada comumente como insulto a população LGBT. Segundo Louro (2004, p. 7-8),

*Queer* é tudo isso: estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.

*Queer* é outra forma de conceber experiências de política sexual que não cabem nos moldes do humanismo clássico. As práticas sexuais consideradas como *queer* não afirmam, pelo contrário, questionam concepções atribuídas como naturais às relações sexuais. O desconforto gerado pelo questionamento da ideia de natureza atribuída às sexualidades afeta alguns dos princípios da concepção clássica do sujeito moderno, universal, essencialista, eurocentrado e masculino.

Sustentado por diferentes posições binárias, como as oposições homem/mulher, heterossexual/homossexual, ativo/passivo, normal/anormal, o sistema de produção dos gêneros vai encontrar na oposição natureza/cultura um importante sustentáculo para o modelo heteronormativo, cuja legitimidade está na (aparentemente estreita) ligação entre sexualidade e natureza humana. Em suas

formas adequadas, e não por acaso associadas a valores apropriados dos regimes morais, são vistas como expressão de uma natureza humana.

As formas dissidentes são consideradas perversões ao modelo natural. As vidas que se encaixam nesta descrição não são convidadas a participar do banquete da humanidade. Não recebem o mesmo tratamento destinado aos humanos, sendo submetidas a formas de desqualificação, discriminação, estigmatização, negação de direitos, violências e, inclusive, à morte. Os crimes contra a vida de motivação transfóbica geralmente apresentam traços de crueldade – além da violência própria de tirar a vida de outrem. Em muitos casos, as vítimas têm os olhos perfurados ou os membros decepados, ou são enterradas de cabeça para baixo,<sup>9</sup> ou quaisquer marcas físicas que revelam ódio aos corpos que ousaram atravessar as fronteiras da natureza.

### Para as pessoas: direitos desviantes e subjetividades impossíveis

As tecnologias corporais utilizadas, muitas vezes, por travestis e transexuais, como aplicação de próteses, silicone, hormônios, entre outras alterações, assim como as tecnologias sexuais que geram subversão ao modelo do sexo procriativo, configuram-se como parte das idealizações “míticas” dessas identidades rotuladas e estigmatizadas. Em diálogo com Preciado (2014), significamos as tecnologias sexuais e corporais acompanhadas pelas histórias das sexualidades, desde suas versões mais naturalizadas. Neste caso, é importante tomar estas expressões a partir dos efeitos de questionamento que apresentam aos regimes de verdade que reiteram marginalidades a que são submetidas travestis e transexuais:

A partir de nociones de diferencia y margen, se reiventa lo que entendemos por naturaleza. Se producen narrativas de resistencia con posiciones de sujetos híbridas, contradictorias, encarnadas, flexibles, parciales, fragmentadas, provisionales, nómadas, heterogéneas, atentas a sus efectos esencializantes y excluyentes (RODRIGO; TORRES, 2005, p. 206).

Aqui, a crítica ao sujeito<sup>10</sup> universal e essencialista, que contém uma natureza humana, é colocada. É tão “natural” a concepção de humano quanto antinatural a relação anal, para humanas e humanos – se tomarmos esta ótica. De fato, são questionáveis as noções de humanidade que podem ser encontradas nas relações que constroem as vidas de travestis e transexuais. Paradoxalmente, muitos espaços de militância, onde são consideradas as reivindicações dessa população, levam o título de Direitos Humanos. Secretarias, Comissões, Grupos de Trabalho, Departamentos, entre outros espaços de Direitos Humanos, se encarregam de pautas advindas das ditas “minorias”, dentre elas a população LGBT<sup>11</sup> e, mais especificamente, as travestis e os transexuais. Sobre a categoria “humano”, afirma Braidotti (2013, p. 11):

<sup>9</sup> Estas três situações de homicídio transfóbico ocorreram recentemente na cidade de Londrina, Paraná.

<sup>10</sup> Aqui, o termo “sujeito” é usado unicamente na flexão masculina de gênero gramatical, dada a estreita relação que a concepção moderna de sujeito tem com o gênero masculino, no caso com a categoria Homem.

<sup>11</sup> Pessoas lésbicas, bissexuais, gays, travestis e transexuais.

Este término disfruta de un amplio consenso y conserva la tranquilizadora familiaridad del lugar común. Nosotros afirmamos nuestro apego a la especie como si fuera un dato de hecho, un presupuesto. Hasta el punto de construir en torno a lo humano la noción fundamental de Derecho. Pero, ¿las cosas son de verdad así?

Logo, a frase: “Direitos humanos para humanos direitos” traz à tona o incômodo frente às lutas em favor destas minorias. Lutas por direitos que seriam privilégios, segundo tal posição binária e universal. Um maior senso crítico e inteligência nos levariam logo a reconhecer que, infelizmente, a frase não representa uma reivindicação, mas a constatação de um sistema injusto no uso dos direitos das pessoas.

Uma grande quantidade de pessoas que não são direitas (estão “à esquerda”) e, por consequência, estão à margem do acesso aos direitos garantidos aos humanos representam, conforme denomina Preciado (2011), uma multidão dos anormais. Essa noção de humano/humana realmente não abarca todas as multiplicidades de experiências de vidas, como defende Rosi Braidotti (2013, p. 11):

No si por “humano” entendemos esa criatura que se nos há vuelto tan familiar a partir de la Ilustracion y de su herencia: el sujeto cartesiano del cogito, la kantiana *comunidad de los seres racionales*, o, em términos más sociológicos, el *sujeto-ciudadano*, titular de derechos, propietario, étcetera, étcetera.

Braidotti (2013) coloca como central a problematização sobre os limites do humano, a partir de críticas anti-humanistas, para podermos pensar relações no mundo contemporâneo, marcado pelo que denomina por condições pós-humanas. O termo pós-humano, talvez uma brincadeira ontológica (nos termos de Paul B. Preciado), é descrito como um termo útil para indagar os novos modos de se comprometer com o presente.

Dentre as considerações que podemos trazer para o nosso diálogo estão, em primeiro lugar, as posições críticas frente ao humanismo. O conceito de Humano tem como imagem principal o Homem, “medida certa de todas as coisas”. O enunciado de Protágoras, simbolizado por Leonardo Da Vinci no “homem vitruviano”, é resgatado por Braidotti para referir-se ao sujeito masculino associado ao termo “humano”. O ideal humanista, com essa e outras premissas excludentes, se instaura como um modelo universal que, de maneira hegemônica, tem determinado relações binárias entre Identidade e Diferença.

Es central, por esta actitud universalista y por su lógica binaria, la noción de diferencia, entendida en sentido peyorativo. El sujeto equivale a la consciencia, a la racionalidade universal y al comportamiento ético autodisciplinante, mientras que la alteridad es definida como su contraparte negativa y especular (BRAIDOTTI, 2013, p. 27).

Arelado à produção da diferença, sendo seu outro oposto, encontra-se o conceito de humano como sujeito racional, livre e de direitos. Esta noção produzida numa ordem de relações capitalistas reforça modelos identitários que, por sua vez, instauram séries de violências sistematicamente dirigidas para as expressões das diferenças.



Nas sociedades modernas ocidentais, estas noções estão na base de relações coloniais, patriarcais, machistas, racistas, classistas, lgbtfóbicas, xenofóbicas, higienistas etc.

La toma de conciencia de la violencia epistémica va al mismo ritmo que el reconocimiento de la violencia en la vida real, que era y aún es practicada contra los animales, los no-humanos y los otros agentes sociales y políticos deshumanizados por la norma humanista (BRAIDOTTI, 2013, p. 43).

Os efeitos excludentes e violentos serão, no século XX, vivenciados em escala catastrófica (a exemplo das guerras mundiais) tanto quanto cotidiana (por exemplo, se considerarmos as violências transfóbicas). Também no século XX, mais especificamente na segunda metade, vemos emergir no cenário político sujeitas e sujeitos da diferença reivindicando seus direitos de existência (movimentos feministas, de trabalhadores e trabalhadoras, movimentos de luta de gays, lésbicas, transexuais e travestis, entre outros). A emergência destes novos atores e atrizes, para nossa discussão, cria denúncias sobre os limites que o conceito de “humano” carrega, dada a desumanização presente nos modos de subjetivação destas minorias, como passaram a ser chamadas. O termo “minorias”, inclusive, é alvo de crítica pelos movimentos sociais, pois, dentre outros fatores, sugere atribuição de algo “menor” ao seu sentido.

A visão reducionista do conceito de humano, que destacamos aqui como os limites de ser “gente”, é uma das posições-chave para considerar a inflexão pós-humana de Rosi Braidotti (2013). A autora apresenta tal perspectiva como uma política afirmativa que combina crítica e criatividade na busca por imagens e projetos alternativos.

Para montar sua ficção ontológica do pós-humano, Braidotti (2013) recorre a diversos elementos contemporâneos que nos indicam tanto preocupações quanto aspirações de um novo campo de pensamento crítico, localizado e preocupado com o presente. Dentre os aspectos apresentados, estão as revoluções científicas guiadas pela biogenética, neurociências e ciências da informação, associadas às novas formações capitalistas, que criam redes de relações econômicas, sociais, culturais, eróticas, etc., não (mais) somente humanas. A complexidade e os paradoxos de nossos dias na produção de novas formas de subjetivação exigem criatividade teórica para acompanhar a produção de tais cenários de maneira crítica aos novos efeitos gerados nesses processos.

A condição pós-humana é apresentada de maneira simultânea, sendo configurada, por um lado, pela fascinação diante dessa condição, um aspecto crucial de nossa historicidade, observadas as formas de potencialização humana advindas do desenvolvimento científico. Por outro lado, é colocada a preocupação com as aberrações, abusos de poder e outros aspectos negativos que geram novas formas de desumanidade. Ao apresentar sua perspectiva pós-humana, Braidotti (2013) intenta questionar os estatutos do humano e, nesse sentido, reformular a questão da subjetividade, a partir da necessidade de inventar formas de relações éticas adequadas à complexidade dos tempos atuais.

Os pressupostos androcêntricos, antropocêntricos, individualistas e essencialistas a que remontam o conceito de humano são todos eixos importantes a serem tomados por uma visão crítica pós-humana. Central para esse questionamento é a necessidade de retomar a relação natureza-cultura, a que recorreremos para desconstruir visões dicotômicas que operam nas concepções de sujeitas e sujeitos, de gêneros e sexualidades.

A posição adotada é a de não pautar a relação entre a natureza e a cultura como marcada por dois polos, tomando distância, inclusive, das vertentes socioconstrutivistas que têm postulado uma distinção categórica entre o dado (natureza) e o construído (cultura). Segundo Braidotti (2013), os limites entre as categorias de “natural” e “cultural” têm sido fortemente esfumados pelos efeitos de desenvolvimentos científicos e tecnológicos. Uma forma não dualista de abordagem destas categorias se apresenta num *continuum* natureza-cultura, que reforça, cada vez mais, as posições híbridas constituintes das subjetividades contemporâneas.

Como maneira de exercitar essa forma de conceber a relação natureza-cultura, voltamos às travestis e transexuais que, na construção de seus corpos, gêneros e sexualidades, questionam os limites do que é natural/cultural. Os processos de transformação corporal, como uso de hormônios, próteses, cirurgias de redesignação sexual, entre outros procedimentos, desnaturalizam uma concepção tradicional acerca do corpo “humano”. Em relação às práticas sexuais, conforme discutimos anteriormente, as subversões ao modelo heteronormativos são consideradas abjetas ou, em outras palavras, antinaturais. Fazem parte do leque de categorias que servem para desqualificar algumas vidas, tomando-as como menos dignas de ser “gente”.

Podemos perceber que, se tomadas pela ótica *queer*, as formas desviantes na busca e realização de prazeres sexuais são indicadores importantes para criarmos perspectivas que produzam menos violências epistemológicas, uma vez que buscamos mudar nossos modos de conceber a experiência subjetiva. Se as instituições que agem na produção de gêneros normativos voltam-se para perspectivas naturalizadas da exploração das sexualidades, os territórios nos quais se subjetivam travestis e transexuais podem ser pensados como espaços mais libertários em relação ao uso dos corpos e prazeres?

As práticas sexuais podem ser consideradas como indicadores de regimes hierárquicos utilizados para classificação de indivíduos, de modo identitário. Gayle Rubin (1989) propõe uma forma de analisar como as sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema valorativo. Estabelecidos em forma de uma pirâmide erótica, encontram-se no topo as formas mais aproximadas de uma visão naturalizada e reprodutiva de sexualidade. Não obstante, essas formas estão alinhadas por regimes de moralidades cuja hipocrisia tenta impedir que se alarguem os limites de normalidade. Na parte mais baixa da pirâmide, encontram-se “as castas sexuais mais desprezadas”, que “correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas [...]” (RUBIN, 1989, p. 16).



Nos níveis mais baixos da escala de valorização sexual estão sujeitas e sujeitos que não são considerados, na maioria das vezes, gente. Estão fora dos padrões de sujeito que o conceito suporta, de acordo com tradições humanistas que reforçam esses aspetos. A determinação de quais experiências de vida podem ser concebidas como válidas e quais são descartáveis se orienta por um sentido comum: valorizar formas tidas como naturais/normais e conceber como impossível as variações possíveis. A ideia de sexualidades produzidas como expressões de uma natureza humana encontra limites sérios quando nos deparamos com as experiências trazidas pelas provocações deste texto: a construção dos corpos travestis e transexuais e práticas sexuais, os modos de ser puta e o desejo de “dar o cu”.

### Considerações finais possíveis

A descoberta da relação e do prazer anal, como lição a ser aprendida em espaços e tempos alternativos, sugere problematizar questões como as anteriormente apresentadas. Com base nas experiências encontradas, questionamos: é possível considerar as redes de relações de travestis e transexuais como processos de educação não-formal? As redes de relação e solidariedade que se criam entre essas pessoas, paralelas aos processos de exclusão, não garantem processos de socialização, aprendizagem e convivências menos marcadas por relações transfóbicas, ao contrário das que atravessam as instituições educacionais?

No movimento de afirmação de identidades rotuladas e subjugadas historicamente em nossa sociedade, estar no lugar de dissidência é exercer um ato político. As travestis e os transexuais, como exemplo de sujeitos que cometem essa subversão, pagam caro o preço pela construção de modos singulares de existência. Concebida como fronteira por visões reducionistas e antiquadas, a natureza atribuída ao corpo é transpassada pelos corpos transformados e transtornada por formas de prazer consideradas perversas. A exclusão de travestis e transexuais da escola é um dos preços pagos pela grande maioria, ainda hoje. A morte, ademais, é o preço mais alto a ser pago por quem ousa mudar as regras do jogo.

Resgatando Michel Foucault, ao defender que toda ação de poder implica ação de resistência, vale dar destaque às formas de resistir aos processos de violências pela criação de expressões de vida que existem e resistem, apesar de todas as agressões. No texto “A vida dos homens infames”, Foucault (2006, p. 207-208) faz uma afirmação do lugar de resistência, para as vidas de pessoas que não são dignas de ser consideradas “gente”:

O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas

destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder.

Ao compartilharmos a ideia de que o objetivo das instituições educacionais, como dispositivos de poder, é o de disciplinar os corpos, logo observamos que as pedagogias da sexualidade, conforme Louro (2000), agem na produção de corpos heteronormativos.

Quais espaços e geografias são destinados a quem é excluído(a) dessas instituições? Aprender a “aquendar a neça”,<sup>12</sup> “fazer a chuva”,<sup>13</sup> “dar o cu”, posições sexuais, jogos sexuais, são algumas das importantes lições para a socialização em contextos trans. Apontam para rituais que envolvem atividades e prazeres sexuais que ganham sentido nas relações trocadas entre as pessoas na realização dos atos sexuais.

As tecnologias sexuais agem conforme o sistema heteronormativo, regulando expressões consideradas normais. Utilizam-se, para isso, de diversas instituições que limitam as potencialidades dos corpos, como a família, a escola, o trabalho, entre outras. Muitos travestis e transexuais precisam encontrar outros espaços de relação e sobrevivência, expulsos destes vários lugares, ou gerando uma presença incômoda, em muitos casos. No tocante às práticas sexuais, voltamos à fala da participante da pesquisa, anteriormente citada:

*Acho que práticas sexuais é um segredo, e o sexo é uma arte. Práticas sexuais é a forma como se vive essa arte. Então, quando eu me deparei com aquela pessoa querendo expandir seu universo sexual, obviamente eu me coloquei como uma multiplicadora de informações, porque eu tenho a experiência. [...] As pessoas já imaginam o anal como algo muito doloroso, muito agressivo, muito transgressivo, então tem tudo a ver com esse romper com esses centímetros de canal, de anal, digamos [...] Quando eles encontram esse prazer, é como aquele velho ditado, uma vez que você encontra esse prazer, nunca mais você vai parar, porque é uma delícia. O prazer está depois desse limite, que é a morte pra heterossexualidade, digamos (Trecho de Diário de Campo).*

No trecho, a participante compartilha sua percepção de mulher que busca orientações sobre sexo anal e procura dar sentido ao seu lugar de saber. Do mesmo modo, encontramos o reconhecimento sobre tais formas de conhecimento, estranhas aos regimes de saberes-poderes, que ganham destaque e valorização (como no campo das discussões científicas). Mas, por outro lado, são tão presentes nos territórios de subjetivação trans e podem, através de conexões parciais, provocar novos questionamentos acerca dos modos de ser das demais identidades de gêneros. Marcar as práticas sexuais como uma arte é subverter os regimes de moralidades que ocultam e silenciam os universos de práticas sexuais, sempre os relegando ao lugar de abjeção.

<sup>12</sup> Termo utilizado no meio LGBT para descrever o ato de esconder o pênis, prendendo-o entre as pernas, parte do ritual de “se montar” feito por travestis, transexuais e *drag queens*.

<sup>13</sup> Termo utilizado no meio LGBT para descrever processo de higienização anal e do canal do reto, para evitar “passar cheque”, isto é, deixar rastros de fezes no pênis do parceiro, durante a penetração.

Utilizamos essa fala para finalizar nossos diálogos, quem sabe deixando abertas outras questões. Para desenvolvermos posições teóricas e práticas que combinem crítica e criatividade, e que sejam responsáveis e adequadas às questões da atualidade, precisamos ir além do “papai-mamãe” também na forma de elaborarmos nossas questões. Estas aberturas para novas problematizações podem abrir caminhos para a ampliação dos esquemas de saber que consideram as dissidências como formas de resistências micropolíticas e desejanças.

#### Informações sobre os autores:

Herbert de Proença Lopes

 <https://orcid.org/0000-0003-3360-7039>

 <http://lattes.cnpq.br/9194190900580700>

Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Atua como professor temporário de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica PUC/PR - Campus Londrina. Trabalhou entre 2015 e 2020 como professor de Psicologia da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e especialização em Comunicação Popular e Comunitária pela UEL (2012). Trabalhou no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), no Projeto de Proteção dos Jovens em Território Vulnerável (Protejo) do Ministério da Justiça, e no Projeto Caminhos com grupos reflexivos para homens autores de violência doméstica, da Secretaria de Estado da Justiça (SEJU/PR). Atua juntamente com o Coletivo ElityTrans, formado por Travestis e Transexuais, através de práticas e criações teatrais e ações políticas. É ator integrante da Cia. Teatro de Garagem e da Cia. Translúcidas de Teatro, resultado da pesquisa de mestrado. É articulador do Movimento dos Artistas de Rua de Londrina (MARL) e da Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR). Estuda as relações entre psicologia social, processos de subjetivação, gêneros e sexualidades, psicologia comunitária, movimentos sociais, teatro e arte pública. Através do encontro destas áreas busca formas possíveis, mais belas e mais justas, de atuação no mundo.

Wiliam Siqueira Peres

 <https://orcid.org/0000-0002-5968-4203>

 <http://lattes.cnpq.br/8322448212544045>

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1985), mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005) e Pós-Doutorado em Psicologia e Estudos de Gênero pela Universidade de Buenos Aires. Atualmente é professor de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis/SP. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Esquizoanálise e processos de Subjetivação, atuando principalmente nos seguintes temas: Direitos Sexuais Humanos, cidadania, sexualidades e gêneros em uma perspectiva política queer. Atualmente é professor aposentado.

Adriana Sales

 <https://orcid.org/0000-0002-7089-1115>

 <http://lattes.cnpq.br/1060044890442594>

Adriana Sales, graduada em letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (2000). Estágio em cultura e civilização em Paris/França. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis. Doutora em psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em psicologia da UNESP, Campus de Assis/SP. Professora efetiva lotada na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, na Superintendência de Políticas de Desenvolvimento Profissional. Pesquisadora do grupo de pesquisa PsiCuQueer - Grupo de

Estudos e Pesquisas em Psicologia e Cultura Queer, UNESP/Assis. Pesquisadora do Grupo Pesquisador em educação ambiental, comunicação e arte - GPEA; Colaboradora do Grupo de Estudos em Gênero, sexualidade e (m) interseccionalidades, GENI, na UERJ. Ativista social do movimento trans brasileiro desde 1998, atuando junto a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA.

#### Contribuições dos autores:

Todos os autores colaboraram ao longo do processo, desde a elaboração até a revisão final do manuscrito. Os autores aprovaram o manuscrito final para publicação.

#### Como citar este artigo:

##### ABNT

LOPES, Herbert de Proença; PERES, Wiliam Siqueira; SALES, Adriana. Prazeres, práticas sexuais e abjeção: travestis, transexuais e os limites em ser “gente”. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3, p. 306-317, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5991>

##### APA

Lopes, H. P., Peres, W. S., & Sales, A. (2020, Setembro/Outubro). Prazeres, práticas sexuais e abjeção: travestis, transexuais e os limites em ser “gente”. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 306-317. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5991>

#### Copyright:

Copyright © 2020 Lopes, H. P., Peres, W. S., & Sales, A. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Lopes, H. P., Peres, W. S., & Sales, A. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

#### Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-147.

BENEDETTI, Marcos. A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição. *Boletín Ciudadania Sexual*, Lima, v. 11, p. 5-8, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13244484-A-batalha-e-o-corpo-breves-reflexoes-sobre-travestis-e-prostituicao.html>. Acesso em: 20 set. 2017.

BRAIDOTTI, Rosi. *Lo Posthumano*. Barcelona: Gedisa, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Prefácio (1999). In: \_\_\_\_\_. *El género em disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós, 2007. p. 7-33.

- CHICO BUARQUE. Não existe pecado ao Sul do Equador. Intérprete: Chico Buarque. In: CHICO BUARQUE ; GUERRA, Ruy. *Chico Canta*. [S.l.] : Phonogram, 1973. 1 CD (30 min). Faixa 6 (3 min 57 s).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 243-276.
- FOUCAULT, Michel. *História de sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Estratégia, Poder-Saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Coleção Ditos & Escritos, v. 4, p. 203-222.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 12 out. 2018.
- LOPES, Herbert P. *Cartografias de vivências trans: experimentações teatrais e modos de subjetivação*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2018.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Pedagogias da sexualidade*. In: \_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. p. 151-172.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Revista AntHropológicas*, Recife, ano 8, v. 15, n. 1, p. 123-154, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23613>. Acesso em: 24 set. 2018.
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. *Un apartamento en Urano: crónicas del cruce*. Barcelona: Anagrama, 2019.
- REDTUBE & Brazil. *Pornhub Insights*, 5 fev. 2016. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>. Acesso em: 12 out. 2018.
- RODRIGO, Desiré; TORRES, Helena. Ciborgqueers, o de cómo deshacer al homo sapiens. In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco (Org.). *Teoría Queer: Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Egales, 2005. p. 187-211.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política dos sexos*. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS CORPO - Gênero e Cidadania, 1975.
- RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (Org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad feminine*. Madrid: Revolución, 1989. p. 113-190.
- SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Por el culo: políticas anales*. Madrid: Egales, 2011.
- SALES, Adriana B. *Travestis brasileiras e escolas (da vida): cartografias do movimento social organizado aos gêneros nômades*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia)–Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/152979>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina-CES, 2009. p. 23-73.
- SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria (Org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2009. p. 25-54.
- SILVA, Luciana Codognoto da; PERES, Wiliam Siqueira. Entre Maria Madalena e Gabriela Leite: diferentes modos de nomeação de mulheres na prostituição. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 203-221, set.-dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2016v13n3p203/32291>. Acesso em: 20 set. 2017.
- TRANSGENDER EUROPE. *Trans Murder Monitoring*. 2016. Disponível em: [https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=tm\\_2016](https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=tm_2016). Acesso em: 27 out. 2020.

# La crítica de la psicología, trabajo y la pandemia de Covid-19\*

Hernán Camilo Pulido-Martínez,<sup>ID</sup> \*\* Johanna Burbano-Valente<sup>ID</sup>

Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia

## Resumen

Ante la pandemia de Covid-19 causada por el virus SARS-CoV-2 que puso a los trabajadores de la región latinoamericana en una condición de mayor vulnerabilidad, en este artículo se consideran algunas de las respuestas proporcionadas por la psicología convencional de corte industrial-organizacional, las cuales han estado caracterizadas por su énfasis técnico y acrítico dirigido a responsabilizar a los trabajadores de la actual situación. También son analizadas las propuestas construidas por la psicología crítica descritas como soluciones colectivas que convocan instancias Estatales, organizacionales, sindicales y gremiales para diseñar intervenciones que contribuyan a mitigar la situación de mayor vulnerabilidad laboral. Por último, son consideradas las respuestas derivadas de perspectivas externas a la psicología que examinan críticamente esta disciplina para mostrar las operaciones de gobierno que son posibles gracias a las intervenciones psicológicas referidas a la contención de la pandemia. Se señala que la llamada crisis de la crítica estaría permeándose tanto en aquellas psicologías que asumen perspectivas no hegemónicas, como en la crítica misma de la psicología cuando consideran la situación actual.

Palabras clave: psicología crítica; psicología del trabajo; crisis de la crítica.

# A crítica da psicologia, trabalho e a pandemia de Covid-19

## Resumo

Diante da pandemia da Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2, que colocou os trabalhadores da região latino-americana em uma condição mais vulnerável, neste artigo se considera algumas das respostas fornecidas pela psicologia convencional, que tem se caracterizado por sua ênfase técnica e acrítica no sentido de responsabilizar os trabalhadores pela situação atual. Também se analisam as propostas construídas pela psicologia crítica descritas como soluções coletivas que apelam às instâncias estatais, organizacionais, sindicais e grupais para conceber intervenções que ajudem a mitigar a situação de maior vulnerabilidade no trabalho. Por fim, são consideradas as respostas derivadas de perspectivas externas à psicologia que examinam criticamente essa disciplina para mostrar as operações de governo que são possíveis por meio de intervenções psicológicas relacionadas à contenção da pandemia. Ressalta-se que a chamada crise da crítica estaria permeando tanto aquelas psicologias que assumem perspectivas não hegemônicas, como a própria crítica da psicologia em si ao se considerar a situação atual.

Palavras-chave: psicología crítica; psicología do trabalho; crise da crítica.

# The criticism of psychology, work, and the Covid-19 pandemic

## Abstract

Faced with the Covid-19 pandemic caused by the SARS-CoV-2 virus that put workers in the Latin American region in a more vulnerable condition, this article considers some of the responses provided by conventional industrial-organizational psychology, which have been characterized by their technical and uncritical emphasis aiming at holding workers accountable for the current situation. Also, the proposals constructed by critical psychology are analyzed to indicate that these collective solutions appeal to State, organizational, union and group instances to design interventions that contribute to mitigate the situation of greater vulnerability at work. Finally, the responses derived from perspectives external to psychology that critically examine this discipline are considered to show the government operations that are possible through psychological interventions related to the containment of the pandemic. It is pointed out how the so-called crisis of criticism is permeating those psychologies that assume non-hegemonic perspectives, as well as in the criticism of psychology itself when they consider the current situation.

Keywords: critical psychology; work psychology; crisis of criticism.

## Introducción

La crisis de la crítica en el mundo académico es objeto de debate. En efecto tal como se señala en la literatura, en los últimos años parecen cada vez más limitadas las posibilidades que se tienen para que el ejercicio crítico tenga un lugar y produzca unos resultados (FASSIN, 2019). El avance de la empresarialización de la Universidad, con la consecuente marginalización de las perspectivas al-

ternativas; la injerencia que gana el sector privado de la economía en los temas de investigación reservados a las disciplinas; así como la apropiación que se han dado de las maneras de hacer la crítica, otrora transformadoras, empero ahora vueltas contra sí mismas por las formas populistas y conservadoras de hacer política, ha llevado a formular que la crítica se halla en estado de crisis (FASSIN, 2019). En medio de este panorama, este artículo se propone como objetivo volver sobre la psicología en su relación con el trabajo. Más específicamente, se ocupa de examinar la llamada crisis de la crítica en su manifestación en las psicologías que asumen perspectivas al-

\* Fonte de financiamento: Vicerrectoría de Investigación Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá. Proyecto ID: 00004234.

\*\* Endereço para correspondência: Pontificia Universidad Javeriana, Carrera 7 - No. 40-00, Bogotá, Colombia. E-mail: [cpulido@javeriana.edu.co](mailto:cpulido@javeriana.edu.co), [jburbano@javeriana.edu.co](mailto:jburbano@javeriana.edu.co)

Os dados completos dos autores encontram-se ao final do artigo.





ternativas, así como en la crítica misma de la psicología, cuando consideran el presente entorno suscitado por el Covid-19 en la región Latinoamericana.

Vale empezar por señalar el lugar de la crítica antes de que emergiera la pandemia. En términos acertados Fassin (2019) ya había descrito que, en la Universidad otrora el bastión del pensamiento progresista de la sociedad, los puestos de trabajo de los académicos profesantes de estas perspectivas estaban siendo recortados. Por doquier, desde distintas instancias, estatales, empresariales, universitarias y en las mismas asociaciones gremiales, abiertamente se pedía que se restringieran los cargos académicos y se recortaran los presupuestos para la investigación de corte crítico. La política institucional que se imponía veía un desperdicio de recursos, en mantener programas y tópicos que no pudiesen traducirse, bien en educación para el trabajo tecnocrático, o bien para que tuviesen repercusión en algún tipo ganancias monetarias (IBARRA-COLADO, 2006; DELANTY, 2001). De este modo, el papel de crítica de la sociedad que tradicionalmente se le había asignado a la Universidad, estaba cambiando, para ahora tomar el rumbo de convertirse en una institución más de corte politécnica, con el aplauso de muchos limitada a la “provisión de manos” para el mercado laboral (PULIDO-MARTINEZ, 2019). En este panorama, a las humanidades se las relegaba a un punto inerte en los programas académicos y, en algunos casos se formulaba que debían desaparecer de las opciones que se ofrecían para la formación de los estudiantes. Asimismo, como estrategia, a la crítica con mayor tinte radical se la marginalizaba de modo tal que se le daba expresión en carreras en donde no tenía mayor figuración, ni resonancia social (FASSIN, 2019). Muy esquemáticamente se podría afirmar que, a la crítica se le toleraba cada vez menos, y se le hacía cada día menor caso, esperando que en algún momento llegara, por este proceso, a agotarse. En este panorama al esfuerzo crítico en la psicología no se le podía atribuir nada especial que lo hiciera inmune a la anunciada crisis. Como en las demás ciencias sociales estaría cimentándose una situación de vulnerabilidad que podría estar poniendo en peligro su existencia.

En la actualidad ante la pandemia, ha ocurrido un fenómeno que no pasa desapercibido en relación con la crisis de la crítica, las recomendaciones que se han formulado, desde las ciencias que se apoyan en la evidencia en relación con la salud, han sido públicamente puestas en cuestión por el populismo de derecha y de izquierda, tanto en países centrales como periféricos (CHRISTIE; LANZA; CAMILLERI, 2020). Estrategias similares a aquellas que relegan los ejercicios críticos a un segundo lugar, han sido utilizados para invalidar las opiniones que provienen de la ciencia (CHRISTIE; LANZA; CAMILLERI, 2020). Por otro lado, resulta llamativo la circulación de la crítica que ha tenido lugar a raíz de que distintos académicos hayan puesto rápidamente de presente sus análisis acerca de la situación particular. Circulan por las redes escritos de figuras renombradas que se identifican con el pensar crítico en donde sus análisis anuncian, por ejemplo, cambios radicales en el sistema

capitalista y en el mundo del trabajo. De estas propuestas como sugiere Fassin (2019), habría que mantenerse un tanto distante, pero a la vez informado, en la medida en que ellas al tener un carácter reactivo ante los eventos, pueden sin intención contribuir a debilitar aún más el esfuerzo crítico (AGAMBEN et al., 2020). Estas posiciones parecieran estar en concordancia, por un lado, con el desconcierto que ha desatado la expansión de pandemia de Covid-19; y por otro, con la crisis misma de la crítica que en una suerte de futurología rápida deja de lado el conocimiento que se ha logrado en distintos campos entre ellos los correspondientes a la investigación biológica y epidemiológica. En esta misma línea del debilitamiento de la crítica, es al menos llamativo que ahora se clame en muchas de las huestes alternativas por las libertades individuales, cuando antes se les veía como problema. Así como también, que hoy en día se deje entrever un cierto protagonismo intelectual responsivo destinado a audiencias ávidas de la crítica que aplauden estos ejercicios aprontados y públicos de la razón.

Toda crisis social afecta al mundo del trabajo, es imposible que esto no ocurra. La presente emergencia sanitaria, por tanto, no se constituye en una excepción. Por el contrario, el trabajo es el centro de las consideraciones que se hacen. Baste decir que las medidas que se toman por parte de las entidades gubernamentales para restringir la expansión del virus, y a la vez para mantener funcionando a la economía, giran en mayor medida en torno al trabajo, las empresas y los trabajadores. En este panorama a la psicología se le interroga pidiéndole una suerte de intervenciones para enfrentar la crisis laboral que tiene muy distintas dimensiones.

En este artículo se va a considerar, específicamente, cómo a raíz de las relaciones que tanto la psicología hegemónica como las perspectivas críticas han asumido con respecto al mundo trabajo se pueden interrogar las prescripciones que se han formulado para dar respuesta a la pandemia. Es decir, se reflexiona sobre el papel de la psicología crítica y de la crítica a la psicología en tiempos de pandemia como referente para considerar la bien nombrada crisis de la crítica.

### **La imposibilidad crítica de la psicología hegemonía**

Ya han pasado algunas décadas desde que fue lanzado el programa de la psicología crítica en los ámbitos académicos (WALKERDINE, 2001). Los investigadores preocupados por la situación de la disciplina y de la relación que ésta tenía con procesos sociales se dieron a la tarea de repensar caminos por medio de los cuales se pudiera formular una psicología de carácter crítico. Con mayor o menor resonancia en los distintos continentes se hicieron propuestas de diferente calibre. Varios congresos se llevaron a cabo, así como se hicieron publicaciones de libros y de nuevas revistas. La psicología crítica parecía estar en un momento vibrante de crecimiento en muchos lugares, tanto en el número de sus miembros, como en el orden conceptual y práctico (WALKERDINE, 2001). Particularmente, este impulso puso bajo examen diferentes ramas de las ciencias psi, cuestionó las

prácticas psicológicas que se llevaban a cabo en los ámbitos institucionales, así como logró extender sus análisis e interrogantes hasta llegar a considerar la cotidianidad de la cultura psicológica (PARKER, 2007; PRILLELTENSKY, 1994).

Sin embargo, la psicología crítica no pareció tener ni el mismo interés, ni la misma repercusión en los temas relacionados con el trabajo. Si se consideran países como el Reino Unido, España y Estados Unidos, en donde oficialmente se dio impulso a un tipo de psicología crítica, salvo por algunas propuestas aisladas (PRILLELTENSKY, 1994; HOLLWAY, 1991; CRESPO-SUAREZ; SERRANO PASCUAL, 2011), el mundo del trabajo fue casi completamente dejado de lado (PULIDO-MARTINEZ; WALKERDINE, 2007). En este sentido, en la literatura se afirmaba que no había dentro de la psicología crítica una difusión similar a la que se presentaba en campos relacionados con la clínica, la educación o la sexualidad y el género (CABRUJA-UBACH, 2004; PULIDO-MARTINEZ; CARVAJAL-MARIN; CABRUJA UBACH, 2009; PULIDO-MARTINEZ; WALKERDINE, 2007). Diferentes motivos se traían a colación para explicar esta situación. Se señalaba que la carencia de investigación de corte crítico estaba posiblemente vinculada con el desencanto que había traído el marxismo, durante las décadas de los años ochenta y noventa, a aquellos académicos comprometidos con el cambio, de manera tal que se había producido un desplazamiento del grueso de estudios hacia el terreno de la crítica cultural (PULIDO-MARTINEZ; WALKERDINE, 2007). También se argumentaba que la empresa exitosa de la psicología vinculada con su afán de servir a los intereses de la gerencia de las organizaciones alcanzaba una posición soportada por instancias de poder que la hacían inexpugnable ante los cuestionamientos de muy diferente tipo que se le formularan dentro y fuera de la disciplina (BARITZ, 1960; MONTMOLLIN, 2004; PULIDO-MARTINEZ, 2004).

En este contexto, para examinar el estado de la psicología crítica y la posición asumida ante la pandemia actual, no se puede que la empresa psicológica hegemónica, industrial-organizacional sigue su marcha incólume ante las críticas que se le han formulado como se denota en publicaciones recientes (STEVENS; GIELEN, 2007; RICH et al., 2018). En términos amplios, alrededor del planeta las intervenciones de la psicología hegemónica siguen concentrándose en el mismo ciclo psicológico organizacional, del cual se puede decir, parte de la selección de personal, pasa por las intervenciones de diferentes tipos para la retención de los trabajadores en las organizaciones y termina con las recomendaciones para el retiro. Empero, recientemente esta psicología paulatinamente está siendo absorbida por aquellas perspectivas que piensan el trabajo alrededor del riesgo y los riesgos del trabajo como una cuestión psicosocial. Esto ha dado un matiz distinto a las intervenciones tradicionales, que ahora tienen que incluir conceptos como el burnout, la resiliencia, la personalidad robusta, y demás objetos psicológicos por el estilo. El estrés es, por supuesto, uno de los temas centrales que ahora de cierta forma subordina los procesos organizacionales

tradicionales que componen el ciclo psicológico organizacional. Es decir, alrededor de conceptos que hacen referencia constante al estrés laboral y a los problemas del trabajo como fuente de este, los procesos tradicionales de reclutamiento, retención y retiro cada día tienen, en mayor medida, el encargo de dar cuenta de cómo contribuyen mitigar el estrés de los trabajadores (PULIDO-MARTINEZ; CARVAJAL-MARIN, 2015).

Es igualmente importante anotar que la psicología industrial-organizacional sigue compuesta por un conocimiento técnico desarrollado por y para la situación de empleo. Este tipo de conocimiento ha reflejado a lo largo de los años su contribución para llevar a cabo los cambios que el capitalismo requiere. A este respecto basta con señalar como actualmente la psicología positiva, la programación neuro-lingüística y la promoción de la felicidad, de la autonomía y la autoorganización han ganado un amplio espacio para concebir a los trabajadores y para hacer intervenciones organizacionales basadas en propuestas individualizantes muy acordes con la flexibilización laboral, la desaparición del estado del bienestar y la disminución de la responsabilidad directa que tienen las organizaciones con el bienestar de los trabajadores. Entonces, no se puede dejar de señalar que el potencial *transformador* de la psicología industrial-organizacional ha sido grande, sin embargo, su capacidad crítica ha estado muy limitada, cuestión que le vale el aprecio de las oficinas de recursos humanos y de las gerencias alrededor del mundo, y seguramente de los gobiernos que actualmente enfrentan la pandemia.

Con la crisis que ha afectado en gran medida al trabajo, las respuestas de los psicólogos industriales organizacionales han estado referidas a hacer llamados para que, por ejemplo, las personas eviten el aburrimiento (RUIZ; ARCAÑO; PEREZ, 2020) mitiguen los efectos que puede generar la cuarentena y en encerramiento, y a hacer hincapié en que las personas deben dar cuenta de su estrés, que lo deben manejar y por tanto controlar. A la par, se hace énfasis en asuntos como la resiliencia que las personas tienen para enfrentar situaciones difíciles y demás cosas por el estilo (SALANOVA, 2020). Estos llamados a la intervención resaltan no por derivarse de análisis innovadores, por el contrario, aun ante situaciones tan complicadas como esta, se destacan por prescribir más de lo mismo que usa la psicología en los ámbitos caracterizados por el trabajo formal. No obstante, como de la práctica se deriva la crítica, se puede ver claramente cómo la psicología hegemónica en su visión alejada de las condiciones laborales y de la organización del trabajo, no tiene las herramientas para entender, o para proporcionar una perspectiva que conciba la pandemia como un fenómeno colectivo al que se le pueda dar algún tipo de respuesta que considere a los trabajadores en su conjunto y no de manera individual. Así, estos llamados a ser optimista, resiliente, “corajudo”, a que se exploren las posibilidades del teletrabajo y todas las demás sugerencias que están haciendo los psicólogos, por loables que sean, se concentran y se devuelven sobre el afectado. De cierta forma, de nuevo trivializan los problemas del trabajo que ahora han

sido traídos por la pandemia. Como siempre lo ha hecho, la psicología hegemónica se olvida de que las condiciones laborales juegan un papel central. Así, las estrategias que circulan apelando exclusivamente a la interioridad del trabajador, lo responsabilizan por lo que ocurre al olvidar que la vulnerabilidad, las incertidumbres y el estrés son también el resultado de procesos colectivos, económicos y sociales. Al hacer este tipo de separaciones la psicología hegemónica contribuye a suponer que las soluciones están en manos de los trabajadores y, por tanto, conduce a simplificar la complejidad del mundo laboral.

En esta mirada psicológica difícilmente cabe suponer que las soluciones puedan provenir de unas nuevas negociaciones entre el Estado, las organizaciones y los trabajadores, puesto que los problemas se conciben como asuntos de variables individuales que se ubican en la interioridad de aquellos que trabajan. La psicología al individualizar el mundo laboral en tiempos de pandemia con la fórmula “afróntelo lo mejor que pueda con sus recursos internos”, sienta las bases para negar una posible negociación simétrica entre las instancias que regulan el trabajo, tales como los órganos gubernamentales, las organizaciones laborales y los sindicatos. Al personalizar los problemas que ha traído la pandemia, como consecuencia, se contribuye a cerrar un tanto la posibilidad de concebir que el bienestar y seguridad psicológicas en tiempos de crisis dependen directamente de las condiciones laborales reguladas, así como del cumplimiento de los derechos a la salud y al trabajo.

### **La psicología social como alternativa crítica del trabajo**

Vale ante la presente situación volver a hacer una breve revisión de las psicologías que se constituyeron como alternativas críticas, de cierta forma opuesta a la psicología industrial organizacional. Estas psicologías asumen de antemano que no es posible pensar una relación entre la psicología y el trabajo que de una u otra manera no esté vinculada con el capitalismo y su correspondiente organización internacional, nacional y local. Las preguntas en estas versiones alternativas del conocimiento psicológico específicamente emergen de la forma en como psicología y trabajo se vinculan entre sí. Aquí, resulta esclarecedor y conveniente revisar los argumentos formulados por Bernardo et al. (2017) cuando señalan los orígenes históricos distintos de las tradiciones que en psicología se ocupan del trabajo. La psicología industrial organizacional tuvo sus orígenes en la tradición inaugurada por Hugo Münsterberg y Elton Mayo en las sociedades del Atlántico norte; mientras que por ejemplo la psicología social crítica del trabajo en los países de Sudamérica hundió sus raíces en las formas en las que se apropiaron y desarrollaron la medicina social y la psicología social latinoamericanas. Se podría agregar que muchas de estas propuestas para hacer psicología establecieron igualmente vínculos estrechos con las formas en que se ha elaborado localmente el pensamiento social europeo tanto del estilo desarrollado por la escuela de Frankfurt, como del psicoanálisis de corte más sociológico.

Por tanto, esta relación entre la psicología y el trabajo siempre ha estado interesada, por un lado, en concebir el trabajo, y la salud laboral, como fenómenos psicosociales, complejos y determinados por las relaciones de poder (LAURELL, 1978; OREJUELA; PEREZ; VÁSQUEZ, 2019); y, por otro lado, ha estado particularmente preocupada por aquellas formas de laborar que no se incluyen, o cobijan, bajo la forma empleo, así como por relación de mutua dependencia entre el trabajo regulado y el que no lo está. Su accionar está tanto dirigido a considerar y movilizar cambios en las condiciones laborales, como en promover una cierta liberación del trabajador. La categoría trabajo estructura un marco conceptual que permite comprender, tanto las formas, como las relaciones de la organización de este a distintos niveles, internacionales, Estatales, sociales, organizacionales y por supuesto también psicológicos (BENDASOLLI; FALCAO, 2013; BURBANO-VALENTE, 2013; GOMEZ-VELEZ, 2016). En este mismo modo, a partir de la categoría identidad-subjetividad en estas psicologías críticas se deriva una visión holística de los trabajadores que hace énfasis en los cambios en la organización del trabajo y las maneras en cómo se conciben y son concebidos aquellos que laboran (STECHEER; ROY, 2019; STECHER, 2013; COUTINHO; BERNARDO; SATO, 2017; SCOPINHO, 2013; ALTAMIRANO; ROY, 2013; PÉREZ; MALVEZZI, 2018). Por supuesto, esta manera de hacer psicología que se convierte en crítica del mundo del trabajo no hace una reivindicación romántica de las formas de laborar que se han invisibilizado. Mas bien se trata de utilizar herramientas conceptuales como poder, dominación, proceso de trabajo, inequidad, exclusión, precarización, plusvalía, salud laboral, conflicto, alienación, ideología, identidad-subjetividad y clase, para examinar y destituir las aparentes polaridades que se han hecho desde las Universidades, las cuales separan el trabajo formal e informal, el rural y el urbano, entre el trabajo no regulado y el que no lo está y entre la salud laboral y la economía (COUTINHO; BERNARDO; SATO, 2017; OREJUELA; PEREZ; VÁSQUEZ, 2019; SPINK, 2004; LAURELL, 1978; MARTIN-BARÓ, 1989; BORGES-ANDRADE; PEREZ; TORO, 2018; PULIDO-MARTÍNEZ, 2013; VARGAS-MONROY, 2019). Entonces, el análisis de esta psicología parte de las condiciones laborales, entre las que se cuentan aquellas relacionadas con la forma social empleo, y esas otras que están atadas al trabajo no regulado en América Latina y que se constituyen, en algunos países, en las condiciones en que labora más de la mitad de la población de trabajadores (RUIZ; GONZALEZ; ROJAS, 2019).

En esta perspectiva, al hacer referencia al estado de la crítica cuando se enfrenta con la situación actual, se puede decir que a diferencia de las recomendaciones hechas por los psicólogos que siguen la corriente hegemónica, el reto ha estado relacionado con el mantenimiento de los derechos al trabajo y a la salud. Los análisis que se proveen desde estas psicologías críticas no están dirigidos a intervenir a los trabajadores *para* que sepan cómo manejar la situación difícil por la que se atraviesa, por



el contrario, se trabaja *con* ellos para enfrentar la acelerada precarización e intensificación del trabajo que está teniendo lugar a raíz de la pandemia. La perspectiva crítica de la psicología entonces asume la situación de crisis desde un punto de vista de la vulnerabilidad colectiva (BRAZ, 2020). Se aleja así la responsabilización de cada trabajador por su salud y por su sufrimiento psíquico. En su lugar, las inequidades que están presentes en la sociedad en general y en el mundo del trabajo en particular son eje de los análisis que se llevan a cabo.

Específicamente, en un momento en donde se relajan las medidas con respecto al control de la expansión del virus Covid-19, la reflexión vuelve sobre las estrategias de contención y sobre aquellos afectados para señalar tanto las desigualdades que se reeditan con relación al trabajo, como la posición que tienen los trabajadores en la sociedad, para desde ahí entender las afectaciones que tienen con el sufrimiento psíquico (BRAZ, 2020). Entonces se destaca la situación de los trabajadores en las condiciones no reguladas de trabajo en las manufacturas y en la construcción, así como se considera el trabajo de los vendedores ambulantes y domésticos, quienes resultan ser más afectados por las condiciones de trabajo y de incertidumbre. Son estos trabajadores a los que se les da “vía libre” para que regresen al trabajo. Esta realidad resulta fundamental para pensar de manera crítica los problemas que pueden afectar al trabajador, así como también para considerar las posibles salidas que desde la psicología se puedan proporcionar para mitigar la crisis (RODRÍGUEZ-BAILÓN, 2020).

La psicología crítica como punto de vista alternativo aquí, ante la pandemia se interesa de manera central por crear opinión pública (COUTINHO; BERNARDO; SATO, 2017). En este sentido, los análisis buscan mostrar cómo la pandemia refleja “lo que somos”, en términos de inequidad, discriminación, falta de acceso a la salud y condiciones diferenciadas de trabajo y clase social. Como consecuencia, se busca concebir y hacer circular una serie de argumentos para que se abran posibilidades de acciones afirmativas de corte colectivo. La visión de la psicología hegemónica industrial-organizacional que favorece dar herramientas para que las personas respondan “haciendo lo que puedan de manera individual”, conduce a una visión de aislamiento empoderado, por el contrario, las posibles intervenciones que surjan aquí van dirigidas a todos los trabajadores en una sociedad afectada, donde las soluciones propuestas en muchas oportunidades por las entidades reguladoras y por las organizaciones laborales, buscan deteriorar aún más las condiciones laborales exacerbando, de esta forma, la vulnerabilidad de los trabajadores.

### **La psicología como problema en la crisis**

Los dos tipos anteriores de relaciones que la psicología ha configurado con el mundo del trabajo establecen un juego que ha sido criticado también desde perspectivas que quieren hacer un conocimiento crítico que se aparte de la psicología misma. Allí la relación que se propone señala que tanto la psicología industrial-organizacional como las alternativas críticas más que antagónicas resul-

tan de cierta manera complementarias en el mundo del trabajo. Las psicologías del riesgo y las del ciclo organizacional; las psicologías de la felicidad y del sufrimiento, sin llegar a ser un espejo una de la otra, muestran aspectos de la cultura que les dio lugar, al punto que se puede afirmar, como lo hace Nikolas Rose (1996) que más que antagonistas pueden verse en términos de una complementariedad del mercado para todo el que requiera intervenciones de corte psicológico. Esta particularidad de la psicología tiene como consecuencia que sea difícil pensar los problemas de los sujetos que trabajan por fuera de este conocimiento que se muestra diverso, pluri-paradigmático, epistemológicamente distinto, y con intervenciones muy variadas a lo largo de ramas y propuestas que componen a las ciencias psi. Pero este no es el único, ni el mayor problema que se señala desde aquí. También se muestra que las diversas formas de considerar al trabajo y a los trabajadores a través de las herramientas psicológicas, permite que se generen problemas, que se fijen estos a las maneras de describirlos y que sea posible intervenirlos, y que a la vez se formulan una serie de críticas a estos puntos con las herramientas que la psicología en su conjunto provee (BURBANO-VALENTE, 2016; HOLLWAY, 1991; PULIDO-MARTINEZ, 2007).

Esta tradición de la crítica a la psicología se establece, no solamente pero también en relación con el mundo laboral, a partir del trabajo que Michel Foucault propuso y que fue seguido por Robert Castel, Fernando Álvarez-Uría, Wendy Hollway y el mismo Nikolas Rose. Aquí la psicología se convierte en un conocimiento que es menos liberador y más útil para que el capitalismo funcione correctamente produciendo al sujeto que es fundamentalmente un trabajador. Señalan los investigadores en esta perspectiva que una de las formas en las cuales la psicología contribuiría, a calibrar los mecanismos del sistema capitalistas para no se detengan ni pierdan su eficacia estaría precisamente vinculada con la complementariedad entre las perspectivas hegemónicas y críticas de la disciplina (ROSE, 1996, 1999). Entonces esta manera de examinar el lugar y las operaciones de la psicología, como cuerpo de discursos y prácticas, asume que estas formas de producir conocimiento entre convencional y progresista, entre sostenedores del estatus quo y apoyadores de los cambios sociales, se traduce entre buenas y malas psicologías (obviamente dependiendo del lado en que se ubique el investigador), así se deja por fuera, o mejor se dificulta, que pueda considerarse que quizá uno de los problemas del mundo del trabajo sea precisamente que está intervenido por muchas clases de psicologías. Esto sucede al punto que actualmente se ha naturalizado que las formas de pensar psicológicas son la enfermedad y el remedio para los problemas del trabajo que tienen directa relación con las personas.

La psicología por ejemplo provee el lenguaje para que se entienda al trabajador tanto desde las perspectivas gerenciales como críticas. En la primera se puede traducir la subjetividad a una serie de números para hacer ejercicios de gobierno que tienen un carácter ético a la luz de los valores de la competencia del mercado y en



la segunda se muestran las implicaciones éticas que esta operación tiene a partir de la crítica de la psicología que supone la alienación del trabajador. En este inter-juego se configura una política en la que la psicología es una herramienta o un vehículo para el ejercicio de gobierno de acuerdo con las racionalidades imperantes. La más reciente y considerada ampliamente en la literatura sería aquella atada al neoliberalismo, la cual justamente se hace más visible desde que emergió la pandemia.

En esta perspectiva de la crítica, los investigadores consideran la relación psicología trabajo de un modo que no se detiene exclusivamente en los límites de los ámbitos en donde se labora (MILLER; ROSE, 2008). A este respecto se puede mencionar como en el análisis de la biopolítica contemporánea se examina el trabajo para poner de presente la relación entre aquellos que están muriendo en mayor medida, quienes son, por diferentes razones, aquellos que han salido o están por salir del mundo del laboral. Y en este sentido se muestra que hay una especie de celebración necro-política en los medios de comunicación cuando reiteran una y otra vez, que los jóvenes están de cierta forma menos en riesgo y hasta son inmunes al virus que causa la pandemia. Como señala Pinzón (2020), se puede vincular esta situación con los debates que antecedían acerca de la necesidad de desvincular al Estado de la seguridad social, y se podría afirmar, especialmente de las discusiones relacionados con la seguridad social que ahora le han dado el nombre de “carga pensional”. En esta misma línea, se puede señalar aquí cómo la construcción de las identidades sociales se torna política al dividir la población de acuerdo con ciertas características supuestamente intrínsecas a los sujetos para hacerlos gobernables. Con el tipo de descripciones que circulan en la cultura psicológica amplia, hay unos que deciden sobre otros en términos de descripciones que anonimizan, tal como aquella que se le asigna en mucho por la situación, a las personas que salieron del trabajo y/o a aquellos que ya no están en edad de laborar, a los cuales se les llama constituyéndolos como grupo vulnerable e inviable políticamente, llamándolos con términos tales como “abuelitos”.

Igualmente, la política neoliberal en términos de la pandemia no parece detenerse solamente a formular quienes deben integrarse en primera línea al trabajo. Según Vilarinho (2020), la política neoliberal actúa nuevamente como necropolítica con la consecuencia de que con la crisis se hace patente que el aseguramiento social no se le puede dar trámite dentro de un modelo de gestión que llama a las libertades del sujeto que es obviamente psicológico. Únicamente queda en esta manera del ejercicio político, una muestra de desprecio por la vida de los trabajadores. En palabras de Vilarinho (2020), la tecnología de gobierno hace un corte entre los que deben morir y los “ciudadanos de bien”, entre los que pueden vivir y los que “mueren en cuanto tienen que morir”. En esta misma línea, no pasa desapercibido el discurso de guerra cuando se trata de enfrentar la pandemia. La guerra se libra contra el enemigo invisible con una estrategia de una militarización simbólica de la “cuestión social” que

se pone en circulación (CASTELO, 2014). Los objetos psicológicos acompañan la estrategia militarista. En esta guerra se apela a una cierta constitución de la psicología popular para poder llamar “debiles” a quienes no salen a enfrentar el peligro de morir. Al ponerse en práctica este discurso, las diferencias de clase patentes en quienes se integran al trabajo y quienes pueden permanecer en confinados en lugares seguros se manifiestan nuevamente. Así, los pobres en general serán aquellos que caerán en mayor medida en esta guerra en la cual a los profesionales de las ciencias psi, no parece quedarles mayor opción que prepararse para orquestar con su ayuda a llevar a cabo descripciones patologizantes como el “síndrome de la cabaña”, y a diseñar intervenciones para superar el estrés postraumático que puede acompañar el tipo de situaciones que la pandemia genera cuando se describe en términos guerrillistas.

### Relaciones internacionales y psicología

Todavía hay una perspectiva crítica que no ha sido considerada hasta aquí. Esta última forma de examinar la relación que la psicología ha establecido con el trabajo está vinculada con las dimensiones locales e internacionales en las que el complejo psi se presenta a nivel global. Es una forma de analizar a la psicología que se ejerce por ejemplo, al resaltar que, tanto el conocimiento psicológico, cómo las críticas que a él se le formulan, asumen una perspectiva universalizante, la cual lleva a suponer, por ejemplo, que el capitalismo tiene, sino iguales muy similares manifestaciones alrededor del mundo (PULIDO-MARTINEZ; SATO, 2013; PULIDO-MARTINEZ; BURBANO-VALENTE, 2017). Esta es una manera de examinar al conocimiento psicológico que quiere dar cuenta de la relación de éste con el mundo laboral dentro de un modelo en donde el capitalismo tiene diferencias, similitudes y conexiones distantes en términos de sus manifestaciones y de los usos posibles de la psicología en diferentes países. Se asume que existen discrepancias, señaladas en la literatura como rivalidades geopolíticas en torno a la producción del conocimiento psicológico lo cual da origen, al menos a, tres o cuatro mundos de la psicología (MOGHADDAM, 1987, 2006; PULIDO-MARTINEZ, 2017, 2019); cómo también a apropiaciones singulares y a reconfiguraciones híbridas de los objetos psicológicos para hacer efectivas las prescripciones para la organización internacional del trabajo (RIVERA-AGUILERA, 2018), y en esta medida entran en relación con las instituciones globales, los Estados nacionales, las organizaciones particulares y los trabajadores en condiciones laborales reguladas y no reguladas (RIVERA AGUILERA, 2018; PULIDO-MARTINEZ, 2017, 2019).

Solamente se pueden aquí mencionar algunos puntos generales en relación con la pandemia, pues esta manera de relacionar la psicología con el trabajo todavía no ha sido explorada de manera amplia por las perspectivas críticas. Sin embargo, se presentan algunas referencias en la literatura que pueden mostrar la pertinencia de empezar a examinar lo que puede estar ocurriendo en esta perspectiva. Lo que se deja ver de las relaciones internacionales de la psicología es una reedición de lo que ya se había

establecido desde hace varias décadas. Esto es, que hay unos centros de producción de conocimiento y otros lugares periféricos a donde estos discursos y prácticas psicológicas viajan para ser adaptados y apropiados para la situación local (PULIDO-MARTÍNEZ, 2017). En relación con la pandemia específicamente se señala en la literatura que los conocimientos de la ciencia ahora internacionalizados cruzan las fronteras sin dificultades, cuestión que lleva a que la situación universal en donde todo el mundo está en riesgo, se convierte en vía privilegiada para que se apliquen los conocimientos que resultan acordes al modelo imperante de racionalidad económica. No es gratuito entonces que para afrontar la pandemia se tomen medidas psicológicas de diferentes tipos y a que se reproduzcan en diferentes partes las mismas recetas. A esto contribuye en la situación de pandemia, como bien ha sido señalado en la literatura (KLEIN, 2007), que no sea solamente la llegada de los expertos quienes prescriben que hacer acorde con la racionalidad neoliberal de gobierno, sino que en este caso sean las nuevas tecnologías las que diseminan más rápidamente los discursos y prácticas psicológicas para su pronta aplicación y, de cierta forma subordinación, de los conocimientos que se han desarrollado localmente.

### Conclusión

Este artículo se propuso examinar el estado de la crítica y de la psicología crítica cuando se encargan de examinar el mundo del trabajo en relación con la crisis que ha suscitado la pandemia. De manera general se ha considerado el esfuerzo crítico en tiempos complejos para encontrar el lugar que este tiene en referencia al lugar y las operaciones que se llevan a cabo gracias a la psicología. A lo largo del texto se ha visto como las perspectivas críticas han asumido una posición de contra-psicologías asumiendo una postura política que las aparta de las corrientes recomendaciones que pululan desde la psicología convencional, las cuales casi exclusivamente, compelen al trabajador para que considere las dificultades de la pandemia de forma individual. Los análisis provistos por las psicologías de corte crítico más bien muestran como la pandemia ha traído mayor vulnerabilidad colectiva. Ellas toman una posición en donde los análisis políticos económicos, sociales y culturales son la base para entender los problemas, por ejemplo, de salud mental que emergen con la cuarentena. Al concentrarse en los procesos que diferente orden afectan al trabajo y por ende a los trabajadores, las psicologías críticas abren la posibilidad de construir los problemas como un asunto colectivo, y por tanto, también abren la posibilidad de encontrar soluciones que tengan dimensiones en esta línea.

También, las críticas a la psicología han señalado como esta disciplina está vinculada con la racionalidad de gobierno imperante que en el caso de la pandemia deja entrever una necropolítica asociada al neoliberalismo que lejos de ser una perspectiva idealizada en la práctica sirve para decidir quienes viven y quienes mueren de acuerdo con las lógicas del capital. Esta perspectiva apenas empieza a formular propuestas para comprender la situación,

tal como también ocurre con aquellos análisis que se encargan de revisar las relaciones internacionales que tienen lugar en la producción y consumo de la psicología.


La revisión que a lo largo del texto se hizo muestra la pertinencia de la crítica como fuerza alternativa que cuestiona lo que se da por hecho como intervenciones apropiadas para aportar a la situación de crisis. Tanto la psicología crítica, como las críticas a la psicología, son alternativas a las intervenciones de la psicología hegemónica, están políticamente comprometidas, y por tanto no se dirigen a mitigar los problemas que presenta el estatus quo, sino que por el contrario, con una perspectiva amplia examinan como las condiciones de trabajo vulnerabilizadas están a la base de las diferencias en las cuales se está portando la pandemia.

No obstante, en esta revisión también se denota la crisis de la crítica con respecto al trabajo. Si bien las instituciones que regulan a la psicología, las agremiaciones y las universidades mismas se han puesto en la tarea divulgar prescripciones hegemónicas para intervenir en la pandemia a través de distintos medios, las perspectivas críticas, por el contrario, han permanecido un tanto silenciosas, aun cuando se encuentran referencias en la literatura estas no son abundantes como aquellas otras de corte más conservador. Quizá por el tipo de análisis y de materiales que demandan los estudios críticos, como también por la explícita intención de no realizar prescripciones sin comprensiones políticas y sociales particulares que puedan caer en futurologías inciertas que aminoren la potencialidad crítica, no se han hecho mayores pronunciamientos. Habrá que abrir un compás de espera para poder hacer anotaciones más precisas sobre el estado y la potencia de la crítica con respecto a la relación que la psicología ha establecido con el mundo del trabajo en condiciones de pandemia.

### Información sobre los autores:

Hernán Camilo Pulido-Martínez, Ph. D.


 <https://orcid.org/0000-0003-1071-2784>

 [https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000212296](https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000212296)

Profesor titular y director de postgrados en la Pontificia Universidad Javeriana en Bogotá, Colombia. Doctor en Ciencias Sociales por la Cardiff University en el Reino Unido. Magister en Comunicación y Psicólogo de la Pontificia Universidad Javeriana. Coordinador del grupo de investigación "Estudios críticos de las organizaciones y del trabajo", clasificación A, Colciencias.

Johanna Burbano-Valente

 <https://orcid.org/0000-0002-4011-2117>

 [https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000151270](https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000151270)

Decana Facultad de Psicología, Pontificia Universidad Javeriana en Bogotá, Colombia. Doctora en Psicología por la Universidad de Buenos Aires. Magister en Estudios Políticos y Psicóloga de la Pontificia Universidad Javeriana. Miembro del grupo de investigación "Estudios críticos de las organizaciones y del trabajo", clasificación A, Colciencias.

**Contribuição dos autores:**

Hernán Camilo Pulido-Martínez foi responsável pela concepção, desenho, análise e interpretação dos estudos revisados. Johanna Burbano-Valente participou da concepção, desenho e revisão. Os autores aprovaram a versão final do artigo.

**Como citar este artigo:****ABNT**

PULIDO-MARTÍNEZ, Hernan Camilo; BURBANO-VALENTE, Johanna. La crítica de la psicología, trabajo y la pandemia de Covid-19. *Fractal: Revista de Psicología*, Niterói, v. 32, n. 3, p. 318-327, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/45576>

**APA**

Pulido-Martínez, H. C., & Burbano-Valente, J. (2020, Setembro/Outubro). La crítica de la psicología, trabajo y la pandemia de Covid-19. *Fractal: Revista de Psicología*, 32(3), 318-327. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/45576>

**Copyright:**

Copyright © 2020 Pulido-Martínez, H. C., & Burbano-Valente, J. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Pulido-Martínez, H. C., & Burbano-Valente, J. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

**Referencias**

- AGAMBEN Giorgio et al. *Sopa de Wuhan*. La Plata: ASPO, 2020. Disponible en: <http://www.encurtador.com.br/dozBN>. Accedido en: 12 set. 2020.
- ALTAMIRANO, Tomas Gaete; ROY, Álvaro Soto. Tensiones en la construcción identitaria individualizada en el trabajo flexible. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1167-1180, 2013. <http://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY12-4.tcii>
- BARITZ, Loren. *The servants of power: a history of the use of social sciences in american industry*. Middletown: Wesleyan University Press, 1960.
- BENDASOLLI, Pedro F.; FALCÃO, Jorge da Rocha. Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia no contexto de trabalho. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1153-1166, oct./dec. 2013. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy12-4.psts>
- BERNARDO, Marcia Hespanhol et al. Linhas paralelas: as distintas aproximações da psicologia em relação ao trabalho. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 34, n. 1, p. 15-24, mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752017000100003>
- BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; PEREZ, Erico Renteria; TORO, Juan Pablo. Organizational/work psychology in Latin America. In: ARDILA, Ruben (Ed.). *Psychology in Latin America: current status, challenges and perspectives*. Gewerbestrasse: Springer, 2018. p. 105-158. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-93569-0\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-319-93569-0_7)
- BRAZ, Matheus Viana. A pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2) e as contradições do mundo do trabalho. *Revista Laborativa*, v. 9, n. 1, p. 116-130, 2020. Disponível em: <https://www.encurtador.com.br/cwMP9>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BURBANO-VALENTE, Johanna. Logicas colectivas en el servicio público de transporte de pasajeros en Bogotá. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1049-1059, 2013. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY12-4.lcsp>
- BURBANO-VALENTE, Johana. Discursos y prácticas de selección en los manuales de gestión humana. In: MARÍN, Luz Mery Carvajal; CORTES, Óscar Andrés López (Org.). *Selección de personal: discursos, prácticas, tecnologías*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2016. p. 51-69.
- CABRUJA-UBACH, Teresa. Violencia doméstica: sexo y genero en las teorías psicosociales sobre la violencia. Hacia otras propuestas de comprensión e intervención. *Intervencion Psicoprof: Revista sobre Igualdad y Calidad de Vida*, Madri, v. 13, n. 2, p. 141-153, 2004. Disponible en: <https://journals.copmadrid.org/pi/art/abdb4d8db30df8430a8394b7218ef>. Accedido en: 22 ago. 2020.
- CASTELO, Rodrigo. Crise conjuntural e (re)militarização da “questão social” brasileira. *Revista Margem Esquerda*, v. 23, p. 46-51, 2014. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/rodrigo.castelo/artigos/crise-conjuntural-e-re-militarizacao-da-questao-social-brasileira/view>. Acesso em: 8 jun. 2020.
- CHRISTIE, Catharine; LANZA, Edison; CAMILLERI, Michael. *Covid-19 y la libertad de expresión en las américas*. Washington: Dialogo Interamericano, 2020. Disponible en: <https://www.thedialogue.org/wp-content/uploads/2020/08/Covid-19-y-la-Libertad-de-Expresio%CC%81n-en-las-Ame%CC%81ricas-SP-Final.pdf>. Accedido en: 8 abr. 2020.
- COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. *Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo: Vozes, 2017.
- CRESPO-SUAREZ, Eduardo; SERRANO-PASCUAL, Amparo. Regulacion del trabajo y el gobierno de la subjetividad. La psicologización política del trabajo. In: BERNAL, Anastasio Ovejero (Coord.). *Psicologia Social Crítica*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2011. p. 246-263.
- DELANTY, Gerard. The university in the knowledge society. *Organization*, v. 8, n. 2, p. 149-153. 2001. <https://doi.org/10.1177/1350508401082002>
- FASSIN, Didier. How is critique? In: FASSIN, Didier; HARCOURT, Bernard E. (Org). *A time for critique*. New York: Columbia University Press, 2019. p. 13-35.
- GOMEZ-VELEZ, Maria Alejandra. Sobre la psicología organizacional y del trabajo en Colombia. *Revista Colombiana de Ciencias Sociales*, v. 7, n. 1, p. 131-153, ene./jun. 2016. Disponible en: <https://www.funlam.edu.co/revistas/index.php/RCCS/article/view/1438/pdf>. Accedido en: 2 feb. 2018.
- HOLLWAY, Wendy. *Work psychology and organizational: managing he individual at work*. Londres: Sage, 1991.
- IBARRA-COLADO, Eduardo. Educación superior, entre el mercado y la sociedad: apuntes para imaginar su función social. *Revista de Educación Superior*, México, v. 35, n. 138, p. 123-133, jun. 2006. Disponible en: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-27602006000200123&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602006000200123&lng=es&nrm=iso). Accedido en: 10 jul. 2020.



- KLEIN, Naomi. *La doctrina de shock: el auge del capitalismo del desastre*. Buenos Aires: Paidós, 2007.
- LAURELL, Asa Cristina. Proceso de trabajo y salud. *Cuadernos Políticos*, México, n. 17, p. 59-79, jul./sep. 1978. Disponible en: <http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.17/17.7.AsaCristina.pdf>. Accedido en: 20 sep. 2012.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Psicología política del trabajo en América Latina. *Revista de Psicología de El Salvador*, v. 8, n. 31, p. 5-25, 1989.
- MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. *Governing the present*. Cambridge: Polity, 2008.
- MOGHADDAM, Fathali. Psychology in the three worlds: as reflected by the crisis in social psychology and the move toward indigenous third-world psychology. *American Psychologist*, v. 42, n. 10, p. 912-920, 1987. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.42.10.912>
- MOGHADDAM, Fathali. Double reification: the processes of universalizing psychology in the three worlds. In: BROCK, Adrian (Org.). *Internationalizing the History of Psychology*. New York: University Press, 2006. p. 163-182. Disponible en: [http://fathalimoghaddam.com/?page\\_id=18](http://fathalimoghaddam.com/?page_id=18). Accedido en: 15 out. 2020.
- MONTMOLLIN, Maurice de. *Psicofarsantes: una autocrítica de la psicología industrial*. México: Siglo XXI, 2004.
- OREJUELA, Jhonny; PEREZ, María del Mar; VÁSQUEZ, Andrés. Trabajo, subjetividad y clínicas del trabajo: una aproximación al estado de su cuestión en el caso colombiano. *Open Edition Journals*, v. 15, n. 2, p. 1-24, 2019. <https://doi.org/10.4000/laboreal.15522>
- PARKER, Ian. *Revolution in psychology: alienation to emancipation*. Londres: Pluto, 2007.
- PÉREZ, Erico Rentería; MALVEZZI, Sigmar. Psicologías organizacionales y de los trabajos - POTS: preguntas desde las realidades actuales del mundo del trabajo en América Latina. *Psicología desde el Caribe*, n. especial, p. 129-147, 2018. <http://dx.doi.org/10.14482/psdc.35.4.158.77>
- PINZÓN, Monica. Personas y tiempo del COVID-19. *Revista Analisis de la Realidad Nacional*, Guatemala, v. 9, n. 181, p. 46-55, marzo 2020. Disponible en: <http://ipn.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/04/IPN-RD-181.pdf#page=46>. Accedido en: 1 de jun. 2020.
- PRILLELTENSKY, Isaac. *Morals and politics of psychology*. Albany: State University of New York, 1994.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo. En búsqueda de una psicología crítica en los ámbitos laborales. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 3, n. 2, p. 213-222, 2004. Disponible en: <https://docplayer.es/11733190-En-busqueda-de-una-psicologia-critica-en-los-ambitos-laborales.html>. Accedido en: 2 sep. 2016.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo. Produciendo trabajadores modernos: conocimiento psicológico y el mundo del trabajo en el Sur. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 6, n. 1, p. 27-37, ene./abr. 2007. Disponible en: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/91>. Accedido en: 2 abr. 2015.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo. Outlining critical psychology of work in Latin America. *Annual Review of Critical Psychology*, v. 10, p. 672-689, 2013. Disponible en: <https://www.encurtador.com.br/fjwW6>. Accedido en: 2 mayo 2019.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo. De la expansión internacional de la psicología a la simultaneidad de procesos: o de la investigación sobre la subjetividad en el trabajo. In: PAVON-CUELLAR, David (Org.). *Capitalismo y psicología crítica en lationamerica: del sometimiento neocolonial a la emancipación de subjetividades emergentes*. México: Kanakil, 2017. p. 243-264.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo. Analysing the artefacts to produce an education of quality: from the disciple to the customer in a Colombian university. *Subjectivity*, v. 12, n. 1, p. 352-370, 2019. <https://doi.org/10.1057/s41286-019-00081-w>
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo; CARVAJAL-MARIN, Luz Mery. La patologización y despatologización de la ficción del “trabajador libre” en términos del riesgo psico-laboral. In: LEAL-FERREIRA, Arthur Arruda; MOLAS, Adriana; CARRASCO, Jimena (Org.). *Psicología, Tecnología e Sociedade: controversias metodológicas e conceituais para uma análise das práticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: NAU, 2015. p. 235-254.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo; CARVAJAL-MARIN, Luz Mery; CABRUJA-UBACH, Teresa. El sinuoso fluir de la psicología crítica: una conversación con Teresa Cabruja Ubach. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 8, n. 3, p. 583-599, 2009. Disponible en: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/609>. Accedido en: 2 feb. 2015.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo; SATO, Leny. ...Y entonces ¿esto de la crítica que es? *Universitas psychologica*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1355-1368, 2013. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY12-4.rpmt>
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo; VALENTE, Johanna Burbano. Formas de subordinación geopolítica en la selección de personal: los manuales de selección como techné. In: FRIAS, Pamela; SOTO-ROY, Alvaro. *Selección de personas en organizaciones: aproximaciones éticas, estratégicas, conceptuales y metodológicas*. Santiago de Chile: UAH, 2017. p. 227-254.
- PULIDO-MARTINEZ, Hernán Camilo; WALKERDINE, Valerie. Psicología, el mundo de trabajo y la subjetividad. Valerie Walkerdine en conversación con Hernán C. Pulido-Martínez. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 6, n. 1, p. 185-194, 2007. Disponible en: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/105>. Accedido en: 2 abr. 2015.
- RICH, Grant J. et al. *Teaching psychology around the world*. Newcastle: Cambridge Scholar Publishing, 2018.
- RIVERA AGUILERA, Guillermo. La construcción discursiva del joven trabajador: un análisis crítico a las tendencias mundiales de empleo. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2018. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy17-1.cdjt>
- RODRÍGUEZ-BAILÓN, Rosa. La desigualdad ante el espejo del Covid-19. *International Journal of Social Psychology*, v. 35, n. especial, p. 61-71, 2020. <https://doi.org/10.1080/02134748.2020.1796298>

ROSE, Nikolas. *Inventing ourselves: psychology, power and regulation*. Londres: Sage, 1996.

ROSE, Nikolas. *Governing the soul: the shaping of the private self*. Londres: Free Association Books, 1999.

RUIZ, Alexis Lorenzo; ARCAÑO, Kenny Diaz; PEREZ, Dionisio Zaldívar. La psicología como ciencia en el afrontamiento a la Covid-19: apuntes generales. *Anales de la Academia de Ciencias de Cuba*, La Habana, Cuba, v. 10, n. 2, p. e839, 2020. <http://www.revistaccuba.sld.cu/index.php/revacc/article/view/839/856>

RUIZ, Angela Vieira; GONZALEZ, Cesar Andres Llano; ROJAS, Luis Alberto Guevara. Desafiando la formación de psicólogos organizacionales desde una perspectiva de aprendizajes situados en el ámbito micro-empresarial peruano. *Cuadernos de Administracion*, Bogotá, v. 32, n. 58, 2019. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cao.32-58.dfpo>

SALANOVA, Marisa. How to survive Covid-19? Notes from organisational resilience (¿Cómo sobrevivir al Covid-19? Apuntes desde la resiliencia organizacional). *International Journal of Social Psychology*, v. 35, n. 3, p. 670-676, 2020. <https://doi.org/10.1080/02134748.2020.1795397>

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. *Processo organizativo de assentamentos rurais: trabalho, condições de vida e subjetividades*. Sao Paulo: Fapesp, 2013.

SPINK, Peter Kevin. *Para além da psicologia organizacional: nove textos escolhidos*. São Paulo: Centro de Administração Pública e Governo, EASEP-FGV, 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/293811582\\_Para\\_Alem\\_da\\_Psicologia\\_Organizacional\\_nove\\_textos\\_escolhidos\\_Versao\\_Preliminar](https://www.researchgate.net/publication/293811582_Para_Alem_da_Psicologia_Organizacional_nove_textos_escolhidos_Versao_Preliminar). Acesso em: 20 abr. 2017.

STECHER, Antonio. Un modelo critico-interpretativo para el estudio de las identidades laborales. Contribuciones a la investigacion psicosocial sobre trabajo y subjetividad en America Latina. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1311-1324, 2013. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY12-4.mcic>

STECHER, Antonio; ROY, Alvaro Soto. Crisis and transformation of occupational identities in three sectors (retail, mining, state): contributions to understanding workplace subjectivities in neoliberal Chile. *Subjectivity*, v. 12, n. 4, p. 309-332, 2019. <https://doi.org/10.1057/s41286-019-00080-x>

STEVENS, Michael J; GIELEN, Uwe P. *Toward a global psychology: theory, research, intervention and pedagogy*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2007.

VARGAS-MONROY, Liliana. Relaciones gubernamentalidad/colonialidad/trabajo: el caso de las transformaciones en el gobierno de las trabajadoras de la industria de flor cortada en Colombia, 1995-2012. *Cuadernos de Administracion*, v. 32, n. 58, 2019. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cao.32-58.rget>

VILARINHO, Gabriel. A segurança e o outro nos tempos de coronavírus. *Revista Estudos Libertários*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/34524>. Acesso em: 5 jul. 2020.

WALKERDINE, Valerie. Editorial. *International Journal of Critical Psychology*, London, v. 1, n. 1, p. 9-15, 2001.

# Princípios de psicologia fisiológica: a evolução orgânica da função mental★

Wilhelm Wundt<sup>1</sup>

Por Estêvão Carvalho Freixo <sup>II</sup> ★★

<sup>1</sup> Universidade de Leipzig, Leipzig, Alemanha

<sup>II</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## Resumo

O presente trabalho conclui um conjunto de três traduções de textos escritos por Wilhem Wundt, com o objetivo de apresentar, na língua portuguesa, três eixos fundamentais de pesquisa do patrono da ciência psicológica. As duas primeiras traduções, já publicadas, trazem o projeto wundtiano de uma Psicologia Experimental e alguns desenvolvimentos sobre sua Psicologia dos Povos. Este último texto recupera sua discussão sobre uma Psicologia de base fisiológica, por meio desta introdução da obra *Grundzüge Physiologischen der Psychologie*, em que busca estabelecer critérios a partir dos quais seja possível sustentar a presença da consciência nos seres vivos. Ao buscar o ponto onde a vida mental começa, o autor defende que não devemos começar sua procura nos tipos inferiores de organização natural, mas sim caminhando do topo para os níveis mais baixos, já que as manifestações de nossa própria vida consciente devem sempre fornecer o padrão de referência em nossos julgamentos de aspectos semelhantes em outras criaturas. Na segunda seção do capítulo, são tecidas considerações sobre o substrato físico das funções mentais.

Palavras-chave: Wundt; psicologia fisiológica; história da psicologia.

## Principles of physiological psychology: the organic evolution of mental function

### Abstract

This paper concludes a set of three translations of texts written by Wilhem Wundt, with the aim of presenting, in portuguese, three fundamental research axes of the patron of psychological science. The first two translations, already published, bring the wundtian project of an Experimental Psychology and some developments about its Folk Psychology. This last text recovers its discussion about a physiologically based psychology, through this introduction of his work *Grundzüge Physiologischen der Psychologie*, in which he seeks to establish criteria from which it is possible to sustain the presence of consciousness in living beings. In seeking the point where mental life begins, the author argues that we should not begin our search in the lower types of natural organization, but rather from the top to the lowest levels, since the manifestations of our own conscious life must always provide the reference standard in our judgments of similar aspects in other creatures. In the second section of the chapter, considerations are made about the physical substrate of mental functions.

Keywords: Wundt; physiological psychology; history of psychology.

### A evolução orgânica da função mental

#### As características da mente e os limites da vida mental

As funções mentais formam uma parte dos fenômenos da vida. Onde quer que as observemos, elas estão acompanhadas pelos processos de nutrição e reprodução. Por outro lado, os fenômenos gerais da vida podem se manifestar em casos em que nós não temos razão para supor a presença da mente. Assim, a primeira questão que surge, numa indagação relativa ao substrato corpóreo da vida mental, é a seguinte: quais são as características que justificam nossa atribuição de funções mentais a um corpo vivo, que é um objeto que pertence ao domínio da natureza animada?

Aqui, no limiar da psicologia fisiológica, nós nos confrontamos com dificuldades incomuns. As características distintivas da mente são de espécie subjetiva; nós a conhecemos apenas através dos conteúdos de nossa consciência. Mas a questão clama por critérios objetivos, a partir dos quais nós possamos sustentar a presença da consciência. Ora, os únicos critérios deste tipo consistem em certos movimentos corpóreos, que trazem em si

a indicação de suas origens em processos psíquicos. Mas onde nós nos justificamos ao referirmos os movimentos de uma criatura viva a condições conscientes? O quão incerta a resposta a esta questão é, especialmente quando o preconceito metafísico tem um papel a desempenhar neste contexto, pode ser visto prontamente através de um apelo à história. O Hilozoísmo se inclina a considerar qualquer movimento, mesmo a queda de uma pedra, como uma ação mental; o espiritualismo cartesiano não reconhece nenhuma expressão de vida mental além dos movimentos voluntários do homem. Estes são pontos de vista extremos. O primeiro está além de qualquer verificação; o segundo está correto apenas sobre o ponto de que as manifestações de nossa própria vida consciente devem sempre fornecer o padrão de referência em nossos julgamentos de aspectos semelhantes em outras criaturas. Sendo assim, não devemos começar nossa busca pela função mental nos tipos inferiores de organização natural, onde seus modos de expressão são menos perfeitos. Somente caminhando do topo para os níveis mais baixos, do homem para o animal, é que nós vamos encontrar o ponto onde a vida mental começa.

Existe um número muito grande de movimentos corpóreos, com origem em nosso sistema nervoso, que não possuem caráter de ação consciente. Não apenas são os

\*Tradução. Texto original de Wilhelm Wundt (1904) *The organic evolution of mental function*.

\*\*Endereço para correspondência: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11.144, Bloco F, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ - Brasil CEP: 20943-000. E-mail: [estevaofreixo@gmail.com](mailto:estevaofreixo@gmail.com)  
Os dados completos do autor encontram-se ao final do artigo.





movimentos normais do coração, dos músculos respiratórios, dos vasos sanguíneos e dos intestinos em sua maior parte desacompanhados de qualquer tipo de ação consciente; observamos também que os músculos da periferia do corpo que auxiliam na mudança de posição com frequência reagem a estímulos de modo puramente mecânico e automático. Considerar estes processos de movimento como funções mentais seria tão arbitrário quanto atribuir sensação à pedra que cai. Contudo, quando nós descartamos todos os movimentos que podem continuar sem a participação da consciência, permanece uma classe que traz em si os sinais inconfundíveis de uma expressão de vida mental — a classe das ações voluntárias externas. O critério subjetivo que define a ação voluntária externa, como verificamos diretamente através da introspecção, consiste no fato de que ela é precedida por sentimentos e ideias que tomamos como sendo as condições do movimento. Sendo assim, um movimento que observamos objetivamente pode ser considerado como dependente da vontade, caso tenha como condições processos mentais semelhantes a este.

Mas a descoberta deste critério de forma alguma remove as dificuldades práticas do nosso diagnóstico da mente. Não é possível distinguir com segurança em todos os casos entre um reflexo puramente mecânico — ou mesmo, nos organismos inferiores, um movimento devido a causas físicas externas, como a imbibição de corpos tumescentes, a mudança de volume em razão de flutuações de temperatura, etc. — e uma ação voluntária. Precisamos perceber, em particular, que se por um lado existem condições pelas quais nós podemos sustentar com absoluta confiança a existência de uma ação voluntária, por outro a ausência destas condições nem sempre necessariamente implica a ausência de tal ação, ainda menos a ausência de funções psíquicas em geral. Portanto, tudo o que se pode esperar alcançar com nossa investigação é a determinação do limite inferior em que uma vida mental é demonstravelmente presente. Se, na realidade, ela começa em um nível ainda mais inferior, deve permanecer uma questão de mera especulação.

A marca objetiva geralmente aceita de uma ação voluntária externa é a referência do movimento aos impulsos animais universais, o nutritivo e o sexual. É apenas como resultado de excitações sensoriais que estes impulsos podem produzir no animal movimentos que mostram as marcas de uma ação voluntária; e o caráter especial que nos leva a atribuir esses movimentos sensorialmente estimulados a um processo na consciência é sua variabilidade. Eles não se manifestam com regularidade mecânica em resposta a um dado estímulo externo, mas são variados para se adequar a condições variadas, e estão ligados a impressões sensoriais anteriores. O julgamento com base nestes critérios pode, no caso individual, deixar dúvidas; já que todos os processos vitais, mesmo aqueles que são inteiramente automáticos e inconscientes, mostram certo caráter adaptativo e certa coerência no modo como se dão. Mas a observação contínua e atenta das criaturas vivas nos permitirá, via de regra, decidir com segurança se qualquer manifestação particular de vida é

inteligível apenas a partir desta continuidade de estados internos que nós chamamos consciência, ou se poderia ter surgido na ausência da mente. De que a consciência, neste sentido, é uma propriedade universal dos organismos vivos, do homem ao protozoário, não se deve ter quaisquer dúvidas. Nos níveis mais inferiores desta série de desenvolvimento, os processos de consciência estão evidentemente confinados em limites extremamente estreitos, e a vontade é determinada pelos impulsos orgânicos universais apenas de modo extremamente simples. Não obstante, as manifestações da vida, mesmo entre os protozoários mais inferiores, são explicáveis apenas sob a hipótese de que eles possuem uma mente. Assim, a ameba, que deve ser considerada morfologicamente como uma célula “nua”, retornará algumas vezes depois de um pequeno intervalo para os grãos de amido sobre os quais ela veio no curso de seus deslocamentos, e absorverá uma nova porção de material nutritivo no protoplasma mole de seu corpo. Muitos dos infusórios ciliados perseguem outros, que eles matam e devoram. Todos estes são fenômenos que apontam em direção à continuidade dos processos mentais, embora com toda probabilidade para uma continuidade que se estende apenas sobre um espaço de tempo muito curto. Indicam também (sem exceções, no tocante aos ciliados) uma variação na escolha dos meios para a satisfação dos impulsos orgânicos que seria ininteligível como resultado meramente mecânico de influências externas.

Evidentemente nós entramos em solo muito menos seguro quando, além disso, perguntamos se a vida mental realmente faz sua primeira aparição no degrau de desenvolvimento da escala orgânica onde observamos a ação voluntária externa, ou se seu começo não retrocede a um nível de vida ainda mais inferior. Onde quer que o protoplasma ocorra, ele possui a propriedade da contractilidade. Movimentos de contractilidade surgem algumas vezes por indução de estímulos externos, mas outras vezes na ausência de qualquer influência externa aparente. Eles se assemelham às ações voluntárias dos protozoários mais inferiores, e não são explicáveis em termos de estimulação física externa, mas apenas como o resultado de forças que residem na própria substância contrátil; cessam de vez com o fim da vida. Podemos constatar suas evidências tanto nos conteúdos protoplásmicos das células de plantas jovens quanto no protoplasma livre que existe nos reinos animal e vegetal. De fato, é provável que todos os organismos elementares, quer usufruam de uma existência independente ou formem parte de um organismo complexo, possuam a propriedade de contractilidade ao menos durante um certo período de seu desenvolvimento. Considere, por exemplo, os corpúsculos linfáticos, que são encontrados no sangue e na linfa dos animais, e também no pus, e que funcionam como elementos migratórios nos tecidos. Eles não são apenas bastante similares na configuração corpórea a certos protozoários mais inferiores, mas também sofrem mudanças de forma que, na aparência externa, são indistinguíveis

dos movimentos destes organismos unicelulares. O caráter voluntário destes movimentos, no entanto, está além do alcance da demonstração.

É verdade que estruturas similares – particularmente os corpúsculos incolores do sangue dos invertebrados – têm sido observadas capturando substâncias sólidas, e que essa ação pode ser interpretada como uma forma rudimentar de ingestão de alimentos. Também é verdade que movimentos em resposta a estímulos acompanham o exercício das funções digestivas em certas plantas. Mas em nenhum dos casos existe uma indicação definitiva de um verdadeiro impulso, isto é, um impulso determinado pela sensação em direção ao alimento, ou de qualquer meio termo psicológico entre estímulo e movimento. O mesmo vale para os movimentos das formas inferiores de algas, fungos e colônias de esporos, produzidos por uma distribuição variável de água e dióxido de carbono, ou por diferentes tipos de raios de luz. Por outro lado, os movimentos de certas bactérias são tão repentinamente afetados pela luz e pelos gases respiratórios, que imediatamente sugerem uma origem nas sensações. No entanto, mais uma vez, não podemos estar certos de que as mudanças não são simplesmente efeitos físicos, como sem dúvida é o caso dos movimentos que resultam de mudanças higrométricas no ambiente.

No entanto, ao julgarmos todo esse grupo de observações, devemos sempre lembrar que a demonstração de condições físicas às quais podemos atribuir os fenômenos de contração protoplásmica e o movimento de organismos elementares não é de modo algum incompatível com a hipótese de processos psíquicos concomitantes. A fisiologia procura derivar os processos no nosso sistema nervoso de forças físicas em geral sem considerar se estes processos são ou não acompanhados de processos de consciência. Nós somos levados a acreditar, tanto pela teoria do conhecimento como pela filosofia da natureza, que todas as manifestações de vida, no tocante ao seu aspecto físico, estão relacionadas a leis naturais de validade universal. E a fisiologia, agindo em conformidade com esta ideia, considerou-a justificável em todos os casos em que conseguiu alcançar uma solução para seus problemas. Segue-se então que a existência de funções mentais jamais pode ser inferida da natureza física de movimentos orgânicos, mas apenas de certas condições especiais que os acompanham. Por outro lado, a observação mostra que as propriedades químicas e fisiológicas do protoplasma vivo são essencialmente as mesmas, quer nós possamos ou não provar que ele apresenta uma vida mental. Isto é válido, em particular, para os atributos de contractilidade e irritabilidade. Portanto, no sentido físico, o protoplasma mantém integralmente sua identidade. Se adicionamos a isto o fato de que é impossível estabelecer rigorosamente o ponto onde os movimentos protoplásmicos começam a adquirir um caráter psicológico, uma vez que existe uma transição gradual do protoplasma circunscrito da célula vegetal, passando pelos corpúsculos linfáticos migratórios dos animais, moneras de vida independente e rizópodas, aos mais móveis ciliados e portadores de boca, como

os infusórios, não podemos resistir à conjectura de que a vida psíquica e a capacidade de dar expressão a ela estão universalmente representadas na substância contrátil.

Do ponto de vista da observação, devemos considerar como altamente provável a hipótese de que o início da vida mental é tão antigo quanto o início da vida em geral. A questão da origem do desenvolvimento mental coincide, assim, com a questão da origem da vida. Além disso, se a fisiologia é compelida a aceitar o postulado de que os processos de vida têm sua base fundamental nas propriedades gerais da matéria, em razão da contínua interação existente entre as forças físicas que atuam no universo; a psicologia considera não menos necessário assumir, no tocante a esta mesma questão – o substrato universal dos fenômenos naturais –, a presença de condições que permitam a expressão dos aspectos psíquicos dos fenômenos vitais. Mas esta última declaração não deve nos enganar. A vida latente da matéria inorgânica não deve ser confundida, como o hilozoísmo a confunde, com a vida real e a consciência verdadeira; nem deve ser considerada, tal como o faz o materialismo, como uma função da matéria. A primeira interpretação é equivocada, porque assume a existência de fenômenos vitais em um ponto onde estes fenômenos não nos são dados, mas apenas o terreno comum pelo qual eles se tornam possíveis; a segunda, porque postula uma dependência unilateral, na qual em realidade nós encontramos uma inter-relação de processos simultaneamente presentes, mas dessemelhantes. Nós empregamos o conceito de substância material para denotar o terreno de todos os fenômenos objetivos. Por isso, é tarefa deste conceito tornar inteligível todas as várias formas de ocorrência física, incluindo as manifestações físicas da vida. Mas nós encontramos entre estas manifestações movimentos que indicam a presença de uma consciência. Nossos postulados em relação à matéria irão então explicar a causa física de tais movimentos, mas não podem dar conta das funções psíquicas concomitantes. Para explicá-las, devemos recorrer a nossas próprias consciências.

Evidentemente não podemos aqui, no início da psicologia, oferecer qualquer resposta definitiva sobre a questão das características objetivas determinantes da vida mental. Tudo o que podemos fazer no presente estágio é indicar resumidamente a posição a ser tomada sobre essa questão do ponto de vista empírico. Contudo, é fácil perceber que a ampla divergência de opinião sobre o assunto se deve principalmente ao uso indistinto de diferentes visões filosóficas e aos preconceitos que daí resultam. Só assim podemos explicar o fato de que ainda podem ser encontradas, em trabalhos sobre o alcance da vida mental, visões que variam entre os dois atuais extremos existentes nos dias de Descartes. Um autor dirá que os animais, se não todos, ao menos os que estão na escala evolutiva até os invertebrados superiores e os vertebrados inferiores, são meras máquinas de reflexo; outro entenderá os termos vida e mente como possuidores do mesmo significado, e assim dotará plantas e animais com consciência. A primeira visão é evidentemente influenciada, em certa medida, pela ideia de que psíquico e

físico são termos antitéticos. Esta alternativa é frequentemente apresentada como se um conceito necessariamente excluísse o outro – como de fato acontecia no dualismo metafísico de Descartes. Mas isto é um equívoco. A estreita interconexão entre os fenômenos da vida física e os processos de consciência faz a relação ‘físico e psíquico’ aparentemente muito mais provável. Nós devíamos, aliás, admitir de uma vez que, por exemplo, uma sensação é uma qualidade psíquica, sem com isso negar que ela é acompanhada por um processo físico no órgão sensorial e no centro sensorial. E essa coexistência de dois tipos de processos vitais é, em muitos casos, irrefutável. O quão longe ela se estende pelos fenômenos da vida em geral é também uma questão que, naturalmente, não pode ser respondida logo no início de nossas investigações psicológicas. Mas, de qualquer forma, nós estaríamos apenas obscurecendo os fatos se fizéssemos nossa primeira abordagem a estes fenômenos através da alternativa ‘físico ou psíquico’. E o perigo de má interpretação é, no melhor das hipóteses, grave o bastante. Muitos movimentos que podem com toda probabilidade ser considerados como puramente automáticos são, como dissemos acima, de caráter intencional; e muitos deles também são autorreguladores. Portanto, é muito difícil traçar a linha de divisão no caso concreto.

Nós podemos dizer, então, que a explicação mecanicista dos movimentos dos animais inferiores não é o resultado de uma observação imparcial e sem preconceitos. Mas a teoria rival, que atribui mente e consciência ao mundo das plantas, não é mais coerente. O próprio Fechner, principal representante desta teoria, declara expressamente tê-la derivado de considerações da filosofia geral. Ele também atribui consciência ao planeta Terra e a outros corpos celestes, fazendo desta consciência cósmica o todo do qual as formas individuais de consciência na planta e no animal são partes. Hipóteses deste tipo têm, sem dúvida, uma certa justificação. Elas enfatizam a impossibilidade de se pensar que a vida mental pode repentinamente surgir, em algum ponto do tempo e do espaço, como uma coisa nova; que nós não precisamos procurar por suas condições gerais no substrato universal dos processos vitais. No entanto, quando nós perguntamos como devemos conceber essas condições, levantamos uma questão metafísica – uma questão que está muito além do alcance da psicologia e de seus problemas empíricos.

#### **A diferenciação das funções mentais e de seus substratos físicos**

A célula orgânica nos primeiros estágios de seu desenvolvimento consiste ou em uma massa de protoplasma que é livre de qualquer envoltório e contrátil ao longo de sua substância, ou de um protoplasma móvel que se contém numa membrana mais firme e imóvel. Estas duas formas são encontradas nos organismos independentes mais inferiores, onde podemos observar processos de movimento que indicam a existência de condições psíquicas. O substrato das funções mentais elementares manifesta-se aqui de modo inteiramente homogêneo e ao longo de toda a massa do corpo. O único sentido que está claramente funcionando é o sentido do tato. Uma impres-

são feita sobre qualquer porção do protoplasma contrátil libera primeiramente um movimento no local de impacto direto, que pode então estender-se num movimento intencionalmente coordenado de todo o corpo.

O início de uma diferenciação de função mental pode, contudo, ser encontrado mesmo no protozoário, onde a camada cortical que circunda a substância corpórea contrátil desenvolveu órgãos especiais de movimento, cílios e flagelos. Muitas vezes este desenvolvimento caminha de mãos dadas com uma diferenciação das funções nutritivas. Uma abertura oral e uma cavidade digestiva são encontradas, e em muitos exemplos aparece um sistema de canais, cujos conteúdos fluidicos são mantidos em movimento por uma vesícula contrátil. Os cílios com os quais estes infusórios são equipados os tornam incomparavelmente mais móveis que os organismos que estão no ponto mais inferior da escala orgânica, as moneras e os rizópodes, que consistem meramente em uma massa corpórea viscosa. No entanto, eles são mais que órgãos de locomoção; eles funcionam como órgãos de tato, e algumas vezes parecem também ser sensíveis à luz. A mancha de pigmento vermelho observada em muitos dos infusórios pode ter também alguma relação com a sensação de luz, mas nós ainda não temos base para considerá-la como um órgão primitivo da visão.

Nos organismos complexos nós observamos uma diferenciação mais radical da função mental e de seu substrato corpóreo. A célula germinativa metazoária divide-se em várias células, que parecem ser originalmente do mesmo tipo. Assim, não raras vezes, todas manifestam a contractilidade primitiva do protoplasma. Contudo, elas se tornam modificadas em matéria e forma; os tecidos da planta e do corpo do animal derivam-se delas e dos produtos de seu crescimento, e as mudanças estruturais são acompanhadas por uma especialização de função cada vez mais completa. As condições que governam este processo de diferenciação, ao qual toda natureza orgânica está sujeita, estão ainda envoltas em obscuridade. Estamos aqui inteiramente limitados ao conhecimento das mudanças de forma externa que resultam dos diferentes estágios de desenvolvimento.

No mundo das plantas, nós vemos as funções nutritivas obter um grau de elaboração tal (e isto é verdade mais especificamente sobre as plantas superiores) que o organismo não tem outra preocupação, por assim dizer, que aumentar seu estoque de substância orgânica. Por outro lado, no mundo animal, o processo de evolução é caracterizado por uma discriminação progressiva das funções animais e vegetativas e uma consequente diferenciação destas funções principais em suas subáreas individuais. A massa celular do vitelo, originalmente homogênea, divide-se primeiramente em uma camada central e uma periférica de caráter estrutural diferente; então seu tamanho aumenta gradualmente para formar a futura cavidade corpórea. Neste estágio, sensação e movimento parecem residir exclusivamente na camada externa da célula, o ectoderma, enquanto as funções nutritivas são realizadas pela camada interna ou endoderma. Em um nível mais alto de evolução, uma terceira camada se forma entre as



duas, o mesoderma. Os estágios iniciais de desenvolvimento são semelhantes ao longo de toda a série de formas de celenterados e vertebrados. A diferenciação de órgãos começa sempre com a distinção de três camadas germinais. A camada mais externa é a fonte do sistema nervoso e dos órgãos sensoriais, assim como do sistema muscular; a camada mais interna fornece os órgãos de nutrição; e a intermediária, o sistema vascular. Nos vertebrados, o esqueleto também se deriva do ectoderma.

Esta discriminação de órgãos é acompanhada por uma diferenciação dos constituintes elementares dos tecidos. Quando a separação do ectoderma e do endoderma se realiza, as células do primeiro executam a função combinada de sensação e movimento. O passo inicial em direção à separação destas duas funções cardeais aparentemente se dá nos *hydridae* e nas medusas, onde as células do ectoderma enviam processos contráteis para o interior do corpo. As funções sensória e motora estão aqui ainda unidas em uma célula individual, mas estão distribuídas ao longo de suas diferentes partes. No próximo estágio, as propriedades de sensação e contractilidade passam para diferentes grupos de células, enquanto elementos conectivos são desenvolvidos para mediar a interconexão funcional das diferentes estruturas. Surge assim uma terceira classe de células, que se encontra entre as células sensoriais e as musculares, e funciona provavelmente como órgão para a recepção e transmissão de estímulos. Deste modo, as células sensoriais tornam-se órgãos externos, destinados à recepção dos estímulos físicos. Ao mesmo tempo, elas passam por uma diferenciação, que as ajusta para serem excitadas por diferentes processos de movimento no mundo externo. Similarmente, as células contráteis tornam-se órgãos para receber e converter em movimentos externos as excitações a elas transmitidas. Mas as funções psíquicas *par excellence* são executadas pelas células da terceira classe, as células nervosas que estão conectadas com as células sensoriais e musculares, e, como antes dissemos, medeiam a interconexão funcional entre estes dois grupos de células. Portanto, o esquema mais simples de um sistema nervoso é dado com uma célula nervosa centralmente situada que se conecta de um lado com uma célula sensorial e do outro com uma célula muscular contrátil – estas duas últimas diretamente dirigidas ao mundo externo, mas uma mediando a recepção de estímulos sensoriais e a outra, a reação motora sobre eles.

Contudo, é bastante provável que este esquema mais simples nunca ocorra de fato. Assim que são formadas as células nervosas especiais, elas se dão em grandes números, unindo-se em séries longitudinais e transversais, de modo que grande parte delas conecta-se com as estruturas periféricas apenas por meio de outras de seu tipo. Esta multiplicação dos elementos centrais significa evidentemente que o processo de diferenciação se estende às próprias células nervosas. Elas assumem várias funções, de acordo com as conexões que elas mantêm entre si e com os órgãos periféricos. As que ficam na vizinhança dos órgãos terminais são empregadas em funções de auxílio aos processos estritamente psicofísicos, que seguem o seu curso sem a participação da consciência. Outras têm

estreita relação com os mecanismos de nutrição; mantêm e regulam os processos fisiológicos de secreção e circulação. Assim, elas perdem seu lugar entre as condições corpóreas imediatas da vida mental, e exercem apenas uma influência indireta sobre a mente. Esta diferenciação progressiva das funções e seus substratos no sistema nervoso encontra sua expressão no relativo aumento do número de elementos nervosos e na elaboração de centros nervosos especiais, corpos compactos de células nervosas e seus processos fibrilares. Nós temos um exemplo destes centros nos gânglios dos invertebrados, que aparecem nos mais variados estágios do desenvolvimento – desde os anéis nervosos comparativamente simples dos celenterados e dos vermes e moluscos inferiores até as massas ganglionares semelhantes ao cérebro dos artrópodes e moluscos superiores.

Finalmente, entre os vertebrados, a importância dos centros nervosos para o organismo do animal aparece desde o início em sua relação com a forma externa do corpo e com o desenvolvimento dos vários sistemas de órgãos. Imediatamente depois da separação dos materiais de formação em duas camadas no proto-germe, aparece no ectoderma um sulco, cuja parte inferior é formada por uma faixa de tecido mais escuro. Esta é a faixa primitiva, cujo espaço corresponde ao futuro eixo longitudinal do embrião. Neste momento, o sulco se fecha e se torna o tubo neural, o princípio da medula espinhal e suas meninges. A porção anterior deste tubo faz surgir, por expansão, o princípio do cérebro. Concomitantemente ao fechamento do tubo neural, dá-se a diferenciação das células germinativas em células nervosas. Elas aumentam em tamanho e enviam mensageiros, que se transformam nos vários processos celulares.

Neste ponto, dão-se inúmeras diferenciações de função e seus substratos físicos, cuja investigação formará o objeto dos capítulos seguintes. Começaremos com uma consideração dos elementos estruturais do sistema nervoso em seu caráter morfológico e químico. Levantaremos em seguida a questão da natureza dos processos em funcionamento nestes elementos; em outras palavras, abordaremos o problema de uma mecânica fisiológica da substância nervosa. Desta discussão seguirá uma breve descrição do desenvolvimento estrutural dos centros nervosos, com referência especial à morfologia do cérebro humano. Estaremos então preparados para abordar os dois problemas principais que são apresentados pela coordenação das funções no sistema nervoso. O primeiro deles é a determinação do curso das vias nervosas, que resulta de conexões especiais de partes elementares; e o segundo é o problema das funções fisiológicas das partes centrais, a última e mais importante questão sobre a relação dos processos nervosos com os processos da vida psíquica.

**Informações sobre os autores:**

*Wilhelm Wundt*

Professor de Filosofia indutiva na Universidade de Leipzig (1875-1917). Fundou o primeiro laboratório experimental de Psicologia do Mundo, *das Wundt-Laboratorium* (1879).

*Estêvão Carvalho Freixo* (tradutor)

 <https://orcid.org/0000-0002-2910-0836>

 <http://lattes.cnpq.br/2557952520280516>

Possui especialização em Língua Portuguesa (2016). Atualmente é mestrando em linguística pela Universidade do Rio de Janeiro.

**Como citar este artigo:**

**ABNT**

WUNDT, Wilhelm. Princípios de psicologia fisiológica: a evolução orgânica da função mental. Tradução de Estêvão Carvalho Freixo. [Título original: The organic evolution of mental function. In: \_\_\_\_\_. *Principles of physiological psychology*. London: Swan Sonnenschein & Co. Lim., 1904. p. 27-38]. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3, p. 328-333, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/29514>

**APA**

Wundt, W. (2020, Setembro/Outubro). Princípios de psicologia fisiológica: a evolução orgânica da função mental. Tradução de Estêvão Carvalho Freixo. (From *Principles of physiological psychology*, pp. 27-38, 1904, London: Swan Sonnenschein & Co. Lim.). *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 328-333. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/29514>

**Copyright:**

Copyright © 2020 Freixo, E. C. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Freixo, E. C. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

**Referências**

WUNDT, Wilhelm. The organic evolution of mental function. In: \_\_\_\_\_. *Principles of physiological psychology*. London: Swan Sonnenschein & Co. Lim., 1904. p. 27-38.

## Uma história de vida

Zoia Prestes,<sup>1</sup> Anna Prestes,<sup>1</sup> Elizabeth Tunes<sup>II</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

<sup>II</sup> Universidade de Brasília e Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil

O filme que apresentamos ao público brasileiro foi produzido pelo Canal 1 da TV Russa, em 1997, para a série *Otchevidnoie i neveroiatnoie* [Evidente e incrível]. Em quase 30 minutos, mostra com sensibilidade momentos da vida de Lev Semionovitch Vigotski e narra, pelas vozes de Mirhail Grigorievitch Iarochovski e Guita Lvovna Vigodskaia, fatos interessantes do contexto vivenciado pelo fundador da teoria histórico-cultural. O filme também conta com amplo material iconográfico cedido por Guita, filha do cientista, e exibe trechos de suas obras importantes, em especial, da monografia sobre *Hamlet*, de Shakespeare. É emocionante observar a verdadeira paixão que Vigotski nutria pela obra do autor inglês. Vale destacar as inúmeras imagens de época que fazem o espectador mergulhar no ambiente da jovem República Soviética. Não fica excluído do documentário a menção ao banimento de suas obras por Stalin e a proibição até mesmo de se pronunciar seu nome. Enfim, é um filme que, sem dúvida, emociona não apenas os admiradores da obra de Vigotski, mas também os que se interessam pela história da União Soviética.

Certa vez, pesquisando material para nossas aulas, encontramos este filme em um sítio do Ministério da Cultura da Federação da Rússia. A produção faz parte do projeto de divulgação da cultura russa e tem como objetivo contar a história de personalidades da literatura, da arquitetura, da música, do cinema, do teatro e da ciência. Com o propósito de divulgar para estudiosos da vida e da obra de L. S. Vigotski no Brasil, traduzimos e legendamos o filme que ora disponibilizamos na *Fractal: Revista de Psicologia*, da Universidade Federal Fluminense.

### Ficha técnica:

Diretor: Viktor Iuchenko  
Roteiro: Ludmila Didenko  
Diretor musical: Galina Borissoglebskaia  
Operadores de câmera: Viktor Durandin e Irina Malikova  
Música: Mozart, Rachmaninoff, Bregovitch  
Assistentes de direção: Taissia Tchukarina e Nina Urharova  
Montagem: Nikolai Gornikov, Aleksandr Prororov, Valeri Barabanov  
Operador de som: Viktor Korneev  
Produtor: Serguei Simakov  
Diretor artístico e apresentador: Lev Nikolaiev  
Ano: 1997  
País: Rússia  
Duração: 28 minutos  
Tradução e legenda em português de Zoia Prestes e Anna Prestes.

UMA HISTÓRIA de vida. Tradução e legendas em português: Zoia Prestes e Anna Prestes. Evidente e incrível: Lev Semionovitch Vigotski (*Otchevidnoie i neveroiatnoie: Lev Semionovitch Vigotski*), Viktor Iuchenko, Rússia, 1997, 28 min. Disponível em: <https://youtu.be/HoDd3FREYq4>

### Informações sobre as autoras:

Zoia Prestes

 <https://orcid.org/0000-0002-1347-3195>

 <http://lattes.cnpq.br/1927800358488148>

Sou Professora Zoia Prestes. Estou e sempre estarei ao lado daqueles que lutam pela justiça social no Brasil e no mundo, sou admiradora de Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, além de Lev Vigotski, é claro. Admiro a arte, gosto, em especial, de música e de cantar, principalmente, a Internacional. Sou filha de Luiz Carlos Prestes e de Maria Prestes, vivi exilada, durante a ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964, com meus pais na União Soviética e foi lá, em Moscou que me graduei e me tornei Mestre em Pedagogia e Psicologia Pré-Escolar pela Universidade Estatal de Pedagogia de Moscou. Tornei-me Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, orientada pela Professora Elizabeth Tunes, que hoje é uma grande amiga. Trabalho como professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense

\*Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Campus Gragoatá, Bloco D – Gragoatá, Niterói, RJ – Brasil. CEP: 24210201. E-mails: [zoiaprestes@yahoo.com.br](mailto:zoiaprestes@yahoo.com.br), [annacecilia97@gmail.com](mailto:annacecilia97@gmail.com), [bethTunes@gmail.com](mailto:bethTunes@gmail.com)

e como professora colaboradora no curso de Pós-graduação em Psicologia do Centro Universitário de Brasília. Empreendo esforços para desenvolver pesquisas na área de Educação, Psicologia e Desenvolvimento da criança com base na teoria histórico-cultural. Traduzo do russo para o português e já publiquei no Brasil alguns livros e textos que são resultado desse trabalho.

Anna Cecília Prestes Costa

 <https://orcid.org/0000-0001-8000-018X>

 <http://lattes.cnpq.br/6716050901947658>

Estudante do curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense desde 2020. Formada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense em 2019. De março de 2017 até março de 2018 foi Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no subprojeto da professora Elisabete Cruvello. Em 2018, criou um blog sobre cinema e teve seu primeiro artigo publicado no Jornal do Brasil.

Elizabeth Tunes

 <https://orcid.org/0000-0002-6884-8521>

 <http://lattes.cnpq.br/0384208157289616>

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é pesquisador associado da Universidade de Brasília e professora do Centro Universitário de Brasília. Sua atividade de pesquisa focaliza, principalmente, os seguintes temas: conhecimento científico e conhecimento escolar, relação professor-aluno, aprendizagem e desenvolvimento, desenvolvimento psicológico atípico e deficiência mental, processos de escolarização e o significado social da escola.

### Como citar este artigo:

ABNT

PRESTES, Zoia; COSTA, Anna Cecília Prestes; TUNES, Elizabeth. Uma história de vida [apresentação de filme sobre Lev Semionovitch Vigotski]. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 3., p. 334-335, set./out. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/47038>

APA

Prestes, Z., Costa, A. C. P., & Tunes, E. (2020, Setembro/Outubro). Uma história de vida [apresentação de filme sobre Lev Semionovitch Vigotski]. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3.), 334-335. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/47038>





**Copyright:**

Copyright © 2020 Prestes, Z., Costa, A. C. P., & Tunes, E. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2020 Prestes, Z., Costa, A. C. P., & Tunes, E. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.